SARÇA ERÓTICA

OBRA IMAGINADA E LITERARIA E ARTÌSTICAMENTE DIRIGIDA POR PETRUS PARA SRVIR A LITERATURA PORTUGUESA

LXXXI.ª EDIÇÃO

de *PETRUS*

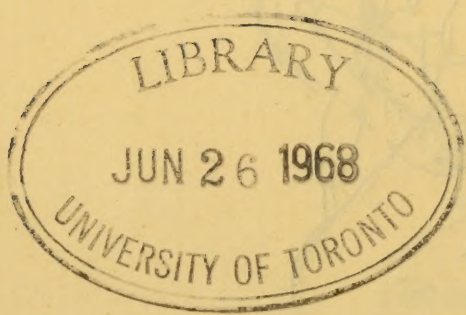
executada pela

TIPOGRAFIA MODESTA

na Invicta Cidade

António Nobre • Teixeira Gomes • Raul Brandão
Justino de Montalvão • Henrique de Vasconcellos
António Patrício • Manuel Laranjeira • Leonardo
Coimbra • Sá-Carneiro • Fernando Pessoa • Álvaro
de Campos • José Migueis • Maria Archer

SARÇA ERÓTICA

ARTE E CULTURA
PORTO

PREFÁCIO

É um lugar comum destacar nas letras portuguesas o predomínio do espírito lírico sobre o dramático e do pequeno episódio novelesco sobre o longo romance fluvial, de que é tão pródiga a literatura anglo--saxónica.

A rica florescência lírica que avassala a Poesia pátria pode legìtimamente explicar-se pelo factor étnico e atribuir-se presumìvelmente à influência celta. Mas se sondarmos o Passado não encontraremos sòmente rapsodos celtas. No Algarve floriram notáveis gerações de mouriscos cantores e não será demasiado atribuir aos poetas deste belo reino azul cobalto um laço de parentesco no domínio da fantasia com os seus longínquos avós.

A tão acusada míngua da literatura portuguesa no campo do romance também sociològicamente se explica pelo primarismo da nossa vida social e pela pobreza do nosso cerne psíquico.

Povo que cruzou o mundo em todos os meridianos, parece que o cabedal de experiência humana deveria ter enriquecido o nosso humus psicológico, criando em densidade homens aptos a vibrar perante os mais complexos sentimentos.

Vários factores contrariaram este natural aprofundamento do humano. Uma religião rígida, falsamente piedosa e sinceramente intolerante, um ruralismo primitivo o bisonho que reduz o homem à sua expressão animal, uma vida mental medíocre com escassa projecção na sociedade, limitam o mundo lusíada a três ou quatro dra-

mas sempre repetidos, apesar da diferença de indumentária e de condição social dos seus protagonistas.

A novela camiliana quase esgotou o ciclo de conflitos psicológicos possíveis num meio caracterizado pelo espírito provinciano. Por sua vez Eça explorou o conflito no mundo burguês mais evoluído pelo fluxo cosmopolita. Carlos Malheiro Dias prolonga o drama camiliano, Aquilino dá foros literários ao serrano comprimido pelas grandes altitudes e Ferreira de Castro desvenda pela primeira vez a tragédia do português exportado em demanda dum mundo melhor.

Tudo isto é insuficiente para nacionalizar um género literário fundamentalmente moderno — e em que o homem aparece analisado e explorado em todas as dimensões possíveis.

Pois esta conclusão quase axiomática da incapacidade do escritor português para a efabulação romanesca empenharam-se as novas gerações por pô-la em cheque. Sob o influxo do intuicionismo bergsonista, da psicanálise freudiana, do psicologismo proustiano, do neo-realismo humanista, do sociologismo marxista e do neo-espiritualismo católico e doutras influências ainda mais ímpares, súbito floresceu o romance em Portugal. Daqui se poderá, porventura, concluir que até nos mais estéreis terrenos se podem cultivar couves e que a vontade e a inteligência substituem, vezes quantas, as tendências hereditárias duma cultura e duma formação histórico-natural.

Enquanto, porém, a experiência que no mundo espiritual português decorre não der as suas provas decisivas — vamos procurar uma explicação para o facto de à relativa pobreza dos nossos meios de expressão romanesca corresponder uma floração intensa, natural, expontânea, da pequena narrativa, assuma ela a forma de conto, de novela ou de simples episódio de indefinida caracterização literária.

Se não fora a exuberância com que a actual experiência novelesca se exibe — passaria em julgado o con-

ceito de que o génio literário português, comprimido pelo nosso atraso social e reduzido o seu teatro de acção aos eternos conflitos possíveis com figurantes psicològicamente poucos complexos, era impotente para conceber e explorar o cosmos novelesco e, por isso mesmo, refluía e concentrava-se com extrema perícia na pintura de episódios locais e de incipientes casos novelescos em que a simplicidade do enredo ou da trama psicológica, em regra dum grande fundo lírico, serve de painel à rica gama de cores que adquiriu a nossa linguagem literária (fraseologia essencialmente visual e de rica expressão exterior).

Temos associado nesta pequena e fruste explicação o conto e a novela e não é nossa intenção tomar posição na caracterização duma e doutra modalidade do género. Por este ou aquele dos caracteres que a uma e outra destas formas literárias se atribuem empìricamente quase toda a gente é capaz duma idónea distinção entre estas vergônteas da mesma árvore. Certo que aqueles casos que situando-se nas fronteiras, ora por uns serão tomados por novelas, ora por outros serão havidos por contos.

Se quisermos reduzir esta freima de classificações didascálicas às formas mais simples — podemos conceitualmente admitir que no conto há uma unidade de acção, uma concisão, uma concentração psicológica e até, por vezes, um valor simbólico que falta na novela.

Esta, por sua vez, já participa da complexidade do romance, embora sem a sua densidade psicológica e a aventura ou história decorre, em geral, num mundo humano mais restrito do que o exigido pelo romance.

Mas porque o género latu sensu *admite imensas variantes e a própria complexidade do mundo moderno tem incitado os escritores a enxertar-lhes novas modalidades, desde a reportagem novelesca ao solilóquio psicológico — é de boa política assimilar aos padrões típicos das literaturas mais convencionais aquelas formas indiferenciadas que se podem designar por narrativas, episódios ou simples paisagens humanas.*

Nesta antologia amálgamamos com os tipos clássicos de novelas esse género de apontamentos em que a acção paralisa para o narrador se concentrar na descrição dum estado de alma de interesse novelesco.

Não foi efectivamente uma simples colectânea de casos humanos, respigados nos jardins de Eros que quisemos enlaçar nesta obra. Procuramos que este motivo central fosse tratado com a maior fluidez, com a maior dilatação possível do diapasão sentimental, não reduzindo o erotismo à sua expressão sensual, mas alteando este sentimento fundamental da psiqué humana aos altos páramos da poesia. Desta arte quisemos reunir em torno do Amor uma antologia estética que, em lugar de explorar o erótico pelo erótico e de dar ao desejo carnal uma expressão pornográfica e vulgar , encarnasse esta bela e vital manifestação humana em poético simbolismo, como outrora os gregos dele fizeram um maravilhoso mito.

Outra aspiração que quisemos realizar foi a de fugir do lugar comum e das obra-primas conhecidas das selectas e do público trivial. Daí deliberadamente termos procurado alinhar autores menos vulgarizados ou totalmente desconhecidos como escritores de novelas.

Por isso aqui figuram Nobre, Manuel Laranjeira e Leonardo Coimbra que até hoje ninguém nomeou entre os novelistas portugueses.

Por outro lado quisemos, na nossa ronda, instituir uma linha de continuidade do simbolismo aos nossos dias e pareceu-nos que da vida intelectual de hoje um escritor poderia expressivamente servir de representante. A escolha do notável escritor da Páscoa Feliz, *livro este que deslumbrou a juventude universitária do meu tempo, foi assim intencional e alegórica.*

Certo é que quatro anos passaram (quatro anos perdidos no desvão duma tipografia) entre a elaboração desta obra e o momento de a comunicar ao público e que hoje as circunstâncias são outras, pois que Migueis regressando à terra natal deixou de ser um esquecido para voltar a ter à sua volta um público atento e compreensivo.

Mas isto não diminui em nada a representação da novel literatura, na qual se contam novelistas de tão fino quilate como Domingos Monteiro, José Régio, Miguel Torga, João Falco, José Ferreira Gomes, Afonso Ribeiro, Urbano Tavares Rodrigues, etc. pois que Migueis continua a ser um mestre excepcional, em cuja arte límpida, a originalidade, a sinceridade e a densidade psicológica se encontram de mãos dadas.

Outro objectivo que se tentou alcançar foi o de instituir uma linha de ascensão expressional na evolução da prosa portuguesa, particularmente no domínio dos sentimentos e da análise do mundo interior, pondo de lado admiráveis obras-primas que nos transportam apenas ao mundo real, consagradas como são à plasticização de ambientes sociais demasiado conhecidos, que fazem a suma arte dos realistas e dos naturalistas, para seguirmos aqueles caminhos de penetração psicológica que partem do simbolismo e dão, em nuances *de sensibilidade e de aguda introspecção, o estado de espírito das personagens que o sopro da arte animou.*

Pintura de almas em lugar de pintura de caracteres, pois deste ângulo não precisa já de consagração a nossa arte literária.

De algumas das obras de ficção reunidas nesta sarça, algumas palavras podem e devem ser ditas, seja para informar o leitor de particularidades bibliográficas, seja para o orientar sobre o critério que presidiu à sua escolha.

Como dissémos já, dentro dum quadro acentuadamente sensorial e èticamente pagão, houve a intenção de proceder à eleição dos textos através dum prisma mais estético que formal e académico.

Esse critério de qualificação e julgamento manifestou-se pela valorização da imaginação e da alegoria poética.

Houve efectivamente a preocupação de enlaçar a ficção com a poesia, de estabelecer no processo de desenvolvimento da nossa novelística uma linha de penetração

no domínio dionisíaco do Sonho, do irrealismo poético e do mito erótico.

Abre-se esta galeria com a única obra de ficção traçada pelo grande poeta do Só na sua adolescência. Tinha Nobre 16 anos quando escreveu este breve esboceto, de cuja existência não suspeitava sequer a liteteratura oficial. Figura aqui por se tratar dum documento literário raro, ignorado do nosso bafiento eruditismo de claustro, que alarga o conhecimento que actualmente se tem da obra do excepcional artista, apesar da sua manifesta insuficiência literária. Foi recolhida das páginas da Mocidade de Hoje, revista da juventude de António Nobre, mais difícil de descobrir que a pedra filosofal.

Teixeira Gomes, o mestre pagão de anatoliano epicurismo, é representado por uma das suas mais extraordinárias novelas, extraída duma obra que não passou até hoje das mãos dos seus íntimos.

A traça desta novela, aparecida na segunda fase da sua vida literária cabe, como nos certifica em confissão epistolar, ao período pujante da sua época de maior fecundidade. A seu respeito, o grande escritor com a sua comunicativa intimidade relata-nos que à morte do pai parara na roda viva das viagens pela Europa, devotado a melhorar a sua casa, acabando por tornar-se um abastado lavrador. Foi então que a sedentariedade, as forçadas horas de solidão passadas no refúgio dos livros e coisas de seu gosto o impeliram para a produtividade literária.

Com a sua habitual elegância e encanto, este autêntico grego desta sorte se refere ao caso: «Assim entrou comigo a febre da produção literária e além dos livros que publiquei, escrevi, que me lembre as novelas Deus ex-máquina, e O sítio da mulher morta, a comédia ou drama O destino do justo e um romance Ana Maria,

cujos manuscritos não sei bem por onde param, mas teriam tanto que desbastar, aparar, e mondar, que provàvelmente me faltaria a coragem de os abrir, se porventura agora me viessem dar às mãos» (Miscelânea, 1937, p. 136).

Esta alusão directa à novela nesta Antologia integrada e republicada é a única que figura na obra do grande esteta — mas é suficiente para se ajuizar da época em que a concebeu, logo a seguir ao período de intenso e devaneante cosmopolitismo em que se aguçou a sua visão da paisagem psicológica e o seu gosto de artista requintado e pagão.

Vieram depois os anos da República e a sua missão diplomática em Londres. E Teixeira Gomes aludindo a essa época escreve: «Varreu-se-me totalmente do espírito a esperança de ali reatar jamais os meus trabalhos literários (Op. cit., p. 141).

Mas a literatura retomou-o, felizmente, quando desencantado da desvairada política portuguesa, regressou a si próprio — não já aos esplendores do seu sibaritismo elegante, mas ao saudoso recordar duma vida de inebriante convívio com a Beleza que sensualmente a Natureza derramou no Mundo.

Raul Brandão é um escritor duplo, ora olhos para a claridade e para a luz apolínea, ora nocturno pintor das consciências dramatizadas pela Dor e pela alucinação.

Penetrou nas letras com uma série de aguadas finas e leves, harmoniosas de luz, ricas de visualidades marinhas, em que o grande colorista de Os Pescadores, *ensaia os seus primeiros passos como paisagista.*

Desses tempos remotos são as ignoradas páginas que servem de perístilo ao dionísiaco espectáculo com que Justino de Montalvão nos recreia com a sumptuosidade da sua arte colorida e d'annunziana.

Vibra nelas uma emoção salina e amarga. Sobre as ondas de Neptuno ergue-se patética a grande Sombra. Isso explica como, mais tarde, o seu temperamento de

poeta fantasmático e interior, o fez descer aos abismos do Ser, e dele arrancar em crispações de Dor, os espectros das galerias sombrias e trágicas do Humus *e desse mundo de destroços humanos, em que os falhados e os pedintes nos dão a versão dum cristianismo amargo e vilipendiado pela miséria.*

A visão da Morte, o calafrio desse misterioso Mundo a que nos conduz o Destino ninguém como Raul Brandão o logrou dar na literatura portuguesa.

Com as suas cores profundas e sombrias, deu a esta linguagem de meridionais uma gravidade religiosa e uma penumbra que lhe aumenta a força espiritual. Devassando com piedade o mundo subterrâneo das consciências em lances em que o drama carnal se mistura ao metafísico e as lágrimas dão melhor a medida do humano, abriu a língua portuguesa à expressão da Dôr e da Fome universais.

A série de histórias e retalhos que se encadeiam em torno do velho batel «Vai com Deus» *são o longínquo esboço d'* Os Pescadores, *e daí o seu grande interesse literário. Quem, com luneta de analista e probidade crítica examinar esse livro, encontra-lhe textos separados por largos lustros. Os mais antigos são mesmo contemporâneos da narrativa que aqui se estampa, transladada das páginas esquecidas duma velha ilustração, a* «Brasil-Portugal», *que no seu tempo foi um arrojo gráfico e um repositório de excelente colaboração literária.*

Estas páginas não são certamente das mais gloriosas e representativas do Escritor, mas não desmerecem do Artista e são, além disso, um testemunho literário valioso que documenta um passo importante da sua biografia literária.

Seria ingratidão olvidá-las. Seria mesmo nefasto para a história literária pois preteri-las permitiria o trânsito em julgado de juízos precipitados e erróneos sobre a técnica e evolução artística dum vulto eminente das letras portuguesas.

Com efeito, o imaginoso e feracíssimo ensaista João

Gaspar Simões concebeu recentemente a respeito da obra de Raul Brandão a seguinte opinião crítica que nos parece artificiosa e desfiguradora da verdadeira esteira do escritor.

Diz aquele autorizado e esclarecido crítico:

«Foi em 1924 que apareceu a primeira edição de Os Pescadores».

«... Raul Brandão pertencia à linhagem dos nossos escritores paisagistas, embora até àquela data nada fizesse advinhar nele uma tão brilhante vocação».

«O encontro com a luz marinha dessas pupilas que haviam perdido quase por completo o hábito da claridade facultou a Raul Brandão uma agudeza visual extraordinária. A sua pena excedeu-se num colorido e numa transparência como ainda não houvera nas letras nacionais».

«E as páginas dos seus últimos livros escorrem tinta, como se fossem realmente cartões de um aguarelista que tivesse assentado o seu cavalete diante do mar, cuja luminosidade acabava de descobrir. E foi assim que de repente este amador do claro-escuro, este Rembrandt da literatura surgiu aos olhos do leitor português como uma espécie de um Renoir bem meridional — um colorista sem precedentes». (A Luz e as Trevas na obra de Raul Brandão, *fundo de* O Jornal de Notícias).

Estas observações belamente escritas confundem a realidade. Os Pescadores *não é um livro nascido ex-*-abrupto *em 1924 e Raul Brandão não encontrou o seu caderno de colorista, quando abandonou a sua peregrinação pelas sombrias veredas da vida interior.*

A sua dupla visão da côr e do negrume, da vida exterior e dos abismos interiores, acompanhou-o sempre. Pode até dizer-se que seguiram ao longo da sua vida literária trajectos paralelos e, como todo o artista complexo e universal, que ora volve os olhos para a Natureza exterior, ora os mergulha na paisagem intima, a aguarela luminosa e visual do colorista nado à beira-mar não suprime o água-fortista que semeia a prosa

portuguesa de sombras e trevas, em que rumoreja a Noite e ecôa o alucinado monólogo das consciências atormentadas.

Justino de Montalvão, Henrique de Vasconcellos e António Patrício são artistas da mesma índole, impondo o seu culto marmóreo da Beleza, o seu gosto d'annunziano da originalidade e do esplendor formal em serenas e requintadas composições artísticas, ressoantes de sonoridades pagãs.

O original de Montalvão, desgarrado da sua obra de artista, estava, de certo modo, perdido para a Literatura. Não assim a história de António Patrício — embora o aristocrático e florentino criador de Sonhos tenha sido injustamente arrastado pela volubilidade do público para os umbrosos jardins do Esquecimento.

Manuel Laranjeira, que no ensaio filosófico, na crítica de arte, na poesia, no teatro, na luta social deu provas da sua forte envergadura mental enriquece esta galeria de ficcionistas com um ensaio novelesco, arrancado em grandes traços de carvão ao friso sombrio dos humildes que a Vida destinou à dolorosa penumbra dos Calvários.

Essas páginas, até hoje inéditas, guardam toda a aparência de terem sido escritas de jacto, ríspidas e informes, na original e um pouco caótica imprecisão do génesis.

Atestam no malogrado Artista novas virtualidades literárias e sublinham o pessimismo psicológico que Manuel Laranjeira encarnou naquele período de transição entre duas épocas — uma, o da consciência da satisfação burguesa, já no ocaso, outra, o do negativismo crítico e da inquietação moral — que provocou como tentativa de evasão, a criação dos paraísos artificiais, a fuga para o exótico, a destruição da confiança nos valores consagrados pela Arte e pela Literatura e, finalmente,

as filosofias do Desespero e da Violência — reveladoras da crise profunda do Homem.

Do pensador tocado de lirismo metafísico que foi Leonardo Coimbra revela-se a sua propensão literária para a ficção novelesca.

O seu arroubo poético, intenso de preocupações filosóficas, serve para documentar um género de literatura de rara beleza espiritual, à margem da tradição folhetinesca e do romance figurativo, de vida exterior, tecido com os recursos extraídos do mundo real.

De Fernando Pessoa duas páginas desconhecidas com duas histórias em hipótese afirmam a visirónica e dialética que é uma das feições mais vivas da sua arte e do seu espírito.

Do grande poeta da geração de 1914, que se desnuda na Dispersão e plàsticamente se realiza em Céu em Fogo, é a Grande Sombra, por Fernando Pessoa reputada como obra magistral e a melhor coisa que o seu génio literário produziu (Carta de 4-10-1914).

Com efeito, pelo seu virtuosismo plástico e poético esta novela representa uma das faces novas que alcança a nova linguagem literária. Entre a densidade dum léxico rico de expressionismo exterior, a linguagem de Sá-Carneiro, toda em nuances líricas, em cascatas de côr, em brilhos líquidos, deve haver-se como uma trouvaille, uma obra de criação artística em que a prosa se funde de poesia, condenando ao abandono velhas e insípidas classificações didascálicas. É, além disso, pelo prodígio da alucinação e pelo que contém de revelador de secretas profundidades do subconsciente, poucas vezes pesquizado pelos psicólogos com tanta garra introspectiva, uma obra sensacional em qualquer literatura do mundo.

Como com outros personagens da sua galeria de criações, esse Lúcio, esse Ricardo de Loureiro, esse Inácio de Gouveia, no herói da Grande Sombra des-

nuda-se a alma complexa e torturada do Poeta, que faz da arte uma exteriorização do seu drama interior, a confissão lírica da sua tragédia selada com o desespero da Renúncia Total.

Antecipando-se ao seu tempo, a novelística de Sá--Carneiro anuncia o aparecimento do surrealismo, dando--lhe na literatura introspectiva de índole universal um lugar de excepção que sòmente lhe não tem sido reconhecido devido à obscuridade em que a sua obra de ficção mergulhou, e do singular isolamento em que o idioma pátrio se mantém no mundo culto.

Se o Passado nos deu poetisas de invulgar inspiração e algumas prosadoras de mérito, é na literatura de hoje que se tem de procurar a melhor contribuição que a mulher de letras deu à literatura nacional.

Na novelística a presença da Mulher firmou-se em obras de grande riqueza interior e de hábil penetração nos arcanos do mundo feminino.

Fechar este ciclo de novelas, que é de certo modo um roteiro das várias tendências e possibilidades que neste campo, se tem revelado a partir do simbolismo, com uma história de feminina lavra é, por isso, um acto de justiça que reveste especial significado por reacender a gratidão de que é digna uma grande escritora expatriada, que com invulgar coragem e fina percepção dos profundos instintos humanos, enriqueceu a novelística nacional, com algumas obras primas, como essa extraordinária novela que se chama Uma Mulher como Outras, *interditada inexplicàvelmente pela nossa anacrónica Mesa Censória.*

Maria Archer não carece deste preito para ser uma grande escritora, mas é fora de dúvida que nela se encontra admiràvelmente personificada a actual capacidade artística e psicológica da Mulher Portuguesa.

Petrus

ANTÓNIO NOBRE

O Amor do Sachristão

1883

O Amor do Sachristão

(A SEPOL)

N'AQUELLE dia, o pobre allucinado estava mais triste do que nunca.

Parecia balbuciar palavras entrecortadas de pranto e raiva, quando dispunha na sachristia as vestes sacerdotaes. O padre olhava attonito o definhamento progressivo do seu acólytho, e por algumas vezes o interrogou a esse respeito, ao que elle respondia como melhor lhe convinha.

Chegára o momento d'elle o acompanhar, e manifestou-se no seu rosto um não sei quê de consolação, tão pronunciada, que o idoso sacerdote teve umas desconfianças, que mais tarde veio a suppôr como a causa da sua tristeza indefenida.

O orgão, n'um choro monótono e soturno, convidava os fieis á oração. N'esse dia affluira á egreja uma multidão mais compacta do que de costume.

Nas varandas, os olhares das velhas matronas seguiam os menores movimentos das filhas, d'olhar piedoso e sancto, e de lábios nacarados, como as frescas rosas

d'Alexandria. Na capella-mór vagueava, d'envolto com os aromas das violetas, pendentes dos seios das creanças, um tom religioso, que mais se manifestava, quando d'entre a multidão sahiam alguns suspiros ou soluços contrafeitos, arrancados, talvez, do peito d'alguma desventurada que procurava allívio na prece — a companheira dos crentes.

Distrahidos, os assistentes não observavam uma scena, verdadeiramente interessante, passada entre o sachristão timorato e uma loira, encoberta pelas bondosas mamãs.

Desgraçado rapaz! Enamorára-se d'uma criança que o desprezava talvez mais, do que desprezam o rochedo, scismando, entre as ondas murmurantes, os frémitos das espumeas vagas, tentando, em vão, abalal-o.

Desgraçado rapaz! Nem pensava — tal era o seu amor! — que ajudava á missa, e seu rosto estava sendo o espelho do que lhe ia no coração, subjugado pelos risos tentadores de Cupído. Era tal a attracção do olhar melancholico da pallida virgem, que o moço, embebido na contemplação das suas faces avelludadas, não attendia aos seus deveres.

Era já adiantada a missa, e elle ainda não ousára receber de um olhar da virgem satisfação e alento para uma semana e, quem sabe, se para sempre!

Eu não sou dos que conheço o amor d'alguem, contemplando-lhe o olhar triste ou alegre, a face pallida ou rosada; no entanto a posição desalentada da cabeça, os suspiros que, de quando em quando, exhalava, parecendo murmurar um nome, o olhar cheio d'innocencia, pureza e santidade, buscando, talvez, na face do Christo amortecido a primeira lettra da palavra — Esperança, tudo fez com que eu ficasse convencido de que aquelle coração juvenil era d'alguem — mas não do repugnante sachristão!

Entretanto o padre pronunciava o ultimo *oremus* e o orgão findava uns threnos maguados.

Terminára a missa.

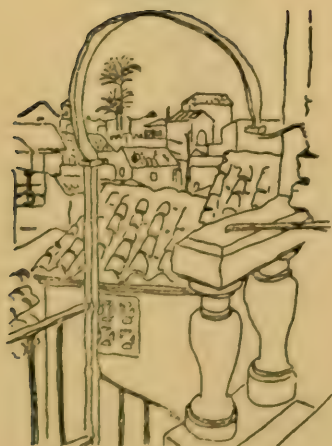
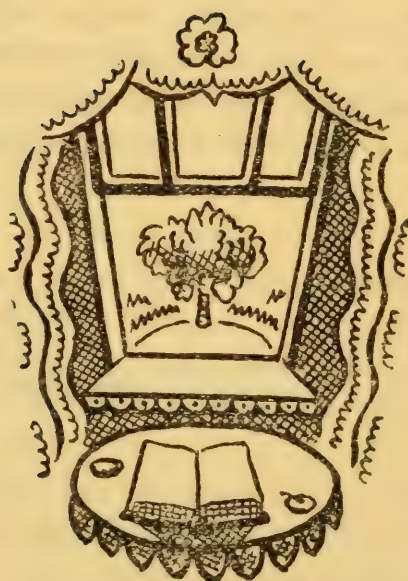
A egreja ia-se esvasiando pouco a pouco. As pequenas corriam para as mães, e estas beijavam algum grupo alegre de crianças loiras que, distrahidas, discutiam com as amigas do collegio sobre a elegancia dos seus pequerruchos piegas...

Emquanto aqui se passava uma scena, toda infantil, na sachristia — silencioso — o padre, e o meditabundo sachristão trocavam entre si um olhar raivoso mas humilde.

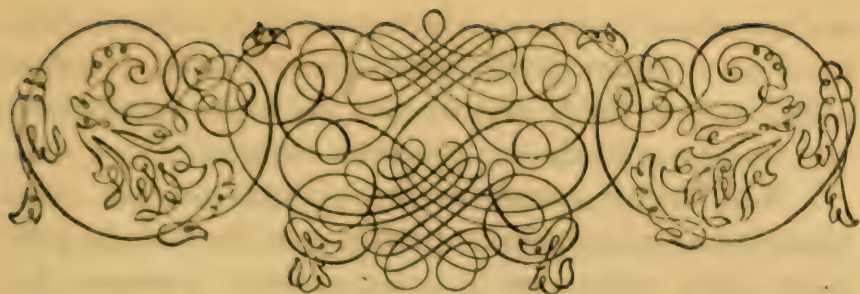
Desesperado amor! Altiva creança!... Ia, brevemente, cessar o escândalo que se dava ha tres semanas durante a missa. — Ia, talvez, pela porta fóra, chorar o seu escravisado amor no cume das montanhas, beijando as açucenas lacrimantes e os nevados lyrios e, n'um beijo, dizer-lhes o seu amor e, n'um soluço, dizer-lhes o seu nome!

Porto — 1883.

VICTOR BRENO.

(Pseudónimo de ANTÓNIO NOBRE)

MANUEL TEIXEIRA GOMES

Deus Ex-Máquina

1900 (?)

Deus Ex-Máquina

O inverno de 1890 foi dos mais ásperos que flagelaram a Europa durante o século findo e na Holanda, então, — onde eu o passei quási todo — país relativamente temperado e malissimamente preparado para as baixas temperaturas, morria-se de frio. Mas morria-se deveras, isto é: apareciam com frequência, nas ruas das cidades populosas, criaturas humanas inteiriçadas e mortas de frio.

O fleugmático holandês clamava nos jornais contra a inclemência celeste, tal qual o exuberante napolitano — na desgraça todos se parecem — anos depois vendo o Vesúvio toucar-se de gelo e a Riviera di Chiaia atascada em neve, se insurgia, também nas gazetas, — como se a culpa fôsse do Govêrno — contra a Providência que ordenava ou permitia aqueles rigores de temperatura em região a êles tão pouco afeita.

Foi o caso que nos Paises-Baixos todo o mês de Dezembro a temperatura se manteve entre 25° e 30° centígrados de frio; gelaram completamente os canais, os rios e até o Zuider-Zee, o seu pequeno Mediterrâneo. Mas os holandeses, em todo o caso melhor apetrechados do que os napolitanos para resistir a semelhantes intempéries, aproveitaram a situação para dela tirarem algum partido, e metidos em peles, caras ou baratas conforme as posses de cada um, puseram-se na rua a patinar, e como grandes mestres que são nesse género de diverti-

mento insensivelmente se transformaram de sorumbáticos, mazorros e grotescos em gente comunicativa, desempenada e alegre, dando ao país uma animação extraordinária e nunca atingida em invernos normais.

Nos bairros populares das grandes cidades, como Amesterdão, o movimento durava, com intensidade quási igual, dia e noite, pois a qualquer hora o mesmo formigueiro humano cobria os canais, gente de tôdas as idades, deslizando sôbre o gelo em caprichosas evoluções e agitando os braços para atear o calor no corpo. Seria difícil encontrar-se alguem na rua que não levasse consigo um par de patins.

Era uma espécie de frenesi contagioso a que, naturalmente, não soube resistir e como houvesse passado vários invernos de aprendizagem no norte da Europa aperfeiçoei-me e saí-me também exímio patinador, levando os dias inteiros, a descrever correctíssimos SS e geométricos 88 sobre os lagos dos parques na companhia dos meus amigos e das suas respeitáveis famílias.

Um dia que eu ficara de me encontrar em Vondel-Park — próximo ao Rijks-museum — com vários elegantes de ambos os sexos para dali seguirmos em excursão de patinagem até Harlem, logo à entrada do parque, numa volta estreita e mal concorrida do lago, a atenção prendeu-se-me irresistìvelmente numa rapariga encantadora, de farta e negra cabeleira solta, que patinava sòzinha e fiquei-me a contemplar-lhe os graciosos movimentos sem mais me lembrar de que a poucos metros de distância era impacientemente esperado por um numeroso grupo de amigos.

Ela notou sem demora a embasbacada insistência do meu embevecimento, que pareceu desagradar-lhe soberanamente, e como, ao transpor uma das curvas do lago, se voltasse para verificar se eu ainda a remirava, deu um jeito ao pé de que resultou desmanchar-se-lhe o patim. Isto encolerizou-a grandemente, purpurizando-lhe o rosto e tornando-a ainda mais adorável.

Procurou sítio para sentar-se e tirar o patim, mas

não querendo vir à margem do lago, afim, talvez, de evitar a minha proximidade, mesmo sobre o gelo se deixou cair, como que numa birra infantil, e baldadamente empreendeu endireitar a haste de aço ou quilha que se entortara ao saltar do velho patim.

Mas à medida que se ia convencendo da inutilidade dos seus esforços assim crescia o seu despeito, a sua irritação, até ao ponto de interpelar brusca e rudemente outro inocente transeunte que parara também para a ver, dizendo-lhe qualquer coisa que devia significar: «ainda se não fartou de olhar para mim?». No entanto os seus olhos esbraseados pela cólera, quando poisavam nos meus pareciam abrandar e dir-se-ia que exprimiam intenções conciliadoras.

Convencendo-se de que nada conseguia e desistindo afinal de continuar no recreio da patinagem, quási enfurecida arrancou os atilhos aos patins e infantilmente os ergueu ao céu, num geito de ameaça; depois meteu-os debaixo do braço e com os olhos marejados de lágrimas foi-se, mas não sem primeiro me lançar um rápido olhar no qual a minha fatuidade descortinou convite a que a seguisse.

Era uma forte rapariga de seus quinze anos, com o desenvolvimento de mulher feita, embora vestindo saia curta; a tez levemente morena ou dêsse tom mate, que no norte se contrapõe ao róseo nacarado das loiras e à luz meridional se capitularia talvez, de alvura láctea; olhos imensos e pretos, da côr do cabelo que lhe caía, sôlto, sôbre as costas, fartíssimo e ondeado como um velo de azeviche.

Sem mais pensar nos meus companheiros saí do parque e fui-lhe, discretamente, no encalço.

Aquela parte da cidade, cortada, como os outros bairros de Amsterdão, de canais que ali se caracterizam pela sua sinuosidade e pela rusticidade afectada ou real das suas margens, mais ou menos ornadas de vegetações diversas — ao tempo despojadas de folhas mas florescentes de neve — e pela fantasia e variedade na arqui-

tectura das edificações, reveste o aspecto de cidade de bonecas, construida em Nuremberg.

Tomei à esquerda pela margem do mais próximo canal, e mesmo em frente às ruinas da *Ópera* recentemente destruida por um incêndio, quando a minha heroína ladeava direito a uma ponte, encontramo-nos; cruzaram-se os nossos olhares e ela, após hesitação muito breve, retrocedeu para tomar o meu caminho, passando-me logo adiante. Estuguei o passo, alcançando-a sem demora, e dirigi-lhe não sei já que banal galanteio. Recebi pela expressão indignada dos seus olhos coriscantes a resposta esperada, mas sem me intimidar perguntei-lhe se falava francês e ela evitando o meu olhar, mas tornando-se da côr de lacre, respondeu:

— Sim, senhor, falo, mas isso que lhe importa? ...

— Importa-me imenso para podermos conversar porque eu não sei holandês.

— Conversar!... Pois tem alguma coisa a dizer-me?

— Se tenho! olhe, primeiro queria saber porque está zangada?

— E ainda o pergunta!

— Mas se eu não posso adivinhar!

Ela então estacando e fazendo-se novamente vermelha, fixou-me com agudeza e, batendo pé, gritou:

— Por sua causa é que eu escangalhei o meu patim...

— Por minha causa? ...

— Sim senhor, o senhor é que teve a culpa; se não se tivesse pôsto a olhar para mim daquela maneira não sucedia nada...

— Então acredita no mau olhado? ...

— Não sei o que isso é; sei que se o senhor não olhasse para mim...

— Se eu olhei para a menina foi por sua culpa...

— Essa agora...

— Linda como é...

— Ainda ninguém olhou para mim daquêle modo...

— Tôda a gente olha...

— E eu ia desmanchando um pé...

— Não me diga isso que me causa muita pena...

— Pena, muita pena é que eu lhe queria dar...

— Isso não é sincero. Quer-me convencer com êsses olhos que tem mau coração.

— Se vivesse comigo veria...

— E porque não hei-de viver?

— Há-de viver até ali ao fim da rua...

— Nem mais nada! Não quere então que eu a acompanhe?

(Silêncio).

— Mora muito longe?

— O senhor é curioso a valer.

— Mas não faz mal nenhum perguntar.

— Sim, senhor, moro muito longe...

— Deixe-me então acompanhá-la um pedacinho mais...

— A rua é para toda a gente...

— Gostava tanto que fosse minha mestra de patinar.

— Eu!?

— Então?

— Nunca...

— Mas porquê?

— Os meus patins não prestam... — e ao dizer isto sorriu tão ingènuamente, já tão confiada!

— Olhe que desculpa. Em qualquer parte se alugam bons patins.

— Mas eu não tenho dinheiro...

— Alugo-os eu.

— E eu que não quero ficar a dever favores...

— Mas sendo minha mestra quem os ficava a dever era eu...

— Talvez... Mas o senhor não há-de ter jeito nenhum para aprender...

— Porque julga isso?

— Eu sei lá. Porque não tem cara de ter jeito...

Não é loiro...

— Também a menina não é loira.

— Ora, mas sou holandesa e sou...

— É judia?

O que fui eu dizer! Havíamos entrado já em camaradagem franca ao tempo de soltar esta inocente pregunta, cujo efeito na minha graciosa companheira foi indiscutível. Empalideceu, ruborizou-se, gaguejou e a muito custo despejou a insoprável cólera:

— Porque é que o senhor imagina que eu sou judia? Onde é que se vê que eu sou judia? Então não se pode ter o cabelo preto sem ser judia? O senhor naturalmente é judeu e pensa que todos o são...

E levou cinco minutos seguros em recriminações, à minha impertinência, à minha estupidez, numa irritação vivíssima que tôdas as minhas desculpas não conseguiram apaziguar. Por fim, de feições dolorosamente contraidas, as lágrimas a bailarem-lhe nas pestanas, disse em voz baixa:

— E eu que já estava fazendo tanto gôsto em ser sua mestra!...

Aproveitei esta ponte lançada à reconciliação e chamando-lhe criança, como criança a fui consolando, explicando-lhe que nenhuma intenção houvera da minha parte em a melindrar; que ser judia não era vergonha alguma e já agora que ela mostrava tanta zanga aos judeus, sempre lhe dizia a verdadeira razão porque a supozera daquela raça. Não fôra tanto pelos cabelos pretos, nem pela cor morena, fôra por outro motivo muito diferente.

— Que motivo? — acudiu logo ela, ardendo em curiosidade.

— Parece-me que o melhor será não dizer, não vá a menina zangar-se outra vez...

— Só isso, não... Há-de dizer.

— Tenha paciência mas não digo...

— Diga, que mando eu... — exclamou novamente arrebatada.

— Digo já... É porque lhe achei mau coração.

— Eu? mau coração, eu?

— Mas a menina mesma o confessou...

— Isso foi a brincar — rematou ela já com a bôca e os olhos cheios de riso.

Pouco depois estavam feitas as pazes, quando ela, parando sùbitamente e circunvagando a vista, reconheceu que entrávamos em *Rembrandt Plein*, aonde convergem as mais centrais e concorridas ruas de Amesterdão, observou:

— É tempo de nos separarmos; não gostava que nos vissem juntos.

— Se quizer entramos num café...

— Hoje, não.

— Bem... E amanhã onde nos encontramos?

— Para mim o sítio melhor é Vondel Park, e para si, também, por causa da patinagem.

— Pois seja em Vondel Park.

— À uma da tarde...

— Fica justo...

— Adeus... — e estendeu-me a mão definitivamente confiada, e ao mesmo tempo com a expressão voluntária e generosa de quem concede uma inestimável graça, tão magnânima e dadivosa que eu, fixando-me novamente na sua estranha formosura, imaginei apertar entre as minhas a mão de alguma fada oriental perdida nos gelos da Holanda.

Embora Amesterdão seja uma vasta e populosa cidade onde se pode passear levando uma mulher pelo braço, sem riscos de encontros impertinentes, quando, naturalmente, se evitem os centros de maior concorrência, eu devia recear a indiscreta curiosidade da colónia israelita, da qual, por me verem a miúdo na companhia do sr. Kater, um dos seus mais conspícuos membros, eu era conhecido, e devia sobretudo evitar Vondel Park que era, naquela época de delirante patinagem, o ponto de reunião predilecto da gente elegante a quem as minhas habilidades em descrever no gêlo SS e 88 não

podiam ter passado despercebidas. Mas na ocasião de me despedir da minha amiga de encontro não me ocorreram argumentos que desabonassem o local e como o parque fosse vastissimo, contendo recantos de pouca frequência e outros concorridos de gente de pouco e até de pobres, no dia seguinte buscámos sitio adequado às nossas entrevistas, que nos continuou a servir por algum tempo, limitando-me, eu, por medida prudente, a modificar o meu vestuário de modo a não destoar escandalosamente da quási indigência que a minha companheira aparentava.

Ela percebeu logo às primeiras experiências, a-pesar-de tôda a minha simulação, que eu não era tão ignorante em patinagem como confessara e ao segundo dia como nos aventurássemos, de mãos dadas, levados pela embriaguez de resvalar livremente, por uma parte mais larga do lago, sucedeu que a minha companheira se desequilibrou e eu instintivamente a segurei pela cintura, amparando-lhe o corpo com o meu e numa rápida volta em que eu era mestre exímio não só a livrei de uma queda certa mas evolucionei com ela aos zig-zags, absolutamente esquecido do meu papel de discípulo.

Tive então de confessar o meu embuste o que lançou no horizonte da nossa felicidade uma núvem escura. Expliquei-lhe que mentira para arranjar pretexto às nossas entrevistas, mas ela além de manifestar a sua antipatia aos homens que mentiam — coisa própria de mulheres — observara que as mentiras não tinham desculpa senão quando eram indispensáveis e muito pobre devia ser a minha imaginação para não descobrir melhor pretexto.

— Se me tivesse dito francamente: sei patinar e gostava de o fazer consigo, eu vinha da mesma forma e não me entrava agora no espírito esta desconfiança que me aborrece e magôa...

Interrompeu a diversão, nesse dia, e só dois dias depois é que voltamos a encontrar-nos, eu receoso de

não ser perdoado e ela já esquecida e novamente risonha e afável.

A minha heroina chamava-se Camila e era filha dum negociante de fruta que morava para os lados de Geldersche Kade, homem, ao que percebi, trabalhador mas de limitados recursos, e fabulosamente prolifico: catorze filhos. Camila ia nos dezassete anos e tinha a seu cargo cuidar de dois dos seus seis irmãos mais novos. A sua educação literária fôra relativamente esmerada, mas o seu carácter indisciplinado, o seu génio impulsivo, quebrava os moldes de requintada sociabilidade a que a haviam sujeitado durante algum tempo, tornando-a criança caprichosa e fantástica. Ela dizia a miúdo: bem sei que não devo fazer isto ou aquilo, mas por isso mesmo o faço.

A família não sabia que destino dar-lhe; as irmãs e irmãos mais velhos ganhavam já a vida, só ela não tinha préstimo algum e como a sua permanência em casa era motivo perpétuo a dissensões e dissabores, os pais davam-lhe ampla liberdade, esperando ensejo de a casar ou de a empregar quando porventura se oferecesse ocasião que ela não refugasse.

Assim era que levava a melhor parte do dia flanando, sempre com um romance do Querido — espécie de Zola holandês — no *indispensável*, um depósito de côdeas de queijo, pedaços já secos de pão com passas de Corinto, na algibeira a que ela recorria — chamando-lhe o seu Entrepôt-dok ou pôrto franco — sem a menor cerimónia, fôsse onde fôsse, para meter na bôca o primeiro bocado que topava.

Continuámos a encontrar-nos em Vondel Park, quasi sempre às duas da tarde e após uma hora de patinagem, tanto ou mais emocionante do que seria uma hora de baile em salão aristocrático, emocionante pela sensação deliciosa que a proximidade do seu corpo me provocava, no calor daquele exercício incomparável que acelera a circulação sem embotar os nervos e, na sua materialidade, presta-se aos mais graciosos e artísticos

movimentos; após a excitação saudável dessa hora, ela ordinàriamente, consentia que a acompanhasse até *Mieuwe Markt*, o pitoresco mercado de peixe, vizinho à casa paterna. Atravessávamos então a parte mais velha, populosa e pitoresca da cidade, onde os canais se intrincam e as pontes se multiplicam à sombra de torres lendárias que nascem da água e se coroam de arrendados campanários e ali mais do que em qualquer outro ponto, as casas desequilibradas e irregulares revestem aspectos de armada de galeras flutuando, adornadas, umas e outras meio submergidas. Sózinho seria impossível aventurar-me por aqueles bairros cujo encanto veneziano eu suspeitava sem nunca o poder fruir cabalmente, mas na companhia de Camila, que jamais perdia o fio do labirinto, eu ia repousadamente observando a vida estranha daquela população anfíbia, formigando num cenário que, a despeito da realidade, parecia obra de fantasia, e longe dos olhos avultava na memória com todos os caracteres de uma criação fantástica e inverosímil. Dificilmente eu daria ideia do prazer experimentado naqueles passeios, em que nós vagueávamos como dois moços pequenos, chupando laranjas e parando, pasmados, a cada passo.

Outras vezes iamos quási ao fim do Vondel Park a uma leitaria onde abancávamos para comer bolos e levávamos uma hora calados, metidos a um canto, olhando enternecidamente um para o outro, — eu, cheio de receio instinctivo de que reparassem na minha linda companheira, e assim fornecesse pretexto à inveja e à maledicência que me perturbassem ou destruissem a felicidade.

Sucedia também entrarmos no museu, não para ver pinturas que pouco interêsse inspiravam a Camila, mas para percorrermos as colecções coloniais onde cada objecto lhe desafiava a imaginação, transladando-a ás regiões exóticas e longínquas, ou ás galerias de costumes e interiores holandeses que ela animava compondo romances adequados às figuras de cera e aos misteres que os seus trajes denunciavam; ou ás colecções de

móveis e loiças com que ela ornava imaginárias habitações como se andasse na labuta de arranjar o ninho.

Aconteceu mesmo, duma ocasião em que a vi mais empenhada nêste devaneio dizer-lhe eu: — Bem, a casa está pronta e agora nós metemo-nos dentro dela, temos muitos filhos, e somos muito felizes, como no final dos contos...

— Não diga disparates — atalhou — o senhor não casava comigo...

— Mas porquê?

— Porque eu sou pobre e... — em voz sumida, baixando os olhos — judia...

— Sim? ... Pois as judias nunca me meteram medo e a prova foi que eu a supuz tal da primeira vez que lhe falei...

— E isso é o que eu dificilmente lhe perdoarei...

— Mas, minha amiga, eu não a entendo...

— Ah! é que eu tenho um imenso orgulho em ser judia... Mas parece-me que os judeus não trazem escrito na cara a raça a que pertencem e quando mo disse... Olhe, ainda hoje penso que escarneceu de mim...

— Bem!... Aqui voltamos nós ao comêço quando já se tratava do casamento que é o fim...

— Casamento!... isso é continuar a zombaria... Pois saiba que eu também não queria estar sujeita a um homem que fosse de religião diferente da minha... nem que fosse mais rico do que eu... nem...

— Diga tudo...

— O melhor é estar calada!... Não é verdade que não há coisa tão difícil como é a gente dizer exactamente o que pensa? Religião! que me importam a mim essas histórias da carochinha? ... Ah! mas nunca percebi porque se há-de gostar só para casar... Casar é uma espécie de negócio e quando se gosta de alguém não se deve pensar em interêsses...

— Agora queria eu perguntar-lhe se gosta de mim...

— Para casar?...

— Não...

— No dia em que gostar logo lho digo...

Convém notar qua a pesar da facilidade com que no norte os namorados se tuteiam, eu não conseguira que Camila o fizesse; por aparente ou real espírito de submissão ela insistia em que eu a tratasse por tu, a que eu não acedia por natural delicadeza, salvo em lances de enternecimento afectivo.

Poucos dias depois, seguindo ao longo do Amstel, embevecido na embriaguez do nosso sonho que parecia cifrava-se na esperança vagamente entrevista de atravessarmos a vida errantes e juntos, deteve-nos a multidão que se aglomerára em volta de um imenso camião de cervejeiro, voltado, cujos barris se haviam partido e borbotavam o líquido conteudo na calçada. De repente Camila, em tom sobressaltado observou-me:

— Há um sujeito na plataforma daquêle americano que o cumprimenta...

— A mim? ... E seguindo a indicação da minha companheira reconheci o Sr. Kater que insistia em saúdar-me, mas como o ajuntamento se desfizesse e o americano seguisse o seu caminho eu mal correspondi aos cumprimentos e logo esqueci o encontro. Mas não passaram muitos minutos sem que notasse na fisionomia de de Camila sinais evidentes de preocupação.

— O que tem? — inquiri.

— Nada... Olhe cá, conhece muito aquele sujeito do americano?

— Muito. É uma das pessoas que eu melhor conheço em Amesterdão...

— O Sr. Kater? ... — interrompeu ela, surpreendidíssima.

— Sim. Mas a Camila também o conhece? ...

— De vista. Com os meus pais e alguns dos meus irmãos é que ele tem relações...

— E ele não sabe quem a menina é?

— Creio que não... — e logo — com certeza que não...

— Ele teve negócios com o seu pai? ...

— Já teve..., antes de meu pai se estabelecer de conta própria. Eu ainda lhe não disse o nome do meu pai, chama-se Cruteman.

— Nunca ouvi falar nêle...

— E o Sr. Kater gostou muito da minha irmã mais velha, que já é casada...

— Ah!... E como soube isso?

— Conversas ouvidas em casa... Creio mesmo que isso concorreu para meu pai abandonar o escritório do sr. Kater... Mas adeus, — e ajuntou rindo: Já cheira a peixe e nós sem repararmos que entrávamos no Nieuwe Markt, terreno defeso... Até amanhã...

De Nieuwe Markt a Oude Schans, onde era o escritório do Kater, havia dez minutos de caminho e embora a ocasião não fosse própria para o procurar, pois àquela hora de volta da Bolsa encontra-lo-ia certamente na crise diária de trabalho, cercado de empregados, transmitindo ordens e fechando contratos, o ouvido colado ao telefone e a voz ditando, imperiosamente, concisos mas importantes telegramas, não resisti à tentação de o importunar para colher qualquer informe acêrca dêsses Cruteman que deixavam uma filha tão linda e caprichosa à solta e vestida miseràvelmente.

Kater fôra das pessoas com quem eu primeiro travara relações em Amesterdão, e as continuara inalteràvelmente, num pé de quási completa intimidade—embora com profundas reservas de ambos os lados, reservas até certo ponto justificadas, pela enorme diferença de idade.

Fôra por ele iniciado nos mistérios da vida holandesa, essa vida que parece regida rigorosamente por preceitos de perfeita moral, universalmente acatados e que, no entanto, é viciosa como nos mais desacreditados países do mundo. Mas o vício na Holanda exercita-se com recatada cautela e por isso mesmo é ali mais requintado e sedutor, e as suas consequências escandalosas mais surpreendentes, inesperadas e retumbantes.

Quantos pais de família unanimemente respeitados

e venerados ali aparecem de um dia para o outro arruinados pelas exigências faustosas de amantes que ninguém lhes conhecia, e quantos abandonam sùbitamente os lares e a pátria, após liquidações forçadas de grandes haveres, para seguirem o destino de alguma hetaira, cujas sedas rugedoras e joias resplendentes causavam pasmo em Kalverstraat sem que a arguta maledicência sequer farejasse a origem certa de tamanho luxo.

Tão apertados são os preceitos da boa sociedade holandesa que basta a um dos seus membros, mesmo novo e solteiro, ser visto na companhia de alguma mulher de reputação suspeita para se lhe fecharem tôdas as portas e para que o excluam de tôdas as reuniões e festas familiares.

Mas nem por isso as mancebias são menos frequentes, nem é menor, nas cidades, a concorrência aos sumptuosos bordéis — havendo aqui, ainda por cima, que iludir a vigilância dos Argus das Sociedades contra a luxúria, guardas perpétuos das suas entradas — nem por isso a vida galante esmorece à mingua de mocidade estouvada e da velhice voluptuosa.

Acolhido em Amesterdão por uma família ilustre e intransigentemente puritana a quem fora recomendado, o aspecto dessa sociedade intimidara-me e por ter ingènuamente acreditado na sua sinceridade é que o Kater, mefistofélico e céptico, se empenhara logo no início das nossas relações em levantar o veu espesso que lhe encobria as mazelas.

Êle próprio, sem demora e a-fim de corroborar com factos as suas asserções, me industriou na forma de, sem escândalo, encetar a existência de gôzo e estúrdia que ali se me afigurava inexequível, recomendando-me casas especiais de encontros e denunciando-me como pecadoras criaturas pulcras e, na aparência, inacessíveis.

Kater julgara ver em mim o refinado cínico a quem uma família escrupulosa festejava como o homem de sãos princípios e insinuara-se-me no espírito de mil modos no intuito de colaborar nessa comédia, forne-

cendo-me armas para perpetrar um embuste donde poderia mais tarde resultar descrédito para essa família — no seio da qual corria fama que eu entraria — e isso tão sòmente porque ela o mantinha, a êle e a todos os da sua raça, a distância respeitável. Mais tarde, desenganado pelas minhas confidências interessadas, e admirado da argúcia meridional com que eu lhe baldava os pequenos tramas, dedicou-me rial interêsse, «como se eu fôra judeu» — explicava — justificando-se.

Kater era um homem de pequena estatura, mas grosso e ágil; a tez e os cabelos no mesmo tom espaçadamente loiro, conservando aos cincoenta anos rosas de «baby» nas faces, o que concorria para lhe manter a aparência de imarcessível mocidade confirmada pela afectada expressão ingénua da fisionomia, que a um mais detido exame os olhos claros e à flor do rosto, movediços, inquietos, penetrantes, desmentiam. Fervilhava em toda a classe de negócio que presumia lucrativo e trabalhava com paixão, incansàvelmente, homèricamente.

A sua ambição crescera à medida que a fortuna lhe aumentara os bens e como pela sua origem menos que modesta de judeu alemão não podesse aspirar à intimidade dos ricos judeus portugueses, nem da aristocrática sociedade puritana, indígena, sonhava com o primeiro lugar entre os dinheirosos da sua colónia a qual já era numerosíssima e contava muitos membros opulentos em Amesterdão, embora ali fôsse cada vez mais mal vista.

Fui procurá-lo ao seu escritório, estabelecimento modelar cercado de amplos armazens onde tudo se movia por electricidade e formando um enorme edifício de ladrilho, ferro e vidro cujos alicerces nasciam da água, na intersecção de dois canais.

O movimento de mercadorias trazidas e levadas por dezenas de barcos ou fragatas que se acostavam aos armazens, era prodigioso como fantástica parecia a legião dos empregados que circulavam no edifício ou escreviam abancados, e à boa distribuição de todo êste

incessante e fadigoso trabalho, Kater presidia no seu gabinete de pich-pine, vasto, claro e envidraçado como sala de sanatório, onde constantemente vários secretários tomavam nota do que êle ditava sem perder ocasião de acudir ao seu telefone móvel quando se tornava mister corresponder directamente às solicitações de algum freguês importante.

Quando cheguei ao escritório passava das 4 horas, mas ainda o encontrei na febre consequente ao «choque da Bôlsa», desfiando o labirinto de ordens e contraordens de que a sua carteira trazia a súmula em sucessivas páginas cheias de abreviaturas feitas numa letra grossíssima e deformada, verdadeira caligrafia de colegial.

Apertou-me a mão em silêncio indicando-me ao mesmo tempo uma das vastas poltronas que rodeavam o fogão, onde me sentei. Um dos secretários chamou o criado para me servir e Kater continuou no seu trabalho com o ar inspirado de quem «escuta vozes do outro mundo», sibilando e ciciando em holandês, com interrupções em variadíssimos idiomas, conforme a naturalidade do correspondente a quem mandava escrever, sublinhando, destacando, golpeando a frase essencial do seu pensamento.

Isto durou talvez mais de uma hora, enquanto eu sopeava a minha impaciência fumando um negro e húmido charuto de Bornes e tomando aos pequeninos goles um grogue quente de velhíssimo Schidam.

Por fim, despedidos os secretários, voltou-se para mim e sem mudar o tom sêco e autoritário que lhe era usual no trato dos seus empregados, interrogou:

— Então, que temos?...

— Uma história complicada, mas sobretudo informações.

— Comerciais?

— Eróticas...

— Conte a história e peça as informações.

— Você tem tempo?

— Para ouvir histórias dessas... decerto.

— Pois aí vai...

Este diálogo e o que se lhe seguiu não impediram o meu interlocutor de continuar na sua faina, que àquela hora, consistia principalmente em assinar, após breve inspecção do respectivo conteúdo, as inúmeras cartas, memoranda e bilhetes postais depostos mecânicamente sobre a sua secretária por uma cesta de vime, volante.

Contei-lhe resumidamente, e limpa de enfeites, a minha aventura, ajuntando:

— Agora você que conhece bem a família de Camila vai-me dizer que espécie de gente é...

— Como é que você sabe que eu a conheço?

— E sei ainda mais, sei que também teve amores com a irmã mais velha...

— Vejo que a mais nova é bisbilhoteira a valer e por isso o não felicito eu...

— Camila nada afirmou de positivo mas eu é que inferi...

— Pois tive amores; tive e pouco felizes, embora me custassem os olhos da cara...

Com vagar lhos contarei doutra vez...

— Mas enfim explique já que classe de gente é...

— Judeus, meu amigo, gente de muita reflexão, de muito cálculo, de muita prudência e de grande prática do mundo...

— E são ricos?

— O pai ganha bastante.

— Como deixa então andar a filha sòzinha e tão mal vestida? ...

— Bem pode compreender que dada a facilidade com que nos reproduzimos, na nossa raça, tornava-se indispensável o ser milionário para trazer os filhos, de pequeninos, vestidos com luxo e ainda por cima fazê-los acompanhar de criados graves. Ora o seu Cruteman está ainda muitíssimo longe de ser milionário... Nessas famílias as raparigas só começam a vestir decentemente quando ganham para isso ou quando teem noivo rico... Note que não é costume entre nós dotar as filhas...

A propósito, que ideia faz a menina Camila da sua situação financeira?

— Não sei...

— No entanto se o meu amigo já lhe falou na sua própria família e na vida que leva, ela terá concluído que não é pobre.

— Não, porque lhe tenho dito que sou empregado...

— Em não fazer nada...

— ...no consulado espanhol.

— Onde ninguém o conhece...

— Justo...

— Não está mal... Mas veja se mete na cabeça da sua namorada que é pobre...

— Para quê?

— Mais tarde saberá. No entanto use da máxima prudência. Sobretudo não escreva...

— Mas em suma a família é ou não decente? ...

— Que pregunta, caro amigo, como se houvesse alguma família israelita indecente!

— Kater, não zombe. Estou apaixonado...

— Case-se então.

— Isso é tão demorado, complicado...

— É, mas Camila merece tôda a casta de sacrifícios; com certeza não há em Amesterdão criatura tão linda... A irmã mais velha não lhe chegava aos calcanhares e eu fiz por ela barbaridades... Mas adeus. Venha amanhã jantar a minha casa; passaremos o serão juntos e desabafaremos... Está certo?

— Sim.

Ao apertar-me a mão Kater olhou-me fixamente e disse, em tom quási carinhoso de que eu não o julgava susceptível:

— Não falte amanhã; é indispensável para seu interêsse e para seu governo ouvir o que se deu entre mim e a irmã de Camila. Com esses Cruteman toda a cautela é pouca. Adeus.

A apreensão que estas palavras me causaram foi de pouquíssima dura: eu tinha 25 anos e estava namo-

rado e portanto couraçado contra quaisquer suspeitas que porventura embaciassem a minha confiança na ingenuidade e bôa fé de Camila.

Quanto à respeitabilidade e riqueza da família eram pormenores que nem passageiramente me prendiam a atenção e se falara nisso a Kater fôra para dar explicação plausível à minha visita: no fundo o que eu procurava era encontrar confidente para os meus amores; alguém a quem pudesse revelar sem reserva todos os episódios da minha aventura e que escutasse complacentemente as minhas divagações líricas acêrca da heroína.

Decidi aceitar o convite para o dia seguinte, mas as circunstâncias, precipitando o desfecho à novela, não me permitiram lá ir.

Quando me encontrei com Camila, à hora acostumada, achei-lhe extraordinária mudança na expressão do rosto, fazendo-me lembrar pelo afogueado das faces e pelo brilho dos olhos o ar de deusa indignada que tomara após a cena dos patins.

Sem mais preâmbulos contou-me que a família já sabia das nossas relações e encontros, depois, declarando-se com tôda a sinceridade de que uma criança é capaz, referiu as ordens terminantes do pai intimando-a a que cessasse imediatamente de me ver, pois que do trato de pessoas suspeitas como eu só lhe poderiam vir dissabores e vergonhas, mas ela, marejando-se-lhe os olhos de lágrimas, jurava-me que, fôsse eu quem fôsse, nunca me deixaria...

Muitos dias havia já que mais ou menos pela nossa imaginação perpassava a eventualidade de sairmos juntos de Amesterdão, o que se traduzia em projectos inexequíveis, pueris e deliciosos, como contos de fadas. Camila nem mesmo os campos de Amesterdão conhecia; nunca transpusera a área das suas construções, mas na sua alma existia o idílico anseio não do bucolismo rústico mas de vida faustosa levada em parques de árvores seculares, de infinitas alamedas, povoadas de

estátuas brancas e jactos de água espadanada, e onde se pudessem colhêr flôres às braçadas...

Descrevendo-lhe eu uma vez o que era a vizinha Harlém na primavera quando as suas planícies florescem e se cobrem de infindáveis searas de junquilhos, de túlipas, de jacintos, de anémonas, formando um rescendente e variegado tapete, ela, depois de me obrigar a prometer que a havia de levar ali, ajuntava:

— E quando lá for hei-de-me despir tôda nua e nua hei-de rolar sôbre as flores...

Nesse momento uma onda sufocante de irrebatível sensualidade enchera-me o peito e afogara-me o coração, figurando aquêle corpo, que eu sentia debaixo dos vestidos mal talhados e velhos, serpentino, mimoso e firme nas deliciosas curvas da sua incompleta puberdade, movendo-se nu na fragrante alcatifa de flores vivas cujos cálices repuxavam por entre os seus cabelos soltos, ou se lhe prendiam nas axilas, ou se lhe enramalhetavam entre as côxas...

Essa visão deslumbrante nunca mais me largara o cérebro e eu percebia que a não surgir algum imprevisto e insuperável acontecimento me seria impossível resistir por muito tempo aos impulsos dos sentidos...

Para fugir à tentação, que a mais e mais me perseguia, tratei de evitar encontros em lugares solitários e sobretudo nesses cafés holandeses que um espêsso reposteiro divide ao meio, deixando nas trevas grande parte da sala onde os namorados se isolam e se osculam com a liberdade e a desfaçatez de quem realmente estivesse ao abrigo de quaisquer indiscrições.

Mas de repente o quadro que a sua imaginação compusera e que se me fixava na memória, do seu corpo estendido em leito de flores, assaltava-me os sentidos e nas ondas de sangue que o desejo agitava dentro em mim sossobrava a minha raciocinada castidade...

E de pouco me valia evitar também qualquer contacto de mãos que se enleiam ou de braços que se prendem; na sua presença os meus nervos ardiam e queima-

vam-me a carne como fios de metal aquecidos ao rubro e na sua ausência cada pormenor do seu corpo que a memória reproduzisse ou a imaginação figurasse ateavam igualmente labaredas de concupiscência.

Nesse dia, após as confidências e as espontâneas promessas de constância, vieram as queixas e recriminações à familia, que assim a deixava andar tão pobremente vestida, expondo-a aos motejos das outras raparigas e, o que ainda era mil vezes mais ultrajante, às declarações e insistências amorosas de certos velhos desavergonhados que vagueiam pelas cidades em busca de pomos verdes... Duma vez, um deles, levara o atrevimento até ao ponto de lhe oferecer uma nota de cem florins se ela consentisse em o acompanhar a casa...

E de repente, Camila, sem se preocupar com a eventualidade de sermos vistos, pois embora fôssemos por uma rua desviada do parque, no mais cerrado da mata de pinheiros, a cada instante encontrávamos gente, de repente, passou-me o braço à volta da cintura, apertou-me estreitamente contra o seu corpo e deitando a cabeça no meu ombro desatou a soluçar entremeando de lágrimas o final das suas confidências:

— Ah! eu não sei como te não pejas de me acompanhar — dizia, tuteando-me pela primeira vez — mal vestida como eu ando... Se não fosses tu, meu amigo, o que seria da minha vida... Que pena que eu tenho de não ter ido logo para ti, da primeira vez que te vi!... Olha, vou-te dizer um grande segredo: Se os meus pais me deixam andar sòzinha é para ver se algum homem rico se compromete comigo e depois o obrigam a casar, como já fizeram com as minhas duas irmãs mais velhas... Parece que tu és pobre, pelo menos meus pais assim o julgam e por isso nos querem separar... Mas a mim pouco me importa que sejas pobre ou rico e emquanto não me enxotares, como se enxota um cão, não te deixo... Vamo-nos embora... Eu quero ir-me embora contigo... Vamos, meu amigo, vamos?...

A sua face ardente colava-se à minha e as suas

lágrimas desfaziam-se-me nos lábios com um delicioso sabor salobro que nunca mais esqueci.

— Vamos..., quando quiseres..., já..., — anuí, absolutamente decidido, na mais completa embriaguês que dali em diante me alheou para tudo que se não relacionasse com o meu amor.

Como lhe fosse fácil sair de casa logo de manhã cedo, combinámos encontrarmo-nos, no dia seguinte, num café vizinho da Gare Central, e seguir para Dordrecht no primeiro expresso de Berlim que larga às 7 ¾; naquela estação do ano a essa hora ainda era noite, o que nos permitiria embarcar sem dar nas vistas...

Selámos o nosso contrato de união eterna com mil longos beijos que nos transmutavam as vidas; pela primeira vez as minhas mãos procuraram os seios e deles se apropriaram com voluptuosa sofreguidão: como eram duros e agudos!...

Separámo-nos a muito custo e pela obrigação urgente de nos prepararmos para a partida, o que da minha parte exigia cuidados especiais e diligências indispensáveis e demoradas.

Antes, porém, de a levar a Neuwe Markt, entrámos no grande bazar de Sofia Plein e comprámos o indispensável para tornar decente o seu vestuário; tudo foi depois remetido ao meu hotel, assentando nós que no dia seguinte eu levaria no braço um casaco escuro forrado de peles cinzentas, escolhido por ela — e que a cobriria até aos pés, dando-lhe o aspecto ideado pelas divindades do norte — o qual, no café onde nos encontraríamos, ela vestiria e assim poderíamos sem escândalo viajar em primeira classe e procurar um hotel elegante de Dordrecht.

Dei as voltas necessárias para arranjar uma certa soma de dinheiro, avisei da minha própria partida para Anvers as poucas pessoas a quem por obrigação restrita o devia comunicar, e feitas as malas enviei para Anvers, onde tinha domicílio certo, a bagagem grossa, orde-

nando que me expedissem para o hotel de França, em Dordrecht, qualquer correspondência que me fosse endereçada, mas proibindo terminantemente que revelassem a alguém o meu paradeiro.

Mal me chegou o tempo para todas estas diligências, de modo que me foi impossível ir jantar a casa de Kater; tampouco me pareceu prudente pô-lo ao corrente da situação e assim resolvi partir sem lhe dizer palavra.

Camila já me esperava, à porta do café, transida de frio, quando eu lá cheguei na manhã seguinte. Pensando na dificuldade de se desembaraçar do casaco velho, viera em corpo e não se atrevera a entrar no café.

Lancei-lhe o casaco de peles sobre os ombros e pus-lhe na cabeça um boné de astrakan preto, que ela também escolhera na véspera, enquanto a beijava, tentando aquecer-lhe com os lábios as faces e as mãos quase geladas...

Como estivesse nevando e embora esta operação fosse rápida, o casaco e o boné cobriram-se-lhe de flocos brancos e quando, aberta a porta do café, a luz a envolveu, eu tive a visão de acompanhar um ser ideal, a encarnação de alguma deusa da mitologia escandinávia, tão soberana e peregrinamente bela me apareceu; de resto a impressão produzida nos poucos frequentadores que àquela hora se encontravam no café certamente se assemelhou à minha, tão completa se lhes manifestou nos rostos a expressão de admirativo assombro.

De aí a nada achávamo-nos instalados num compartimento do comboio onde ninguém mais ia e eu substituia-lhe as botas velhas por outras compradas na véspera, atirando as primeiras pela janela com mil preocupações, còmicamente exageradas, que lhe trouxeram aos lábios o seu habitual riso de criança, e depois lhe desanuviaram o rosto.

Camila dividira o farto cabelo em duas tranças que enrolara na cabeça; até ali eu vira-a sempre de cabelo solto e o novo penteado transformara-a: parecia ter

vinte anos. As linhas simples do boné concorriam para dar à sua fisionomia uma expressão também nova para mim, de serenidade absoluta: compreendi que a minha companheira deixara de ser a criança gentil e descuidada da minha primitiva adoração para se tornar na mulher feita, reflectida e decidida a seguir o meu destino, que se me entregava incondicionalmente...

Quando pensáramos na cidade que nos devia servir para o primeiro poiso, acudira-me à lembrança Dordrecht, sem eu bem saber porquê; considerando porém no caso, durante a noite, resolvi insistir na primeira determinação: o hotel de França, onde eu estivera já, parecia-me, pela sua tranquilidade e bom serviço, excelente para nos acoitar e como a cidade só era frequentada no verão e àquele hotel não concorriam caixeiros viajantes, de antemão dava por certo que o iria encontrar sem hóspedes. E quem imaginaria que, raptando uma donzela, eu teria o desplante de permanecer na Holanda? Depois Dordrecht é a cidade típica holandesa, silenciosa e plácida, na margem de um rio caudaloso, teatro das mesmas cenas marítimas que nos transmitiram os pinceis de um Cuyp ou de um Salomão Ruysdael e há ali um exemplar admirável de catedral gótica cujo côro é maravilhoso pelo paganismo das suas esculturas da renascença, de modo que teríamos para nos acolher o isolamento das grandes naves ogivais e para diversão ao anseio místico, indispensável às almas que se prendem, o exame das figurinhas harmoniosas e truculentas que enxameiam o setial...

Chegámos a Dordrecht às nove horas: a nevada cessara mas substituira-a um nevoeiro denso, palpável e gelado, que afugentava da rua quaisquer transeuntes ociosos.

No hotel de França o porteiro vendo um casal novo com pouca bagagem e conformando-se às pudibundas práticas do país, antes de nos franquear a entrada ao estabelecimento introduziu-nos numa pequena ante-câ-

mara para ali sermos interrogados pela Gerente que pouco tardou.

Era uma criatura ossuda, fria, suspicaz, vestida de cinzento, à moda das enfermeiras inglesas, que nos fixou com desconfiança mas a quem fàcilmente inculquei o necessário respeito pedindo-lhe o melhor aposento do hotel que tivesse fogão para fogo de lenha.

— Tanto minha mulher, como eu — expliquei — detestamos o fogo de carvão...

— Com efeito — acudiu logo a gerente — o fogo de lenha é muito mais aristocrático, pena é que seja tão caro...

E após rápida inspecção ao vestuário e ao rosto de Camila que na sua peliça estava realmente elegante e aparentava idade superior à que tinha, a gerente — por cujo olhar, no entanto, perpassava uma chama de cólera recalcada que um desdenhoso estender de lábios sublinhava, como que a exprimir este pensamento: tão nova, tão linda e... honesta; não pode ser... — foi-nos mostrar os quartos disponíveis, a bem dizer todos quantos havia no então deserto hotel, e nós escolhemos aquele onde encontrámos o mais vasto fogão, como se fosse intenção nossa passar em Dordrecht os dias a meter achas no fogo.

— Que mau tempo que faz! — advertiu a gerente enquanto a criada acendia o fogo na alcova e no salão de que se compunha o aposento. — Não sei como há quem se atreva a andar na rua...

— Também nós, se o tempo não melhorar, não temos tenção de sair... — obtemperei sem demora, aproveitando aquela reflexão meteorológica para estabelecer que nos deviam trazer grande provisão de lenha e servir-nos todas as refeições no quarto.

Pedimos que nos preparassem o almôço e daí a uma hora estávamos à mesa junto ao fogão onde a lenha crepitava alegremente. Camila substituira o vestido velho pelo que escolhera no bazar e era de cor neutra e corte singelo, sem enfeites, próprio para viagem,

moldando-lhe exactamene as harmoniosas formas de adolescente, e movia-se, dava ordens, lembrava alvitres para tornar mais cómoda a nossa instalação, com a elegância, a naturalidade, o engenho de uma consumada dona de casa afeita a fruir os mais requintados regalos de riqueza e de luxo. E emquanto nos serviam o almoço nada traíu nos seus gestos ou nas suas palavras, a criança quase selvagem, loucamente impulsiva e fantàsticamente caprichosa que ela na realidade era. Mas, levantada a mesa, despedido o criado e, após a verificação minuciosa de que nada nos faltaria, corrido o ferrolho, Camila fixou-me um instante e de repente saltou-me ao pescoço, fechando os braços, dependurada ficou, infantil, risonha e traquina, cobrindo-me a cara de beijos... Peguei nela ao colo, levei-a para a alcova e sentei-a numa vastíssima poltrona de veludo verde escuro ao lado do fogão, de cuja lareira, cheia do brasido de lenha, subiam grandes chamas que alumiavam o aposento ao rez do chão, formando uma zona ardente onde estava a poltrona, e deixando-lhe a parte superior em completa obscuridade...

Ajoelhei e comecei lentamente a despi-la...

Não há palavras que descrevam as maravilhas do seu corpo, a sua carne rosada e firme desmaiando, nas curvas, no tom mate de açucena; os pés de estátua grega; o ventre polido e retraído, nascendo das coxas roliças como um escudo de prata fosca e partindo-se, no remate, para inflar nos dois agudos pomos a que as vacilantes chamas do fogão davam reflexos iriados; e os longos braços a um tempo frágeis e marmóreos!...

Os meus lábios cobriam sôfregamente a carne que aparecia enquanto as mãos teciam em volta do seu corpo uma apertadíssima rede de carícias...

Ela tudo aceitava, como se fosse o devido preito à sua beleza peregrina e quando lhe soltei o cabelo ergueu-se para que eu a podesse adorar na plenitude da sua formosura...

Sem dizer palavra tomei o casaco que ela pusera

sobre um próximo sofá voltado com a peliça para fora, estendi-o junto ao fogão; depois deitei-a nas peles e naquela atmosfera candente, sentindo quase as labaredas lamberem-me a carne, penetrei-a demoradamente, num tal espasmo de gôzo que ainda hoje o recordo com um característico e inconfundível estrangulamento do esófago e uma fulguração dolorosa nas entranhas!

Nesse dia não saímos do quarto: o nosso contínuo chalrar entremeava-se de carícias. Construíamos o futuro da nossa vida sem alusão alguma ao passado; não creio que jamais dois seres humanos fruissem horas de enlevo superior ao nosso, horas assim que resgatam as torturas de muitos anos de sofrimento e miséria...

Camila confessou-me que tivera de ante-mão como certo que eu a despisse e todo o seu cuidado na véspera, já que não podia vestir-se com elegância, fora preparar o corpo com a pulcritude necessária, purificando-o para o delicioso sacrifício. Para isso levara horas no banho...

Ao dia seguinte recebi um bilhete de Kater, já recambiado de Anvers, pouco mais ou menos assim: «Esperámos ontem baldadamente o meu amigo para jantar e hoje a minha surpresa foi grande quando no hotel me disseram que tinha abalado repentinamente. O que foi? Já lhe não mereço confiança bastante para me interessar nas suas aventuras?».

Esse Kater, com os seus manejos envolventes, sempre me parecera um personagem dúbio a quem inquestionàvelmente seria perigoso confiar segrêdos industriais ou sentimentais; mas eu devia-lhe serviços valiosos, provas indiscutíveis de simpatia e até auxílio desinteressado em lances de muito apêrto.

Demais era uma criatura que mau grado a sua açambarcadora febre comercial mostrava lampejos estéticos: «Eu dava tudo para ter pintado os «noivos judeus» de Rembrandt» — declarava-me ele uma tarde em que nós, na praia de Scheveningue, sugestionados pela

doçura nacarada e translúcida da atmosfera, relembrávamos as obras-primas dos incomparáveis coloristas holandeses, a quem o tom de pérola serve de luz e os liga a todos em próximo grau de parentesco artístico. Com tal sinceridade e tão espontâneamente lhe escapara esse grito de alma que, a meus olhos, rasgara na sua inteligência uma profunda e vasta clareira de poesia...

Verdade seja que o aludido quadro, duma tão penetrante subjectividade na sua aureolada execução, poderia prestar-se a pretensões de proselitismo religioso, visto como os protagonistas pertencem à seita israelita, e impressionar especialmente por êsse lado o espírito do espectador correligionário, mas no meu conceito o grito fora ingénuo e irreprimível, desabafo por onde definitivamente eu entrevira o traficante prezando acima do lucro material a glória imarcessível de produzir uma obra de arte empolgante e emotiva.

Quando eu saíra de Amesterdão também pensara naqueles mesmos «noivos judeus» que me haviam acudido à lembrança não para ilustração estética do lance aventuroso mas para tornar apreensívas algumas das suas futuras e inevitáveis passagens. Na pintura, que deslumbra a vista pela sua intensidade luminosa, os dois melancólicos personagens retratados exibem trajos de gala duma tão faustosa ornamentação que lembram o vestuário das madonas espanholas ou italianas, coisas seculares expostas à poeira e dela entranhadas, sempre dum aceio duvidoso; com a má fama que pesa sobre a raça israelita, no capítulo higiene, era-me impossível figurar aquele amoroso casal liberto das suas pomposas vestes e restituido à ingenuidade da nudez paradisíaca sem constatar que a sua carne clamava por banhos... Obsessão trasladada para o meu caso!...

A surpresa de encontrar a minha Camila igualmente venusta, nítida e pura, levou-me à plenitude da exultação e ligando este ensartado de sensações disparatadas ao conceito de Kater sobre o quadro de Rembrandt acudiam-me rebates pueris de gratidão aos dois,

negociante e artista, avigorando-me a confiança no primeiro.

E como seja também indispensável à mocidade cantar e contar as suas alegrias, sobretudo se elas são de origem amorosa, eu sem mais hesitações nem reflexões, respondi ao bilhete de Kater dando-lhe conta da minha situação e revelando-lhe o meu actual paradeiro...

O idílio seguiu o seu curso, no mesmo grau inebriante de intensidade voluptuosa com que o havíamos iniciado. Sobreveio uma tormenta de neve, tornando as ruas intransitáveis e fornecendo-nos pretexto plausível para não abandonarmos o nosso aposento donde saimos apenas duas ou três vezes para comprar flores que eram o enlevo de Camila e a minha ruina, tão leoninamente caras se vendiam naquela época em Dordrecht... A compra das flores deu mesmo aso a que a minha amante soltasse uma das mais encantadoras frases que me acariciaram a alma.

Camila, ao invés da gente da sua raça, dir-se-ia que não dava importância alguma ao dinheiro cujo valor parecia ignorar absolutamente, mas na loja da florista, em uma das ocasiões em que ali fomos e a encontrámos maravilhosamente fornecida, feita a escolha — a que procedia com delicadíssimo instinto de beleza, juntando em fartos molhos, de um variegado prodigioso, os junquilhos e as anémonas das estufas holandesas, com os cravos e as rosas de Nice, que custavam mais de um florim cada um, vendo-me tirar da carteira várias notas para pagar a conta, fixou-me espantada, perguntando:

— E para que é tanto dinheiro?

— Para pagar as flores, filha...

— O quê, esta mancheinha de flores? ... Não, não quero... — E fez o gesto de as atirar sobre o mostrador, mas com os olhos já tão cheios de lágrimas, tal uma criança a quem roubassem o seu brinquedo preferido, que eu acudi, sem demora:

— Camila, não sejas doida... Que te importa a ti o dinheiro que as flores custam se elas te causam um tão grande prazer? ...

E ela retomando o molho das flores, que apertou de encontro ao peito, puxou-me para si e murmurou-me ao ouvido:

— Meu querido amiguinho, perdoa-me; nunca me lembro que tu és pobre...

Ao sexto dia à noite, quando nos sentávamos à mesa para jantar, trouxeram-me um telegrama de Amesterdão, sem assinatura mas evidentemente obra de Kater, visto ninguém mais ali saber o meu endereço, nos misteriosos termos seguintes: «Se lhe aparecer tomador à sua Vénus oriental largue-a sem resistência; em todos os casos jure que não dispõe de meios bastantes a permitirem-lhe o luxo de possuir obras d'arte de tamanho valor».

A redacção ambígua deste aviso, cujo sentido exacto me foi impossível discriminar, embora percebesse a sua de resto muito clara referência a Camila, irritou-me e desde logo amaldiçoei a leviandade com que me abrira ao Kater e o escolhera para meu confidente.

Fiquei preocupado por um indefinido mas persistente pressentimento de desgraça próxima, nuvem negra a despontar no horizonte e ensombrando já todo o céu da minha felicidade.

Camila a quem não escapou a mal disfarçada contrariedade insistiu pela sua explicação e eu dei-lha cabal, relatando quanto se passara com Kater desde o dia em que o procurara no escritório.

— Foi grande imprudência — advertiu ela — teres-lhe revelado onde estávamos... Esse Kater é uma criatura perigosa de quem meus pais, como lhes ouvi dizer mais de uma vez, temem não sei que inevitável revindita... Irá ele denunciar-nos? É quase certo e o melhor será sairmos de Dordrecht amanhã cedo.

Aceitei o alvitre, decidi seguir ao dia seguinte para

Bruxelas onde me seria fácil pôr Camila a bom recato, ficando eu em Anvers — e portanto graças à proximidade das duas cidades, nas condições de passar as noites em sua companhia, durante o mês ou mês e meio que julgava o suficiente para a completa liquidação dos negócios que exigiam a minha presença no norte da Europa.

Tomada esta resolução, e como ela bastasse a livrar-nos de qualquer aperto, jantámos com a alegria e o apetite próprios de quem está na pujança da vida e em quarto crescente da lua de mel.

Eu mandara pôr a mesa na alcova cujo fogão além de elegante era vastíssimo, permitindo queimar grandes porções de lenha e conservar o antro ateado em labaredas.

Estávamos à sobremesa, entretidos a comer gengibre de conserva; Camila escolhia na compoteira as talhadas mais curtas dos apimentados frutos, metendo-mas na boca para vir com os dentes partir a parte que lhe pertencia, quando bateram à porta da antecâmara.

— Entre, quem é — acudi prontamente, supondo que fosse algum criado.

Acto contínuo a porta abriu-se e a voz grossa de um desconhecido soou, gritando em tom áspero:

— Camila, Camila, onde estás? ...

— Meu pai! — exclamou Camila, empalidecendo horrorosamente e caindo sobre uma poltrona com o rosto escondido nas mãos.

Logo entraram à alcova três indivíduos: o pai de Camila, arganaz de perfil duríssimo, suissas negras, levemente estrábico; um rapaz bem posto, hercúleo, risonho e imberbe, que, por ser a variante, em loiro, das feições de Camila, fácil me foi adivinhá-lo seu irmão; e um personagem volumoso, linfático e sibilante, tresandando a polícia... respeitável. O sr. Cruteman, fingindo que me não via, dirigiu-se à cadeira onde a filha permanecia na mesma atitude de prostração e soltando-lhe com violência o rosto das mãos começou a falar-lhe em

holandês, desabridamente. No entanto o irmão entabolava comigo, em francês achavascado, uma conversa fútil e variada, a respeito das diversões que a Holanda oferecia no inverno à sociedade elegante, como se estivéssemos ao «chá das cinco» e o representante da autoridade, acomodando-se no sofá, em pose de retrato oficial, as mãos estendidas e cruzadas no castão da bengala, circunvagava pelo aposento o olhar morrediço coado pelas polpudas pálpebras mal cerradas...

O meu muito imperfeito conhecimento da língua holandesa impedia-me de decifrar exactamente a irritada diatribe que a meu respeito o sr. Cruteman impingia à filha, catilinária de baldados efeitos depressa mudada em veemente exortação...

Mas não havia razões que convencessem a minha namorada nem ameaças que a demovessem do seu propósito; ela persistia na sua imobilidade passiva, sem levantar os olhos do chão, até que, erguendo-se impetuosamente espicaçada por uma longa e derradeira frase proferida em tom desprezível e sublinhada raivosamente, cravou em mim aquele mesmo olhar fulgurante da cena dos patins e gritou em francês:

— O meu dever é seguir o meu amante se ele quiser casar comigo...

— Mas decerto, casarei... — E quem é que o duvida? ... — protestei com arrebatamento.

A tão perentória declaração correspondeu o sr. Cruteman, empertigando-se desdenhoso e falando desta arte em excelente francês correntio:

— Dispenso, em absoluto, a glória de semelhante aliança: (irónico) tenho-o na conta de um cavalheiro perfeito, que soube respeitar a honra da minha filha, mas, repito (secamente) não consentirei nunca em dar-lhe a minha filha, embora a leviandade e a imprudência com que ela se lhe confiou merecesse exemplar castigo e outro melhor não seria fácil encontrar do que entregar-lha... (malicioso). Meu caro senhor: aqui, na nossa pequenina Holanda, quando pretendemos casar

começamos por garantir às nossas noivas os indispensáveis meios de subsistência...»

— Mas eu... — atalhei para protestar que, embora filho família, me encontrava em situação de manter a mulher e a prole por mais numerosa que fosse.

O sr. Cruteman, porém, sem me dar tempo a coisa alguma concluiu desabridamente:

— O sr. Mullen — indicava o homem linfático — tem ordem de o prender tão depressa eu o requisite. Minha filha vai comigo para casa e espero que o sr. não terá a audácia de a seguir a Amesterdão, aliás usarei dos meios que a lei holandesa faculta aos pais de família para resguardar as filhas da cubiça dos sedutores sem escrúpulos e sem cheta...

— O sr. insulta-me e aviso-o de que o não faz impunemente... — clamei eu, crescendo para ele, mas já o filho punha a peliça nos ombros de Camila e tomando-a pela cinta a ia arrastando direita à porta. Vendo que ela não oferecia a resistência esperada em lance de tão doloroso constrangimento a minha pundonorosa exaltação desfez-se dando apenas lugar ao amargurado pressentimento de que a minha amante me abandonava.

— Camila! — gritei desesperado — pois tu consentes que assim nos separem!...

Corri para ela de braços estendidos, no auge do frenesi disposto a arrancá-la à força das mãos do irmão, mas o homem linfático, mais lesto do que seria possível imaginar-se, interpondo-se, prendeu-me com prodigioso vigor de encontro ao peito e num francês absurdo embora compreensível, que a sua voz de falsete tornava grotesco, articulou plàcidamente a fala incumbida ao seu papel de comédia, emquanto os Crutemans desapareciam:

— Peço-lhe encarecidamente que me não obrigue a empregar violências tão contrárias e que tanto repugnam ao espírito liberal da pátria holandesa.

Tive-o de guarda, silencioso mas vigilante, pelo espaço de uma hora contada no relógio, finda a qual

se despediu cortêsmente recomendando-me que saísse da Holanda sem demora pois a mais elementar prudência assim o aconselhava, para escapar a qualquer «investida cúpida do ignóbil Cruteman» — foi textualmente a sua frase.

Durante essa hora de agudo e desvairado sofrimento, no tumultuar de sensações que me encadeavam o cérebro, entre as quais o súbito despêgo de Camila fulgurava, envolvendo-me o coração de línguas de fogo, sem que eu pudesse achar-lhe explicação plausível, arquitectou-se-me no espírito, quase inconscientemente, mas lógico e decisivo o mais formidável requisitório contra o Kater, a quem atribuia todas as culpas e sob essa impressão escrevi-lhe uma carta onde os ultrajes pululavam e feriam como se fossem vibrados na ponta de um chicote...

Um quase nada aliviado pela aparente descarga de bílis represada, entrou comigo, a apolear-me cruelmente, a irresistível tentação de voltar sem demora a Amesterdão, que mais não fosse para me aproximar de Camila, percorrer as ruas por onde havíamos passado juntos, contemplar a janela do seu quarto, apalpar as paredes da sua casa... Consultei o horário: tinha expresso daí a dez minutos e a estação era próxima. Parti.

O que foi a angústia do trajecto, a ânsia de chegar, o desespero dos infinitos minutos contados um por um, de faces coladas à vidraça gelada, perscrutando na negra noite o lençol de neve que tudo cobria!... Depois a agonia dos derradeiros mas infindáveis instantes, à chegada a Amesterdão, na corrida febril do comboio, silvando estrìdulamente, lançado a todo o vapor sobre pontes que pareciam submergidas ou através de cerradas matas de mastros de navios ou rompendo a massa imponente da aglomeração de edifícios, as pinhas de casario, enormes, com a fachada inteiramente iluminada pelo xadrez das suas inúmeras janelas, e logo soltando-se numa inesperada superfície de gelo, mas sem parar nunca, sem nunca chegar ao almejado destino, até à súbita investida na colossal e deslumbrante redoma de

cristal da gare envidraçada, retumbante de clamores exagerados e por fim o salto para o cais, salto de louco com o comboio ainda em movimento, e a fuga cega direito aos sumidouros da saída, e os braços do homem linfático abertos na minha frente para me colherem num amplexo férreo, e a sua voz descolorida a segredar-me:

— Já o esperava... Virtualmente está preso mas consentirei que volte a Dordrecht no próximo comboio, aquele que ali está e vai partir, se me prometer sob a sua palavra de honra que amanhã regressa a Anvers e não torna este ano à Holanda.

Prometi e segui para Anvers.

Ao dia seguinte, em vez dos padrinhos do Kater cuja visita me parecia consequência inevitável à minha carta, recebi dele o seguinte bilhete: «Criança que tão mal corresponde ao mais assinalado serviço de quantos a sua gratidão jamais poderá reconhecer!... Aí vou pròximamente e então nos explicaremos».

O meu pensamento, na obsessão de resolver o crudelíssimo enigma que a completa metamorfose de Camila representava, perdia-se em labirinto de conjecturas a mais e mais intrincado. Eu levava horas a escrever-lhe cartas apaixonadas, suplicantes, ameaçadoras, que ao fim de oito dias me foram devolvidas, emaçadas nos sobrescritos intactos, e apostiladas pelo próprio punho da minha amante com estes dizeres: «Devemos obediência a nossos pais e os meus proíbem-me de continuar as relações que tão levianamente encetámos. Esqueça-me como eu julgo que também já o esqueci».

Nestas linhas, para maior confusão minha, havia borrões que podiam ser de lágrimas!

No entanto a irritação contra o Kater decrescera à reflexão de que, se fosse verdadeiro o amor de Camila, nenhumas razões a impediriam de me comunicar os motivos pelos quais o pai recusava consentir na nossa união e pouco a pouco era ela quem as minhas recriminações carregavam de maiores culpas. Lembrava-me a sua ingénua confiança, os seus raptos de amorosa inci-

tação, os breves dias de Dordrecht que renasciam na deleitosa miragem do seu corpo, e tudo concorria para me exacerbar a amargura... Até os termos ridículos da minha carta ao Kater me exasperavam, sobretudo ao confronto da sua réplica pouco menos de carinhosa.

Sem embargo acolhi-o de má sombra quando passadas três semanas ele me apareceu em casa risonho, expansivo e cordeal como nunca o vira.

— Não se penitencie nem perca tempo em busca de inúteis desculpas — começou, sem mais preâmbulos — eu sei o que são desesperos amorosos, na mocidade, e calculo o grau de sofrimento que lhe causará a perda de uma formosura tal como a inegualável Camila... Almoçaremos no restaurante Bertrand de cujos petiscos venho faminto. Nós na Holanda, não sabemos o que é comer e ainda menos o que seja beber: precisamos de vir à Belgica para nos desenfastiarmos... Trago na lembrança um menú com petiscos tais como Trimalcião algum, civilizado, jamais se repimpou...

Fomos. A refeição correu desanimada, se não triste; nem o Kater sentia o apetite que apregoara, nem eu consegui constranger-me até ao ponto de sorrir. Serviram-nos o peixe com vinho do Reno, da célebre marca «Leite da mulher amada» de uma preciosíssima colheita; era casualmente do mesmo que eu tomava em Dordrecht na companhia de Camila e este, conquanto fosse bem inferior na qualidade àquele que o Kater me oferecia, deixara-me na vista e no paladar uma inextinguível e incomparável impressão de flavor perfumado. À sobremesa o Kater encetou o tema das explicações:

— Meu pobre amigo, — e chamo-lhe «pobre» porque o vejo amargurado quando «feliz» seria o adjectivo mais próprio — meu pobre amigo, que abençoada estrela a sua para o conduzir ao meu escritório em ocasião tão propícia: se eu ignorasse os pormenores da sua aventura, hoje, o meu amigo ou estaria jazendo na húmida palha de um cárcere holandês ou seria o genro de um dos mais completos bandidos que pisam as ruas

de Amesterdão. E olhe que ali os há de primeiríssima água. Mas se fosse genro apenas... Seria ainda devedor de soma importante ao mesmo malandrim que o sujeitaria de pés e mãos e de forma a não lhe permitir nunca mais qualquer veleidade de independência... Saiba que o sr. Cruteman teve logo de começo conhecimento das suas relações com a filha e porque o via elegantemente vestido, alojado em hotel caro e na convivência de gente rica, supô-lo rico também e determinou apanhá-lo para genro. Longe de contrariar a filha deu-lhe ampla liberdade e esperou serenamente os acontecimentos. Ao que parece ainda tentou industriar a menina para com maior segurança alcançar o seu fito, mas Camila amava-o e no instintivo receio de o prejudicar se baldaram as lições do pai. Dois dias antes da sua fuga ele veio estar comigo na Bolsa e perguntou-me se eu o conhecia. — É para fazer negócio? — inquiri, farejando alguma tramóia. — Não, respondeu, julgo que pretende uma das minhas filhas...—Aqui ainda a sua boa estrela interveio na resposta que maliciosamente lhe dei: — Acautele-se; parece-me que a família é pobre e ele não tem modo certo de vida. Se quiser posso informar-me...

— Nisso me obsequiaria particularíssimamente.

— Ficámos em que eu telegrafaria ao meu correspondente de Lisboa pedindo prontas informações e ele, naturalmente, de orelha caída, foi dali para casa proibir a filha de o ver até nova ordem. Nunca pensei em pedir tais informações e estava nisso quando recebi a sua visita no meu escritório. Devo adverti-lo de que me sentia um tanto ou quanto magoado julgando a sua reserva propositada, mas naquele dia, convenci-me de que ela provinha sòmente da falta de oportunidade asada a confidências, e resolvi passar a noite seguinte na sua companhia para repousadamente concertarmos algum plano de defesa eficaz... Mas o meu amigo desapareceu e sem demora o pai de Camila me veio comunicar que desaparecera também a filha. Observei: — Fugiriam os dois, juntos?... — Calculo que sim. — Pois,

sr. Cruteman, ruim negócio esse!... — Já recebeu as informações? — Ainda não, mas tudo me leva desde já a presumir que serão péssimas... — Quando julga recebê-las?... — Depois de amanhã, talvez... — E sabe onde êles param?

— Nem sei, nem suspeito...

— Recorrerei à polícia que fàcilmente os descobrirá e recebidas que sejam as informações procederei... — Prometi transmitir-lhe as notícias esperadas de Lisboa tão depressa as tivesse, e medindo o tremendo precipício de miséria e vergonha a que a mão daquele facínora o podia atirar, não hesitei, meu amigo, em servir-me de um expediente talvez indigno mas em todos os casos salvador; telegrafei em cifra ao meu correspondente pedindo-lhe que, pela mesma via, me desse aviso da falência de seu pai calculando um passivo importante e o activo nulo... Aqui, ao meu gesto impulsivo de irado protesto acudiu Kater: — Não me interrompa: seu pai é um proprietário opulento, de crédito inabalável no seu país e que nada teria a perder malquistado na Holanda pela tuba infamada de um Cruteman... Seu pai seria o primeiro a agradecer-me. Mas adiante. Recebido o telegrama de Lisboa, chamei o Cruteman ao meu escritório e aterrorizei-o com a perspectiva da desonra *improdutiva* da filha... Dos mais íntimos recessos da alma do vilão saiu este irreprimível grito atroz: — E eu na apertada situação financeira em que actualmente me acho, que tanto contava com ela, a mais linda de tôdas as minhas filhas!... — Sob a promessa de que o não perseguiria judicialmente revelei-lhe o seu enderêço e arranjei-lhe o empregado da polícia que o acompanhou e a quem deram, superiormente, instruções especiais para o deixar fugir caso a situação se complicasse até ao extrêmo do Cruteman exigir a sua prisão. Porque, devo confessar-lhe, temi da sua ingenuidade, e mais, da sua vaidade meridional, algum lance que baldasse o meu plano...

— Como podia ser isso?

— Ora! Bastava que o meu amigo, em vez de perder tempo em falar ao coração de Camila, gritasse peremptóriamente ao pai: — A minha família é rica e eu tenho dinheiro bastante para sustentar a sua filha e a Você se necessário fôr; se o não acredita dê-me oito dias de espera e eu lho provarei... Mas o meu amigo estava enamorado e afortunadamente só cuidava de galvanizar o coração da sua amada, que o peçonhento sôro do progenitor envenenara, dissecara, e conspurcara. Para a sua amada tornou-se evidente o lôgro em que caíra desde que o meu amigo deixou passar sem protesto a acusação de pobresa... O epílogo da farsa forneceu-mo, tão característico ou mais do que seria lícito desejar, o seu sôgro de mão esquerda, apresentando-me a conta dos gastos feitos na ida a Dordrecht pela importância de 168 florins — e aqui tem o recibo — quando o máximo que dispenderia seriam 30 florins. Agora consulte a consciência e diga se lhe prestei ou não serviço arrancando-o das garras daquela gente...

— Mas Camila...

— Sabe quanto me custou a mim a irmã mais velha, que o próprio pai me lançou nos braços? ... Muito mais de cem mil florins que foram como manteiga em focinho de cão, pois o tal Cruteman joga na Bolsa e perdeu-os sem demora...

— Mas Camila... Nunca me será possível esquecê-la...

— Não seja piegas... — rematou autoritàriamente o Kater.

Nesse ano não voltei à Holanda e no ano seguinte, das várias vezes que fui a Amesterdão, nenhuma notícia colhi a respeito de Camila... Só três anos depois é que a vi, e pela derradeira vez, ao canto do Rokin, mesmo em frente ao edifício da «Arte et Amicitiae».

Instintivamente os nossos olhos encontraram-se e prenderam-se numa devoradora chama de sensualidade; o seu rôsto empalideceu e fez-se côr de cal das paredes — dos países onde elas se caiam.

Mas tão elegante, luxuosa e primorosamente vestida me apareceu, que sòmente a reconheci quando ela ia longe, confundida na multidão de Kalverstraat. Acompanhava-a outra senhora que devia ser sua irmã.

Ainda pensei em segui-la: mas para quê?

Além de tudo o mais eu andava então absorvido por outros amores...

RAUL BRANDÃO

História do Batel

Vae com Deus

e

da sua Companha

1901

História do Batel «Vae com Deus»

«Prelúdio»

SENDO Portugal um paiz de costa, terra que o oceano embala, raras são na nossa litteratura as obras que tratam do mar e dos seus homens, os pescadores. Porquê? Em primeiro logar o decôro é formidavel — mas monotono; depois os homens são, é certo, cheios de poesia — mas humildes. A vida dos pobres, rude, obscura, dolorosa, é como a vida da terra que calcamos, grande, ignorada, simples e sem gritos. Não ha gestos, nem largas dôres romanticas a explorar: é um veio de emoção profunda — uma torrente de lagrimas.

E que scenario este, o Mar! Duas côres, tres linhas simples e sobrias, e no entanto que grandeza! A certas horas como que é de pó verde, infinito, vago, como um ethereo sonho todo verde; a outras — poentes de verão — dil-o-hieis de oiro liquido refervendo...

Desde pequeno que o conheço; muitos dos meus morreram, para sempre tragados pelo mar salgado; longe, por mais longe que eu esteja, ouço a voz rouca, com que de inverno prega, clama, esverdeado, bramindo coleras, ou o ruido com que de verão embala, banzeiro e azul, a penedia da costa. Só por isso tento hoje narrar, n'uma serie de pequenos quadros, formando cada um um contosinho, mas ligados por um fio de drama — a rude vida dos pescadores, os seus trabalhos e a sua morte.

Que estes documentos possam servir para alguem mais tarde fazer a obra formidável que o assumpto merece, é a minha única pretensão

I

Partida para o Mar

— CÁ p'ra baixo p'ra o mar!

Alta noite, duas da madrugada, o moço vae clamando pelas portas dos pescadores da companha. Tonto

de somno, tropeça nas viellas pedregosas, bate com um seixo nas portadas. Depois junta as mãos e buzina:

— Ó sê Manuel, cá p'ra baixo p'ra o mar!

E a sua voz echoa, lugubre na noite funda, na treva espessa, mas que se sente cheia de vida—respiração salgada e humida, vinda do mar largo, do oceano pressentido alli ao pé pelo mugir das ondas quebrando na penedia. Dentro dos casebres respondem, praguejam. Mas é o pão a ganhar, o sustento dos filhos... Elle de pé acama a rede; ella cuida-lhe do cesto, vê que não lhe falte a borôa e o conducto. Mais longe se ouve o moço gritando:

— Ó sê Antonio, cá p'ra baixo p'ra o mar!

É como uma voz chamando para os trabalhos e o perigo. O pescador abre o postigo da toca, vê o céo, o vento. Quasi sempre nas madrugadas de verão é lestada rija, que os vae levar sem canseiras até ao mar do peixe. Constellações brilham altas — o sete estrello e outras. Segurando d'uma banda da canastra, diz para a mulher:

— Ala!

E lá descem as viellas, batendo com os sócos nos burgos por polir, rugosos e duros.

Os bateis apenas se adivinham no negrume, como grandes peixes vogando de conserva á tona d'agua. Vão-se enchendo de pescadores. Os homens fincam os remos nas linguetas, empurram, e, um a um, os barcos somem-se: come-os a treva, com um ruido baço, um chape-chape de agua negra. No burgo, alto, apenas a luz do pharolim arqueja.

Içam a véla, com gritos de—oh ala! oupa! oupa!... Range a escota no moitão e, lento e lento, o panno sobe, arfa, bate, e enfuna-se por fim solto e cheio.

— Vamos com Deus, diz o arraes.

Segura a canna do leme, destapa a agulha de marear. Os homens da companha murmuram. É novo o barco, o vento de feição...

— A vêr que tal bolina...

Ha na prôa um ruido de agua cortada, cheira a alcatrão, a mar, a redes encascadas... E o batel anda, corre

— *Vae com Deus* escripto a grandes lettras negras no costado de madeira por alcatroar.

Já um ar differente bate na cara dos pescadores, um ar salgado e novo, que os cresta e que sabe a infinito e a alga. Véla panda, o barco um pouco adornado, embalados pelo mar, deitam-se os homens sobre os bancos, nas cavernas. Só o arraes ao leme vigia, e aò pé d'elle o moço, pequenino, olha com espanto. É a primeira vez que vae ao mar largo e tem pouco mais de dez annos... O batel galga as ondas da barra, curva-se, sobe — e em torno na escuridão ha um ruído presago. É tudo negro como se navegassem n'um oceano polar.

Só o arraes e o moço velam a bordo da embarcação. Na noite espessa o marulho das aguas apavora-o. Como que ouve palavras, vozes conhecidas de parentes, de mortos. Oceano, tens-lhe levado tudo — o pae, os avós, arrastados n'uma volta de mar, n'um dia de rude inverno!... Nas aguas salgadas vogam em detrictos os que o amaram e que decerto procuram fallar ao moço que vae pela primeira vez ao mar profundo, contar-lhe a história de cada naufrago. É um côro de vozes em torno do batel, de vozes clamando a mesma tragica narração. A alma dos mortos anda envolta nas aguas...

O mocinho encosta-se ao arraes, que cabeceia segurando o leme. Baixo chama:

— Ó sê Manuel! ó sê Manuel!...

Levanta o outro a cabeça, olha-o:

— Que é, rapaz?

Comprehende elle tambem o ruido? Adivinha-o? Quando moço ouviu decerto as mesmas palavras, possuido de identico pavor.

— Não tenhas medo.

Pousa-lhe na cabeça a mão callosa e enorme, e o pequeno, sentindo-se protegido, adormece por fim encostado ao arraes, a balbuciar:

— Sê Manuel... Ó sê Manuel...

PRIMEIRA mancha de claridade na treva. Nodoa lactea, vaga como o olhar d'um cego e que dir-se-hia um farrapo a fluctuar, suspenso. Ar vivo, ar forte, que corta e obriga a encher os pulmões. A claridade alastra-se, nevoenta, esparralhada, e o horisonte como que se entreabre...

Madrugada. A nevoa esfarrapada foge em rebanhos, á tona d'agua, phantasmas que voltam apressados para a noite, aos bandos. Na frescura da manhãsinha as toninhas saltam, e o moço abre os grandes olhos claros n'um espanto. O dorso negro dos peixes surge mesmo ao pé do barco: mergulham, lá apparecem mais longe, enormes. É como um mar nunca navegado, cheio d'uma vida prodigiosa... Oh! o mar parece ethereo, á primeira luz matutina, ainda todo de poalha verde, immaterial quasi, cheio de flocos de nevoa esquecida! Já ha tintas d'oiro no céo. Algas enormes fluctuam como rêdes, navegando com uma róta desconhecida.

O moço scisma, olha... E emquanto a prôa do barco entra no nevoeiro que torna o mar fluido, oceano de sonho, um a um vae encarando os homens da companha. Conhece-os a todos desde muito pequenino. Alguns são mesmo seus parentes.

O arraes, o Manuel Pereira, tem já brancas na grande barba ruiva. Com os braços musculosos segura a canna do leme e o seu olhar azul destaca na pelle côr de barro queimado.

O sota ao lado dorme deitado n'um banco. É ainda seu parente. De todos é o mais alegre e o mais rijo, affeito ás canseiras e aos perigos. Não tem quarenta annos e, mesmo dormindo, a sua bocca fresca e innocente parece rir.

São ao todo quinze homens, alguns ainda de barba por apontar, ruivos, fortes, cheios da força e da belleza que lhes vem do convivio com o mar. Nenhum sabe ler, ignorantes e simples. Nada conhecem senão o oceano. Nasceram para se baterem com o mar, para se sustenta-

rem do mar, que os alimenta e um a um os vae tragando. Em terra existe para elles o abbade que os baptisa e os casa, a egreja onde resam Áquelle que tudo manda e que sabe a hora a que têem de morrer: o destino de cada um já está riscado. No mar possuem o barco e as rêdes, sua riqueza, e em terra a toca onde dormem com a mulher. É uma gente áparte e que tem esta patria — o Atlantico.

Manhã clara já. Da neblina ficaram apenas flocos e o mar, verde a principio, azula-se, com pequeninas ondas que veem aos rolos n'um movimento continuo e certo, levantar o batel. Em frente, á prôa, segue infinito, monstruoso, e á ré a terra apparece emfim, batida de luz. Vão-se destacando os cabedellos, a linha verde negra dos pinheiros, a areia côr d'oca. O azul do oceano franja-se de branco e muito alto, em revoadas, as grazinas palpitam n'um céo sem nuvens. Longe mais barcos, mais velas, lanchões ronceiros, pequenos bateis da sardinha, tripulados por seis homens, catraias, todo o mar povoado, rasgado de quilhas, explorado por homens que d'elle arrancam a propria vida. Manso e muito longe apenas quebra na penedia da barra, estendendo-se pelos areaes como um véo de seda a fluctuar.

A cortina de nevoa de todo se descerra e a costa apparece — cabedellos, povoações ensolhadas, montes e areias. Uma claridade tremeluz — é Espinho; e, como o batel vae vogando, vão nascendo as terras, baixas, pousadas como nuvens, ermidas brancas no areal de fogo, penedos acastellados e negros, e depois a Povoa, clara e miudinha.

Por fim é só o mar, o grande oceano giganteo. Já os homens se levantam dos bancos e arranjam as rêdes. Em volta a mesma agua azul, mansa e cheia de sol rebrilha n'um marulhar perpetuo; um ou outro peixe salta e, longe, como aves emigradoras, vélas aos bandos, vão fugindo...

— Trinta braças! — diz o arraes erguendo-se. — É o mar do peixe.

II

A Mãe

Crestada pelos temporaes e encardida pela desgraça, a mãe parece já velha e mirrada. Viu morrer todos os seus na barra, primeiro o avô, depois os filhos e o homem. Um a um foi-lh'os o mar levando. Seccára-a a affliçâo. Dil--a-heis negra, de usada, de gasta pela vida e pela dôr: na cara tem sulcos de velhice e de lagrimas. Passou tudo — dôres, luctos e catastrophes; está affeita á fome e aos máos tratos. Quando o inverno não deixa ir ao mar a fome é negra.

— Má'raios partam o mar!

Quantas vezes correu a costa, afflita, aos tropeços, bebendo as lágrimas e o cuspo do mar salgado, do amargo oceano. esverdeado de coleras! De saia pela cabeça, as magras mãos no peito, açoutada do sul, ella lá ia, espreitando anciosa se os bateis chegavam sem perigo.

— Quem lhe falta, tiasinha?

Sempre!, sempre o oceano lh'os leva, um a um, arranca-os, mata-os, sepulta-os!...

— Ó tiasinha quem lhe falta?

— O meu homem. Já o maldito me levou os irmãos e o pae... Levou tambem o velho...

Odeia-o. Elle, é certo, dá-lhe o sustento e o pão de todos os seus, mas em paga traga-os nos rudes dias de inverno. Conhece-o desde pequenina, sempre vestida de negro, toda a vida de lucto. Tanto tem chorado por vê d'elle, que já não tem mais lagrimas para deitar.

Viram já a sua figura consumida, curva, gasta, apanhando na costa o *moliço*, os pequenos bocados de madeira que a vaga atira á praia e com que os pobres se aquecem? Ao crepusculo, a saia agitada pelo vento, horas perdidas a olhar o mar, quando o oceano em nevoa é cheio de mysterio, e saudade, aquella creaturinha sumida, que tem passado a existência a chorar, impressiona e commove.

Com o punho fechado ameaça-o:

— Ó cão maldito!

Sem lhes poder valer viu-os sumidos alli, na barra, no *Dente do Cão*, todos os que amou, desde o velho aos pequenos que trouxe ao peito. Ficara-lhe um filhinho, destinado ao mar e que o mar levaria por fim como todos os outros. Que fazer? Todos os dias se come e se o mar dá a morte — só o mar dá o sustento. Por isso o seu odio augmentará, não já tanto pelos outros, mas pelo filhinho ruivo que ella via crescer n'uma afflição.

DUMA familia de poveiros casára com um homem d'Afurada que para alli viera viver. A sua toca é construida de taboões arrancados aos velhos navios encalhados, de pedaços de cavername embriado, que, depois de viajarem durante annos no mar alto, veem um dia de tempestade dar á costa. De espinhaço serve-lhe um bocado de quilha. Todo o dia a casóta, enfumaçada e curtida, ressoa como certas conchas que guardam o ruido do mar. De lar serve uma pedra, outra de cantareira. Pendurado n'um prego, um pequeno navio, feito pelo avô, balouça. Trapos seccam no telhado e, se lhes dá o vento, acreditarieis que a casa, meia tonta, vae navegar como um barco. Negra, com raias escaladas á porta, arrumada a outros casebres, n'uma viella estreita e pedregosa, a toca tem um aspecto commovente e pittoresco. D'ella tem sahido para o mar e para a morte gerações inteiras de pescadores.

— Má raios partam o mar!

Creal-os para quê, se o oceano os traga?

Olhando para a filha, já crescidinha e linda, a mãe cuida: — Has-de-te fartar de chorar como eu chorei... Tantas lagrimas como d'agua tem aquelle mar salgado...

VEM o inverno, vem a afflição. Ninguem fia. Os dias frios e nevoentos, com o bramido do mar ao longe, são duros de passar e a vida má. Tomou o neto pela mão, dez annos, pequenino, olhos azues, ruivo e forte e,

olhando o mar com odio, foi-lh'o levar. Procurou o novo arraes, o Manuel Pereira.

— Ó sê Manuel diz que vae sahir ao mar um batel novo? ...

— Pois vae, tia. Benze-se amanhã.

— Diz que se chama *Vae com Deus*...

— Pois chama. E então, tiasinha?

— Então...

Hesitava. Vestida de negro, sumida, olhando o mar, hesitava. Mas tinham fome, dias e dias sem pão... Soluçando, disse:

— Então... Se vocemecê não tem moço aqui lh'o trago para a sua companha.

— Pois sim... Bom rapaz, bom rapaz...

Com a mão callosa, affagava o pequeno, que sorria contente por ir ao mar.

— Pode ficar descançada, tiasinha, que eu ólho por elle.

— É o que lhe peço de joelhos, sê Manuel. Faça-me essa esmola pelos que lá tem no outro mundo. Só tenho esse. Só este!... Os outros lá foram...

A soluçar, com a saia pelos hombros voltou, com o pequeno agarrado encostado ás saias, como se já sentisse o mar a puxar-lh'o.

—Má raios te partam, cão! Tudo me levas! Tudo!...

FOI ver o batel que n'aquelle dia chegara da Povoa. Já não há estaleiros senão na Povoa. Ninguém sabe talhar uma quilha, pregar-lhe o cavername e as pranchas, transformar troncos de pinho resinoso n'um barco veleiro, senão os poveiros.

Horas e horas passou a fitar, d'olhos aguados, aquellas taboas ainda branquinhas do machado, com as juntas tomadas pelo calafate, e onde a mão d'um pescador tinha traçado em lettras mal feitas e enormes, estas simples palavras — *Vae com Deus*.

Da Povoa chegou também certo dia o Manuel Serrão para talhar a grande véla.

Não ha homem mais alegre, com as suas barbas brancas e os dentes a reluzir na cara tostada. Todo o dia riu no areal ensolhado, cortando o panno, e toda a companha em torno riu, ajudando a coser com *ticum* a véla enorme, a que só o Manuel Serrão sabe dar um bello talho, tornando o barco veleiro e leve...

De cachimbo de barro na bocca, vieram os velhos um a um, rondar, ver a prôa afilada do batel, o cavername, dando a sua opinião e discutindo com o sota. Batendo na madeira, cuspindo, diziam sentenciosamente:

— Bom barco... Deve bolinar bem...

Por fim, entre gritos, foguetes e bandeiras, appareceu o senhor abade e o sachristão de cruz alçada. Formavam alas os rapagões, de barbas côr de sargaço e fatos domingueiros, e, gravemente, o padre murmurando o seu latim, aspergiu d'agua benta, abençoando-as, aquellas frageis taboas, que, arrancadas a uma arvore, iam levar para a morte e para o perigo os pescadores da companha.

ATÉ que, n'essa madrugada, o batel sahiu e a mãe foi-o seguindo pela praia fóra. Maguava os pés nús na aspera penedia da costa e soluçava, com a saia pelos hombros. Adivinhava-o na escuridão; seus olhos, fartos de chorar, entreviam-no atravez da noite espessa. E foi assim andando até o perder de vista. Lá lhe levavam o seu ultimo filho! Quantos tinha já creado para a desgraça e para a morte? O João, depois o Antonio e por fim este, tão pequenino... Todos no fundo do mar sepultados... Sumiu-se o batel no negrume e ella ficou na praia até ao dia, ouvindo a ressaca, o *ú ú ú* das aguas giganteas, aquella prodigiosa voz com que o oceano prega nas noites calladas e profundas.

De saia pela cabeça, perdida, sumida, encardida pela vida, secca pelos temporaes e pela desgraça, a velha clamou:

— Má raios partam o mar!

III

O Mar

RECOLHENDO a sonda cheia d'algas verdes o arraes exclama:

— Trinta braças... Arreia!

Uns pescadores descem a véla, outros preparam a polé e as redes.

— É o mar do peixe. A ver a fartura que o Senhor nos dá.

É o Mar, o mar alto, infinito, profundo. D'um e d'outro lado do batel arfa e marulha num movimento eterno.

O mar é um ser. Tem a sua circulação — as correntes, o *Gulf Stream* e uma vida prodigiosa. Todo elle é vida. No seio das suas aguas criam-se as mais extraordinarias existèncias: monstros e seres tão tenues e ephemeros, que um sopro os despedaça. Ás vezes rebrilha e parece que se desfaz em biliões de peixes, reluzindo como a prata, infimos e tantos, tão innumeraveis, que nenhuma força os destroe. Por vezes os bancos de sardinha arrastam e despedaçam, levam, as redes dos pescadores. Nada detem — nem a morte, nem a tempestade — uma d'essas emigrações mysteriosas de certos peixes, que quasi, de infinitos, tornam solido o mar e seguem como o destino, giganteo rolo de prata em fusão, amando, vivendo, creando em horas de vida e n'uma marcha incessante.

O Mar é a propria Vida, creação e morte, um labutar prodigioso no fundo das aguas salgadas e amargas. N'uma só gota do oceano ha centenares de existencias — em todo o mar a vida é infinita como Deus.

Nas enormes florestas d'algas, onde o silencio é verde e a luz coada illumina fundos de poesia e sonho, vão-se creando no mysterio seres de prodigio.

Já viram uma praia, quando a maré baixa e toda a penedia negra, esfurancada e polida, fica ao sol, mostrando os seus cabellos de sargaço? A areia azula-se e nas fendas, nas concavidades da pedra, reluzem poças, onde habitam mil pequenos animaes e plantas — caranguejos ferozes, lapas, algas e peixinhos miudos, que de qualquer toca fazem habitação. Um pouco mais longe a marezia rebenta, um paquete fuma ao largo, todo o ceo, se é poente, se esbraseia, e um pó de oiro fino cahe sobre a agua banzeira e verde, empoalhando-a... N'uma pedra moram seres que tem este destino — minar. E toda a vida vão cavando tunneis na rocha, cavando e sepultando-se, emparedados vivos. D'um lado está a rocha polida, rija, compacta, do outro um animal minusculo, infimo, desprezivel. E um dia vem a onda e o penedo afinal esboroa-se, com as entranhas roidas, todo despedaçado. Mais adiante ha uma bacia larga como a mão: parece deshabitada. Espreitem quietos durante minutos. Pouco a pouco dos sargaços sahem peixes miudinhos, aos enxames, que brincam e revoluteiam na agua aquecida e logo o braço d'um caranguejo, escondido sob uma pedra — elle proprio da côr dos fraguedos — que abrindo a tenaz dentada, agarra, mata, despedaça. Como na terra, ha os mesmos habitos, o mesmo odio, identico amor; n'aquelle palmo d'agua ou no resto do planeta encontra-se sempre o egoismo feroz e um combate sem treguas.

Mais á beira mar, nas poças profundas, já as algas crescem, agitadas pela vaga e douradas pelo sol, como cabellos de tagides. Ondeiam levemente, com reflexos metalicos... Todo o mar é cheio d'uma extraordinaria vida. Sob a quilha d'um barco, que corta as aguas fundas e remexidas, sente-se uma refrega de vida, um pulular prodigioso. O mesmo bafo, a respiração do mar, aquelle ar salgado e humido, forte, sabendo a infinito e a alga, o ar que dilata os pulmões, vem carregado de germens de existencias. O resto da terra ao pé do oceano é como uma ossada gigantea e secca.

O Sonho habita o fundo do mar. No seu seio inex-

plorado são possiveis todas as phantasias — desde os monstros mais extraordinarios, até aos que n'um silencio e n'uma escuridão profunda, foram condemnados á cegueira eterna. Esperam, esperam... O quê? Que singular condemnação! Que mãos crearam formas estranhas, para viverem na solidão e na cegueira? ...

E que vestidos! que armaduras! Examinem, por exemplo um caranguejo, voraz, brigão, destemido, habitante das pedras e dos fundos? A sua couraça resiste a ataques formidáveis e as suas armas offensivas, ao mesmo tempo pesadas para descarregar golpes d'acha, cortam como navalhas, apertam como tenazes, tem dentes de serra e pontas como as espadas. Ha uma epocha, em que, crescendo, já lhes não serve a casa. Fojem então: são mais inoffensivos que as plantas; escondem-se n'uma tóca até crearem nova casca, até disporem de outra armadura.

E as tintas? Ha peixes inteiramente azues, de vermelhão, como veludo, violeta, lançando fogo! Ha-os como rubins, como saphiras, esmeraldinos — e existem todos feitos de luz como soes. Onde a luz do dia não chega, os peixes brilham e ardem. Alguns deixam escorrer do corpo um líquido phosphorescente que illumina o mar; outros, trazem na cabeça uma espécie de lanterna, e ha-os que, sendo cegos, tudo illuminam em torno!

A vida e a féeria pullulam. Só o arenque, se a voracidade brutal e a chacina incessante o não dezimassem, encheria de todo o oceano á terceira geração! O Atlantico seria quasi solido.

E quantas fórmas inconcebiveis para nós outros! Qualquer medusa, qualquer alga examinada com cuidado nos deixa attonitos. Ha um crustaceo, por exemplo, que Deus creou com os olhos nas maxillas.

E que variedade no que nos parece monotono! A côr azul do oceano ou verde trespassado de sol, doirado á superfície, vae-se carregando até a escuridão completa. E os bosques de fucos, os tapetes de musgos marinhos, as algas, acompanham sempre os tons da luz. Noites sur-

gem em que o oceano é então de fogo. As cristas das ondas debruam-se de oiro, ao cimo d'agua rebentam golphões de lume. Porquê? Basta um animal microscopico ou uma alga infinitamente pequena, para incendiar o mar ou tornal-o d'escarlate vivo como o sangue.

OH mas o sonho seria ver os fundos cheios de pesadello e magia, as florestas, que nunca mão humana tocou em vida e onde as algas agarradas aos rochedos fluctuam, altas de trezentos metros; onde o Odio e o Amor crearam formas de prodigio; onde flores animadas de mil tintas oscillam n'um sonho eterno. Seres exoticos passam allumiando — o peixe lua, redondo, e outros, com todos os brilhos, todas as fórmas e todos os tons. Olhos surgem entre o verde — o Terror espreita, o Sonho animado agita-se sem ruido...

É d'este oceano que os pescadores vão arrancar o seu sustento. Sobre a mais maravilhosa féeria sulcam pranchões de madeira, com um farrapo por vela e uma miserrima tabua de pinho por leme.

— A ver a fortuna que o Senhor nos dá!

IV

Tirar das Redes

Os pescadores, sob o sol que rutila, vão alando as rêdes. Uns puxam-n'as, outros arrancam da malha os peixes maiores e mais vivos. Armados com um bicheiro, uma vara com um gancho de ferro na ponta, desancam dois congros enormes de dentes afiados — e tantos! — como agulhas e que se debatem n'um desespero. A lufa-lufa é enorme. Gritam, gesticulam — e o peixe vae pouco e pouco enchendo o fundo do barco, reluzindo e saltando como prata viva. Todos molhados, de barbas ruivas, as pernas nuas e os braços á mostra, a navalha em punho para marcarem o peixe das suas redes, formam um quadro agitado, quasi feroz.

E o peixe vem vindo, salta no cavername negro, entre agua do mar e filamentos verdes das algas. São as pescadas, de dorso listrado e negro, os ruivos doirados, os bonitos, os capatões ferozes, de bocas escancaradas e grandes olhos fixos, frementes e debatendo-se presos pelas guelras nas malhas das redes que os homens vão arrancando do mar. Onde a onde vem preso um caranguejo, que passeia no fundo do barco, de ferrões erguidos, ameaçador, ou uma aranha do mar medonha e tropega, e, espadanando a agua e arrombando a redes, uma toninha tremeluz negra e com o ventre polido.

— Eh pae! tanto peixe!

— Tanto que lá vão as redes!

— Quanto?

— P'ra ahi dois centos... Eu sei!...

— Louvado seja o Senhor!

Depois apparecem os peixes do fundo, solhões enormes, raias, Santos Antonios pequeninos, rodovalhos. E a cada rede que entra no barco é uma algazarra enorme. Em todas o peixe se debate, abundante e vivo.

As redes são differentes: ha as da pescada e as do ruivo, as do savel, que se chamam quartos, os lampreeiros, as redes de malha pequenina da sardinha. São, com os barcos, a unica riqueza do pescador. Cada homem tem em geral duas ou tres e do que com ellas tiram ao oceano pagam um quinhão ao barco: de cada duzia de pescadas uma é para o patrão do batel— e ha ainda um dizimo que se paga ao Senhor dos Navegantes para que os proteja. São em geral feitas de *ticum* e têm uma marca na cortiça para se conhecerem melhor. Lançam-n'as ao mar, amarradas umas ás outras e com uma grande boia presa nas pontas. Chamam-lhes a *caça* e d'inverno, para que se não percam, arrostam com a tempestade e dormem as noites ao pé d'ellas; de verão largam-n'as e voltam um dia depois a colhel-as.

TARDE, poente. Içam a véla, — Oh ala! oupa! oupa! — n'uma toada triste, que a chiada da escota no moitão acompanha. Sobe o panno no céo e o batel abica á terra bordejando para aproveitar o vento.

— Vamos lá, rapazes!

Sentam-se nos barcos e cada um vae tirando o peixe das redes e marca-o a golpes. O batel de pezado parece ronceiro e, como o vento incha a véla, quasi mette a borda n'agua.

De novo apparece a terra — areaes, riscos verdes de pinheiros, toda a costa batida pelo sol, o pontão de Carreiros e a penedia negra onde o mar escachoa, agitando nas fragas o seu cabello branco. Destacam-se as casas, as povoações requeimadas do ar do largo e muito longe, ethereas, como nuvens pousadas, as montanhas violetas.

Approxima-se o barco. Os homens descançam, deitando-se, encharcados e n'uma fadiga enorme. Têm sargaços na cara, nas barbas, e as mãos, os braços curtidos e salitrosos. Respiram com soffreguidão o ar forte.

O moço olha e vae comendo um resto de borôa do seu cesto.

— Quantos centos, sê Manuel?

— Dois centos, rapaz, dois centos.

— Então temos de cantar o *Bemdito*?

— Pois temos...

É o ultimo bordo. Avista-se a barra, a ponta do cabedello, e o pharolim onde o sol rebrilha. No caes distinguem-se mulheres esperando.

— De pé! de pé! berra o arraes.

Tiram os barretes e, já na mansidão do rio, tendo dobrado o bico do areal, onde um bando de gaivotas esvoaça empoando de branco a quietação do azul, põem-se de pé, entoando:

Bendito e louvado seja
O Santíssimo Sacramento...

Ha uma berraria no caes.

— Quanto? quanto? perguntam.

— O' Joaquim! ó Manuel! quantos centos?

O mocinho vê a mãe, toda de negro, acenando-lhe do caes e alegremente exclama:

— Dois centos! dois centos!

Uma acclamação e logo os homens fortes, cansados, cheirando a mar, com a caverna do barco atulhada de peixe, de novo entoam:

Bendito e louvado seja...

A véla, tombando sem vento, destaca-se no céo em braza. Ao longe mais velas, catraios, lanchões, bateis, vêm entrando em fila, recolhendo com a noite, alastrados de peixe, tendo tirado do mar o sustento dos homens.

— Louvado seja o Senhor pela fartura!

Atropellam-se as mulheres correndo, com as canastras á cabeça. Nas linguetas vae já uma balburdia enorme, e gritos, pragas, algazarra. De escuro com a saia ensacada e a perna à mostra, salpicadas de água, o mulherio clama:

— Tanta fartura! tanta fartura!...

Assim entram os barcos. Todo o poente se esbraseia. Nuvens esfarrapadas debruam-se de fogo. O sol todo d'oiro saiu n'aquelle instante da forja e ao mergulhar no oceano amargo vae explodir. Ha tintas de prodigio no horisonte, campinas verdes, nuvens com formas monstruosas, todas ensanguentadas, e recantos cheios de paz onde uma estrelinha já arde. Sobre o mar cahe uma chuva d'oiro, um pó fino e doirado, que se mistura com a evaporação verde do oceano. As ondas acalmam — e, do lado de terra, por traz d'um tufo de pinheiros solitarios, sobe a lua pallida e esplendida. Atracando ao caes ainda se ouvem as vozes dos homens cantando

... o Santissimo Sacramento ...

O peixe atira-se para a lingueta aos montões, separando-se os ruivos, as pescadas, os bonitos. O quinhão de cada homem é quasi sempre vendido pelas mulheres e pelas raparigas, que, de perna nua, açodadas, n'um passinho miudo e rapido, partem apregoando para a cidade.

— O meu quinhão! diz o moço, mostrando á mãe os peixes que lhe couberam.

E a velha, agarrando o filho, olha-o com lagrimas. Se o destino se mudasse com lagrimas!...

Escurece e no lagedo da lingueta as mulheres em grupos, á roda do peixe, discutem, berram, vendem e quinhoam. Outras lavam as redes. Os pescadores nos barcos seguram n'uma ponta, ellas do caes na outra, e batem-nas na agua.

E' noite. A lua sobe no céo e o rio tremeluz, prateado, com escamas. Luzem estrellas. Pela viella pedregosa a mãe, com o seu filhinho pela mão, vae ouvindo a narração da sua primeira ida ao mar — e como os peixes se debatiam nas redes — e o que o arraes lhe disse — e como as aranhas passeavam no fundo do barco, que em tres bordos veio aproar a terra...

— O mar! o mar!... Se o destino se mudasse com lagrimas!

V

Paramos

A IRMÃ do mocinho, já crescida e linda, casou um dia com um mocetão de Paramos, que, quando a encontrava a concertar rêdes no areal, lhe ía dizer baixinho segredos ao ouvido.

Empregados na faina da sardinha andam em certa epoca homens da Povoa, d'Ovar, de Paramos, de toda a costa, e é n'esse tempo d'abundancia que se fazem os casamentos.

São aos milhares, ás frotas, as embarcações que, pelas tardes de bruma, vão arrancar do mar a sardinha. A's vezes, alto, um pedaço de sol doira a nevoa despedaçada, que o vento leva para o largo, e de oiro leve se tingem as vélas, que vêm entrando a barra, n'uma alegria doida.

Vae por toda essa costa de Aveiro até Vianna uma azafama, um borborinho enorme. Do interior das terras, de aldeias perdidas de Traz-os-Montes, de povoações ignoradas do Douro, descem até á costa, aos bandos, pobres creaturas, que veem buscar o mantimento para todo o inverno.

Até os famintos esperam os dias em que a sardinha, de tanta, se dá a quem a leve: é o quinhão dos pobres...

E no mar inexgotável as mantas do pequeno peixe passam ligadas, formidaveis. Nenhuma força as destroe ou exgota. Descem-se as redes negras, tiram-se as redes todas de prata. E assim, cada tarde, esse areal d'oiro se vê coberto, alastrado de peixe, logo vendido a lanço, aos montões. Um incansavel formigueiro humano arrasta para o interior, depois de salgadas, montanhas de sardinha.

Pequenos barcos, leves e veleiros, de madeira por pintar, resinosa e alcatroada, com nomes ingenuos em grandes lettras: *O Senhor dos Navegantes, Deus te*

ajude, etc., servem para esta pesca. A tripulação é simples: quasi sempre seis homens, com outras tantas redes.

Por isso todos os dias o mar se estiva de bateis: apenas n'um pequeno retalho verde, para lá do areal, contam se por centenas. Calculem, portanto, a fecundidade do mar... Dir-se-hia que a agua toma vida, se desfaz em mil pequenos seres.

Quantas vezes acontece aos pescadores, diante d'uma manta compacta, unida, espantosa, terem medo de lançar as suas redes! Como um furacão, como o destino, nada abala, nada desvia, nada destroe, o banco de sardinhas, que vem do mar largo e immenso desovar na costa, e segue o seu caminho indifferente, monstruoso, inexgotavel. As redes seriam destruidas, levadas aos pedaços, n'um momento. Todas as manhãs os bateis partem a remo ou à vela, e á tarde, com o norte eil-os de volta em fila, vindo despejar no alarido das praias, onde as mulheres esperam, o peixe que no cavername negro dos barcos salta tremulo, vivo ainda.

Já assistiram, por ventura, na bacia da Povoa, aos gritos, ao espectáculo movimentado e pittoresco da chegada das embarcações? ... Longe, no mar largo, as velas infunam-se, um pouco diluidas na nevoa do céo e na poalha verde do mar. Chegam: umas ao longe ainda pequeninas, miudas como azas, outras já perto. Algumas encalham na praia humida, no areal onde o mar rola as suas ondas, emquanto as retardatarias partem. Mulheres, de saia arregaçada e perna nua á mostra, carregam as redes encascadas ou batem-nas na agua, lavando-as... Uma lancha vae partir: encostam-lhe os ombros os pescadores e aos gritos de. *oupa*! *oupa*! — lá a arrastam formidaveis de força, de saude, de belleza que o mar lhes dá em troca de canseiras e de perigos. Ao longe, por vezes, o céu tem tintas melancholicas: o pó d'oiro do sol cae sobre o mar, e os barcos navegam, dir-se-hia, n'um oceano de sonho mysterioso e fundo.

E por toda esta costa as povoações tem os seus costumes, os seus usos, que passam de paes para filhos,

sabe Deus desde que tempos ignotos. Cá mais para baixo para os lados de Espinho, usam-se redes enormes, com grandes saccos, que são lançados ao mar quasi por toda a povoação.

Já em Paramos a costa differe: a terra lavradia entra pelo Atlantico, a vegetação é anemica e o ar sabe, vivo e forte, a mar largo. Pequenos pinheiros verdes, ás moutas, terras humildes e tristes, que em certas noites a um luar dubio, com o mar a bramir ao longe, giganteo e soturno, dão uma tristeza infinita. Aqui o lavrador accumula: em certas épocas deixa o arado e toma parte na companha. A povoação é miserável, feita de madeira, estacada sobre o areal — ninho de ave maritima, onde vive uma população ignorante, rude, que só convive e fala e aprende com o mar...

Em certos dias iça-se n'um mastro um camaroeiro, e a este signal, esperado no interior da terra, nos pequenos casaes humildes como tocas, começam a apparecer pelos caminhos, pelos corregos, em direitura á praia, as pesadas juntas de bois, que as raparigas guiam e que uma a uma chegam ao largo areal, cheio de sol, de gritos e de vôos altos de grazinas. Vae-se alar a grande rede, que em cada ponta tem uma comprida corda onde os bois são ligados. A um signal do arraes que commanda a manobra — iça! — a rede, lento e lento, vae saindo da agua. Os bois entram no mar, puxam, veem até ao alto, e logo em desfilada, tornam ao oceano.

Emfim, o sacco surge, cheio de peixe — de pescadas enormes, de ruivos, de capatões, montes de prata viva entre algas verdes, que os pescadores dividem, apregoam e quinhoam. Não tarda que as mulheres partam, a vender de saia ensacada e perna ao léo.

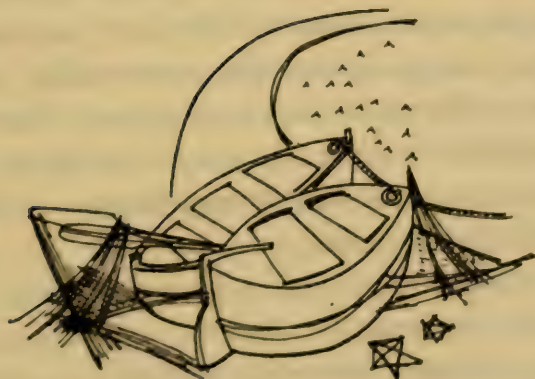
É esta a epoca em que se fazem os casamentos. Na egreja o sr. abbade não tem mãos a medir, casa que casa — e a filharada nas tocas de madeira augmenta, cresce, rola pelos areaes. Que é preciso possuir?

Um barco, seis rêdes — eis uma riqueza e o mar alli está ao pé sempre fecundo.

As raparigas contam-se os seus segredos e pelas ruellas, ao crepusculo, os pares de namorados são infindaveis, n'esse tempo de calmaria, em que o oceano azul e manso parece prégar a fecundidade e o amor.

Ninguem se lembra da morte, nem dos perigos. O peixe é tanto que se dá, banzeiro o mar, os olhos negros das raparigas entontecem — e na egreja o senhor abbade, de estola em punho, sorri, casa que casa, n'uma azafama, que não vá acabar-se o planeta com os seus risos, as suas lagrimas e o seu sonho...

Ai, a filharada augmenta!... Pequeninos, ruivos, nusinhos, andam aos bandos, como as gaivotas, pela beira d'agua, gritando, rolando-se, banhando-se n'esse oceano tão azul, tão manso, tão bello, que lhes ha de ser sustento e cova.

VI

A Companha

SOBRE o areal bateis, lanchões, com nomes escriptos a alcatrão, uns adornados, de quilha para o ar, especados outros... Redes seccam estendidas nos varaes. Cheira a sargaço e a mar. Da barra vem o vento de fóra o vento que crésta e encorosca os pescadores. O areal fulge como oiro, descendo até ao oceano, que, de manso parece coalhado. Apenas, longe, na penedia, anda espuma desfeita no céo ou bandos de grazinas voando — não se distingue bem...

Alguns velhos atam as redes nos varaes, outros curvados concertam-nas sentados na areia. Uma companha iça o batel, pondo-o em secco.

— Eh! oupa! oupa!...

A embarcação, de forte cavername como os pescadores, cheirando a alcatrão e a mar e feita para os perigos e trabalhos como elles, rola, sobe...

— E' o batel novo...

A um canto da praia as mulheres arrematam sardinha. São na areia montões de luar coalhado... Um velhote bota o lanço e em roda, acocoradas, de saia de lã negra, as mulheres berram e disputam. Tem todas um aspecto resignado e triste: as moças são finas, de cabellos e olhos negros, as velhas engelhadas, corcovadas e cheias de tristeza e cansaço.

A povoação tem um aspecto simples e grave. Da madeira, enegrecida, batida da invernia, cuspinhada pelo oceano amargo, lembra os perigos do Mar: não ha alli pedaço de trave que não tenha a sua história. Por toda a parte seccam peixes escalados, seccam rêdes.

Os homens acabaram de içar o batel e ao sol, em grupos, conversam. E' a companha. São todos rudes, fortes, requeimados, de olhos azues, e até os velhos,

apesar da barba branca, tem um ar moço. A velhice é bonita: é ainda forte e ingenua.

São treze pescadores, o arraes, o sota, o Vareiro, o Papeira, o Bilé, outros — e por fim o mocinho.

O arraes, o Manuel Pereira, andou sempre no mar. Ignora tudo que não seja o oceano. Foi moço, remador, sota, arraes. Está affeito a todos os perigos e tanta vez viu a morte, que é destemido. Em occasiões de tormenta, na entrada da barra, empunha o leme e berra-lhes, pragueja, insulta-os. Os seus homens amam-no por isso. E' alegre, já com brancas na barba ruiva. Não tem história quasi. Sustenta a mãe, trabalha. Casou novo, como quasi todos elles fazem, com a sua Cath'rina e a sua vida é como a vida de todos os pobres, ignorada, simples e grande.

O Vareiro é um velhote borracho, curtido, negro e desdentado. Raro larga o cachimbo. Veste trapos e na sua casa a miseria é profunda. Dorme com a mulher e os filhos sobre velhas redes. Andam de toca em toca expulsos. Todas as noites ha ralhos, pragas. Elle bate na mulher, e a mulher quando o apanha bebado, espesinha-o. Aquella rapariga linda, d'olhos como saltões e farta trança — eil-a gasta, retalhada de rugas, de bocca má e saia rôta. A miséria marca os seus typos. A principio ella, que era arranjadeira e boa, defendeu-se, pregou, ralhou. Depois, pouco a pouco, afundou-se: começou a beber como elle, a fazer-se desleixada, a envelhecer — como envelhecem estas raparigas da beira-mar, aos trinta annos... E a filharada a crescer — e o Vareiro todas as tardes bebado... Não ha, porem, homem como elle para a fadiga e para o mar. É incansavel — e a bocca desdentada sorri sempre no perigo ou na alegria.

O sota que homenzarrão!... Ruivo, forte, enorme. Foi embarcadiço. Marinheiro embarcara na barca *Isabel* e por muitos annos fizera viagens ao Brasil. Mas um dia namorára-se, casára, e para viver com os seus deixára o mar largo para sempre.

O Bilé, o Papeira, os mais — uns já de brancas na cara, outros quasi imberbes, são todos, ou rapagões infatigaveis, ou homens feitos, nascidos para o Mar e as suas luctas.

É esta a companha do batel «Vae com Deus».

Assim, entre estes homens, o moço foi crescendo. Veio o inverno e com elle o máo tempo e o mar bravo, veio depois o verão, com a vermelhidão dos seus poentes e a calma azul das águas, e o mocinho tornou-se homem. Se havia temporal a Mãe lá estava no caes, de negro vestida, passando sempre pelas mesmas afflicções. A vida é monotona — soffrer, chorar, morrer. Primeiro o João, depois o seu homem... agora este, o unico que lhe resta e que é já o sustento e alegria da casa.

Na velha toca de madeira só os dois vivem. A Mãe, sempre triste e de lucto, o rapaz já pescador, crescido, fulvo como as tardes d'outomno. Dirieis que a poalha que cahe do céo tombou sobre os seus cabellos, sobre a sua pelle morena e doirada. Quando ri, tudo em torno ri — e a mãe revê-se n'elle, unico que o mar por ora lhe deixa. Horas fita-o embevecida. Em que scisma? Nos seus cuidados? Quanto mais se péna por um filho mais se lhe vem a querer...

Tem já a sua namorada. É uma rapariguinha, para quem se sorri quando a encontra na praia. É filha d'um poveiro, mas tem alli parentes, tios, que ella vem ajudar todos os annos, no tempo da sardinha.

Que diversidade de typos por essa epocha se reunem alli! Vem o sanjoaneiro palrador e mandrião, adormecendo deitado no areal, ao som da onda, fino, louro, secco, palrador; o vareiro esbelto, audaz, moreno, destemido, com as suas mulheres trigueiras, de grandes olhos pestanudos e negros; o poveiro rude, bronco, collossal, vestindo a camisola de lã e calção, de perna nua e braços como troncos; a gente de Paramos, d'outras povoações perdidas pelos areaes, emigrando, tra-

balhando, batendo-se com o oceano; os homens de Valbom, pescadores e lavradores, cultivando terras à beira do rio e largando o arado, para empunhar o leme, se o tempo é de feição; e outros, muitos, que nunca ou raro se confundem, casando entre si, emigrando ás vezes para sitios desertos e hostis, mas nunca perdendo de vista o mar. E cada um tem os seus barcos: o vareiro a saveira elegante e fina, barquinho em que galga as ondas mais bravas; o poveiro a lancha pesada e ronceira tosca como elle; o sanjoaneiro a catraia mais leve e bem talhada; a gente de Paramos a grande bateira de proa aguda e talhe em crescente...

É da Povoa a rapariguinha, da raça d'aquellas mulheres corajosas, destemidas, fortes como homens, que empunham um remo, batem-se com o mar se é necessário, e ás vezes atiram os pescadores para o trabalho e para a morte.

Junta-se muitas vezes com as outras. Não é raro nas tardes de verão vel-as no rio, remando nos barcos e rindo. Ranchadas de moças, depois da venda do peixe, do encasque das redes — que voltando do mar são sempre lavadas e passadas por água enegrecida com *casca* — vão pelo areal fóra, cantando em côro ou palrando...

Rir emquanto a vida não chega, com as suas afflicções e miserias! Louras umas, outras morenas, de saia ensacada, alto o seio, os labios humidos, toca a rir, emquanto não veem os filhos, a fome, os máos tratos! Enxarcadas, moidas de fadiga, ellas conservam a alegria que dá a saude e a força — e riem, em descantes, emquanto a desgraça lhes não bate á porta e o mar lhes não leva os namorados, os irmãos ou os paes...

IV

Inverno — Os Poveiros

De verão, d'inverno o céo differe. Não ha um pôr de sol egual a outro. Veem-se poentes todos d'ouro, céo em braza, mar azul, uma poeira luminosa cahindo sobre as aguas, e o sol descendo redondo, rutilo, immenso; ha-os cheios de tristeza, com tintas de saudade — e nublados, afflictivos, diffusos. D'inverno quasi sempre uma parede de nuvens, parda e compacta, barra o céo, o mar enlameado e uniforme é um gigante, o vagalhão a rugir coleras e parece que ao entardecer se ouvem gritos de affogados longinquos e perdidos. De estio agglomeram-se nevoas com formas prodigiosas de sonho — chimeras e monstros — e o sol ensanguenta-as, rasga-as, debrua-as d'oiro espargindo luz e tintas sobre a poeira dispersa no ar. Outras tardes dirieis que o mar engrandece, prodigioso e callado, vago e triste como um sonho...

A irmã casada lá vivia em Paramos. O moço, já homem, tinha dois filhos que, como elle outr'ora, consumiam a velha, que passava o seu tempo correndo atraz dos pequenos — Esperae! esperae! — e os dias pareciam identicos, cheios de fadiga e de perigos. Sempre o Mar!... A mulher era da Povoa — e por vezes, nas lanchas arribadas, appareciam-lhe em casa parentes, tios, cunhados. Cosinhavam caldeiradas de peixe miudo, berravam n'uma algazarra difficil de perceber, porque até a sua lingua é differente.

São os homens mais ignorantes, mais broncos da costa. Cabeças quadradas, ruivos latagões infatigaveis — nascidos para o mar e que só conhecem o mar.

Destemidos lançam-se sobre o oceano bravo, clamando, injuriando-se, escorrendo agua salgada, partem para a pesca, com temporaes desfeitos, morrendo no vagalhão colerico, uns atraz dos outros, emquanto as mulheres na costa clamam d'afflicção.

O peixe rareia. Um anno passa, outro anno, e a pesca diminue. Esse campo verde e infinito, eternamente lavrado pelo pescador, cortado de quilhas, parece que se cança de produzir. Não se exgota, mas o peixe perseguido acaba por desapparecer. Os vapores de pesca, a rede de malha miuda que mata a creação, a guerra incessante do homem, terminaram por afugentar da costa a pescada, o ruivo — o peixe graúdo, que outr'ora se tirava do oceano aos centos. E isto é a miseria, é o pão que falta, com a filharada em torno pedindo-o. Povoações que armavam outr'ora uma duzia de barcos — tem hoje uma lancha. O sr. Governo — é assim que os pescadores conhecem o Estado — consentindo na exploração do mar pelos vapores, reduziu as povoações costeiras á miseria.

E' a fome. O pescador não sabe fazer mais nada. Ronda, olhando o mar. Os barcos que vão ao oceano voltam quasi vasios. A agua parece amaldiçoada; em casa a mulher afflicta chora, triste e silenciosa, os filhos berram — e o homem olha para o grande mar soturno e profundo, que já o não sustenta. A certas horas d'inverno, acarvoado o horisonte, o Atlântico parece negro, revolto, tragico. De noite só se ouve aquella voz na escuridão. Não se vê senão treva e sente-se no negrume o agitar prodigioso de centenas de leguas de agua a clamar na noite... E' a fome! é a fome a prégar! O mar não dá nada! nem o sustento do pescador!... O mar que foi outr'ora a alegria e a abundancia, o mar é maldito. Seccou — é a Miseria. Eil-o esteril.

E o pescador emigra.

Sobretudo d'inverno a situação é afflictiva. De ve-

rão ha a pesca do rio e com o mar manso e calmo não custa navegal-o. Mas ir arriscar a vida, morrer na costa, para trazer no barco uma duzia de peixes!... E o mar immenso, com nuvens esfarrapadas no céo cinzento, o mar colerico e esverdeado, leva um a um os pescadores que a fome lhe atira.

De todos estes homens o unico que arrosta com o oceano, incansavel, toda a vida na agua, ou mar bravo, ou mar manso, é o poveiro. O poveiro nasceu no mar, é quasi um tritão. As mulheres envergonham-nos. Se é preciso levam-nos até aos barcos. Antes a morte que a fome dos filhos. E vêm-se então sahir — a lancha no alto do vagalhão espumante, depois afundando-se, emquanto elles clamam n'um berreiro, remando de pé, quasi nus, um pedaço de boroa no cesto, indo arribar a, Mattosinhos, á Foz, onde o vento os leva ou a sorte os conduz. O sul ulula agitando as aguas, a Morte passa e elles desapparecem no horisonte dentro dos seus barquinhos, remando infatigaveis, tendo nascido no mar e conhecendo-o desde pequeninos.

A povoação foi miseravel. Duas viellas sobre o areal, tocas de esquimaus, negras, fumarentas, tresandando a peixe, com varaes especados na areia, e arraias seccando ao sol para mantimento de inverno. Em torno uma terra pedregosa e esfomeada, separada por muros de pedra solta, campos onde o milho cresce com um palmo d'altura. Ahi viveram sempre differentes e apartados de todo o resto da população, não se misturando, não se entendendo mesmo, costumes e typos aparte, nascidos acaso do proprio mar, arribados Deus sabe de que terra, n'uma prancha de madeira, n'um tempo affastado e ignoto. Junto a elles vive o minhoto — feio, moreno, pequeno e velhaco — o poveiro porém é brusco, enorme, ruivo, valoroso. Sustenta-se quasi de peixe. A mulher é feia e forte. Trabalha como um escravo, parece um homem de saias — mas um homem rude, de

punhos como traves grossas, curta, negra, e fecunda. Toda esta gente falla alto, berra, gesticula. As coisas mais simples dizem-se aos gritos. Porquê? Parece que o ruido da tempestade abafa as vozes. Ellas não se importam de trabalhar, são, como elles, infatigaveis. Remam, põem os hombros a um barco e empurram-no para o mar: carregam canastras com as redes encharcadas. Se ha temporal e os barcos não chegam, lá partem, com a saia pelos hombros, para a Foz, para Mattosinhos, para onde sabem que as lanchas podem arribar, vivendo n'uma perpetua afflicção.

— A estas horas está elle morto, sepultado n'aquelle mar...

E no entanto esta gente bronca que castiga os seus santos, metendo-os no mar, para que acalmem as aguas, é profundamente espiritualista. O seu cemitério é lindo e d'uma tristeza afflictiva e vaga. E' um recanto humilde, d'uma côr cinzenta, que direis acarvoado até nos dias solheiros. Nas campas ha urnas de vidro com restos carcomidos — caveiras brancas, meia duzia d'ossos já gastos. Pertencem aos pescadores mortos no mar, vindos, como quasi todos os cadaveres, dar á costa. O mar expulsa a morte do seu seio — á terra o que é da terra. Esses ossos humildes, que se vêem atravez do vidro, são os restos mortaes de Pedro, de Manuel, de António!... E' a matéria, que o seu espirito — sente-se bem — voga á flor das vagas, nada na immensidão do mar, clama na tempestade, ouvimol-o no *u u u* da onda e em barcos phantasmas, nas noites presagas de temporal, reunidas de novo as companhas, remam, praguejam, revoluteiam sobre os vagalhões colericos, n'uma outra vida de sonho... E são innumeros. Coalham o mar. Tantos! infindaveis!... Velhos barcos desapparecidos, gerações e gerações, homens d'um seculo, d'outro, de epochas remotas, na mesma vida infatigavel e monotona, com a mesma morte, a mesma agonia, a mesma existência afflictiva... Eh, poveiro, ao mar!...

HA poentes todos d'oiro e poentes d'uma simples e grande tristeza. Nem um se assemelha a outro. E' a côr, são as nuvens que diferem, as aguas, o céo — seja o que for. Descobre-se sempre uma tinta nova, dia a dia uma magia diversa. Ha verdes pallidos que absorvem, um sonho espalhado no céo que faz scismar, recortes de nuvens, buracos por onde jorra oiro em fusão, incandescencias de nevoas, pedaços onde se deram batalhas e outros onde habita a solidão e a paz. As aguas teem tambem uma côr que, d'hora a hora, de minuto a minuto, vae mudando... Bandos de gaivotas recolhem n'um voo sereno, riscando o céo — e a noite vem com a sua tristeza, que o ruido eterno das aguas augmenta...

VIII

A Morte do Arraes

Os velhos pescadores, quando não morrem na barra, chegam aos cem annos. Duram como os madeiros alcatroados, tanto se impregnam do ar do mar. Já não embarcam, mas quedam-se no caes olhando o oceano com tristeza. As barbas todas brancas e os olhos azues ficam bem nas caras requeimadas. E' uma linda velhice. Parecem ainda moços, apezar de tropegos.

Juntam-se na *Consulta* para conversar sobre o passado, o talho dos barcos e a sua manobra, o feitio das vélas, o peixe que o mar antigo dava e a sua carestia d'agora. Bom tempo! bom tempo!... Nem já ha pescadores, nem o oceano é o mesmo... Que alegria e que abundancia quando os bateis entravam barra dentro, com as companhas de pé entoando o *bemdito*!...

Enrugados, curvos, cheios de saudade, as boccas desdentadas segurando o cachimbo de barro, ajuntam-se para palrarem.

Quantos perigos passou cada um d'aquelles homens, que encarou decerto com a Morte muitas vezes! Que rudes vidas cheias de soffrimento e trabalho, sustentando humilde e corajosamente filhos e netos! A existência é bem para esta gente um valle de lagrimas.

Pelo meio dia, hora do jantar, apparecem as velhinhas chamando-os. Vêm, umas atraz das outras, enrugadas e sequinhas.

— Ó João! Antonio!...

Esta foi aquella linda Cath'rina d'olhos negros e seios altos; aquela pegada a um páo, mirrada e tão perto da cova, foi a Joanna, que airosa e linda, de perna ao léo, partia a apregoar, incansavel, n'uma voz cantante; est'outra ressequida e tropega, negra como uma velha moura, foi a mais bonita moça do logar. Apparecem, umas atraz das outras, chamando os velhos meios surdos, gastos como ellas, tendo vivido juntos uma

larga existência de aflições, de fomes e trabalhos. A's vezes são os netos que os vem buscar e levam pela mão, outras as raparigas suas filhas...

Um d'estes homens morreu hontem n'aquela casinha enegrecida pelo sol e pela ventania do largo e que se parece com o velho barco. Ha muitos annos que o Manuel Pereira, o antigo arraes do *Batel vae com Deus* já não ía ao mar.

A janella da casota lembra uma vigia de navio, as portas são alcatroadas e quasi sempre no muro uma rêde encascada de novo secca ao sol. Assim mettida pelo areal dentro, nos dias de mar banzeiro, se acaso uma véla se agita no telhado dirieis que vae navegar entontecida. De resto as pedras de que são feitos os alicerces foram arrancadas ao mar; as taboas que serviram na sua construção são restos de antigas embarcações, e lá dentro ha um velho leito de téca, que, depois de navegar muitos annos para o Brasil como cavername de navio mercante, acabou enternecedoramente em cama de noivado. Acontece muitas vezes, em dias luminosos e solheiros, quando as gaivotas em bandos vôam sobre o telhado que o temporal requeimou, pôr-me a pensar que, como as conchas, esta velha casota humilde deve guardar o ruido que ha um seculo a embala ou a apavora — o ruido do mar.

Creio que sempre no areal riscado de varaes a casota viveu, com dias de tragedia e dias de preguiça e de alegria — ninho de pescadores e mareantes, que o mar alimentou, fez crescer e levou em dias aziagos.

O quadro é sempre o mesmo — o areal e o mar. Para lá da linha d'um amarello tostado da areia — o mar vive e agita-se profundo, velho como a terra, e todos os dias differente, diverso quasi a cada instante. Na madrugada envolto em nevoa, depois d'um verde leve, d'um pó verde e tenue, quando os farrapos do nevoeiro começam a dispersar-se; mais tarde d'um azul cobalto franjado de branco nas pedras; e á noite tragico,

negro e ameaçador. Tem dias preguiçosos no verão em que appetece embarcar e dias em que — de camisa lavada, como dizem os pescadores — ruge e se despedaça nas pedras. Para esta pobre gente elle é como um gigante, que os entende e a quem fallam com carinho ou ameaças.

Os homens mudam: nascem, vivem, sofrem, desapparecem e ele continúa egual, a rugir ou a embalar as velhas casótas dispersas no areal. Como um monstro antigo parece que os chama e os arranca um a um á terra, porque ha um seculo é esta a primeira vez que um homem d'aquella casa morre no seu lar.

Gerações inteiras têm sahido d'alli para o oceano, boccas d'elle tiraram todas o seu sustento e n'elle encontraram o tumulo. No velho lar enfumaçado e curioso, na cosinha negra onde o peixe escalado secca ao fumeiro, conta-se e tem vindo assim de paes para filhos, a história da familia: um avô desapparecido mysteriosamente no mar com o seu navio e todos os tripulantes; o que aconteceu á galera *Bemvinda*; e a vida triste d'aquella pobre rapariga, que, por ouvir a voz do namorado morto a chamal-a do oceano, em certa noite de borrasca, entrou nas aguas revoltas... São sempre episódios simples, existencias de canseira e lucta, boas creaturas ignorantes, rudes e humilimas, que o oceano acaba um dia por tragar.

Pois de tantos homens alli nascidos, só este velho, que hontem morreu, acabou na sua cama. Ha muito que passava os seus dias lá em baixo, na *Consulta*, ao pé dos pilotos, a olhar o mar. Quando encontrava um mocinho punha-lhe a mão callosa na cabeça e o pequeno decerto se sentia protegido e contente.

Fallava pouco. A barba rija e branca emoldurava-lhe a cara enrugada, e os seus olhos d'um azul destingido, fugiam-lhe sempre para as vélas, que uma a uma se sumiam no horisonte. Pensava decerto na sua vida simples, humilde e resignada. Recordava-se do batel de que fôra arraes; das tardes todas d'oiro, véla

cahindo na agua verde, quando voltavam da pesca, e das noites ao pé da *caça*, das noites d'um luar espantoso em que luar e agua se confundem e tantas estrellas brilham no céo quantas luzem no mar!

Boa companha!... Todos os rapazes como torres, que se dispersaram ou morreram. Quantos existem dos seus antigos companheiros? Os novos d'outr'ora já corcovam, o seu mocinho é hoje arraes, alguns andam embarcados, perdidos, e poucos restam na mesma vida e no mesmo barco! Cumprira o seu fadario. Seus filhos eram homens — e agora, velho e inutil, até os dias de perigo lhe pareciam bons, borrascosos e negros, com o vento a uivar, o maldito mar a clamar e a *Pedra do cão*, de dentes afiados, à espera das catraias, entre o mugir esverdeado das vagas.

Assim envelhecera até se tornar inutil: os netos riam d'elle, os filhos olhavam-no de revez — mais uma bocca a sustentar nos dias de fome. Como trabalhar? Nas tardes de bonança deitava ainda as mãos a um remo ou às redes do savel, que vêm nos dias de março a cada lanço tremeluzir e saltar na areia. De inverno pescava á linha um ou outro ruivo. Mas lentamente as forças lhe faltaram e nos seus ultimos dias, sentado á porta da tóca, olhava com saudade o mar esplendido. Fôra cheia de tragedias grandes e humanas a sua existência, e o oceano que era para elle um ser, o oceano que o alimento e ameaçou convulsionado de coleras, guarda decerto d'essa figura bronzeada uma recordação amiga.

Hontem na velha casota entrou o padre sob o pallio, seguido de pobres mulheres, cantando o *bemdito*. E assim, simples e heroicamente como vivera, o velho pescador morreu n'aquelle tóca construida à beira do mar azul e d'onde gerações inteiras têm sahido para a mesma existencia rude e tragica, grande e humilima. É este o primeiro que acaba no leito de téca, sob o tecto do casebre, que, em certos dias de sol, se uma véla arfa no telhado, seccando, dir-se-hia que se aprompta para navegar no Atlantico.

IX

O Vareiro

Na ruella pedregosa as tócas de madeira encostam-se umas ás outras, negras, sujas, trescalando a peixe e todo o dia apinhadas de creanças — a filharada, que de anno para anno augmenta. Uma ou outra velha acocorada ás portas apanha sol. Seccou-as a desgraça e, de enrugadas e negras, parecem velhas pretas curtidas pela fome. Falam d'uma para outra casa. Dentro, no interior enfumaçado, vêm-se canastras com redes e enxergas rôtas. As casas são terreas, de telha vã, com um unico compartimento onde se cosinha e se dorme. O pae e a mãe ficam com os filhos mais novos, os outros deitam-se em esteiras no chão.

N'uma d'essas casótas mora o Vareiro. Vindo do mar, depois de lavadas as rêdes, a mulher já sabe que elle é certo na taverna do Côxo — um sumidouro com o antigo maritimo ao balcão. Cahiu um dia d'um mastro o embarcadiço e agora, com a sua perna de páo, coxêa que coxêa, vende quartilhos de vinho aos pescadores.

Um candieiro d'azeite fumarento illumina o buraco, as faces dos borrachos, os olhos piscos e o carão oleoso do Côxo encostado á pipa rotunda. Depois, sentados em pranchas de madeira, discutindo o mar, o peixe, a vida, ou jogando com cartas ensebadas, meia duzia de pescadores. Se se zangam o Côxo, que é temido, põe-os na rua, erguendo a muleta ferrada.

A' noite o Vareiro está a cahir. As palavras sahem-lhe com difficuldade da bocca pastosa, os olhos sorriem-lhe e o cachimbo de barro fumega-lhe nos labios de satyro. Anda direito, mais aprumado ainda do que antes de beber, e a caminho pelo caes fóra vae fallando sósinho n'um enlevo:

— Mar de peixe... mar cheio de peixe... Elle ruívos... elle pescadas!... Tanto peixe!... Tanto que um

homem já não sabe o que lhe ha-de fazer!... Vocês verão!... Inda há-de vir peixe á praia!...

Se encontra uma rapariga pára, galanteador. Apruma-se, especa-se nas pernas abertas, tira o cachimbo da bocca, cuspinha e diz-lhe com meiguice:

— O' menina!...

Pausa. Procura uma phrase. A bocca entreabre-se--lhe n'um sorriso, os olhos piscos e vagos illuminam-se--lhe:

— O' menina! menina! O' meus peccados!...

— Fóra bebado!...

Riem-se, insultam-no, fogem-lhe ás risadas — e elle fica de braços estendidos, balouçando-se nas pernas:

— O' meus peccados!...

Todas o conhecem. A's vezes pilham-no e formam roda dançando e batendo as palmas, emquanto o Vareiro, no meio d'ellas, gargalha, negro, baboso e piteireiro.

— Meninas! meus peccados!... Qual de vós escolhe o velhote? ...

E' o seu galanteio. Velho, feio, rôto como os mendigos, o Vareiro quando bebado é sempre amoroso:

— Meninas!...

Por fim, altas horas, depois de conversar com o cachimbo em infindaveis monologos, pela praia fóra, vae dar a casa. A mulher, que se fartou de o esperar e que vê gastar-se na taverna o pão dos filhos, insulta-o e pragueja quando elle bate á porta:

— Arre bebado, bata com a cabeça!

Mas elle, amavioso, pede:

— Abre Joanninha!

— Durma ao relento, seu odre! durma nas pedras!...

Quando está a cahir assim fica, com o cachimbo ao lado, estiraçado no lagedo. Outras vezes tanto bate que ella abre a porta.

— Então quem manda aqui? que casa é esta? — pergunta o Vàreiro.

— Manda você, seu borrachão.

— Mais respeito, menina. Quero respeito...

— Dorme.

— Hei-de dormir se quizer! Ainda um dia ensino certa pessoa que eu cá sei a ter mais cortezia...

Ella atira-lhe com um batedouro e por fim engalfinham-se. A Joanna, se o apanha a cahir de bebado, espesinha-o. O Vareiro tomba, com a camisa rota, prégando com dignidade:

— Mais respeito, menina! Quero respeito!...

Entretanto a Joanna revolve-lhe as algibeiras, arrancando-lhe as moedas que ficaram da taverna, e elle clama afflicto:

— Aqui d'el-rei, quem acode!...

A Joanna bate-lhe e elle por terra, sem forças, resigna-se e monologa, emquanto ella procura:

— Oh senhores, ao que um homem chega!... Vão lá casar-se!... Antes que cases vê o que fazes!... Então, menina, isto aqui é a casa do Gonçalo onde canta mais a galinha que o gallo?

— Calle-se, seu odre! Agora durma!...

Deita-se na enxerga e ronca. No outro dia desanca-a e ella chora, tão bebeda como o Vareiro, tendo gasto em vinho o dinheiro que lhe arrancou na vespera. A miseria é profunda. Os filhos olham-n'os sem palavra. Quasi se não come. Dão os visinhos aos pequenos uns pão, outros conducto. Vestem andrajos. As calças do Vareiro são curiosas, tal a camada de trapos sobrepostos, farrapos cada um da sua côr, cosidos e recosidos. Ella, que foi linda, corajosa e boa, anda peor que as mendigas. A miseria perdeu-a.

Ha dias na viella em que a balburdia se péga — gritos, vozearia, pancadas. Ao clamor do Vareiro e da mulher, acodem os visinhos. Uns riem, outros protestam:

— Tambem é de mais!

— Fóra!...

Fazem-se commentarios, mas se alguem se mette na questão:

— Ninguém cá o chamou!

— E' a carne da minha carne e o osso do meu osso!

E os risos e as lagrimas, as gargalhadas e o choro misturam-se como no resto do planeta. A's vezes o Vareiro faz discursos aos visinhos:

— Haja respeito... haja paz e união... O homem manda e a mulher obedece. Deus tirou a mulher da costella do homem.

— Calla-te, bebedo!

— Bebeda é você, sua ramelada!

Acontece também que todos elles pegam a soccar-se. As mulheres arrepellam-se, batendo palmadas furiosas e puxando-se pelos cabellos e os homens atiram-se uns aos outros, emquanto a filharada chora e as raparigas gritam:

— Quem acode! Quem acode!...

A balburdia acaba ás vezes d'uma forma mais comica. Salta o Vareiro para a rua, meio nu, feio e negro, rindo como um satyro borracho:

— O' meninas qual de vós escolhe o velhote?

— *Sume-te,* porco!

E as risadas echoam na viella que tresanda a peixe, suja, infecta, cheia de sol, com as tócas de madeira encostadas umas ás outras.

ESTE homem no mar é um valente. Nunca bebe quando tem de embarcar. E' sobrio e infatigavel. Ri sempre. E' dos melhores homens da companha, alegre, animando os outros no perigo, com o riso da sua bocca desdentada e ditos maliciosos. Amam-n'o. Quando ficam no mar alto, nas noites estiradas, elle é quem conta historias, casos e quem commenta a vida. Os outros levam nas cestas vinho ou aguardente, elle não bebe senão agua.

— Porque não bebe, tio?

— Isso é uma história... Tem que se lhe diga, não vae assim á primeira.

— Um gole d'aguardente, vá!

— Nem tanto como isto... Caso que aconteceu e que nunca mais me esquece. Tenho p'ra toda a vida.

— Então conte...

Mas elle sorri-se com a bocca desdentada, accende o cachimbo e emmudece.

X

As Mulheres

NESTE pedaço de costa que vae de Vianna a Aveiro, batido de sol, empoalhado de verde pela evaporação da agua, e riscado de penedia e de areaes tostados, que o oceano alastra de tinta azul, as mulheres quasi differem de povoação para povoação. Mas ha sobretudo tres typos absolutamente diversos — a poveira, a sanjoaneira, a varina. A poveira é feia, rude e bronca, mas trabalha como os homens; a varina linda, morena e esbelta, è bella e fecunda. Enchem a costa, repovoam, alastram-se, colonisam. Infatigaveis, de cesto á cabeça, partem pelas estradas, apregoando e vendendo, de saia ensacada, riso á flor dos labios, perna ao léo e mão na cinta, em carreiros infindaveis como as formigas. Seus olhos negros e pestanudos illuminam, sua bocca entreaberta mostra os dentinhos miudos e a sua linda voz echoa:

— Viva da costa a saltar!...

E' honesta e laboriosa. Nada a intimida. Com o cesto ganha tanto como o homem com as redes. Vae o pescador para o mar, não ha uma velha em casa que cuide dos filhos ainda de peito? Mistura-os na canastra com o peixe, e lá parte n'aquelle passo miudo e certo com que palmilha leguas e leguas.

— D'Espinho viva!...

Se viuva, veste de negro e continua na mesma faina, sustentando a filharada. Não lhe falta o pão em casa, não tem medo á fome e olha cara a cara a vida.

A sanjoaneira é pequenina e linda, palradora e mandriona como os homens. Tem ás vezes no olhar o azul do oceano, na pelle o tostado dos poentes, nos labios vermelhos e humidos o nacar de certas conchas.

Mas todas estas mulheres envelhecem depressa. Aos trinta annos são enrugadas e feias. Perdem a fres-

cura com o casamento e a miseria torna-as desleixadas e negras, sempre a arrasto pelos caes. Com a canastra ao lado, seccas pelas afflicções e pelos trabalhos, conversam na miseria, aos grupos...

Perderam a graça e até as fórmas de mulher. São ascorosas. O sofrimento e a fome, os tratos da vida, fazem d'ellas megéras. Um dia sem pão, no outro fome, homens e filhos despedaçados na barra, em casa pancadas e lagrimas, as soalheiras de verão e as tempestades de inverno, torcem-lhes o coração e seccam-as.

EM casa do novo arraes as raparigas já não tem frescura. A mulher, tão linda outr'ora, envelheceu e a irmã, quando vem da Povoa, de negro, com a saia de lã pela cabeça, parece da edade da mãe.

Os filhos crescem e a vida é identica, monotona, triste e grande. Sempre a mesma miseria e a mesma lucta — e ao fundo o quadro inalteravel, bello e immenso, ou mugindo esverdeado de coleras ou azul e manso...

N'essa tarde as mulheres acocoradas na praia encanastram redes, quando uma véla surge, miudinha, no horisonte.

— E' o batel *Vae com Deus*!

— Não é. Sahiu ha pouco.

— Já de volta? Não é.

— Aquillo foi desgraça.

— Não foram ao mar do peixe.

E, homens e mulheres, de roldão, correm ao caes discutindo.

O barco arreia a véla, porque o vento cahiu e os homens remam, com um *anh*! de desespero, os pés fincados nos bancos. Os remos vergam ao cortarem a agua e na prôa do batel a espuma referve.

— Que é? que foi? — perguntam anciosos do caes.

— Perderam-se todas as redes! os poveiros cortaram as boias!

Cortadas as grandes boias de cortiça com um ramo

de murta na ponta, as redes vão á toa pelo oceano. Nunca mais se encontram. Destruir-lhes o signal é um crime.

Ha por isso na praia um clamor de raiva. As rêdes destruidas!

As rêdes sua unica riqueza, ganha pão tirado á bocca, tecidas não de *ticum*, mas de sacrificios, de trabalhos e perigos!... Atropelam-se. Ha uma barafunda. Os homens clamam raivosos e as mulheres, umas choram, outras berram enfurecidas: — Mata! mata!... Discute-se aos gritos.

— Foram os poveiros!

— Ao mar! ao mar! — clama uma mulher erguendo um bicheiro. E' a Ardida, negra, rôta, enorme.

Atiram-se de roldão para as linguetas. A turba corre aos bateis de remos erguidos, a Ardida na frente. E o mulherio em torno grita:

— Mata! mata!

Enchem os lanchões, os barcos, as catraias, acotovelam-se furiosos, e já no caes as mulheres começam a chorar, prevendo desgraça.

— Fóra o mulherio!

Empurram-as das catraias. Algumas arrepellam-se; outras seguram-se aos homens gritando:

— Acudam! acudam!

Só n'um grupo aparte, as velhas continuam, roucas e batendo nos peitos, a clamar de espaço a espaço:

— Mata! mata!...

Estão promptos os barcos. Das mulheres só a Ardida vae com elles de bicheiro em punho, rota, negra, furiosa, brandindo o ganchorro de ferro. Não houve arrancal-a do banco a que se agarrou. Tem mais força que os homens. De pé, com os cabellos soltos, bate murros no peito secco, feia, desgrenhada, enorme, escarnecida e batida pelos pescadores, farta de soffrimento e de fome. Tem tido filhos sem conta, uns soldados, outros marujos: na cadeia, na cova, espalhados pela terra. Tem filhos no Brasil, tem-nos sepultados no mar. Não teme a morte,

como não teme a dôr, tanto tem soffrido. Alta, a saia negra em frangalhos, continua a gritar:

— Mata! mata!

Parece que é ella que commanda, á prôa do seu barco, aquella frota de pescadores ululando de colera.

A tarde cahe. Não ha vento e os homens de pé remam n'um alarido. Na praia as mulheres em tropel seguem os barcos chorando. Algumas, com os filhos ao collo, supplicam e depois erguem-os nos braços, mostrando-lhos.

— O' Joaquim! Antonio! olha o teu filhinho!...

Longe, já vão muito longe e ainda as mulheres pela costa erram afflictas. Mugem as aguas turvas e o céo turva-se. Grandes nuvens disformes começam a vir do sul como alcateias de monstros. Os lanchões e os bateis perdem-se, mas por entre o marulho das aguas, ouve-se sempre o grito da Ardida:

— Mata! mata!

Acocoradas nos penedos fica um grupo de mulheres, com os filhinhos ao collo, escutando o ruido. Só se ouve o mar. As nuvens barram agora, compactas e plumbeas todo o céo. Grasnidos de gaivotas que passam no alto presagiam desgraça... Tristes, calladas, todas ellas tem a marca do soffrimento e da miseria, o vestido escuro collado ao corpo, as faces magras, os peitos razos, as mãos afiladas e negras. Dil-as-hieis encharcadas de lagrimas.

E vem sempre o mesmo ruido do mar, que parece mais fundo e mais tragico, comido pela escuridão e pela nevoa. Ellas esperam, escutam... Assim tem esperado a existência inteira, com egual resignação — o soffrimento e a dôr. Nasceram para o sacrifício, corajosas, laboriosas e honestas, olhando a vida com simplicidade e grandeza.

Ao longe, nas aguas revoltas, começa a essa hora, n'um fim de tarde angustiosa, a batalha com os poveiros.

JUSTINO DE MONTALVÃO

O

Engerido e a Sereia

1908

O Engeitado e a Sereia

(Scenas da Beira-Mar)

DEDICATÓRIA

Em memoria do nosso ultimo poente, em Syracusa, quero invocar aqui o seu nome, Miss Jane-Mary Clark Stryiénski, que com luar e sonho escreveu «The Knight Errand and the Blind»: e pedir-lhe que acceite a homenagem d'estas paginas, escriptas na rude lingua inculta dos pescadores do meu paiz, e onde a realidade grosseira se confunde com a idealidade — egualmente divina, na alma dos humildes, como na dos heroes.

Monte-Carlo, Novembro de 1908

O Engerido e a Sereia

I

NÃO sei porque me veio agora á lembrança a historia desse pescador que noivou com a morte, allucinado pela miragem dos seus amores sem esperança.

Quem m'a contou?

As ondas, ou o meu coração?...

Por ventura não seriam senão os seus olhos, tão tristes, ha pouco, no terraço, quando ficou por muito tempo calada, olhando o Mar — os seus olhos nostalgicos, que de subito m'a evocaram, na elegia da luz que espiritualisava o ceu e as aguas, como n'um poente de Whistler o seu querido Morto.

Em verdade, eu não poderia jurar-lhe, minha boa amiga, se tudo o que lhe vou contar aconteceu a um vagabundo que, de tanto penar, endoideceu d'amores; ou se realmente se passou na minha propria alma, n'um antigo naufragio d'illusões, junto d'este mesmo Mar que tantos tem acolhido.

Foram os seus olhos, ha pouco, tão tristes ou os meus sonhos que m'a contaram?

O que é bem certo é que a sinto correr-me do

coração, e que precizo de lh'a dizer, agora que o crepusculo e o silencio mais evocam os idylios mortos e a solidão das ruinas d'esse palacio encantado do seu Poema, onde o moço Cavalleiro-Errante encontrou dormindo a linda Cega Nua, que só tinha por manto os seus cabellos doirados.

A pouco e pouco, como sonhos que se desfazem, vão-se em torno de nós, no ceu e no mar, amortecendo os reflexos do poente. É a hora maravilhosa em que as virgens, silenciosas, alongam para o espirito os olhos abertos, como se esperassem dissipar um divino mysterio: a hora bemdita entre todas em que tudo, pela natureza, parece que tem voz para nos falar ao coração.

Quantas creaturas, pelo mundo, n'este mesmo instante em que no seu rosto tão branco na penumbra vesperal, os seus olhos me lembram duas chammas onde se concentrasse toda a claridade que da terra vae subindo para os astros, fitam também o ceu e as vagas, a sonhar ou a recordar-se — na ancia do que ha-de vir, ou na saudade do que passou. E quantas lagrimas, n'este mesmo instante, vão n'esse occulto ceu espiritual da vida interior crear poemas eternos!

Olhei o luar, o luar sagrado a surgir, a florir as vagas harmoniosas! Como ellas cantam, cheias de saudade, esta noite, como se falassem tambem de coisas passadas...

Não sente a mesma nostalgia, etherea, dispersa em tudo, na luz que parece povoar-se d'apparições, no mar que fala mais baixinho, e dentro em si, no echo de todas essas vozes confusas das vagas que se recordam talvez de já ter sido Sereia, — corações desfeitos em aguas, salgadas aguas como as lagrimas dos que amaram?

Quer ouvir a historia desse pescador de Portugal que as ondas me ensinaram — as ondas, que são as illuzões eternas dos poetas da minha terra!

Recline a cabeça na mão esguia, n'esse lindo jeito de quem sonha, e deixe-se ficar assim calada, com uma expressão *extra terrena* com que Dante Gabriel Rossetti

espiritualisou a *Beata Beatrix* — emquanto, as primeiras estrellas surgem tremendo, a luzir sobre o rosto da Noite, como as lagrimas que eu vi, um dia, correr sobre o seu rosto...

II

O pescador Antonio era um rapaz encolhido, desajeitado e triste, de cabellos ruivos e grandes olhos humildes de cão sem dono. Chamavam-lhe o *Engerido*. E toda a gente se ria da sua timidez e da sua fealdade.

Era exposto da roda. Ninguém sabia onde nascera — nem elle, de certo. Nunca seio materno e divino lhe dera de mamar. Mas, como o d'aquelle outro pescador da Galileia (que tambem por muito amar teve na vida egual sorte) triste foi o seu fado na terra — que para além d'ella, sómente, como Elle ensinou, «serão consolados aquelles que choraram».

Um dia, apparecera n'aquella povoação de pescadores, esfarrapado e faminto, com os pés descalços inchados e sangrentos de vaguear por montes e caminhos.

Seduzido pelo encanto do Mar, como se no seu coração de caminheiro acordassem attavismos de celtas errantes, por ali ficou. Dias inteiros sosinho, vagueava ao sol dos areaes, d'olhos verdes absortos nos longes d'agua luminosos, nos enxames pairantes de velas das lanchas, nos vôos alvos das gaivotas sobre as espumas ou nos esbeltos brigues ou nos vapores que partem do porto cheio de mastros e fumos, para o horizonte do desconhecido.

Sobrio, como todos os pobres, vivia do que pescava e dos mariscos que arrancava dos rochedos, na maré baixa. Nas partidas dos paquetes d'imigrantes, fazia carretos. E solitario e feliz, como um pária sem senhor, dormia nas noites de verão, ás estrellas; e nas frias noites de chuva, em que o vento norte fazia uivar as ondas, n'uma velha barraca desmantelada, onde se guardavam as ancoras e os lémes das lanchas.

A principio, os pescadores olharam-no com a des-

confiança que os homens do mar teem sempre pelos da terra. Os arraes, a quem se dirigia, recusavam-lhe trabalho. Mas a pouco e pouco, todos se foram afazendo á docilidade submissa do *Engerido*. E como remava horas seguidas, sem mostrar fadiga, arranchou por fim n'uma companha de pesca, onde ganhava o salario escasso dos cavadores das ondas, a quem pouco basta, como aos da terra, para viverem na paz de Deus.

De poucas falas, herculeo, roto e ruivo, sob o capacete de oleado, lembrava um wiking primitivo, com a sua expressão de candura humilde no rosto crestado pela marezia e o eterno sorriso alheado dos tímidos nas glaucas pupillas contemplativas.

A scismar, ninguem sabia em quê, passava ás noites inteiras acordado, emquanto os outros dormiam, sobre as vélas, embrulhados nos gabões de burel.

Estendido á prôa da lancha boiando sobre a lenta ondulação fosforescente do mar alto, com os olhos absortos nas nuvens e nas constellações, cantava, ao embalo das aguas, as velhas trovas tristes e sagradas dos mareantes de Portugal.

Que rustico sonho atonito illuminaria nas caladas noites lunares, aquela alma rudimentar de barbaro, sob o mysterio do infinito formilhante de ignorados mundos?

No que ha-de scismar, sob os astros, uma alma de adolescente — embora seja a d'um engeitado sem eira nem beira?...

Um dia, descobriu-se o segredo.

E não houve ninguem que se não risse do *Engerido*.

Aquelle paria de vinte annos, aquelle pobre diabo tão desageitado e roto, de quem todos escarneciam — amava!

III

QUANDO na praia constou que o Antonio zôrro andava apaixonado, as vareiras robustas e trigueiras, fazendo-lhe roda, perguntavam-lhe com as bocas encarnadas como romãs, todas abertas em rizo:

— Eh! *Engerido*, então quem é a conversada? Já l'arranjaste o dote, tunante?

Ele tinha um grande sorriso silencioso que lhe illuminava a fealdade de gigante ruivo, e sem responder, fugia, cada vez mais encolhido, como quem traz no peito, religiosamente guardado, um maravilhoso thesouro, com mêdo que lh'o roubem.

E ninguém suspeitou nunca que aquelle valdevinos que todos tinham por doido, erguesse os olhos para a estrella mais alta — pois não era outra a luz dos seus olhos senão a filha do Manuel do Mar, o arraes mais rico da praia. — Clara Linda, a *Sereia*, como por toda a costa era nomeada pelos que faziam promessas de enormes corações á Senhora Apparecida, e pelas romarias ardentes de agosto, ao som das banzas floridas de giestas e cravos, a cantavam ao desafio.

Como lhe crescera no peito esse sonho, tão grande que enchia o mundo? Que mãos lhe haviam posto ao pescoço, quando nascera, o escapulario com um coração aureolado d'espinhos? Esse era o unico que comsigo trazia, cismava elle; que o *outro*, andava encantado no peito de *Clara Linda*.

A principio inconsciente, como uma onda que a attracção dos astros faz erguer-se das profundidades do mar impetuoso, assim fôra crescendo, desde que a vira, esse amor secreto, sem o sentir — á maneira d'uma flôr escondida, que só pelo aroma se dá a conhecer um dia.

Mas foi na festa dos pescadores por uma manhã de sol e alegria, com foguetes e arcos de murta no adro, que elle decifrou emfim, o seu destino, na hora em que a viu a engrinaldar de açucenas e papoulas o altar da Senhora — que não era decerto mais formosa e loura, no céu estrellado do seu manto azul, do que ella, sua irmã na Terra — Apparecida do seu coração!

Ajoelhou sem saber se era a uma ou a outra que havia de erguer as mãos. Desde esse dia (tinha vinte annos, e era como se acabasse de nascer!) o Antonio

zôrro soube que no mundo não ha mais lúz nem ventura senão a quem vem d'olhos amados.

E já lá iam dois (ainda hontem, pelo encanto: havia seculos, pela amargura!) tudo á sua roda se fizera noite cerrada — porque Clara Linda do Mar não lhe tinha amor.

Que negra sina quizera que elle amasse entre todas, exactamente aquella mesma que não o amaria nunca?

Outras o amariam, talvez, se lhes abrisse os braços rudes de mareante. Outras responderiam porventura ao seu desejo — mas nenhuma outra ao seu sonho. No mundo só aquella existia para a sua alma. E nunca mais teve olhos senão para a adorar — e para a chorar.

Anonymo martyrio de querer áquella que nos não ama!... Quantas Sereias (como esta, sem outros feitiços) por quem choram em vão os olhos d'alguém, que nunca viram com olhos de vêr — e que todas as noites, como este pescador malaventurado, vão sonhar em segredo, deante das suas janellas fechadas...

IV

SOL nado, vogava a lancha *Vai com Deus*, de latina solta, como uma grande gaivota, sobre a agua verde e prata, com seu Coração de Jesus, á pôpa, pintado a vermelhão.

Todos os da companha riam, só António a scismar n'ella, queria ser o vento norte que ia bater à sua vidraça, ou a estrella d'alva que atravez d'ella estava espreitando o despertar da sua amada, branca e loura como uma sereia, entre as algas finas dos seus cabellos soltos.

Ao sol do meio dia, colhendo as redes e cantando por esse mar de cobalto e ouro, os ais das suas cantigas levavam-nos ao areal onde ella andava, as ondas confidentes, a segredar nos rochedos — mas só ella, nunca

os ouvia, de coração mais duro que elles, Senhora das Dôres!

Pelas noites de calmaria, á hora em que as almas errantes pairam na solidão e no silêncio, d'olhar perdido na lua cheia, só a ella via e só o nome d'ella gemia nas cordas da sua banza. E dir-se-hia que as gaivotas e os peixes suspendiam por momentos as suas viagens, para escutar, em torno da lancha boiando, aquella voz de dôr, maior talvez que a do mar.

> Lindas estrellas do ceu,
> Bem alto vae o luar;
> Mais alta vae a ventura
> Que Deus tem para nos dar...

Mais alta vae a ventura!... Mas a ancia de a alcançar, essa, ou longe ou perto da vista, vive a toda a hora no nosso peito.

Mal punha pé em terra, corria logo aonde ella estava. E Clara Linda, mal o avistava, mudo como uma sombra, ria-se d'elle:

— Valha-te S. Braz da porta aberta, alma penada!

Á tardinha, quando fiava á dobadoura, á porta da casa d'alpendre, como a voz d'elle tremia!

— Deus te salve, Sereia!...

Poeta sem fala, o meu vagabundo não sabia exprimir em palavras o que lhe enchia o coração. Para alli ficava a torcer a carapuça de lã verde nas mãos enormes, sem se atrever a dizer mais nada, a olhar para a teia que ella fiava, com vontade de morrer.

Ella fingia que o não via. Ás vezes, nem lhe respondia, e com um gesto de enfado, entrava em casa. Oh! a pobre carapuça de lã verde, quantas lagrimas que enxugava, elle podéra contar!

Nas romarias, rapazes e cachopas riam e bailavam ao som dos ferrinhos e violas, a *Siranda*, a *Caninha verde* e o *Vira*, entre descantes.

Puz-me a jogar as cartas
Mail-o Senhor de Mattozinhos,
Elle ganhou a minha alma,
Eu ganhei-lhe os seus espinhos.
Aili! Aili... Ailéé!...

Todos tinham conversada. E como se abraçavam nas voltas, que rudes pressões de mãos e claros risos nas faces morenas em que os olhos negros ardiam, sob os lenços escarlates e amarelos, a esvoaçar.

Que saborosas cantigas, á desgarrada, cheirando a sal e a marezia, nas bocas rubras como cravos, quando batendo as palmas em cadencia, ou fazendo vibrar as castanholas no ar, a ronda dos namorados passava na alegre garandola dos bailados ribeirinhos: — as vareiras airosas, com os seios aflantes, meneando as saias garridas nos quadris que teem do marmore a solidez macia e das vagas a liquida ondulação: — os pescadores trigueiros, de faixas encarnadas á cinta, as carapuças e boinas enfeitadas de flôres de papel e d'imagens da Senhora: — e todos os pés descalços e ligeiros pulando a um tempo na poeira das estradas ou nos adros relvosos das ermidas brancas, sobre o Mar...

Os meus olhos são dois pretos
Que me vieram de Angola;
Que já foram bem queridos
De quem os aborrece agora!...

A *Sereia* lá ia, nos braços, d'outro, mais formosa que todas. Os cabellos fluctuavam-lhe esparsos, á volta do rosto rosado, n'um resplendor d'oiro, como o da virgem. As estrellas luziam menos que os seus olhos. E como a sua voz subia até ao ceu e descia até ao fundo do coração!...

Ó meu amor nada, nada!
Ó meu amor nada, não!
Eu nada tenho em meu peito,
De que não tenhas quinhão!...

Só o *Engerido*, entre os velhos para alli ficava, com seus olhos mendigos d'engeitado.

Uma vez, atreveu-se a dizer-lhe:

— Queres-me para teu par, Clara Linda? ...

Ouviu-a responder, d'escarneo, estas palavras que lhe entraram no peito como facadas:

— Sume-te, morte negra!... Que até aqui me ha-de perseguir, este enguiço.

Se o *Engerido* pudesse sumir-se no canto mais escuro, onde não chegasse a luz do sol! Mas mesmo no fundo da sombra, corrido de vergonha, certa Fada, com sua varinha de condão, fazia rebentar a luz — a magica luz d'aquelles olhos de milagre, que faziam o sol e o luar na sua vida.

Tudo tentou, para que ella o não deitasse ao desprezo. Foi uma noite à Bruxa que deita as cartas. Fez a promessa á Senhora Apparecida de lhe levar um cirio da sua altura, no dia em que o seu mau fado mudasse. Mas nem a Bruxa de tanta nomeada nem a Santa de tantos milagres, fizeram aquelle.

Emagreceu. Os olhos afundaram-se-lhe, no carão ruivo. Começou a isolar-se de toda a gente, a andar dias inteiros longe da praia, escondido entre as penedias que as ondas espumantes escalam ao longo da costa, como castellos em ruinas. Com o ar inquieto e medroso dos perseguidos, ficava-se horas e horas, com a cabeça entre os punhos, a olhar e a ouvir o mar.

As vareiras, quando o avistavam, faziam-lhe roda, motejando:

— Tu que tens, alma penada?

— Andas falto de carinhos?

— É o amor que não t'assiste?

— Quem foi a feiticeira que te botou o feitiço? ...

E com o seu segredo no peito, o *Engerido* fugia, perseguido pelos risos das raparigas.

Ás vezes, á noite, no alto-mar, os outros pescadores, ao acordarem de repente, viam-no de joelhos, com as mãos postas, como quem reza.

— Que estás tu para ahi a resmungar, malinado?

Não respondia. Mas, mal adormeciam, de novo, com um sorriso de tresloucado a iluminar-lhe a cabeça disforme, repetia o nome d'ella — Clara Linda! Clara Linda!... — tão baixinho como se tivesse receio que as proprias ondas o ouvissem.

— Deixa-te de paixões, creatura — dizia-lhe o patrão da lancha, o velho *Tio Norte*, que tinha tanta experiencia das sinas como dos ventos. Deixa-te de paixões, creatura nova, que mulheres de má valia no mundo, ha mais do que sardinhas no Profundo! Bota a tua rêde n'outra maré, e se uma t'engeita, vira de vela p'ra outro pôrto!

— Amar outra, amar outra! — pensava o triste.

Quem ha-de arrancar, sem que morra, o coração do peito em que vive?

Só quem cegasse — para nunca mais vêr as estrellas!

Só quem ensurdecesse — para nunca mais ouvir o mar!

V

Á tardinha...

Sobre o azul d'esmalte do mar banzeiro, para o largo, a poalha aeria do sol, como um fumo doirado, fluidisa n'uma aguarella maravilhosa de tintas immateriaes, o espaço intermino.

Tinge-se de laranja, de lilaz e purpura real o ceu, na barra extrema do horisonte oceanico. Cumulus de nuvens roseas encastellam-se em arquitecturas de miragem, ou entreabrem-se em grutas d'oiro, na apotheose do Poente. Refulgem as cristas das vagas transparentes, irradiantes faúlas d'arco-iris na alvura ephemera das espumas. E por toda a amplidão atlantica, relampagos de côres accendem-se, vacilam, transluzem magicamente. Dos remos que os barqueiros erguem e abai-

xam, em gestos eguaes, caem chammejando geadas d'esmeraldas. Gottas de luz escorrem das azas das gaivotas que mergulham e emergem, em vôos bruscos.

Cingida pelos molhes graniticos do porto, toda povoada de brigues brancos e vapores negros, a bacia placida, espelhando na claridade vitrea da agua profunda as feéricas cambiantes do occaso, traça um lucido parque irreal, dourado pelo Outono. Reverberando, os rastos dos barcos traçam estreitas aleas que parecem tapetar-se de folhas caidas d'algum arvoredo astral.

E toda essa symphonia de tons expirantes, em gradações de mais em mais transcendentes, vem n'uma fugidia escala de ondasinhas claras, verde fluidas, das nuances instantaneas do phosphoro que se apaga, morrer melodiosamente no areal louro, a rezar, n'um purissimo murmurio de vozes liquidas, as avè-marias estheticas da Luz.

Em grupos de estatuas, molhando na onda os pés nus, immobilisam-se como n'um quadro antigo, as vareiras de braços cruzados sob os peitos, à espera das lanchas que se avistam já, alvejando nos longes d'agua.

Com o queixo nos punhos, os cabellos apartados em bandós sobre as pequenas cabeças ovaes e morenas, como Sulamitas, outras estão sentadas nas praias, em hemicyclo.

Fitando no mar largo os olhos verdes, a *Sereia* canta. A sua voz sobe no rytmo d'uma canção de amor, que as outras repetem e prolongam em côro, no silencio da tarde, sobre as ondas que parecem também acompanhal-o.

E na solemnidade da hora religiosa, sob a luz que unge a terra e o mar, dir-se-ia um espectaculo d'outr'ora, no mysterio dos seculos primordiaes, quando as virgens, ao cair das tardes, esperavam no regresso das galeras os noivos mareantes...

VI

Umas apoz outras, como uma revoada de rolas que volta ao pombal, ao vir da noite, depois de pairar desde alvorada, entre a nuvem e a vaga, vieram recolhendo as lanchas.

Ao sabor da brisa, as altas vélas triangulares deslizam, á flôr das aguas, resplandecendo na luz crepuscular. E lembram, assim, a distancia, grandes chammas verticaes correndo, perseguindo-se no espaço azul.

Em fila, entram por fim no porto, singrando á bolina, as dianteiras.

A agua lisa reflete-as como um vidro translucido, no seu vôo sereno.

Deante das curvas prôas velozes, como deante das charruas cortantes um prado florido de margaridas brancas, fende-se a agua verde em sulcos espumosos. E por traz d'ellas, em tremulos reflexos, as suas imagens alongadas ficam um momento navegando como uma segunda esquadrilha submarina, entre as illusorias miragens da bahia luminosa.

Perto da praia, subito, as vélas arreadas caem ao longo dos mastros.

Esculpturalmente, sobre o fundo de cobalto e ouro, desenham-se as atitudes e os gestos dos pescadores erectos. Fincando os longos remos, n'um simultaneo esforço eurythimico, todos os da companha, inclinando os bustos herculeos, dão o impulso derradeiro. E como cavallos ageis, boleando as garupas nervosas, as lanchas erguem as proas ligeiras sobre a onda rapida, e veem finalmente varar na areia, entre o babujar da espuma refervente.

Logo as esposas, e as filhas e as namoradas dos pescadores, acorrem ás margens, de saias enfaixadas nos quadris airosos.

Entrando na água que lhes lambe as pernas nuas até ao joelho, rodeiam os catraios recemchegados. E n'um alarve tumulto de risos, todas se curvam, em

magotes movediços, para ver a fartura abençoada das sardinhas que palpitam e rebrilham em escamas de prata viva, nas malhas negras das rêdes.

Em breve, por toda a orla do areal se erige, agitada pelas vagas, a floresta balouçante dos mastros, sobre a qual, n'uma branca nuvem movente, as gaivotas esvoaçam piando.

Todas são baptisadas, como christãs. Sobre os cascos pintados de côres garridas as rudes mãos afeitas a manejar os remos, traçaram em grandes lettras que se curvam e se erguem umas contra as outras, como os mastros sobre as ondas, os nomes do Santo de mais devoção ou da moça de mais lindos olhos. Os mais artistas, illustraram-nas de ingenuas figuras, á prôa e á pôpa: peixes fantasticos, corações crivados de setas, paisagens nunca vistas, e as armas reaes de Portugal, entre as bandeiras azues e brancas.

Todas têm lindos nomes, como os d'aquella mystica «Ladainha das Lanchas» que António Nobre, o poeta dos pescadores e das ondas, cantou em tão religiosos versos n'um dos poemas mais portuguezes do Só: — A «*Sinhora da Boa Viage*», a «*Menina Virge*», a «*Trezinha*», a «*Jesus-Maria-Juzé*», a «*Nossu Sinhor de Matuzinhos*», a «*Real Grandeza*», a «*Sêmos pobres*», a «*Estrela du Norte*», a «*Felor do Mar*» — e mais, d'um sabor primitivo, d'uma orthographia rustica que enternece e faz sorrir.

Junto da derradeira — a *Vai com Deus*! — que é a da companha do *Engerido* — uma vareira de seios aflantes, e boca entreaberta n'um sorriso em que os dentes alvos reluzem, ergue nos braços, com a divina graça d'um gesto de mãe, o filhinho nú como um menino Jesus trigueiro, que todo elle ri, luminoso, ao sol, com uma sardinha prateada a luzir na mãozita fechada.

Á prôa, o pae, um rapagão tostado e fulvo, com a camisa entreaberta sobre o peito de athleta, curva-se para o tomar nas mãos enormes.

Por cima d'elles, no explendor da luz d'oiro, revoluteiam as gaivotas, n'uma geada crepitante d'azas...

E deante d'aquelle quadro, o *Engerido* á pôpa, fica-se esquecido, a contemplal-os — com que inexprimivel olhar de amargura, como se dentro da sua alma de poeta inconsciente nascesse e morresse n'esse instante, um inconfessado sonho d'amor, muito humilde, muito triste...

— Eitu, vê s'acordas, boca de arraia! — grita-lhe o arraes.—É assim que tu trabalhas, pasmado das maleitas!

VII

Mal a esquadrilha das lanchas, balouçando na derradeira vaga, atraca á margem, o areal, ainda ha pouco quasi deserto, coalha-se instantaneamente d'uma multidão formilhante e ruidosa.

Dos casebres baixos e caiados, em cujas vidraças o sol arde, ao alto da praia, toda a população desce correndo, pelas estreitas ruellas areadas, onde eternamente paira o fartum acre do peixe e da salmoura.

Agitando as saias curtas, com os cabazes da *salga* e as canastras do peixe, em fórma de berços, á cabeça, todas as vareiras afluem, preparadas para a faina de escorchar, lavar, *revenir* e acamar a sardinha, que em seguida wagons, carros de bois e machos d'arrieiros, carregam aos milhões, para os mercados da cidade.

Em bandos, a canalha inumeravel faz uma gritaria estridula, cabriolando na maré, com os corpos nús que lembram ao sol, maravilhosas miniaturas de bronze fulvo, entre a brancura palpitante das espumas.

É a hora viva, a hora d'apotheose da labuta e do leiloar. Toda a população válida, sonora e activa, moureja, corre, agita-se, berra, alterca sobre o vasto areal louro. Nas casas, apenas ficam os doentes e os velhos, sentados ás portas, fumando as ultimas cachimbadas de veteranos do Oceano, com olhos cançados — tão tristes, de já não enxergarem as ondas!...

Nada mais pittoresco e fulgurante de côr, vida, movimento de que essa immensa mancha a pullular de fórmas e cambiantes em que um pintor ou estatuario encontrariam a cada relance, motivos d'arte incomparaveis.

Em frente do azul ardente da bacia, irradiando em cada aresta de vaga reverbéros de chamma e relampagos de safiras, todo aquelle turbilhão movediço de povoléu, em que gritam as notas escarlates e amarelas das saias de baeta e dos lenços azues, roxos, brancos, verdes: — toda aquella onda humana que sem cessar se renova, agita e desloca em attitudes cada qual mais flagrante, sobre o infinito deslumbramento do mar, toma evocativos aspectos de vida barbara.

E sobre este brazeiro de tintas, sobre esta kermesse de fórmas, os ultimos raios do sol esbatem-se quasi horizontaes, tremulando n'uma poeirada de fogo; — pairam, chammejando, ao rez do areal, n'uma imponderavel nevoa de fumo doirado, onde o movimento das figuras destacam phantasticamente, d'um relêvo imprevisto de tons para embriagar a retina exthatica d'um colorista.

VIII

ENTRETANTO, aos pares, correndo, com as calças arregaçadas sobre os joelhos, vão os pescadores acarretando dos catraios, nos gigos atulhados, as sardinhas colhidas nas *peças* vareiras ou nas *tortas* á poveira.

Em cardumes luzentes, com reflexos limpidos d'escamas azuladas, esvaziam-nas sobre o areal amarello. E em breve por toda a praia, alastram aquelles charcos de prata liquida, rebrilhando, mordidos da luz, entre o negrejar da gente que os circunda.

Pago o *dizimo* ao guarda do fisco que vae de grupo em grupo com seu ar importante, cofiando o bigode, começa o leilão entre a gritaria do tropel vociferante que no dia seguinte, logo ao romper d'alva, correrá... as

ruas distantes da cidade, lançando aos ares, com a mão em porta-voz sobre as boccas escancaradas, os pregões estridulos:

— Viva da costa! quem n'a quer a saltar vivinha!...

Sobre o alarido confuso da multidão, sobem no ar os clamores dos arraes, herculeos e roucos, com os cadernos das contas branquejando nas mãos pelludas:

— Quem merca a lóta?

— Está em dez mil réis!

— Quem merca, gente, quem merca a lóta barata!

E os lanços vão subindo.

— Está em quinze! Dá quinze e meio!...

— Quem dá mais?

— Dá vinte!

—Dá trinta e é de graça!...

— Ai que rica! ai que rica lota!

Para atrair os compradores, as mulheres lisongeiras e avidas como ciganas, teem diminuitivos de carinho, palavras de mel!

— Vá! que é tão vivinha, amôres!

Compraide-me, compraide-me a mim, que sou tão fresquinha, meus soes!

Mas logo mudam de attitude, ante uma offerta mais diminuta. Descompostas em ataques de furia, ao menor pretexto, arregaçam as mangas, redopiam os saiotes, batem palmadas nas faces e nos trazeiros.

A cada instante, rebentam disputas. Com as cabeças estorcidas em esgares de megeras, puxam os cabellos despenteados, como se fossem arrancal-os, em crises epilepticas. Impulsivas, com as mãos nas cintas, os bustos curvados para os adversários, silvam pragas extraordinarias, d'um imprevisto de expressão inimitavel, acompanhadas do cortejo de juras tradicionaes d'essa raça nomada de zingaros do mar, entremeadas de signaes da cruz, de gestos obscenos, e de invocações á Virgem e a todos os santos.

Aproveitando-se do tumulto, entretanto, pequenos

larapios de dez annos, escoam-se por entre os grupos, como gatos, e com uma perna estendida, vão rapinando as sardinhas, fisgadas entre os dedos dos pés, como tenazes vivas.

— Quem n'a quer tão linda! quem n'a quer tão linda! — gritam, ao mesmo tempo, as *arraias* das outras lotas de sardinha, que os pescadores, sem descançar, vão descarregando dos catraios.

— Eh! malinados!

— Ah! raio, que te esgano a alma!

Cada vez mais, a algazarra da multidão cresce, sobre o mar sonoro. E d'aquelle tumulto vem uma vertigem de vida animal, de saude exhuberante, de força impulsiva e brutal. Soam palmas, pregões, gritos d'uma grosseria barbara e plebeia. Sobre o areal irradiante, sobre a agua fulgente, a luz vibra, como uma fumarada fulva. O cheiro acre do peixe, do mexoalho, dos caranguejos, dos montões de escamas pôdres, suffoca, no ar môrno, onde a brisa só a espaços exhala as fresquidões salubres, os halitos salitrosos e iodados da aura marinha. Bandeirolas escarlates tremulam como labaredas, sobre o formilhar da turbamulta.

É uma mescla torvelinhante da gente do mar e da terra, vinda da costa ou do interior: — arrieiros do norte, com os machos vergando sob as cargas de canastras, agitando, sob as môscas, as colleiras de fios de coiro e de trança vermelha, em que tilintam os guizos; — moços de lavoura, de camisas de estopa suja e calças de cotim remendado, em tamancos, o chapeu braguez ensebado sobre as cabeças glabras e trigueiras; — raparigas das aldeias, de lenços garridos cruzados nos peitos enormes, encostados á canga arabe dos bois, fitando os olhos de herviboras n'aquelles rapagões athleticos da beira-mar, que passam orgulhosos e fulvos, sem fazer caso d'ellas, com o desdem da sua raça aquatica pela do interior dos campos; — vendeiras adolescentes, com cestos acogulados de pecegos roseos, de melões louros e de figos morenos, mostrando a pôlpa

côr de carne sumarenta; — regateiras da cidade, de pelles encarquilhadas, d'uma fealdade de miseria e doença que resalta ainda mais entre aquelles bellos animaes fortes a quem o ar do largo dilatou os pulmões e a que o sol tostou como bronzes; — mendigos curvados, em farrapos, estendendo a mão secca á esmola de sardinhas; — e pelo meio, cães magros, ganindo, corridos a pontapés, e voltando sempre, de focinho farejante.

Um manco, com o taboleiro pendente sobre o peito, apregôa:

— Linhas, atacadores, dedaes!

Outro, zarolho, cantarola:

— Olha a história do «Frade a mai'la Freira» e da «Princeza Magalona» ou o «Almanak do Borda d'Agua» a dez reis!...

Um cego, guiado por um pequenito de olhos de febre, soluça á guitarra o *Fado do Emigrante*. E as raparigas param um momento, a escutar aquella musica triste e aquellas trovas roucas da poesia de Portugal, em que se fala de Amor, de Miseria e da Saudade.

De joelhos na areia, uma garotita de seis annos embala ao mesmo tempo, a sua boneca, feita de farrapos, e o irmãosito que chora, de pernitas gordas ao ar, deitado n'uma canastra, como um Moysés recemnado.

— Quem quer escorchar, quem quer escorchar? — gritam as *arraias*, escancarando as guellas até às orelhas, donde pendulam as grossas argolas d'ouro macisso.

Acocoradas no areal, em torno dos montões vendidos, as vareiras velhas, como bruxas, escorcham com navalhas ferrugentas as cabeças chatas e luzentes da sardinha, e arremeçam para o lado, em monte, as tripas arroxeadas, sobre as quaes esvoaçam enxames zumbentes de moscas verdes.

— Lavadeiras! Eh raparigas! quem quer lavar? ... quem quer lavar? ...

E as mais novas mergulhando na agua os artelhos

finos, curvam-se para agitar na vaga os *repicheis* cheios. Depois n'uma fila alegre, voltam correndo, a rir e a cantar, fortes e esbeltas, com os dentes brancos como greiros de sal a luzir nos rostos tostados. Aos seus pés, as ondas rasteiras correm atraz d'ellas, rindo tambem, em risadas borbulhantes d'espuma.

Na luz morrente, as suas figuras harmoniosas destacam em relevo, soltos os cabellos que os derradeiros reflexos parece volatizarem, n'um vapor d'oiro fluido.

De cima das lanchas, seguem-nas, com olhares de desejo, os namorados, despejando sem fim, como uma onda de abundância, as sardinhas dos pobres.

IX

ENTRE o rancho das que n'essa tarde enchiam o areal, nenhuma mais maneirinha e airosa do que a *Sereia*.

Lavando as sardinhas no *repichel*, a cada movimento dos braços nús, os seios virgens erguiam-se e baixavam-se como duas ondas de carne sobre as ondas d'agua. Os cabellos soltos nimbavam-lhe a cabeça hellenica d'uma fluctuação d'oiro que a luz idealizava. A certos momentos, quando se ria ou cantava, resplandeciam até ao fundo as pupillas como duas gottas d'agua marinha, que filtrassem dois raios de sol. Nos seus labios carnosos humidos e frescos como cerejas, os dentes eguaes luziam, d'uma alvura tão brilhante que pareciam illuminar-lhe o rosto. A saia arregaçada, que as ondas molhavam modelava-lhe como n'um marmore, as fórmas perfeitas.

De toda a sua belleza harmoniosa e luminosa de Venus rustica, emanava a fascinação que outr'ora attraiu e captivou, na terra extrangeira, as almas nomadas e aventureiras dos navegantes barbaros, do Norte, quando pela primeira vez extasiaram os olhos glaucos

na graça ardente das virgens morenas do Sul, depois de errarem entre os nevoeiros, nos longos mares desertos.

Toda a noite da vespera, todo esse infinito dia de verão, emquanto os outros da companha deitavam as rêdes, o *Engerido* pensara n'ella, preso no desvairamento de esse amor exclusivo, absorvente, que só as almas que vivem na solidão são capazes de sentir, n'um alheamento quasi mystico e fóra da vida.

Já não podia mais suffocar no peito aquella chymera de timido, que trazia no peito, como um thesouro escondido. O seu coração de vagabundo, tanto tempo adormecido acordava — como uma ave presa, a agitar as azas anciosas.

Assim que a viu n'essa tarde, quando a *Vai com Deus* arribou á praia, foi como se de repente lhe ardesse nas veias um sangue novo. E aquelle pobre diabo meio doido e sempre silencioso, que nascera com uma alma de poeta, contemplativa e candida, sentiu que não podia viver mais sem desabafar toda a amargura divina d'esse sonho inviolavel que o allucinava.

Já as outras varinas iam correndo em fileira, pelo areal. Gradualmente, os seus vultos esfumavam-se na sombra que ia subindo da terra como uma nuvem de fumo.

Na margem, a *Sereia* ficara sosinha, fitando um navio que n'esse instante passava, todo empavezado de vélas, na barra fulva do horisonte. Do meio disco de fogo do sol, espargia-se sobre a agua um leque de raios de chamma que crivavam as vagas dormentes. Brandamente, o mar ia escurecendo em tons d'um roxo cada vez mais denso.

O *Engerido* abeirou-se d'ella, enleiado, com o coração a bater, os labios tremulos:

— Clara Linda!...

Ella voltou vivamente a cabeça, n'um movimento de surpreza. E ao vel-o no traje esfarrapado de briche, todo encolhido deante d'ella, com as mãos enor-

mes estendidas n'um gesto de mendigo, passou-lhe nos olhos enygmaticos, de côrça e de deusa, um relampago de crueldade e de desprezo.

Grasnando, as gaivotas revoluteavam, desciam em vôos rapidos á tona d'agua; depois emergiam sacudindo as azas gottejantes, com uma sardinha reluzindo nos bicos longos. Os seus grasnidos, do som aspero das roldanas enferrujadas, rasgavam a paz da hora religiosa.

Immovel, fitou-o um momento, com a cabeça inclinada sobre a espadua, uma das mãos no quadril. As ondas, uma apoz outra, vinham lamber-lhe os pés como feras amorosas.

— Que é que tu queres de mim, creatura?

Esteve assim um pouco de tempo, a olhal-o, com esse olhar cruel das mulheres que teem a consciencia da sua realeza physica. Depois, encolhendo os hombros, n'um trejeito d'asco, deu dois passos para se affastar.

— Em nome de Christo, escuta-me!...

E sem vêr mais nada, como se todo o mundo se concentrasse n'aquelle rosto, como se todo o explendor do sol poente reardesse n'aquelles olhos que o cegavam, elle sentia que o seu destino se ia decidir n'essa hora. Tremiam-lhe as pernas, como n'uma vertigem. Com uma voz que lhe irrompia da alma, aos arrancos, como a agua d'uma nascente occulta, continuou:

— Porque foges de mim? Que mal te fiz, para me deitares assim ao desprezo, quando morro por te vêr?... Se soubesses como te quero mais que á vida e ao sol que me alumia! Se soubesses quantas coisas que trago no sentido para te dizer!...

As gaivotas piavam. As ondas riam...

Ella parara, de novo a olhal-o com os seus magicos olhos verdes.

— Quando estou só, ás noites, por esse mar largo, a pensar em ti, havias de ter pena de mim se me escutasses... Mas á tua beira, não sei que é... O coração perde a fala... Por ti, dava todo o sangue das veias,

e nem que me arrancassem os olhos em vida, havia de ver-te sempre, luz dos meus olhos! aqui, dentro do peito!...

Que doidas palavras lhe disse ainda? ...

Poeta algum do mundo poderia exprimil-as, tão humanas, como n'essa linguagem inimitavel dos simples quando amam: palavras que correm, ardendo, do coração do povo, como o sangue, como as lagrimas; divinas imagens supremas, arrancadas das profundidades da alma primitiva; lyrismo expontaneo e rustico como devia ser o do primeiro homem que o primeiro raio de luz do amôr espiritualisou, no mysterio do mundo recem-creado!

Falava alto, como se delirasse — sem se lembrar que havia outra gente, passando junto d'elles, outros ouvidos que o escutavam. Poderia desencadear-se o mar e invadir a terra, que não arredaria um passo, alheado de tudo, como se estivesse só com ella, fóra da realidade, fóra da vida.

As vareiras que andavam lavando o peixe paravam; os pescadores que desciam das lanchas, com os remos e as rêdes aos hombros, agrupavam-se, n'um magote que ia crescendo, approximando-se cada vez mais, para ouvir o que elle dizia.

Mas na allucinação, na febre do seu sonho, o pobre tonto não via os gestos de troça que o apontavam, não ouvia as chufas que o apupavam.

Só a ella via, luminosa, deante d'elle. Com os olhos na face magra, a arder n'uma cegueira extatica, n'uma exaltação dolorosa que lhe fazia arquear o corpo e a alma, sentia o desejo instinctivo de se ajoelhar, de erguer as mãos como deante d'uma Deusa...

— Tem pena de mim, *Sereia*.

Tocou-a na mão a tremer. Ella repelliu-o bruscamente; e com uma gargalhada que cobriu o rumor do mundo, ouviu-a dizer:

— Vocês não querem vêr o espantalho, que tresloucou?

Foi como se acordasse, atordoado, com a boca aberta, os braços caidos, paralysado de angustia e de vergonha.

— Olhae, gente, olhae o *Engerido* que quer casar com a *Sereia*!

— Quanto juntaste de dote, ó zueira?

— Chamem-lhe doido!... Vêde se não escolheu logo a mais rica da praia!...

— Não te basta a *Gaivota*, perdido!

—Vae pedil-a ao pae, que elle dá-te o dote com um arrôxo, mandrulho!

E n'um alarido de troça selvagem, a turba apupava-o.

— Oh zueira!

— Oh zorro larouco!

— Oh ricócó! oh ricócó!

Com o bandulho balofo sacudindo o vinho como um odre, o Malhão desatou a dançar, cambaleando deante d'elle:

> Ora vae tu!
> Ora vae tu!
> Ora vae, vae
> Que eu não posso,
> Ai! ai!...

Espantado, encolhido, de cabeça baixa, olhando sem vêr, com a expressão inquieta e doida d'um cão cercado, parecia ter perdido a voz e o movimento. A cara ardia--lhe como se a escaldasse todo o lume da terra. Atravez d'uma nevoa fulgurante de vertigem, aquelle côro de gargalhadas e apupos, a que se juntavam todos os echos da praia — pregões, disputas, berros, gritos agudos, grasnidos asperos de gaivotas — enchiam-lhe a cabeça do zunido surdo e verberante d'uma concha immensa que lhe buzinasse junto do ouvido. Veio-lhe um impeto de furia, de romper por entre o grupo. Um puxou-lhe pela camisa. A fralda saiu-lhe por um rasgão das calças. Quiz correr sobre elle. Outros saltaram-

-lhe em roda. Empurraram-no. E no meio do bando torvelinhante, avistou a *Sereia*, que o apontava, batendo as palmas, n'uma alegria cruel.

Estendeu para ella as mãos a gaguejar, como uma creança, com as lagrimas a envidraçar-lhe os olhos desvairados:

— Em nome do Christo, cala-te, que me partes o coração!

N'isto sentiu um choque molle, viscoso e fetido que lhe escorreu sobre o rosto, lhe escureceu a vista.

Fôra o *Maio*, o namorado preferido de Clara, que por traz lhe enfiara na cabeça a ceira cheia de tripas e de cabeças escorchadas de sardinhas, que uma rapariga trazia.

Suffocado, aturdido, soltou um grito como se em vez do sacco de palha o cobrissem com um capacete de ferro em braza. Sem poder falar, abafado por aquelle escafandro grotesco, arquejando, tentava arrancal-o, debatendo-se, sob os punhos da chusma que se atropelava para lh'o segurar, sobre o rosto. Mas subito, o *Maio* soltou uma praga, com a mão no ar, a escorrer sangue:

— Cão, que me mordeste!

E n'um arremeço de colera, deu-lhe um encontrão tão violento que o fez cair de costas, agitando as pernas no ar, com a ceira na cabeça.

Então, foi um delírio. N'uma sarabanda, n'uma algazarra, a garotada precipitou-se sobre elle, a espolinhar na areia. As vareiras batiam as palmas. Curvados sob os molhos das rêdes e as canastras atulhadas, os pescadores semi-nus, tostados, gargalhavam, com risos enormes, que lhes sacudiam os troncos herculeos. E com as mãos nos seios, a *Sereia* ria como uma doida:

— Ai raparigas, que eu não posso mais!...

Aos empurrões, a canalha pulava, rebolando por cima d'elle. Puxavam-lhe pelos pés descalços, cobriam-no de areia.

A alegria furiosa, a alegria selvagem do povo, tão animalmente impulsiva e prompta para a crueldade como

para a piedade, agitava n'um turbilhão de hilaridade a turba apinhada, transpirando de calor, embriagada de força e de agitação.

Na sombra dubia do crepusculo que acarvoava as fórmas, aquella mancha tumultuaria de caraças alvares, de visagens bestiaes, d'olhos luzentes e boccarras escancaradas até ás guelas, fazia uma agua-forte caricatural, monstruosa e goyesca.

Attraidos por esse riso enorme que abalava a praia, os que leiloavam e labutavam, ao pé das lanchas ou das lotas, accorriam. E vendo o pobre diabo, de costas no chão, como um caranguejo, a debater-se sob o enxame da canalha, o côro de gargalhadas engrossava.

X

N'um arranco, que lhe inchou as veias no pescoço, entre a camisa rasgada, o *Engerido* conseguiu voltar-se. E, sacudindo a criançada que o manietava, viram-no enfim, n'um supremo esforço de athleta, pôr-se em pé, arremeçando a ceira que foi bater na cara do *Maio*, á frente do grupo que de subito abriu roda quando elle surgiu. Sansão ruivo, disforme, com a horrível cara transfigurada, mascarrada de escamas, de tripas, d'areia de sangue e de lagrimas...

De punhos cerrados, avançou com os olhos alienados ardendo d'um fulgor tão fixo, que o *Maio* recuou, encolhido...

Mas quando todos esperavam qualquer coisa de terrivel, uma lucta furiosa, um crime talvez, viram-no subitamente cambalear, como fulminado, e levar as mãos crispadas ao pescoço... E, revirando as pupilas esgazeadas, com a expressão visivel e horrivel dos cegos a quem o chão falta debaixo dos pés, n'um longo urro surdo, rouco, como o mugido do touro ao cair de joe-

lhos, vomitando o sangue negro, na arena, rodou sobre as pernas, caiu de chofre, a escabujar n'um ataque epileptico.

A turba oscilou. As cabeças atonitas curvaram-se. E ainda sem a noção precisa do que se passava, emquanto uns recuavam, outros, por traz, precipitavam-se para vêr.

Mas, um movimento entreabriu o grupo. E appareceu uma rapariga de cabellos soltos sob o lenço azul, com a saia ensacada e as mãos sujas do peixe escorchado.

Era a *Gaivota*, a escorraçada a quem todos atiravam chascos desde que um homem a perdera e caira na desgraça; a *arrolada* que o vento da má sorte levara e de novo trouxera, uma noite, à praia, como as suas irmãs do ar...

Empurrando os que se apinhavam deante d'ella, ajoelhou-se na areia, ao pé do *Engerido*. Com ternura animal e divina, abriu-lhe a camisa sobre o peito arquejante. E como uma mãe precoce, que mal sabe ainda o gesto que afaga e que protege amparou-lhe no regaço a cabeça tragica que as convulsões estorciam.

— Olha a *Gaivota* a mail-o noivo!

Houve um riso. Outras chufas soaram:

— Oh Clara Linda! tu não tens zelos?

Uma colera de indignação e revolta levantou a cabeça da humilhada. Exclamou, fitando-os:

— Excommungados sejaes, corações de pedra! Vêde como o puzesteis, que póde aqui findar, o pobre de Christo.

Debruçaram-se, estupidos de assombro. E com a mesma inconsciência com que até esse instante o tinham escarnecido e brutalisado, todos se puzeram a lastimal-o, de subito intumecidos pela reacção da piedade, expontanea e impulsiva como o odio, no coração do povo — que como o dos animaes inferiores, é mais proximo da Natureza.

— Tem razão, coitadinho do homem!

— É o mal que lhe tira a razão e que o faz torcer assim!

— É o primeiro ataque que lhe dá?

— Até pode abafar, com o sangue na garganta!

— Abri-de-lhe melhor a camisa, que suffoca!

— Toma tento, rapariga, não lhe chegues a mão, que póde morder.

Agarrem-lhe nos braços. Segurem-lhe bem as mãos, que se póde esganar.

— Quem tem uma chave, que lhe faz passar o mal?

Uma vareira tirou da algibeira de chita bordada, uma chave, limpou-a ao saiote vermelho, pouzou-lh'a sobre o peito.

Arqueado na areia, com as pupilas injectadas, a bôca espumante, o *Engerido* debatia-se sob as mãos que o seguravam.

— Parece um congro no anzol! — disse o *Malhão*.

Ninguem lhe achou graça. Os mesmos que ha pouco teriam rido, egualmente fitaram-no com censura:

— Cal-t'ahi, barriga de sapo!

— Vae cozer a borracheira para outro sítio, pote de vinho!...

A cada arranco, uma bola parecia inflar o pescoço do *Engerido*, descia, subia, como se o suffocasse. O suor escorria-lhe do cabello ruivo sobre a testa suja. O sangue que irrompia do beiço mordido, misturava-se-lhe á baba.

— E se morre?

— Não póde ficar aqui, n'este estado!

— É leval-o p'ra casa!

— Onde é?

— Lá ao fim da praia!

Quatro pescadores, dos mais rijos, pegaram n'elle, ergueram-no; dois pelos hombros, os outros pelas pernas:

— Iça!...

— Peza como um gigante!

Em padiola, levaram-no, caminho da barraca desmantelada, onde dormia. Na noite que caira, accendiam-

-se archotes. Á frente do grupo, um, erguido no ar, ardia, esfumaçando.

O clarão agitado na marcha, fazia ondear as sombras, sobre a praia. E illuminada pelo reflexo avermelhado, a *Gaivota,* desgrenhada e rôta, lembrava uma figura de lenda e de tragedia — uma das trez que no Calvario, seguiam, chorando, o Cruxificado...

XI

A voz forte de um arraes, eccoou sobre os commentarios da turba.

— Então, gente, toca a trabalhar!

No meio das outras, Clara Linda correu, sacudindo as saias sobre as pernas torneadas.

O movimento e a lucta, um instante interrompidos, recomeçaram: — Risos, gritos, pregões, disputas — todo o alarido confuso da vida que cria, destroe e passa sem se importar com as alegrias ou as dôres que vae deixando no seu rastro.

E d'ahi a pouco, uma voz de crystal e oiro, como a agua das fontes, limpida e virgem, — a mesma voz sensual e feiticeira, que nos arraiaes e nas sirandas fazia tremer os homens até á alma; — a voz de Clara Linda subia, cantando:

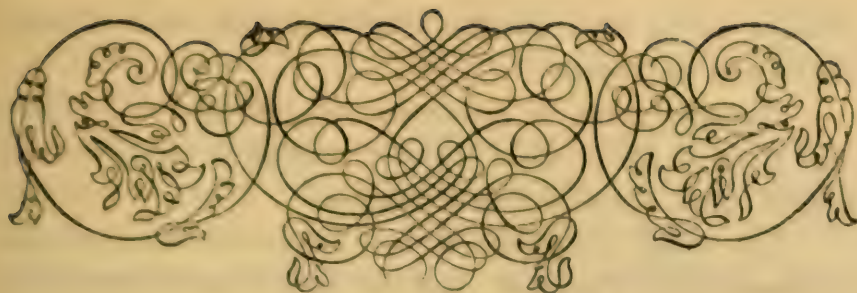
> Oh! meu amôr, nada, nada!
> Oh! meu amôr, nada, não!
> Eu nada tenho em meu peito,
> De que não tenhas quinhão!...

No claro-escuro tintureteano da praia, esburacado de clarões de archotes que davam ás figuras tons espectraes se reflectiam, tremendo na agua, em phosphorecencias côr de sangue, as gaivotas esvoaçavam, piando sobre as ondas — que pareciam fazer côro á voz da Eterna Sereia.

E na vastidão da noite e do mar, aquelle canto tinha não sei que de ironico, de bestial e de futil...

HENRIQUE DE VASCONCELLOS

O Amor e a Morte

1903

O Amor e a Morte

Ao Sr. António Cândido

Yet each man kills the thing he loves,
By each let this be heard,
Some do it with a bitte look,
Some with a flattering word,
The coward does it with a kiss,
The brave man with a sword!

Oscar Wilde

Terça-feira gorda. As ruas enchiam-se de movimento e ruido; os carros cheios de mascarados passavam, correndo, á luz dos reverberos, que repentinamente fazia ver caraças grotescas, mascarilhas de seda, dominós berrantes, azues, escarlates, verdes, como montes de *confetti*, que ali tivessem caido.

Para os theatros dirigiam-se bandos de mascaras, rumorejando conversas em falsete.

O dia fôra de luctas terriveis com saccos de papelinhos, leves ramos arremessados com força aos primeiros andares, sobre a noitada da vespera, n'um baile.

Iamos cançados; o jantar demorado, que acabara n'um nevoeiro dos *Brahama* adocicados e adormecedores,

tornara ainda mais pesada a somnolencia, mais doridos sentiamos os braços.

Acompanhava a condessa de Landim a S. Carlos, para o baile. Ella viera commigo a pé, Avenida abaixo, pela noite serena e branca.

Em volta do obelisco, as bandeiras dormiam na ornamentação d'arrayal. Sob as copas das arvores, na obscuridade de crime e de amor, passavam mascarados. E os electricos, rapidos, claros, fugiam n'um resplendor, raspando nos rails faiscas azues, que se perdiam...

— Se um dia a amasse, condessa...

— O seu amor havia de ser como uma flôr sem perfume... como uma flôr de papel...

— Porquê?

— Porque havia de arranjar um amor, recortal-o, pintal-o; um amor *vieux Saxe*, com uns olhos maliciosos e um peito de porcelana...

— Está a fazer litteratura! Amal-a-ia com um amor complicado e moderno, cheio de ascensões...

— E de quedas... Obrigada...

— Traria o peito em festa, como uma casa grega em dia de hymeneu...

— E dentro do seu peito as flôres murchariam, melar-se-iam...

— Eis a vantagem das flôres de papel — não murcham nunca...

A condessa de Landim, Fausta para os intimos, tinha *la beauté du diable*. Esbelta, bem feita, d'uma correcção absoluta de linhas no seu corpo firme e fino, tinha uns olhos claros, estranhos. Nunca vira olhos assim, largos, ambiguos, ora frios como um esmalte, ora sensuaes como um cravo vermelho... E promettendo tudo no *flirt*, o mais *compromettido* dos seus admiradores nunca tivera mais do que nós todos, seus amigos — licença para lhe beijar a mão, que ella trazia sempre descalça, mãos pallidas, maceradas em perfumes, de dedos em fuso como os das santas gothicas dos quadros inglezes.

Parecia um Van Dyck vestido por Paquin, na

aristocratica finura das suas linhas, no nariz afilado, um pouco mais de luxuria, talvez, na linha graciosa das ancas estereis.

Todo o desejo complicado e vicioso procurava-a, rodeava o esplendor completo da sua carne com apparencia de moça, apezar dos quarenta annos illudidos pelo regimen, pela disciplina, pelas massagens sabias que apagavam as rugas, as mascaras de carne crua toda a noite sobre o rosto, os cosmeticos que avivam os vermelhos, abrem mais os olhos, os pós subtis e penetrantes, que põem na epiderme as tonalidades admiraveis e uma macieza de seda.

E inutil essa belleza, para ella, não chamando admiradores e sechisbeus, antes despedindo-os com impertinencias, não tendo um amante, rejeitando os que se approximavam demasiadamente, para todos nós o mesmo sorriso, a mesma impassibilidade, apenas para mim um pouco mais de franqueza por saber-me sem aspirações.

Seu marido? Alcoolico, fôra elle que respondera a um esturrado *semi-teetoller* que o queria converter e lhe perguntava se bebia entre as refeições: — Não senhor, como entre as bebidas.

A liberdade da condessa era completa no palacio. Os seus jantares eram de gente escolhida por ella, sem que o marido pudesse modificar a lista. Incapaz d'um amor, as linguas mais mentirosas não tinham podido marcar-lhe um amante. Vagamente, a baroneza d'Angra com gestos devotos lembrára o trintanario. Mas caíra de per si, sem uma opposição, a calumnia, não pela enormidade, que julgavam a condessa capaz de tudo, mas realmente porque não havia nenhum indicio, e, nem a belleza, nem a corpolencia do servo, podiam auctorisar taes supposições.

Era uma creatura enygmatica e duplamente perturbante, pelo mysterio da sua vida, pelo mysterio maior da sua psychologia, que em vão se procuraria descobrir, nas suas palavras cautelosas, nos seus olhos que variavam.

Amava as emoções fortes, os quadros de Ribéra, as historias extraordinarias de Poë e certos contos de Lorrain, que agitam sinistramente um labaro negro de terror.

Continuavamos a conversar futilmente pela Avenida abaixo. Na relva d'um talhão, na penumbra mysteriosa e propicia, dois vultos agitavam-se, altercando. Eram Petrucio e Colombina, que representavam um drama. Curiosos, parámos. Vestidos de branco, ambos altos e elegantes, tinham as mascaras pretas puxadas para a testa.

— Vi-te! com estes! gritava Petruccio, agarrando-a pelos hombros.

— Não me podias ver! Se não foi nada! Larga-me! Magoas-me!

— Falla mais baixo! As palavras saiam-lhe cheias de colera por entre os dentes. Vi-te. Deste-lhe um beijo no pescoço, e mordeste-lh'o, que eu espreitava, de longe! Diz, que lhe não deste!... Deixa vêr os olhos!

Agarrou-a pela cabeça, fixou-a muito:

— Ah! os teus olhos! Como te lembras? Como te lembras d'esse beijo. E a tua bocca? ! Vejo-o! Vejo esse beijo que lhe deste! E a tua alma e o teu amor! Tudo! Tudo!...

Tinha o espirito tumultuario. As palavras saiam-lhe da bocca atropellando-se.

— Falla! Falla! A peste d'esse beijo poz-te uma mordaça na bocca. Que esse beijo seja como uma gangrena em ti e n'elle, a florir, uma gangrena mortal, como uma rosa que rebente na tua bocca e no seu pescoço e se alastre como uma trepadeira, vos avassalle como uma chaga! Ah! bocca que eu mordo a morder os outros!

— Não Não! Cala-te! Não rogues pragas!

— Confessas!

— Confesso! Mas não digas mais nada! Não rogues pragas! Gosto tanto d'elle!

— Gostas?

— Os dedos crisparam-se-lhe na garganta de Colombina.

— Gostas?

Colombina teve um bater affirmativo e lento de pestanas sobre os olhos torvos de terror. Quiz gritar.

— Gostas? Dize! Dize!

E empurrou-a.

— Gosto! respondeu energicamente.

— Só d'elle? E eu? Dize! E eu, que tinha feito da minha vida uma sombra para a tua? E eu, que te trago commigo como uma reliquia santa? E eu, a quem tens tido, humilde e amoroso como um cão?

Ella continuava silenciosa, os dentes cerrados, ouvindo na sua voz entrecortada, exaltada, a ameaça d'uma violência.

— Queres ir para elle? Queres ir para elle?

— Quero!

Petruccio quiz dizer certamente alguma injuria. Mas da garganta saiu um rouquejar confuso, como um ralo de agonia. Levou a mão á cinta; brilhou na penumbra uma lamina e caiu sobre Colombina n'um gesto rapido, sem me dar tempo a intervir.

Houve um grito e ella caiu. Na brancura do seu traje de mascara nasceu um ramo de rosas vermelhas, sobre o seio esquerdo.

Petrucio teve um gesto para se abaixar... Mas, limpando a lamina á mascara que deitou fóra, cuspiu para o lado e seguiu cantarolando.

— Se eu chamasse um polícia? propuz.

— Não. Sigamos este homem, disse-me em tom imperativo a condessa.

TODA a noite foi uma caminhada atrás de Petruccio pela Avenida e pelas ruas sujas de *confetti*, com a condessa de Landim pelo braço.

Elle seguiu, Avenida acima, trauteando uma canção. De quando em quando parava, apertava a cabeça e dizia em voz alta uma palavra, um final de phrase. E nós tinhamos de parar tambem, furtivamente nos esconder n'algum recanto de sombra; ás vezes sentava-se n'um

banco; n'um gesto desesperado e fincando nas pernas os cotovellos, a cara nas mãos, desoladamente olhava para um ponto vago, direito diante de si.

Depois punha-se novamente a caminhar, sem fito, rodeando muitas vezes o mesmo talhão da Avenida, que mais deserta se tornára, sem americanos, sem lampadas electricas, escura, cheia de pavores nas sombras densas das suas arvores copadas. Um bico Auer aqui e ali mostrava a renda fina d'uma acacia a florir, o rebento roxo das olaias.

— Seguir um criminoso logo depois do assassinio é um trabalho de Hercules. Errará com medo da sua casa, com medo de si proprio. Na rua larga e com gente espera facilmente fugir da allucinação; no quarto, porém, entre as paredes hostis, sentir-se-ha suffocado, sem ar; a Morta, que elle amava, irá estreital-o entre os braços sem volupia, frios, vingadores.

— Não importa! Quero conhecel-o!

Continuámos na espionagem. Ora de longe, ora de perto, atravessando a relva dos ajardinados, nas sombras, fomos atrás d'elle pela Avenida silenciosa, adormecida, até que, no cimo obliquou para uma das ruas transversaes.

Seguimol-o. A' porta d'uma taberna Petruccio hesitou, parou... Depois n'uma resolução subita entrou.

O seu cerebro devia trabalhar ás *saccades*, adormecendo em seguida ao esforço d'uma resolução.

Na luz que de dentro vinha dos bicos incandescentes, esverdeada e crua, apesar da fumarada espessa das frituras e dos cachimbos, vi-lhe a cara enfarinhada, onde os olhos pretos eram como duas covas largas e profundas.

— Conheço-o.

— Quem é?

— Um italiano. Um pintor estranho, Pietro Vumani... Como não vi logo que a elegancia d'aquelle corpo só poderia ser delle, o corpo magro e esbelto d'athleta!

— Vumani... Pintor... repetiu a condessa, como um echo distante. E depois, bruscamente: — Conhece-o?

— Conheço-o. Frequentei o seu *studio*. E' um bom pintor com a sciencia exacta do desenho e do colorido, mas *hanté* pelas coisas tragicas, as podridões brilhantes, as agonias que os prolongam, os espasmos infindaveis... A Colombina devia ser a amante, uma rapariga futil, incapaz d'um amor, alma lisa em que sentimento algum se grava, todos passam e fogem, desapparecem como as ondas a correr no mar alto. Vencendo a sua repugnancia lisboeta, Vumani conseguiu-a como modelo e d'esse corpo doirado fez Messalina, uma Messalina estylizada pelo seu cerebro prodigo em aleijões moraes, ideou uma imperatriz que envenenava ella propria os amantes e comprazia-se em ver nos rostos extenuados da noite de orgia, os rictus que a Dôr vinca, nos olhos a embaciarem-se na agonia, um desejo insatisfeito em que punham toda a Alma! E em Colombina elle ficou a amar a Messalina, amou no modelo a figura estranha do seu quadro, e n'aquelles olhos azues claros e inconsequentes, cuidou ver accender-se e brilhar o mesmo fulgor lascivo e assassino que puzera entre os cilios negros da Augusta. Ella não merecia morrer assim, d'ma forma tragica, com um de profundis de amor intenso. A sua morte foi illogica. Cassilda — agora me recordo o seu nome — devia morrer como uma flôr que se mela, murcha e desfolha-se no lixo... Vumani não tem o sentimento da logica. Só conhece a harmonia das côres. Devia tel-a envenenado com uma peçonha de effeitos lentos, que aos poucos fossem apparecendo, florescencias de chagas vermelhas, como azaleas, tons acobreados de gangrenas, algum veneno subtil e complicado, um veneno de artista ou de mulher, que lhe deixasse saborear a vingança e lhe desse assumptos para quadros, como uma estufa de orchideas. Tenho em casa um esboceto de Vumani...

— E nunca m'o mostrou, Miguel!... censurou a condessa.

— Não quiz nunca ir á minha *garçonnière* ver a collecção...

— Ah! não brinque! Não seja de mau gosto!

— Obrigado.

Emquanto fallei de Vumani e de Cassilda, os olhos claros de Fausta, que nunca se demoravam sobre coisa alguma, abriam-se sobre mim n'uma curiosidade intensa. E a *debinage* da amante do pintor parecia enchel-a de prazer.

Da taberna sairam matulões ebrios, que cantavam um fado obsceno n'uma voz rouca. Um d'elles admirado da belleza estranha da condessa, da sua «toilette» elegante n'aquella rua, áquela hora, disse uma insolencia. Fausta acolheu-se ao meu braço, que deixára para ouvir-me.

— Não seria melhor partir? insinuei. Já sabemos quem é e onde mora...

Vumani saiu tambem da taberna. Vinha a cambalear. Talvez não tivesse bebido senão um copo de aguardente. Na prostracção nervosa em que se achava, prostracção que sucede a todo o acto violento anormal, uma gotta de alcool devia ser o sufficiente para embriagar.

Não sabia para onde ir. Para a direita, para a esquerda se encaminhou, mas regressava á porta da taberna, até que pareceu tomar uma resolução e novamente se dirigiu para a Avenida.

O andar de ebrio contrariava-lhe a pressa. As pernas cruzavam-se, fazendo-o baloiçar; encostava-se então ás paredes e levava as palmas das mãos ás fontes, como a querer esmagar a dôr, impedir o latejar violento das veias.

A cada instante tinhamos de parar, receiando ser vistos. A condessa, nervosa, apoiava-se fortemente no meu braço e, quanto mais o pintor se approximava do sitio onde horas antes assassinára a amante, mais inquieta se tornava e mais eu sentia as suas unhas através da fazenda fina da casaca.

— E essa Cassilda era bonita? inquiriu depois d'um longo silencio, como quem havia muito trazia represa a pergunta.

— Bonita? Talvez, meu Deus... As feições correctas, o cabello fino e claro, quasi loiro, e a bôcca pequena, a que o cosmetico dava a frescura e a apparencia d'um diospiro maduro... Mas sem expressão...

— Bem feita?

— Meu Deus... Nunca examinei bem... Por fóra, sim... E no decote via-se uma pelle doirada...

A minha resposta não pareceu agradar-lhe. Taciturna, continuava a andar com as mesmas cautelas para não ser presentida. Mas Vumani não dava por nós, entregue á sua angustia dobrada pela marcha, cuja difficuldade a suggestão augmentava, certamente. Parecia que as proprias pernas eram obstaculos que encontrava no caminho e em que a cada passo tropeçava.

Por fim chegou junto do cadaver. Nascia do escuro a figura branca, que parecia dormir. Na queda uma das mãos ficára sob a cabeça, como a apoial-a, e a outra, inerme, estendia-se sobre a relva.

Vumani approximou-se d'ella, e, curvado, pôz-lhe um grande beijo na bocca, um soffrego beijo de adeus, soluçante. Abraçou-se ao cadaver e chorou.

A condessa deixou o meu braço, n'um repellão, e correndo, fluctuante a *sortie de bal* que se desprendia dos hombros, como uma nuvem, toda em rendas e gazes, puxou de cima do cadaver o pintor e gritou-lhe:

— Fuja!

Vumani, irritado, olhou para a condessa. Vinha amanhecendo. No céo, para os lados do Monte, as raras nuvens coloriam-se. Uma tonalidade violacea envolvia tudo. Passavam apressados operarios a apagar o gaz.

Vumani arrancou-se violentemente do abraço e fugiu, a correr.

— Para onde vae este cadaver, perguntou-me a condessa.

— Para a Morgue, talvez...

— Preciso vêl-o.

Ás dez horas da manhã o creado, com mil desculpas, accordou-me. Ante a minha irritação explicou:

— Está uma senhora no gabinete. Disse-me que desejava fallar a v. ex.ª. Recusei. Insistiu, ameaçou que viria ella propria.

— Mandou algum bilhete?

— Não senhor. Não quiz; nem deu o nome.

— Deve ser Fausta, pensei. Tem hoje medo de comprometter-se!... O que faz o não estar habituada ao ar da manhã!

Fui recebel-a. Trazia um vestido cinzento, muito simples e um chapeu azul ligeiro como uma renda. Não tivera tempo para as massagens do rosto, a maquilhagem sabia, toda a complicada *toilette*.

Junto dos olhos havia signaes de rugas.

— É a primeira vez que me dá a honra de vir a minha casa. Por mim?

— Não...

— Pelo menos é franca...

— É preciso que vá saber, Miguel, se o cadaver de Colombina está na Morgue. Li todos os jornaes; nenhum se refere ao caso.

— É natural... A policia não o sabia, de madrugada...

— Se estiver na Morgue venha dizer-m'o. Quero lá ir. Acompanha-me, não é verdade?

Fiz-lhe ver toda a loucura d'esse desejo, o que se diria se eu, tão extranho aos serviços da policia, corresse, logo de manhã, a perguntar pelo cadaver d'uma assassinada. Nas condições em que fôra cometido o crime prenderiam a primeira pessoa sobre quem recaisse a mais leve suspeita.

— Agradeço-lhe muito a attenção, conclui, mas não desejo a celebridade como assassino, com o retrato nos jornais, a medida craneana e os dados biographicos...

A condessa teve um irritante ar de mofa:

— Tomarem-o como assassino? A si? Não seja

vaidoso. Não. Esteja descançado. Dirão que é o amante. É lisonjeiro. A Cassilda era uma mulher bonita...

— Prefiro isso... apezar de que me pode comprometter.

— Fatuo!... Esperal-o-hei aqui. Tem cigarros? Mas não d'esses fortes. Egypcios...

— Tenho aqui alguns de Nestor Gianaclis. Teem um perfume doce e a côr do mel. Almoça commigo?

— Pois sim; merece-o.

Beijei-lhe a mão e saí.

Na Morgue expliquei ao guarda que um amigo procurára em vão a amante, que de noite desapparecera; angustiado lembrara-se da Morgue e mandara-me indagar.

Respondeu-me que de manhã para lá fôra o cadaver d'uma rapariga encontrada na Avenida, vestida de Colombina, com uma facada no peito. Entrámos.

Era ella, ainda com o seu traje branco, o sangue empastado no peito como um ramo de cravos. Ninguem lhe fechára os olhos em que crystallisára uma expressão de terror, mais tragica pelo tom embaciado que tinham esses olhos d'antes tão limpidos e calados.

Estendida sobre o marmore da meza, visinha d'um farrapo de cadaver já autopsiado, escorria-lhe da bôcca uma fita de sangue.

— Não... Não é esta, disse ao guarda.

— É o que ha.

Fui dizel-o á condessa. Longa foi a discussão para a impedir de visitar a Morgue commigo. Era uma phantasia morbida que lhe passaria dormindo; que os empregados vendo-me lá, outra vez, entrariam de pensar na minha assiduidade, emfim mil razões para a dissuadir do incongruente proposito.

Por fim agarrou-me na mão:

— Diga-me com franqueza, Miguel: ela é melhor do que eu?

— Não.

— Francamente?

— Francamente. A condessa tem expressão em todo o seu corpo e sobretudo nos olhos ambiguos que mudam de côr como uma gemma.

— É preciso que Vumani faça o meu retrato!

— Posso fallar-lhe. Amanhã...

— Não, hoje. Quero começar amanhã.

— Irei lá depois do almoço.

Foi rapido esse almoço. A condessa respondia, distraida, com monossylabos, ás minhas palavras. Estava inquieta. Apenas bebeu um golo de café e comeu uma laranja.

— Bem... Deixo-o. Vá jantar comnosco. Dir-me-ha a hora para a sessão de amanhã. Perdoe-me tel-o feito acordar tão cedo.

E, dando a mão esquerda, já enluvada, correu, sem pensar, como costumava, na attitude, no rythmo do seu andar.

— Fausta está apaixonada, pensei. E apaixonada por um assassino. É peor do que a invenção da Angra. Vae abaixo da cocheira — à Penitenciaria. O que dirá o marido, quando encontrar em casa toda uma galeria de criminosos celebres?

Eram já tres horas. Fui ao *atelier* de Vumani, no Monte. O creado que me conhecia deixou-me entrar.

Vumani não me sentiu. Diante d'uma grande tela trabalhava nervosamente em pequenos gestos bruscos. Quando se sentou para ver melhor n'um pequeno espelho o desenho, é que me viu.

— Então trabalha sem modelo?

— Veja se gosta.

N'um fundo de jardim, ou melhor, de floresta, de grandes arvores enramadas, uma mulher beijava no peito um moço athleta. Mas esse beijo mordia e o sangue corria pela pelle branca, como um fio de rubins. Os braços abraçavam; as unhas, porém, entravam na carne. E nos seus olhos negros havia uma volupia sobrehumana, misturada do tormento de se sentir morrer. Os olhos azues de mulher indomavel brilhavam sinistramente n'um

desejo de morte e de vida, n'uma ancia de beijar e morder, de abraçar e ferir. Era como uma fera que esquartejasse a presa, acariciando-a, como o fogo que illumina e incendeia, o amplexo formidável da vida e da morte.

O quadro era tratado em pinceladas largas á maneira de Ribera, certos pedaços pareciam ter nascido d'um só vibrar de pincel na tela.

Eram bem olhos de vampiro e de Venus Coliade, esses olhos azues, claros, de superficie ingenua, mas sob a qual agitavam-se, explodiam, accumulados, represos instinctos de fera, como um tigre que acorda, um dia, no peito virginal d'uma noviça.

E queria sair, esse tigre, manifestar-se em todo o movimento d'aquelle corpo nú e ambarino, mostrava a sua força no gesto dos braços, na violencia da exhaustiva caricia, na attitude do joelho que vencia o amoroso que morria, odiando e abençoando.

Não se pode esquecer a expressão complexa d'aquella face de homem! Prostrado, vencido, a querer erguer-se, uma das pernas e um dos braços na attitude de quem tenta levantar-se, elle queria, não defender-se e fugir, mas beijar tambem e tambem morder. Queria morrer matando.

A bocca franzia-se para um beijo supremo, e os olhos negros, abertos n'um pasmo de catastrophe, luziam na ancia inarravel, doido de prazer e de dôr n'um espasmo infinito!

— Maravilhoso quadro!

— Tudo isto foi pintado hoje, d'um jacto. Estou contente! Nunca assim pintei.

— Nem uma joia sobre o doirado d'esta carne? Ficaria bem n'este braço feroz, uma manilha de opalas tremulas.

— Não! Ha aqui o sangue como uma fieira de rubins. É o bastante. No fundo, em bronze, um Cupido do seculo XVIII gorducho e risonho. Não quero marmores. Este quadro representa o amor. O meio será delicioso e

tenebroso como um jardim Lenotre esquecido n'um deserto.

Olhei-o fixamente espantado d'aquella indifferença, tão entregue á pintura:

— Esta mulher é a Cassilda?

Não teve um estremecimento. Encolheu os ombros.

— Bah! É a mulher...

— Ouvi dizer que mataram a Cassilda esta noite, na Avenida...

— Talvez...

— Julgava-os ainda muito unidos...

— Sim... unidos, como dois lobos que luctam...

— E quem venceu? Vumani?

Teve um olhar fixo para mim e depois, pondo-me as mãos nos hombros, sacudindo as palavras:

— Ella tinha apenas unhas, eu usei d'uma faca!

A custo, rebatendo uma e uma as objecções que a repugnância de Vumani para o retrato me levantava, consegui-lhe a promessa formal de que no dia seguinte, de tarde, daria á condessa a primeira sessão.

— Pintar uma *dame du monde*, meu caro! Mas você não vê o que ellas teem de inutil nas vestimentas, o enfeite que deforma a linha dos corpos, a pobreza das côres, sempre tons neutros, lilazes, ervilhas, cinzentos ou descolorações de palha, sem que uma interesse e viva! Veja você como Ticiano vestia as suas figuras de mulher de cabelleiras loiras, fulvas, como cometas, e Veroneso as cingia, de tecidos opulentos, entre marmores brilhantes! Como quer você que lhe retrate uma portugueza, vestida em arremedo de cocotte barata de Paris, descolorada e anemica, que nem mesmo se pinta? A maquilhagem presta-se a ineditos effeitos. Lembre-se das infantas de Velasquez cujos rostos são macabros e parecem desfazer-se em decomposições de cadaver! E sobre um collo de um branco cru que só o cosmetico consegue, o palor de certas joias, as perolas acinzentadas, saphi-

rinas, beryllos, teem um encanto singular, como doenças estranhas que se manifestam em florescencias na pelle. Mas uma mulher á moda de Lisboa, vestida como todas as outras por um jornal de modas barato! Pouah!

Tive que dizer-lhe quem era a condessa. Primeiro que tudo não era portugueza, mas um mixto de ingleza e de grega, um capricho de um vago *Sir*, na Macedonia; descrevi-lhe o encanto d'esse corpo delicioso, como um fructo amadurecido, o enygma dos olhos azues, claros, tão largos e tão cheios de mysterio, os olhos que brilhavam como placas de metal, e a bocca vermelha que tinha o encanto e a frescura — artificial — d'uma rosa vermelha a desabrochar.

— Por si, só pelo interesse que mostra, consinto em fazer o retrato. Traga-a cá ámanhã com o vestido mais sumptuoso que tiver.

Era noite, quando saí. As ruas despenhavam-se pela encosta ingreme, borrifadas de lumes. D'uma ou d'outra janella vinha um esverdeado clarão.

Fui ao palacete da condessa, avisal-a.

Mal dava attenção a Consuelo de Rojas, a secretaria da legação argentina, que rolava sobre ella os grandes olhos luminosos, com loucura e vicio.

Estava sobresaltada. E quando me ouviu annunciar levantou-se apressada e correndo à porta.

— Então?

— Amanhã à tarde. Tem de levar o mais sumptuoso vestido que tiver.

Deu-me a mão para beijar e com a ponta dos dedos apertou a minha, agradecida.

E todo o jantar foi alegre; dirigia phrases amaveis ao conde de Landim, que indifferente na sua somnolencia de etheromano e alcoolico, mostrava, sob o bigode loiro, um sorriso inexpressivo. E Consuelo, julgando para ella toda essa alegria que espumava e florescia, infantil, sincera, em risadas, em ditos, n'um molhado fulgor dos olhos como um incendio que se reflecte na agua, tinha phrases ainda mais ternas, insistia no convite para que

Fausta fosse ver, uma tarde, a sua collecção de terracottas etruscas.

Essa face livida, como um cadaver pintado! Verde apesar do créme, magra, a bocca sangrava, uma bocca larga e mysteriosa, sem sorrisos, e os olhos enormes luziam, lançavam-se sobre Fausta como n'um assalto e todo o corpo aleijado tremia, na conjunção arythmica das omoplatas salientes, divididas por fundos vincos de pelle esverdeada.

E Fausta, a quem esse hospital ambulante — tisica, epiletica e talvez coreica — certos dias repugnava, tambem sobre ella lançava, como um sol, a sua alegria, a sua sympathia pela vida.

As orchideas punham tons de gangrênas nas taças de crystal e oiro.

De repente, Fausta, apagando na bocca triste o sorriso, tirou uma e dando-a a Consuelo:

— Ponha-a no peito, como um amor. Ficará no seu decote como uma chaga que não magoa... É melhor do que o amor... e dura menos.

O conde murmurou:

— Quem a ouvir, dirá que conhece o amor, Fausta...

— Não casei comsigo?

A phrase saira no meio d'um sorriso forçado e duro. E os olhos mysteriosos tornaram-se mais claros. O conde teve um abater de palpebras e para ella um olhar triste. E recaiu na sua somnolência; ás perguntas que lhe fez Consuelo respondia com o mesmo entorpecido sorriso, o sorriso que se cançava na bocca fina, e com isochronos movimentos affirmativos de cabeça. Havia em todo o seu corpo uma grande lassidão de viver.

Para o conde todo o movimento parecia uma pena imposta e a ella se furtava, saindo pouco, sempre no seu gabinete, com frascos de ether que lhe davam uma realidade em que se comprazia, uma vida ficticia e intensa, rodeada de caricias, apezar das dôres na cabeça, os vomitos, as allucinações que certos dias o tomavam, levando-o para tragedias eriçadas de pavores.

Mas vivia fóra da vida, longe do mundo, raras vezes a elle descendo, porque da embriaguez do ether passava á do alcool, a principio sabiamente doseada com vinhos da Madeira e de Xerez, perfumados e ridentes, depois com *gim cocktail*, para acabar no absintho, que amava, pelas opalas que termulam, em gottas, pelo perfume de jardim plantado por Baudelaire e pela velludinia caricia que põe em todo o corpo, fazendo-nos pensar, ebrios, que vivemos entre nuvens macias, como um Deus.

De quando em quando, porém, a tristeza entrava n'elle e escureciam-se-lhe os olhos claros, cinzentos, tão inexpressiveis, de ordinario.

Essa tristeza que a condessa lhe viu, fez augmentar a alegria excepcionalmente ruidosa, que esfusiou em ditos, teniu em risadas, sob as duchas negras dos olhos de Consuelo.

Fôra a promessa da sessão no dia seguinte, que fizera levantar vôo, no coração da condessa, a essa alegria nervosa.

Depois do jantar, outra vez me apertou a mão, e n'uma voz enternecida agradeceu-me:

— Obrigada, Miguel...

Na passagem para o *fumoir* ficamos sós. Perguntei-lhe:

— Gosta muito de Vumani?

— Cale-se...

— Escusa de o dizer, vejo-o bem. Mas lembre-se de Colombina e do ramo de cravos que lhe floriu o peito, hontem... Lembre-se que o seu amor é absorvente, que a quererá toda, toda! para si, desde os olhos em que elle procurará apprehender o mysterio, até ao mais futil dos seus gestos; pesará sobre si como uma fatalidade, desmanchará a sua vida, entrará por ella dentro como um conquistador que saqueia uma cidade, violará todos os segredos, que para nós guarda, religiosamente. O ciume d'um amante! É peior que o d'um marido, porque é sem direitos, brutal, violento... e assassino!

Os olhos de Fausta tiveram um brilho extranho:

— Que importa? Vive-se mais no sobresalto da morte...

ACOMPANHEI a condessa de Landim ao atelier de Vumani. O trajecto foi borrifado de perguntas sobre o pintor, pequenos pormenores da sua vida, os seus gostos e as suas obras, tudo o que o interessava. Tive de, miudamente, repetindo, descrever Vumani e o seu talento, contar anecdotas, citar quadros em que o artista mostrava todo o seu estranho temperamento, uma especie de Ribera enxertado em Moreau, descendo até ao assasínio como o violento hespanhol; insinuei os rumores colhidos nos meios artisticos ácerca do abuso do opio e das picadas de morphina experimentadas com curiosidade e logo abandonadas para voltar ao opio.

A carruagem ia vagarosamente; tivera que parar n'uma rua estreita, muito tempo, á espera d'um luzido acompanhamento de enterro. Passaram trens atrás de trens com faces joviaes que riam fazendo ditos e carrancas aborrecidas dos que iam sós.

Fausta estava impaciente. Punha-se em pé na victoria a espreitar, na curva da subida, o fim do cortejo, até que passou o ultimo carro e pudemos seguir.

Vumani pintava. Não fizera gastos de galanteria, não arrumou um movel, não pôz uma tela em exhibição. Trabalhava no «fundo» do quadro do Amôr, pintava uma paysagem sobre estudos dos jardins de Versailles. Quando o creado nos annunciou, Vumani largou a paleta e os pinceis e inclinou-se.

A condessa levava, contra a determinação do pintor, um maravilhoso vestido de Paquin, ligeiro, como uma anenoma, d'um lilaz moribundo, quasi branco, apenas guarnecido com Malines. O chapeu tinha a leveza d'um farrapo de nuvem, enfeitado com lilazes brancos.

E d'entre os tufos de rendas d'um créme muito pallido em que terminavam as mangas, saiam as mãos

admiraveis, brancas, finas, de unhas rosadas e brilhantes, mordidas por anneis de oiros embaciados, de oiros pervertidos, com largas pedras sem brilho, opacas, de onde saltava, por vezes, a faisca d'uma esmeralda ou d'um rubim escuro.

Vumani, que a principio parecia contrariado com a toilette da condessa, disse-me:

— Esta mulher é elegante, génerо extra-dry.

Fausta quiz ver os quadros, e, com infinito tacto, gabou ao pintor as suas obras, fallou-lhe na opulencia dos tons, na extranha expressão dos olhos de todas as suas figuras, e nos assumptos macabros ás vezes, sempre perturbantes.

Vumani já estava mais á vontade e notou que os olhos de Fausta tomavam, quando lhe batia a luz, um tom mais claro, como se fossem d'um liquido transparente.

De proposito, para os observar, annullára-me. Fausta pozera em scena os meios de seducção. Os gestos eram rythmicos, como os d'uma bailadeira, e todo o corpo magro e esbelto tinha uma eurythemia singular, e o sorriso assomava á bocca como uma rosa molhada.

Chamára todo o encanto da sua conversa. Fallava da Italia e da Volupia, das viagens por mares polvilhados de ilhas, e da inquietação dos espíritos insaciaveis, que correm sempre, aborrecendo logo o porto desejado, almas penadas em busca de sensações fora de si, como se não existisse dentro de nós o arsenal das afiadas espadas que destroem a vida para construir o sonho!

— Ah! o dawamesk com aroma de musgo! disse Fausta, como quem passa a vida a mastigar pedaços de Sonho.

Vumani teve um sobresalto.

— Gosta?

— Muito, mas uso pouco, por causa das prostrações do dia seguinte.

O pintor lançou na tela o esboço, a carvão, do retrato.

E não tornou a fallar. Trabalhava serenamente, mas concentrado, indifferente à condessa, vendo apenas os contornos.

Em vão Fausta lançou-se em digressões, em vão lhe fallou no extranho pintor de *Mr. de Phocas* e da noitada de opio no atelier extranho, cheio de mascaras mysteriosas e de quadros que tinham magia. Vumani respondia indiferente, distante.

— Está cançada?

— Não. Não. Pode continuar...

E tentava tornar mais attrahente a conversa, fallou nas viagens, disse o sonho de neve dos montes brancos e das planicies brancas da Noruega, onde desponta, ás vezes, o riso anemico d'uma flôr azul; contou a magia das noites caladas no Mediterraneo, a vêr as phosphorescências que ardem na pôpa, como uma toalha de vidro colorido, e o encanto dos portos vistos de fugida, que se visitam com prazer e se deixam sem saudade, esses portos hespanhoes do Mediterraneo cheios da bulha dos dockers trigueiros e magros; Cadiz, como a corolla de prata d'uma larga flôr azul; Carthagena engastada na rocha côr de mel; Barcellona entre arvores; e Marselha ensolada, e Napoles a bela; a *distress* dos que ficam e o olhar vago de melancolia e de sonho dos que partem — para onde? para onde? - sempre para o mundo egual.

Recaiu no opio que exaggera as sensações e pacifica as Almas.

Vumani não parecia ouvil-a. Trabalhava attento, satisfeito com o desenho que saia correcto, vigoroso e fino, da attitude que escolhera para o modelo em que as mãos tomavam a principal importancia, essas mãos de Fausta, sensuaes e augustas como as figuras que os italianos de Renascença pintaram, não as mãos consoladoras e bemfazejas da Gioconda, mas as das personagens de Corregio ou d'Andrea del Sarto.

Certamente pensou em fazer de Fausta uma bailadeira asiatica sumptuosa na quasi absoluta nudez, uma nova Salomé, no genero da de Moreau, que perturbou Wilde, um pouco estylisada pela graça decadente da belleza de hoje.

Mas não attendia á condessa, apenas respondendo para não ser descortez.

Um criado entrou.

— Está alli um homem, que diz ser da policia, que lhe quer fallar.

Vumani fez-se pallido, olhou para nós com terror, hesitante, a tremer.

A condessa os olhos perdidos, agarrou-se-lhe ao braço:

— Não vá!

E Vumani deixou-se cair n'um fauteuil.

— Fuja! A casa não tem outra saida? Não tem dinheiro comsigo? Tome os meus anneis.

Os conselhos precipitaram-se na bôcca da condessa, que, apesar de pallida, livida de terror conservava os labios vermelhos, molhados de cosmetico, cheios de volupia e de vida.

Tive de intervir. Mostrei que não era assim que se prendia um assassino, procurando-o em casa, como uma visita; que havia tramites a seguir; que Vumani não deixára de sair, depois da noite tragica; que seria mais natural esperarem-o á saida e prenderem-o. Que tivesse coragem e fosse vêr o que era. Havia de ser, naturalmente, para averiguações.

Saiu. No quarto junto ouviram-se vozes.

Fausta correu para a porta, a escutar. Mas, do outro lado, certamente um pesado reposteiro caía, porque apenas o ruido chegava até ella, amortecido. Não podia distinguir uma só palavra.

Fausta collára o ouvido á porta, a face livida, os olhos desmedidamente abertos n'um grande pavor. E todas as linhas que davam á sua face uma tamanha harmonia, deformadas se contorciam!

E a ausência de Vumani prolongava-se. Deixou mesmo de ouvir as vozes, e disse para mim:

— Terão saido? Não oiço nada!

E atirou-se para cima d'um sofá, extenuada, os olhos fitos na porta que se não abria.

AQUELLA porta que se não abria! Sobre o sofá, Fausta olhava-a com olhos allucinados. E torcia as mãos, queria levantar-se para ir espreitar, ir perguntar por Vumani, mas tornava a cair, um rictus d'angustia na bocca vermelha, que sangrava com o cosmetico, fresca e appetitosa... Defronte d'ella uma figura d'um quadro de Vumani olhava-a com um sorriso de troça.

Era o Ideal. Sobre um plintho dorico, simples e branco, sentava-se uma mulher. A linha geral era elegante. A tunica ampla vestia-a, apagando as minucias, formando curvas airosas. Mas, reparando bem, via-se que os seios tombavam, como fructos podres, em toda a face a velhice encarquilhada se estampára, revelava-se mesmo no riso perfido, mostrava-se no olhar cançado, apesar da malicia, empastavam-se os cremes na face, o khol escurecia as palpebras; toda ella era ignobil de decrepitude e de lassidão, toda enfeitada de joias, diademas a apertar o cabello avermelhado, manilhas a enroscar-se nos braços flacidos, anneis de largos castões a fulgir nas mãos rosadas.

Em baixo, curvada, genuflectindo saudações, toda uma numerosa theoria de seres febris, em cujos gestos arythmicos se adivinhava a ancia. De longe viam resplandecer os oiros e as pedrarias; de longe amavam as linhas nobres e graceis da figura, e vinham a arrastar-se, a querer chegar a ella, escalavrando os joelhos nos caminhos aridos, rasgando as vestes nas piteiras hostis; e curvavam-se ante a Deusa, traziam-lhe cassoletas d'onde sahiam perfumes em fumos azues, myrras preciosas, incensos perturbadores d'Arabia, toda a riqueza das suas almas, todas as flores do seu coração.

E a figura troçava; olhava para a turba a rir-se, respirando com delicia os aromas que subiam, mas mofava nos olhos cansados, na bocca pintada.

E parecia que era para ella, Fausta, esse olhar de mofa, o sorriso feio de desdem e de troça.

A mulher parecia levantar-se da cadeira de pedra,

deslocar o braço que repousava n'uma attitude hieratica, e apontal-a ao escarneo da Multidão que se levantava, atirava fóra as cassoletas, e ria-se para ella, escarnecedoramente.

E a porta não se abria! Ás vezes, na allucinação, julgava vel-a oscillar, ouvir ruidos de passos, a voz de Vumani... Mas nada. Tudo era silêncio. E essa negação do ruido e da vida fazia-lhe mal. Tossia, dizia monossyllabos para quebrar a estranha quietude.

Era já tarde. O crepusculo entrava, como uma poeira de cinza, no atelier. Tudo se amalgamava da dubia claridade. Os moveis e os quadros perdiam aos poucos os contornos. As figuras dos quadros fundiam-se. Apenas se destacava o Ideal, sentado sobre o plintho de marmore, na face a accentuar-se mais a troça.

Não era possivel continuar mais tempo, alli, à espera de Vumani eternamente.

— Vou saber o que ha...

— Não. Não vá! disse-me a condessa com terror.

— Prefere ficar na duvida? ...

— Como se gosa com o tormento da duvida!

Finalmente! A porta abriu-se e descomposto, a face pallida, agarrando-se aos reposteiros, e depois apoiando-se em cada movel, como a Duse n'um palco, Vumani appareceu. Fitou-nos, e depois, com medo, olhando para todos os lados:

— Porque a matei? ! Porque a matei? !

— Então? anciosa, inquiriu a condessa.

— Foi-se embora... Um policia a perguntar... Parece que desconfiam... Não... Não desconfiam... Eu é que tive medo... Estive para dizer tudo, para acabar, ir preso, mas não podia mais!... Tive medo... Tive muito medo!... Como elle não viu na minha cara que eu tinha medo? que tinha sido eu? As respostas sahiam-me expontaneas, a mentir, sem hesitações. Parecia que era um outro que fallava dentro de mim, porque sentia que as minhas pernas tremiam e faziam um grande barulho. Sentia mexer todas as bugigangas do quarto, as porcela-

nas e os vidros... E elle tomou notas, disse-me que eu havia de ser chamado... Mas não vou, não! vou fugir! Parto hoje mesmo!

Custava a percebel-o. A verbosidade fazia com que se fundissem as syllabas, palavras inteiras. Eram farrapos de phrases que nós ouviamos. Acendi uma luz. Vumani sentou-se sobre um estrado, numa cadeira veneziana, a cabeça cahida, as mãos pendentes.

Houve um silêncio. Aquelle amortecimento de todo o seu ser provocado pelo medo não parecia agradar à condessa, que não tinha para elle o mesmo olhar secco de desejo.

Vumani continuou:

— Tive que a matar... Eu não tinha o direito... mas senti de repente a necessidade. Se soubessem a lucta que tive, um anno inteiro a querer prendel-a a mim! Todos os dias a pintava. Fixei na tela o seu corpo, os olhos claros, que pareciam innocentes, mas a alma escapava. Mesmo nos primeiros dias senti que ao meu beijo respondia uma bocca inerte, indifferente...

E Vumani contou-nos, em repellões de phrases, ora fluente em demasia, confundindo as palavras, ora arrastando com difficuldade, a história d'esse amôr que o levára ao assassinio, de que elle tremia agora.

Cassilda era uma creaturinha alegre que o pintor conhecera n'um baile de mascaras no D. Amelia, com quem fôra cear e depois viver numa lucta aspera de todos os dias.

Não conseguira nunca prender-lhe a attenção a coisa alguma. Mostrava-lhe os quadros, mas Cassilda passeava o olhar rapidamente por todos elles, importando-se apenas com o brilho das joias com que o pintor vestia algumas figuras de bailadeiras sagradas da Asia. E, como os seus olhos, a sua alma passava sobre todas as coisas sem se fixar em nenhuma, beijava todos os homens sem nenhum escolher.

Fôra difficil a Vumani aquelles meses d'um amôr intenso, bravo, acirrado pelo ciume de todos os dias, da dôr de se não sentir amado, sem a esperança de um dia

poder fixar n'uma paixão absorvente e alta o espirito futil.

Cansava-a com longas *poses*, pintando-a de imperatriz ou de cortezã antiga, scintillante de joias. Ao ver nascer na tela a constellação das gemmas, a creaturinha infantil alegrava-se, discutia com Vumani os valores dos tons, a escolha das côres, querendo sempre pedrarias que brilhassem muito, chammas de diamante, gottas ardentes de rubins, saphiras, esmeraldas... Mas no fim da sessão ficava inerte, os membros rigidos pelas longas horas de immobilidade...

E a histeria ainda mais a sacudia, queria a liberdade, obrigava Vumani a sahir e a acompanhal-a aos theatros de que se affastára, a todos os divertimentos, onde pudesse encontrar homens que a admirassem, que a seguissem, rindo-se das phrases amaveis, dos olhares de desejo, de toda a saudação em que fosse um requerimento.

Para os conhecidos antigos, e mesmo para os que via pela primeira vez, tinha um largo sorriso acolhedor, promettedor; os olhitos azues sorriam-se; tornava provocante a sua attitude, cambrava o corpo, conhecia a maneira sabia como se mostram todos os mysteriosos encantos. E aquelles — numerosos — que intimamente a tinham conhecido, diziam ás vezes em voz alta uma palavra em que ia a saudade da creatura fresca e inquieta. E Vumani sentia todos os olhares concupiscentes, adivinhava, quando não via, a promessa facil dos olhos azues, ouvia as palavras, parecia-lhe que toda a Lisboa possuira ou possuiria um dia essa mulher que elle amava, que o não amava, que o atraiçoava sem duvida e que se riria, nas entrevistas, do amôr vehemente que elle punha a seus pés, entre beijos e lagrimas.

Era uma vida angustiosa. No balcão, ante o horizonte de casas e do rio, sentindo subir das praças e das ruas, ás horas paradas e espectantes dos crepusculos, toda a alma febril da cidade, tendo-a ao seu lado, alheia como a propria cidade, elevando hoje, para derrubar

amanhã, infieis ambas, — Vumani queria prendel-a, e n'uma voz triste dizia-lhe todo o amôr que sentia e toda a angustia, a roda de navalhas do ciume que perpetuamente trazia dentro de si, não abstracto, maniaco, mas assente em mil bases qual d'ellas a mais solida.

Cassilda, porém, olhava para os dedos cheios d'anneis, lembranças d'antigos amantes, e fallava-lhe do brilho das pedras áquella hora:

— Dir-se-hia que as pedras tambem adormecem...

E Vumani fugia para lhe não bater porque sentia que a estrangularia. Decidiu-se a abandonal-a, a expulsal-a de casa como uma creada, mas aquella carne e aquelle perfume eram um habito invencivel: o amôr.

Até que n'aquella noite de mascaradas tivera o irremediável gesto — matára.

E agora todo o medo o assaltava, fazia-lhe bater os dentes, punha-lhe livores na face e uma extranha inquietação nos olhos negros e profundos.

— A Penitenciaria!... O degredo!... Tantos annos!...

Mettia-se em pormenores de processos judiciarios, queria saber o maximo e o minimo da pena, se o jury era benevolo, quem o poderia proteger!

A condessa levantou-se depois da narração de Vumani; despediu-se d'elle friamente, e caminhámos sem trocar palavra muito tempo. Fausta, ao despedir-se de mim:

— Mais uma desillusão. Esse homem de gesto violento, só conservou o remorso! O gesto não se repetirá. Para se salvar da policia iria reconstruir todo o supplicio antigo, poria outra vez a canga! Reparou em como nem por um momento se lembrou da pintura? Tem amôr á vida!

Depois, como n'um grito em que ia a amargura de illusão murcha:

— Não sabem matar para sempre aquillo que amam!

ANTÓNIO PATRÍCIO

O
Homem das Fontes

1910

O Homem das Fontes

A Justino de Montalvão

Chama-se Harry Young o homem das fontes. Vi-o a primeira vez em Granada no Paseo de los Tristes, ao pé d'uma fonte árabe já morta. É um rapaz alto, d'um loiro muito claro, maneiras simples que revelam raça, olhos de névoa calmos e abstractos, e uma voz estranha, monocordia, ou p'ra dizer melhor, uma voz d'agua. Nasceu em Londres. É rico. Sem familia e sem lar, vive em perpetua viagem. Encontrei-o em Roma, em Constantinopla, em Florença e, detalhe que me feriu intensamente, desenhando, escrevendo ou só olhando, sempre junto a uma fonte, concentrado, como se fosse a caricatura fabulosa que o encantamento d'uma nympha ali prendesse.

Harry Young chegou a obsidiar-me. Nunca porém pensei em ir fallar-lhe, recorrendo ao impudor tradicional que se tolera sempre aos que viajam.

Uma manhã em Florença, tive quasi a impressão de que era um louco. Cedo ainda, seriam cinco horas da manhã, fui p'rá piazza della Signoria encher-me de sadismo esthesiante a olhar na Logia o Perseu de Benevenuto. Tem, como sabem por centenas de gravuras, uma

fonte desenhada por Vasári á sombra ameiada do Palazzo Vecchio. Cahia uma luz melodiosa. Harry desenhava, um caderno d'apontamentos na mão fina. Um esboço da fonte, era evidente.

Áquella hora só havia pombas no silencio irreal da praça. Discretamente, puz-me a olhar tambem a fonte. Ao centro, o Neptuno de marmore é boçal; ha uma ronda de nymphas alongadas n'um bronze de *patine* quasi azul; os cavallos marinhos saltam na agua e os tritões que cercam toda a taça tem a alegria de quem vive na agua, uma beatitude cynica e animal, espirrando das mascaras de bronze por fossetas de rizo, boccas ébrias, em *verve* muscular, em gestos vivos. Os dorsos luziam d'agua esparrinhada, e d'estatua p'ra estatua voavam pombas fazendo em roda aquelle adagio d'azas que á pôpa dos navios, no mar alto, riscam os vôos curvos das gaivotas. Não podia saborear aquella paz, com um desejo unico a morder-me: vêr o que Harry Young desenhava.

Elle fixava a fonte alguns instantes e antes de transcrever o que colhera, quedava ainda immovel, recolhido n'uma aura d'emoção mais do que esthetica, que me parecia absurda, incompativel com um esboço n'um album de viagem. Ao lado, em frente á estatua de Cosme de Médicis, creados somnolentos iam dispondo as mesas nas *terrasses*. Já havia dois cafés abertos onde gente apressada ia beber. Harry, que continuou alheiado ainda algum tempo, foi por fim sentar-se a uma *terrasse* e bebendo um copo de leite lentamente, tinha o album aberto sobre a mesa dando os ultimos retoques ao desenho.

Quem era esta creatura que só o encanto das fontes interessava e que em Florença, como em Granada, como em Cordova, nunca vi n'um museu ou n'uma igreja, como se só o granito ou o mármore das fontes tivessem para os seus olhos esthesia? Que sensibilidade aberrante, que destino fadára p'r'ó convivio enygmatico, p'r'ó segredo embalador das fontes, este rapaz que não tinha ainda trinta annos, era decerto rico, bem nascido, e nem via mulheres nem paysagens, absorto n'este claro mysticis-

mo? Sentei-me n'uma mesa perto d'elle e pude vêr á vontade o seu desenho. Nem um traço da fonte n'essa pagina onde bem claro, escripto a grandes lettras, sob um desenho singular de mulher nua, eu li: *Fonte Adamanti, em Florença*. O quê? ! A fonte concebida por Vasári era p'ra Harry Young aquelle corpo? ... E buscando a relação possivel com essa fonte mythica e ingenua, onde em torno a um Neptuno gigantesco farandolam nymphas e tritões, ou fosse suggestão da sympathia que desde que vira Harry eu senti, ou porque de facto ella fosse um claro symbolo, pareceu-me que essa fórma musical, esse corpo de oceanide surpreza esperando o tritão que a possuiria, era a synthese poetica, flagrante, da fonte que Vasári imaginou. Corria o risco de me tornar suspeito na ancia de vêr melhor, de analysar. Harry ergueu-se. Vi-o seguir pela galeria degli Uffizii e desapparecer ao fundo, lentamente, p'ra esse scenario onde se evoca Dante, feito de lindas pontes habitadas, da esculptura nobre das collinas e das aguas do Arno romanescas.

Dias depois voltei p'ra Roma onde encontrara Harry mezes antes.

Muitas vezes me lembrava d'elle, eu que tambem adoro as fontes, com uma sympathia persistente, cumplice. Por esse tempo ia eu ás noites degustar o rascante trágico da solidão na Piazza del Popolo, estirado no largo rebordo d'alabastro da fonte, fronteira ao Pincio, impregnando-me d'essa alma sem memoria, d'essa chronica augusta de silencio, que é em Roma a atmosphera de magia, das praças sem ninguem, com vozes d'agua. Ficava assim horas n'uma tristeza quasi sensual, com uma especie de delirio de grandezas que me permittia dialogar com Roma, calmar a minha incerteza de falhado na belleza sobrenatural da grande morta e fundir com o d'ella o meu destino como o d'um heroe n'um poema antigo. P'ra sentir esta luxuria psychica é preciso ter vivido muito ou ter a velhice precoce dos artistas, que em plena força e plena mocidade, agarrando pelos cabellos a ale-

gria, entristecem ao beijar-lhe os olhos. Era aquella em Roma, *a minha hora mais silenciosa.*

Ao centro da praça os quatro leões golfavam agua, guardando o obelisco egypcio n'uma vigilia d'esfinges, sempiterna. Em Roma, á noite, vivem-se horas de convento. É a cidade suprema p'ra viver com um sonho ou com uma ideia, velada por formas millenarias que recebem exames de consciencia. Notei um vulto esguio, á quarta ou quinta noite, sentado aos pés do obelisco, n'um degrau. Estava na sombra e, nem eu sei porquê, pensei em Harry. Dentro em pouco, na embriaguez d'essa auto-suggestão, nem já admittia duvidas: era Harry, era o *homem das fontes* que ali estava. E como uma raiz fende um granito, brotou da minha solidão de quatro mezes, viajando sem soffrer um só convivio, um desejo furioso de fallar-lhe.

O lyrismo immemorial d'esse silencio levava-me p'ra aquella creatura que uma especie de loucura poetica installára de vez no meu espirito, como p'ra um ser affim, um quasi irmão.

Pareceu-me que elle mesmo se movera, olhára na minha direcção, como esperando. E n'essa hypertensão de nervos que dá aos imaginativos o silencio, o convivio calado e fascinante com as creaturas brancas dos museus, o meu desejo de fallar com Harry attingiu a plenitude, exasperou-se. Levantei-me. Sem me atrever a caminhar p'ra elle, fui-me timidamente approximando: dei a volta ao obelisco devagar e parei com ar distrahido junto de Harry, como se olhasse um dos leões golfando agua. Fiquei assim nervosamente alguns segundos.

Quando por fim o olhei, vi n'essa mascara glabra de tritão um desejo de me fallar egual ao meu. Não posso repetir o que lhe disse, as primeiras palavras que trocamos. Alludimos aos nossos multiplos encontros, em Hespanha, na Italia, na Turquia, por uma coincidencia bem estranha, sempre junto de fontes...

Ninguem passava. Ouvia-se o vento a arrastar no Pincio folhas seccas. Lembrei-lhe a manhã em Florença,

na Piazza della Signoria, o desenho da fonte de Vasári que eu vira na *terrasse* por traz d'elle. Harry calava-se surprehendido. Perguntei-lhe se viajava como artista, p'ra pintar.

— Não sou pintor. Gosto muito das fontes, perdidamente. São o grande interesse da minha vida...

Disse-me então o seu amor ás fontes, baixando um pouco a voz, quasi em segredo. Era orphão. Nunca quiz conviver com os seus parentes, onde por razões que depois soube, só encontrou um acolhimento frio, como se fosse um estranho, sem ternura. Tinha uns nervos doentios que o isolavam. Dos seus tempos de collegio não guardava saudades mas só odios, á grosseria vulgar dos camaradas, á promiscuidade forçada e torturante p'ra uma sensibilidade como a sua. Logo que chegou á maioridade, rico e só, foi visitar nos arredores de Londres o castello em que seus paes viveram. Correu o parque, as salas, as estufas. Viu ainda o seu berço, os seus brinquedos, onde um pó sem saudade ia cahindo, como sobre coisas velhas n'um muzeu. Passou no quarto de sua mãe algumas horas... Sentiu uma tristeza immensa em que tudo lhe parecia hostil: os moveis, o ar, um cheiro a morte, até os olhos fitos dos retratos... O seu primeiro desejo de homem livre fôra essa visita com que tanta vez sonhára, e sahia de lá desamparado, com uma especie de desespero inerte que toda a casa lhe contagiára: a velhice das coisas sem belleza onde viveu alguem que nos foi querido e que perdem com a côr toda a memoria. Esses muros sem alma angustiavam-no. Já atravessava o parque p'ra sahir quando ouviu a chamal-o uma voz d'agua. Era ali perto e pareceu-lhe bem distante, vinda da sua infancia já tão longe. Emfim alguem amigo, acolhedor! Foi p'ra ella como iria p'ra sua mãe ressuscitada e ficou a ouvil-a até á noite. Abrira-a o jardineiro emquanto elle percorria as salas. Harry contou-me:

— Tive a visão d'um lar n'aquelle instante. Aquella pobre fonte sem belleza consolou-me como uma mãe, beijou-me os olhos. Acarinhou-me como a irmã... que nunca

tive, como a noiva que decerto, não terei... A sua agua encheu-me de saudades. E ao pensar nas salas que deixára, tudo me commoveu, ali, a ouvil-a: os olhos dos retratos já me olhavam... os tapetes, os moveis, as paredes, tinham linguagem agora: comprehendiam-me. As janellas á nevoa, eram olhos tão rasos como os meus. E como poisavam passaros na pedra, eu mesmo fui buscar pão p'ra lhes dar, espalhei muitas migalhas pela fonte... Senti a vida toda no meu peito. Vem d'essa hora o meu amor ás fontes.

Harry erguera-se. Seguiamos pelo *Corso* lentamente. Pedi-lhe então que me mostrasse os seus desenhos, os symbolos de fontes que creára.

— Só se quizer vir commigo ao meu hotel. Já tenho as malas feitas p'ra partir. Vou p'ra Veneza. Veneza é um hospital d'aguas... Faz-me triste.

O quarto de Harry, no hotel de Londres, piazza d'Espagnia, tinha entre duas janellas um piano. Estavam abertas á noite, que em Roma parece mais arqueada, como p'ra receber melhor as confidencias. A torre d'ella Trinitá del Monte deu onze horas. N'aquella paz não eramos só dois, porque subia da praça, propiciando, a voz da fonte de Bernin, la *Barcáccia*, a escoar-se sem jactos, brandamente. Harry accendeu as serpentinas sobre a meza. Vi então dois albuns grandes de viagem, e alguns pequenos, mais esguios.

Começamos a folhear n'um dos primeiros, a imaginosa notação das fontes arabes: de Cordova, de Granada *la vieja*, a terra andaluza de *mors-amor*. A fonte morta do Paseo de los Tristes, onde pela primeira vez eu vira Harry, era um cadaver d'almeia; e havia ainda outra de Granada, que eu toquei no jardim de Lindaraja, onde a princeza agarena vive ainda com uma côrte calada de cyprestes...

O desenho de Harry dava-me d'ella uma visão pathetica. Evocava-a nova, musical, n'esse jardim interior

d'A'lhambra — jaula feerica da luxuria arabe, onde os corpos morenos das almeias elanguesciam nos marmores dos pateos, e nas salas de joias lapidadas dormiam com os perfumes dos jardins as grandes séstas torridas, de cópula... Desenhára o mirador de Lindaraja, com as suas gelosias marchetadas que ella entreabria um pouco, debruçando-se, como p'ra ouvir melhor a voz da fonte. E a fonte fallava de desejo, porque ella tinha nos olhos, nos cabellos, na bocca a intumescer, nas linhas soffregas, a expressão d'uma corolla ao cahir do pollen... Dos desenhos que vi das fontes turcas, um entre todos me maravilhou: a do sultão Ahmed, em Stambul, no coração da praça do Serralho. É um lindo harem de grades redoiradas, arabescado d'oiro e lapislazzuli, de que a agua é sultana unica.

Harry representára Schéherezade, a novelleira das *Mil noites e uma noite*. Essa era bem um symbolo de fonte, que durante *mil noites e uma noite*, a contar historias sobre historias, adormeceu o kalifa que a matava se a sua voz lhe não fechasse os olhos... Foi um destino de fonte Schéherezade.

Havia fontes de parques e de claustros: a primeira era uma *Belle au bois dormant* que um pavão heraldico velava; e entre as imagens mysticas que vi, apenas lembro uma carmelitana, lendo sob uma ogiva, côr de cêra, decerto Santa Thereza, *Las Moradas*... A ultima, porém, a mais estranha, de não sei que villa romana ao abandono, era uma grande esfinge tumular com azas mortuarias de phalena. Recordo ainda paginas isoladas: a fonte dos cavallos marinhos da villa Borghése era um Pégaso de crinas alagadas, uma cabeça de cavallo grego, d'esses que nos versos de Homero viviam irmãmente com os heroes. E não sei que fonte mythologica—uma estatua de Juno, serenissima, a cabeça nimbada de andorinhas.

O outro album era d'esboços — desenhos e *maquettes*, — toda uma architectura fragmentaria p'ra um palacio chymerico da agua, n'um poetico parque, inverosimil como o de Poë no *Dominio d'Arnheim*.

A maior parte dos desenhos eram vagos, dizendo a embryogenia d'esse templo que Harry erguia á Agua Padroeira, com beatitudes d'architecto mystico, em linhas-versiculos de sonho.

Perguntei-lhe se tencionava construil-o. Harry sorriu.

—Construil-o e habital-o... Com *miss Fountain*... se a encontrar um dia.

O desenho mais minucioso era a fachada, feita de duas architecturas sobrepostas: uma estavel, de marmores rosados; outra movel, musica, espumante, de milhares de tranças d'agua dessas fontes, cavadas em motivos decoraes no sonoro frontão religioso que viveria um dia tão beijado como as azas do mar no temporal.

É impossivel descrever-lhe as linhas como é impossivel descrever a Alhambra. A fachada de marmore era subsidiaria da segunda, a real, a liturgica, a *aquatica;* era o seu esqueleto quasi occulto, e por milhares de ranhuras invisiveis, de declives mathematicamente calculados, por boccas inflectindo em curvas graceis, por biliões de crivos capillares d'onde cahiriam chorões de prata fluida, destinada a dar vasão a essa segunda, architectura symphonica, hymno vivo, que o meu tritão exilado ia crear.

O marmore apparecia, sob a trama architectural da agua golfante, como através de rendas de Burano um collo ou uma nuca de mulher, e intumescia ás vezes como um seio no bojo d'uma amphora sveltissima ou na esculptura d'uma planta d'agua.

Oh! que feliz a carne d'esse marmore, escrava d'uma fluida architectura, cantada e beijada todo o sempre! Jactos cruzavam-se como na argentaria solar d'uma panoplia, cahiam n'uma taça canellada, d'onde escorriam mollemente, em lagrimas, p'ra renascer vivendo n'outros sulcos, d'onde espirravam como flores se esfolham, em graças *platerescas*, em sorrisos.

Contra o sol, as janellas, os balcões, tinham stores de longos fios d'agua, tamizando a luz p'ró interior em irisações phantasticas de nave. Mas, como Harry me fez

logo notar, o seu projecto, perfeitamente realisavel, era um *ensaio d'architectura musical*. A eurythmia d'essas linhas d'agua, tantas volutas liquidas que eu via no amoroso desenho d'aquelle album, não tinham só um fim architectonico, antes eram a consequencia immediata, o instrumento de belleza necessario, pr'á opera da Agua revelada por um architecto-musico de genio. Mostrou-me então a *partitura* do palacio. Sentou-se ao piano e tocou-me alguns motivos.

Como toda a gente no hotel dormia, executava em surdina, emocionado. Primeiro o *leit-motiv* da entrada, cantado no perystilo por três fontes, com três taças de prata cada uma. Era a ogiva elegantissima da entrada (duas curvas angulares d'agua jorrante em conchas d'alabastro quasi occultas) que acompanhava as tres vozes argentinas. Harry chamava-lhe: o *motivo de saudação*.

Depois tocou-me a symphonia da fachada. E foi então que ouvi a alma transcendente d'esse tritão-poeta desterrado! E Harry dizia, crispando as mãos n'uma impotencia de nervoso, que era impossivel mimar sobre um piano a fluidez dyonisiaca das phrases. Os *graves* e os *agudos* conseguiam-se por differenças de calibres, indo d'uma tenuidade capillar até aos cylindros de maior diametro, ás boccas, diverticulos e ampolas, com reconcavos e inflexões previstas, n'um duplo intuito ornamental e acustico.

A gamma das resonancias era immensa, indo dos accordes dos marmores e alabastros até aos timbres dos metaes mais ricos, dos bronzes, pratas fôscas, claros oiros, com espessuras varias nuançando, imbutidos nos marmores da fachada, enriquecida assim com côres de joia e os tons sobrenaturaes d'um orgão d'agua. Oh essa symphonia! Reouvil-a e, meu Deus! prazer supremo, ouvil-a e vêl-a, se um dia o templo da Agua fosse vida!

Tres melodias *fugadas* corriam a fachada sem cessar. A que vibrava ao centro, tinha timbres mais finos e mais altos, os jactos erguiam-se mais, implorativos, antes de recahirem em vertigem, nos dois fócos de resonancia

decoral. Era uma prece indefinida e dava ao templo como uma aspiração d'agulhas gothicas, a expressão decantada, musical, que teem as mãos erguidas das ogivas. Harry chamava-lhe: *a ancia de ser nuvem*.

Os outros dois, visualmente, fundiam-se em sinuosidades expressivas, em caprichos de linhas reticentes, e fiando a mesma clara rêde, eram, musicalmente, bem diversos. Harry chamava-lhes: *a alegria de morrer sorrindo*; *a saudade dos rios, das nascentes*. E os tres deliam-se n'uma polyphonia liquescente em que *a ancia de ser nuvem* tinha o pathetico d'umas mãos erguidas; *a alegria de morrer sorrindo* lembrava a vida e morte das espumas: e *a saudade dos rios, das nascentes*, nas conchas e reconcavos de marmore revestidos dos bronzes mais espessos, dizia em accordes quasi cávos o desespero da agua outr'ora livre, domada e orchestrada sabiamente: a nostalgia do coração das rochas vivas, dos açudes, dos campos cultivados que ella regava a chalrar nos sulcos largos.

Nos tres lados restantes, a decoração musical era mais simples: balladas d'echos sem memoria instillando um esquecimento de magia. Inutil descrevel-as: impossivel. Ante o imprevisto d'esta architectura, Harry comprehendendo o meu espanto, mostrou-me em cadernos atulhados, a notação musical minuciosa, em que as vozes de milhares de fontes tinham sido por elle copiadas, e outras de ensaios que realisára até poder compôr a *partitura* d'esse palacio feerico da Agua.

O seu esforço agora, a sua obcessão de cada instante, era estudando a hidraulica e a acustica, chegar a harmonisar a architectura, que lhe parecia pouco bella ainda no marmore, com a belleza musical e plastica da architectura liquida exterior. Trabalhava com febre, dia e noite.

Mostrou-me ainda detalhes interiores. *A galeria da Meditação* tinha vitraes historiando os mythos da Agua: ao largo da laguna veneziana, o casamento do Doge com o Adriatico na galera de sonho o *Bucentauro*: Ophelia louca, o cabello como um chorão de fios d'oiro, apartando com as mãos de prata fôsca os canaviaes, orando

á beira rio: sereias penteando-se ao luar com medusas nos seios gotejantes...

No chão de porphyro, um tapete esmaecido de reflexos. E nas paredes núas, com se pendurasse as telas d'algum mestre, Harry cavára duas fontes pequeninas, n'um tingling lacrimal, beijante, clepsydras a viver fóra do tempo... Ali iria meditar e lêr.

Era evidente porém que o seu palacio só podia existir no isolamento.

Disse-me então como teria de mural-o, defendendo-o do vento, concentrando-o. Além das grades balizando o parque, cinco muros d'arvores concentricas, por ordem d'alturas decrescente: a grisalha colossal dos eucaliptus, o velludo dos cedros, choupos gothicos, cyprestes tutelares, e em vagas meigas, as cabelleiras soltas dos chorões... E seria n'um valle agasalhado.

Harry empallidecia d'emoção. Detestava viajar, o convivio forçado dos expressos, a promiscuidade dos hoteis, dos restaurantes. Só por as fontes se fizera vagabundo, para as vêr, p'r'ás ouvir assimilando-as, e poder executar um dia o seu palacio — synthese de todas.

O entusiasmo de Harry contagiou-me. É possível que amanhã não seja assim, que d'este plano d'architectura musical que antevejo e anteoiço emocionado, no contagio febril que me vem de Harry, me fique a ideia d'um projecto fruste, d'uma allucinação d'hyperacustico, como uma fórma de loucura poetica só como documento, interessante.

O templo da Agua é para a vida d'este sensitivo, sob uma fórma intima e discreta, a minuscula visão quasi infantil, a creancice lyrica encantada em que este poeta semilouco e ingenuo, tenta exprimir em linguagem d'arte, com a architectura e a musica por meios, tudo quanto na terra deslumbrou a sua alma de tritão exul.

Se amanhã analysar este projecto longe do seu contacto perturbante, talvez eu reconheça a inanidade de todo o seu amorosissimo trabalho, mas sempre com emoção hei-de admiral-o, porque teve uma paixão e se lhe

entrega, sem nenhuma restricção, de todo o corpo, e arde n'essa febre dia a dia, abandonando tudo, bello e rico, por uma vida nomade, de acaso, que o fará morrer ao desamparo no hotel d'alguma terra onde haja fontes, ainda fiel a essa visão de sempre, sorrindo ao seu palacio em cristaes múrmuros...

O palacio da Agua!... «Construil-o e habital-o com *miss Fountain* se a encontrar um dia...» Eu cuido ver essa belleza d'agua tal como vive nas pupilas de Harry. Tem um voz d'agua, os olhos d'agua, uma alma d'agua, clara, imperturbada, e um desejo, um sensualismo d'agua, envolvente, fluido, esquecedor, como um nirvana d'agua inexgotavel.

Sem o fermento de nevrose que o desvaira, com faculdades creadoras coordenadas, Harry seria talvez um grande musico, um encantador, um mystico dos sons, como fragmentariamente o revelaram as estranhas composições que agora ouvi. Ou, quem sabe! um architecto novo, musical pela assumpção das linhas, sem recorrer, vesánico, chymerico, ás impossiveis symphonias da agua onde os seus olhos palidos, de nevoa, cuidaram descobrir todo o destino.

Ao ouvir-lhe a voz meiga, monocordia, já começo aqui mesmo a duvidar, e penso no que seria o desespero, a irremissivel catastrophe d'este homem, sem familia, sem noiva, sem amigos, condemnado a um absoluto isolamento por uma sensibilidade hyperaguda, se viesse um dia a convencer-se de que era uma loucura essa chymera onde fechou o futuro a sete chaves.

É certo, é natural que isso succeda. Que sabe elle de hydraulica, de acustica? Nem sequer tem uma educação profissional, e era forçoso, p'ra admittir como exequivel esse plano, que ele fosse um architecto extraordinario, um musico revelador de novos meios e um engenheiro unico, de genio.

E assim mesmo, pois que o drama musical de Wagner é na sua belleza de vertigem, a mais victoriosa das derrotas, condemnando pela voz d'esse homem-deus

tentativas quaesquer de fusão d'artes, não era mais que certa, irrevocavel, a fallencia total do sonho de Harry?

Esse supremo aro d'unidade, fervorosa obsessão de todo o artista, é um prodigio *interior*, não se exteriorisa, e só com uma genialidade adivinhante, se realiza por um meio unico (litteratura, musica, pintura) a obra-prima contendo em potencial, englobando em suggestões latentes, dominios que pareciam d'outras artes.

Se ao menos pudesse conviver com elle e canalisar tão bellas qualidades p'ra qualquer coisa de viavel, de fecundo! Queria evitar que a sua vida se partisse como uma lufada de vento quebraria aquella architectura em pratas d'agua, como um systhema arterial de sonho. Mas é esta a primeira noite que fallamos e é decerto a ultima tambem.

E depois, como poderia desvial-o, por que paixão substituir esta paixão, este culto das fontes religioso? ...

Lembrei-me então do mar, todo o meu culto. E voltando á symphonia da fachada comecei a dizer que um dos motivos — *a alegria de morrer sorrindo* — me fizera ali na paz de Roma, uma saudade immensa do meu mar. Harry fixou-me. Parecia constrangido.

— Gosta muito do mar, não é verdade?

Harry calava-se, interdito. Senti então entrar pelas janellas como uma onda de silencio que arrolasse, a paz de Roma prenhe de memorias... A fonte de Bernin ouviu-se mais: dir-se-hia uma voz d'ama millenaria a acalentar phantasmas com terror...

Ao ver Harry perplexo, hesitante, arrependia-me da pergunta que lhe fiz, mas elle viu com certeza nos meus olhos a minha curiosidade, a minha ancia. A sobreexcitação d'aquelle instante, até o facto de eu ser quasi um estranho a quem se faz mais facilmente confidencias do que mesmo a um amigo ou a um conhecido, forçaram-no a fallar, violentaram-no.

Respondeu-me com agitação, d'um modo brusco:

— O mar? !... Não posso supportal-o, odeio-o, porque foi elle que perdeu os meus... Comprehendo-lhe a

belleza que é divina, mas não o posso vêr, aterra-me, detesto-o...

Ainda hesitou. Depois, sem interrupção, *vivendo* as phrases:

— Meu pae que era um homem do povo, viveu doze annos com *elle* e adorava-o. Era piloto. Viajava p'r'ó Norte quasi sempre. Filho de marinheiros, tinha nas veias o amor do mar. Foi de volta da Islandia, a bordo do *Baltic*, que pela primeira vez viu minha mãe. Teria ella então dezesete annos.

Meu pae, ruivo e forte, tinha uma belleza viril, impressionante. Ella, já então orphã, viajava com meu tio. um velho estranho, que só as viajens por mar interessavam. Era bella (tirou uma photografia da carteira), immensamente bella, não é verdade?

Tinha uma indole exaltada, romanesca, que o habito de realisar todos os caprichos levou a um despotismo singular, de perversão nervosa, d'hysteria, e ao menor obstaculo, com accessos de choro e grandes febres. Meu tio era o tutor, e longe de a reprimir, estimulava-a mais, lisongeando-a, com uma adoração de spleenetico alcoolico por aquella andorinha semi-louca. Mesmo a bordo, quando começou a amar meu pae, ella ia fazer-lhe confidencias, contar-lhe os sobresaltos dos seus nervos e elle ouvia-a com uma indulgencia de ternura e talvez com uma ponta de sádismo. Mas não quero aborrecel-o com detalhes.

Contra a vontade de todos, apenas ajudados por meu tio, cujo spleen se comprazia n'este drama, os dois casaram, depois d'uma côrte romanesca que allucinára de paixão meu pae. Minha mãe teve uma exigencia unica, mas que era para elle a mais cruel: *abandonar a vida de bordo para sempre*. Estava tão doido, que a acceitou sem comprehender, palido como se lhe arrancassem toda a alma...

Na vespera do casamento, foi a bordo do *Baltic* despedir-se. Abraçou os companheiros um a um, e andou horas a bordo, como um naufrago, como um cão sem dono,

os olhos razos, a dizer adeus ao seu navio. Toda essa noite passou-a a errar no porto. Ninguem diria que aquelle vagabundo, tinha uma noiva aristocrata, bella e rica, e ia casar já na manhã seguinte.

A caminho da egreja, sentia uma alegria lugubre, uma felicidade exasperada, como um travo de remorso do mar longe...

Depois veio a vertigem. Durante dois annos, esqueceu o mar, esqueceu tudo nos olhos verdes de minha mãe como n'um alcool. Viviam um do outro, sem convivio, n'um castello dos arredores de Londres, que meu tio, ainda em vida, lhes doou. Havia no amor d'elle a minha mãe devoções de plebeu por um ser de raça, e o sensualismo d'um marinheiro, moço e forte, com longos periodos d'abstinencia no mar largo, por um corpo de pétala, serpentino, enlaçando com braços e perfumes...

No amor de minha mãe havia bastante de perversão hysterica. Sabia como elle evitava fallar do mar com uma especie de pudor religioso. Um dia mesmo elle pediu-lhe de joelhos, que não lhe lembrasse a promessa que fizera, que não falasse do mar deante d'elle. E a cada instante, em horas intimas, quando passeavam no parque, nas estufas, nas grandes noites d'invernia e chuva, ella alludia em phrases reticentes onde adejava o espectro do mar longe. Tinha a volupia de o martyrisar. E quando o via bem amarfanhado, cahido como uma coisa ao desamparo, p'ra cima d'um estofo, a mascar raivas, erguia-se mais linda que um *tanagra* e ia beijar-lhe os olhos, dar-lhe a bocca, endoidecel-o d'amor e de luxuria.

E viviam assim mezes e mezes. Nem uma visita. Ninguem. Raro sahiam. A vida mundana não interessava minha mãe. Tinha-a vivido febrilmente e esgotou-a com uma precocidade de nervosa, que tudo interessa e aborrece em pouco tempo. Depois, ainda por orgulho. Tendo feito um casamento desegual, não queria humilhar meu pae nem humilhar-se.

Havia n'esta vida de desejo de dois seres tão differentes e isolados, qualquer coisa de feroz, de criminoso.

Dois instinctos presos por amor, na mesma jaula d'oiro, dia e noite... Enervavam-se um ao outro. Enlouqueciam-se.

Tenho em Londres uma photografia de minha mãe por esse tempo. Emmagrecera. Lembrava um ser pathetico de Shakespeare. O seu temperamento d'hysterica requintava, em perversões subtis, quasi em loucuras. Torturava meu pae continuamente, dando-lhe a visão do mar a cada instante, por suggestões que iam atormental-o, evitando comtudo fallar d'elle, com uma hypocrisia que seria mais cruel do que seria uma allusão bem clara. Nas salas havia paysagens de mar por toda a parte... E por cima das mesas, dos sofás, como uma obsessão de crime, sempre e sempre, livros, romances e gravuras, com narrações de mar, sempre com o mar...

Até as musicas que tocava ao piano. Dizia-lhe: anda «ouvir como isto é lindo!» E elle encostado ao piano, junto d'ella, via os *Lieder* de Schubert já abertos n'uma pagina marcada. E lia: *O mar!...*

Depois que eu nasci, a nevrose de minha mãe, longe de se calmar na maternidade, exasperou-se. Os dias para os dois eram enormes. Passavam horas junto do meu berço, inventando-me encantos, a adorar-me. E como me dizia a velha Jenny, por quem eu soube tudo o que lhe conto, dir-se-hia, n'aquella solidão envenenada, que cada vez se desejavam mais, se bebiam com olhos mais sedentos, com um amor que era uma especie d'odio.

Tudo isto passava-se sem gestos, sem levantarem a voz uma só vez.

A virilidade impulsiva de meu pai cahia dominada ao ouvir-lhe o andar. O ruge-ruge dos vestidos d'ella fazia-lhe um terror voluptuoso. Estirava-se aos pés d'ella muito tempo a beijar-lhe os sapatos, marasmado...

Os creados achavam-nos estranhos, cada vez mais palidos, mais magros. Elles mesmos presentiam — no silencio augural d'aquella casa onde os viam enlaçados, d'olhos loucos — qualquer coisa de trágico, de mau...

Meu pae que a bordo fôra sempre sobrio, bebia

agora immenso, embebedava-se. Depois, com a ideia do mar cravada n'elle, ia esmoer essa obsessão, calado. Viam-no ás vezes fallar só, baixinho, escondido nas salas afastadas, dizendo por entre dentes, suffocado, coisas de bordo, vozes de commando, com as mãos em porta-voz, olhando o tecto, como se fitasse os mastros, o velame...

Se alguem o via, disfarçava, com uma expressão de terror quasi idiota. Ia endoudecendo pouco a pouco.

Minha mãe sabia tudo, tudo. A pobre Jenny, sobresaltada, ia contar-lhe; pedia-lhes que se distrahissem, viajassem, que fizesse um esforço p'r'ó salvar. Ella porém só tinha curiosidade p'ra saber se meu pae bebia, muito, se fallava só, o que dizia...

Ás vezes, vinham cartas dos camaradas, dos portos em que o *Baltic* tocava, fallando-lhe de bordo com saudades. Elle lia-as e relia-as muitas vezes. Trazia-as sempre comsigo, decorava-as. Mas logo que minha mãe apparecia, mudava de figura, era já outro. O olhar babava adoração. E se um instante se abandonava nos seus braços, pegava n'ella ao collo como um doido, levava-a p'r'á alcova aos tropeções, sem se importar com os creados, com ninguem.

Afinal minha mãe gostava d'isto. Era ella que o enlouquecia pouco a pouco. Cada vez mais, sem fallar *d'elle*, a proposito das coisas mais triviaes, alludia ao mar, com pausas bruscas, em que os ouvidos d'elle, allucinados, ouviam o rumor, a voz do largo...

Evocado a todos os pretextos, por essa linda torsionaria, hysterica, *elle* acabou por ser uma presença: o Espirito do Mar viveu com elles!... Eram tres agora no castello. Passava o inverno com elles, a seu lado. Vivia nas marinhas das paredes, nos livros e no vento, nos ruidos... e mais e melhor: na alma d'elles...

Sós, á noite, a ouvir o vento, olhavam-se... E em ambas as boccas, bem cerradas, cada um lia: «Ouves o mar? É *elle*...» E depois de suspensos um instante p'r'ó sentirem correr-lhes a medula, afogavam-se nos braços um do outro, numa furia sensual desesperada. Foi

minha mãe que provocou tudo isto, e acabou por se enredar tambem, por acreditar como elle, contagiada. N'uma cama d'amor, dois amorosos, partilham as loucuras como os corpos...

O Espirito do Mar estava com eles. Ainda lhe não tinham pronunciado o nome, mas calavam-se muitas vezes para ouvil-o, conversavam sobre *elle* por olhares...

Uma noite d'inverno — ia a fazer tres annos que casaram — recebeu do Norte um telegramma.

Era d'um camarada intimo de bordo. Toda a tripulação o abraçava; mandavam-lhe do *Baltic* saudades... Pareceu-lhe então que o seu navio, o seu panno que tanta vez ferrára, vinha n'aquella noite de Janeiro, dizer-lhe o ultimo adeus da vida a bordo, das grandes rótas pelos mares de nevoa, das veladas na ponte a todo o tempo, dos somnos bons depois no seu beliche, pequenino e estreito como um berço... Rolavam-lhe as lagrimas dos olhos.

A Jenny que andava inquieta e os vigiava, muita vez me contou essa noite ultima.

Chovia immenso. Ella mesma lhes serviu o chá. Meu pae, como de costume, bebeu *gin*. Mas n'essa noite foi brutal o que bebeu. Minha mãe, com uns olhos d'aura hysterica, dava-lhe as mãos a beijar, encorajava-o...

Já tarde, ergueram-se. Jenny foi ajudar a despir-se minha mãe. Elle seguiu devagar pelo corredor e abriu a janella toda á noite negra... Ficou assim algum tempo a olhar o vago, com a cabeça nua, á chuva e ao vento...

Depois, bruscamente, foi p'r'ó quarto. Com um tremor d'alcoolico nas mãos, foi a um armario de que nunca se servia, e começou a tirar roupas de bordo, atiradas ha tres annos para ali como coisas inuteis para sempre. Pôz-se então a vestil-as febrilmente: japona d'oleado, botas altas, na cabeça o suéste... Como a bordo. Viu-se ao espelho. E ia a sahir, quando voltou p'ra trás. Qualquer coisa lhe faltava. Procurou no armario, procurou... Era a faca de bordo, n'uma bainha de coiro já puido. Pôl-a á cinta e partiu com um andar mais firme, resoluto,

como se a bordo, fosse fazer um *quarto* em noite má. Outra vez seguiu pelo corredor, até ao quarto de minha mãe que o esperava. Sem bater, entrou: parou a olhal-a. Tinha os cabellos desfeitos, muito branca, n'um *robe-de-chambre* que abriu ao vel-o entrar. E com o collo nú perdeu-se a rir...

«Vais p'r'ó mar, meu amor? Deixas-me só? ...»

P'r'ó mar! P'r'ó mar!... Pela primeira vez ha já tres annos, espantado de se ouvir, da sua voz, repetia o nome sortilego, supremo: «*P'r'ó mar!*» com uma inflexão pueril, quasi idiota.

A lenha crepitava no fogão. Ouvia-se chover cada vez mais.

«Estás vestido p'r'a bordo... Estás já prompto...»

De subito, ella viu-o demudar-se. Com uma inflexão rouca, de bebado, tornou: «Está mau... está mau... Está um temporal desfeito. Como querias tu que eu me vestisse?» Ella sentiu terror e approximou-se. «Ouves a chuva?» dizia elle. «Ouves a noite? ... Ouves? ... Ih! Ih! Que vento! Que maldito!...» N'um lindo gesto metteu-se-lhe nos braços, collando-se contra elle, abandonando-se. O *robe-de-chambre* descahia-lhe nos hombros. «O panno incha, O panno incha... Ferrar panno! gritou com voz de commando: Ferrar panno!» — Tomou-lhe o corpo nos braços ennovelado. E Jenny que ao ouvir-lhe a voz correra, ouviu ainda aterrada: «Não aguenta o panno! Cortar cabos!...» Tirou a faca de bordo da cintura, prendeu a bainha nos dentes p'r'a arrancar, e cravou-lha no collo até á raiz. Era curva. Dir-se-hia que tinha a inflexão dos seios d'ella.

....

Harry contou-me ainda o processo, o julgamento, e como elle no tribunal accusou o Mar... A opinião dos medicos legistas foi que elle estava doido irresponsavel. Apesar d'isso porém, foi enforcado. A opinião publica, os jornaes, eram contra elle.

Harry estava livido.

— Comprehende agora porque odeio o mar.

MANUEL LARANJEIRA

Dor Surda

Inédito

Dor Surda

Ó Maria, lê a tua sina...

Maria infitou a velha saga com um quê de terrôr nos olhos; depois voltou-se para o Carlos que via trocista da crença daquella gente que se achusmava ao redor da ledôra dos destinos.

A sybila mobilisava os olhos pardos(,) onde nada se lia(,) pelo bando. Um semblante sem expressão: um espelho onde cada um podia ver-se.

Dissera a cada um o futuro com o mesmo rosto de gelo. Insondavel o olhar. Ao prometter ventura a uma, prazer a outra(,) ao ominar desgraça a esta e maus fados aquella(,) o rosto tinha sempre a mesma côr: nem uma gelha, um vinco, nem o assomo d'um sorriso. Um pergaminho amarellado que tinha a mesma côr, quer fosse escrito de coisas horrorosas, quer o fosse de sonhos lindos.

Maria voltou para o Carlos:

— Que diz?

— Queres um vintem? — Offereceu o Carlos sempre galhofeiro.

— Não; eu tenho aqui. — E estendeu a mão à signeira.

Era uma mão pequena, nervosa, afuselados os dedos. O orago tomou-lh'a sem dizer uma palavra. Fixou a vista nos sulcos(,) delineou-os.

Maria olhava para o Carlos espavorida, a tremer os lábios brancos d'anemia. O rapaz incutia-lhe confiança com um sorriso sceptico. A velha fallou então:

— Serás bemaventurada na vida! Gosarás da felicidade que não esperas. Quem tu desejas tambem te cobiça. Não receies. Não chores nem te afflijas. Espera. A vida para ti ha-de ser toda mel. Elle casará comtigo.

Maria tremia como um passarito encrespado ao fogo da lareira. Relanceava para o Carlos olhares furtivos(,) medrozos. O sorriso do rapaz accentuára-se mais. Era mordente. Um misto de despeito(,) vergonha e fel. A velha continuou a esbategar felicidades sobre o porvir da moça. Ella sentia-se fascinada n'um lago de goso e alegrias. Sentia-se a caminhar ao longo da nave d'uma cathedral, coberta de flores que lhe despejavam na cabeça. O perfume era atordoador: embebedava-a. Mas era uma embriaguez doce. Tinha a sensação extranha de quem suga nectarios de flores. No fim, como ao despertar d'um sonho bom(,) sorriu indefinidamente e quedou-se a olhar para a feiticeira. Daquela physionomia vaga ia sahindo(,) avultando(,) recortando-se(,) esbatendo-se(,) dourada a imagem do Futuro a fluir promessas. E comtudo a velha tinha a mesma attitude. Era o mesmo mysterio. O rosto insondavel como o d'um abysmo. Maria é que a via com outros olhos. A velha era a sua imagem. Deu-lhe um vintem que ella abysmou na algibeira. Depois abeirando-se do Carlos, a fluminar ledice:

— Veja a sua tambem... — E banhava-o n'um olhar de luz e ternura supplicante. O Carlos rompendo a mó de gente(,) agitando a mão no ar:

— Quero saber a minha tambem... Ha uma pessoa que m'o pede...

Achava-se enfrentado com a velha. Ella era a mesma. Elle achava-a muito engraçada. Nem susto nem

amor. Ella não o fascinava. Elle tomava-a como cousa que nos dá prazer por momentos. Depois d'um silencio(,) elle disse:

— Olha(,) velha bruxa, tu és mentirosa como a propria vida que dizes adivinhar o é. És uma sombra para uns(,) és luz para outros... És um poço, onde cada creança pode ver a sua imagem. Aterras uns, rejubileces outros. A mim nem uma nem outra cousa... Conheço-te bem. Não te tomo a serio. Tanto me importa que digas que eu sou santo como que eu sou ruim. Sou este. E as tuas fallacias não me enganam. Nem cuidados nem alegrias. — Bah! Grandes cousas se tem passado no curto lapso da minha mocidade... Diz-las e terás o teu dia bem ganho.

A velha tomou-lhe a mão. Concentrou-se a olhar-lhe as nervuras.

— Terás um futuro cheio de illusoens.

Serás feliz com ella.

— Ella quem? — interrogaram do lado.

— A esposa... — E continuou: — Mas virás a ter um grave desgosto...

— Não quero saber o que virei a ser... quero saber o que fui... Diz-m'o. E deixa estar o amanhan no ovo. É cedo para nascer... O hontem, só o hontem! O hoje pertence-me a mim!

— E a mim o hontem(,) o hoje e o amanhan. — disse a maga.

— Mas só a ti! Se todos tres se consubstanciam em ti! é uma mentira como elles o são.

— Mentira não...

— Segredo então. A verdade não se revela... não a dizes. É a tua essencia.

A velha calou-se. Muda como uma estatua esperava.

O Carlos deu uma risada.

— Vá, dize-me o Passado... E verás como eu te comprehendo...

A velha começou a desfiar uma sarta de cousas que estimulavam o riso do rapaz.

— Adivinhaste! — Chasqueava elle.

Ella continuava serena a resa dos factos.

— Adivinhaste!

O povo estava maravilhado. A adivinha aparecia-lhes como a personificação do assombro.

Até ali não tinham ouvido nada egual. Milagre! Era como se o desconhecido se desvelasse e esbarrondasse o cofre dos prodígios que fascinam. Adentrados da superioridade da velha todos se intrugiam que ella era um iman que nunca mais deixaria de magnetizal-os.

Mesmo aquelles a quem ella agourava desgraças se sentiam presos a ella.

Ésses mesmos olhando-a com terror de quem olha um precipicio sentiam-se empossados d'uma vertigem e cahiam no seio. Como que ella os tomava nos braços e lhes atiçava um sopro de vida com o seu bafo.

O Carlos era o unico que se ria. Os outros estuporizados sentiam que as suas vidas estavam no halito da bruxa.

— Ella rematou:

— Deve-me um vintem!

— Agora não adivinhaste. — disse o Carlos soltando uma risada. Voltou-lhe as costas. Chegando ao pé de Maria murmurou:

— Intrujona!

Depois voltando-se p'ra velha:

— Olha, hei de gozar-te sempre! Sou teu amigo enquanto me convieres. Depois... abandono-te como quem abandona um cão ulcerado de lepra!

Não se offendeu a velha. Tomou uns foles onde havia codeas de borôa e abalou. Uma pinha de gente seguiu-a. Alguns, raros! — ficaram.

MARIA ficou ainda a olhar para o indireito que a velha adergára de tomar, fascinada. É que o despertar parecia-lhe o fim d'um extase. Ella ficou a amar a velha como a uma fada bôa. Alvoroços intimos borbulhavam-lhe á flôr dos labios em sorrisos indifinidos.

— Vamos(,) Maria. A tua mãe é capaz de ralhar...

— Ah! Não... não diz nada... Tambem vai para o meu lado...?

—Vou. Nada tenho que fazer... Se hei de estar por ahi a aborrecer-me, vou até lá. Psah! Havemos de ir de braço dado.

— Oh! não senhor! Parece mal. É muito feio!

— Que tem. Ora não sejas tola...

— Então, vá — accedeu ella. — Tambem tem cada scisma!

Puseram-se a caminhar. De repente Maria sustou-lhe o braço.

— Oh! Que vermelhas e lindas! — E anceiava com o beiço desejoso para uma golpelha de maçans rubras como beiços cheios de vida e sensualidade. Uma mulher espiava um rocada de tomentos(,) sentada n'um escabello.

— A como são? — apreçou Maria.

— Quatro por um vintem... Mas são de pardo-lindo, muito farinhentas e muito gostosas...

Maria calou-se. Ella tivera um vintem; mas a mulher das sinas levara-o. E fixava nas maçans um olhar de desejo de posse.

O Carlos comprou. Maria apanhou-as no avental.

— São p'ra ambos. — disse elle. Igualmente. Sim?

— Sim.

— Arruda! Que toledo! — Murmurou uma velha ao vel-os passar. E santigou-se escandalisada.

— Ella que tem? — Espirrou o rapaz.

— Eu sei. Decerto o juizo envelheceu-lhe com a idade.

Em casa d'ella o Carlos era muito familiar. Lá seroava-se na costura. Elle passava lá as noutes. Quando as ferias terminavam(,) antes de ir para Coimbra(,) elle despedia-se d'ella e da mãe com um apertado abraço. Na volta(,) depois de ir a casa(,) lá estava a rir(,)

contente. Maria dilatava os olhos(,) tinha repentes de apertal-o muito n'uma explosão de ternura. Mas o sorriso franco d'elle, amigo e nada mais(,)soffocava-lhe a irrupção d'amor

— Então quando estará formado? — perguntava a mãe da rapariga com o mento fincado na mão espalmada. O Carlos atiçando uns canhotos de rajos com perolas de resina a descoalharem:

— D'aqui por tres annos.

— Tres annos — repetia baixinho a moça. Deseseis, desesete, desoito e desanove! — Oh minha mãe, p'ra então faço eu desenove, não faço?

— Fazes.

— E depois p'ra onde vai? — Perguntava ella ao Carlos(,) a tremer-lhe a voz.

— Depois(,) caso-me.

— Ah!

— Hei-de casar-me com uma mulher muito rica e muito linda!

— Eu ainda hei-de vir a ter alguma coisinha... pois hei-de(,) mãe?

— Has-de... Has-de ter as estradas desempedidas e os caminhos sem cancellas!

Carlos olhava de fito para ella. Estranhava-a. Nunca vira confissão mais inocente ou então era vaidade.

Com um quê de egoismo a lisongeal-o:

— Hei-de casar, hei-de! — dizia. — Eu até mereço uma princeza, não mereço?

— Olha o milagre! — dizia a mãe.

MARIA andava agora mais alegre. Ella julgava que os promettimentos da feiticeira eram infalliveis. A mãe acanceirava-se por amor d'ella. Um pavor surdo a trazia em assiduos cuidados. É que a moça tinha uma côr de cera virgem com rosetas roxas. Ella tremia d'uma terrivel verdade. É que o marido morrera-lhe tysico.

Ella lembrara-se de familias que a ethica esgotara! Se a sua Maria tambem ia...

E esgazeava os olhos para a filha(,) anciosa, arripiando-se ao menor pronuncio de debilidade.

Um dia entrou-lhe a pequena em casa em soluços(,) archejando refolegos e golphando estrias de sangue. Os labios nas comissuras pareciam unhas de papoilas. Os olhos debruados de violaceo, com folipos de lagrimas.

Depois serenou. Mas o rosto tinha a rigidez pasmodica de quem soffre um mar de dores, numa insconciencia de tudo. Os olhos vidraçados(,) alheios(,), pareciam mortos. Foi a mãe chamar o medico. Elle achegou-se(,) solicito.

— Então, pequena, isso que foi...

Maria não respondeu.

Ele examinou-a, vagarosamente. A mãe seguia-lhe os movimentos(,) os gestos, avida(,) sobressaltada(,) com uma agitação febril. Enclavinhava as mãos(,) retorcia os dedos(,) vigilante. O medico terminára.

À sahida ella tomou-lhe o passo(,) gaga de dôr.

— Snr. doutor, diga-me tudo...

— Por emquanto não vale nada. Mas pode complicar-se...

— Mas o sangue... o sangue(,) aquelle sangue que era a vida da minha filha.

— Isso nada diz...

— Mas de que foi aquillo — pai do Céu! Assim tão de repente...

— Um ataque de nervos... Algum desgosto que a pequena teve...

— Ai a minha filha! Mas ella não tem quem lhe queira mal! — E diga-me, Snr. doutor, é perigoso aquillo?

— Agora não...

— Mas vem a sel-o...

— Isso... — E encolheu os hombros.

— Dê-me esperanças, snr. doutor...

— Eu já lh'as tirei(,) mulher?

Montou a cavallo.

A pobre mulher lançou-lhe a mão a um braço.

— Não vá embora, snr. doutor... Não abandone a minha menina! Eu pago! Eu tenho esta casa. Praceia-se, vende-se ou penhora-se... Mas eu arranjo dinheiro... Nem que eu fique sem a camisa do corpo! Se V. S.ª nos abandona(,) ella morre...

— Você é que é capaz de matal-a com esses barregueiros!

Esporeou a cavalgadura. Ella estendeu os braços na direcção como a abranger n'um ultimo desespero a esperança unica. Abarcou o ar. Escoava-se-lhe a ultima restea de sol. Não havia salvação. A sua filha, a sua querida menina, estava condemnada! Ó Senhor! Para que m'a deixaste crescer? Para m'a levar tão moça, meu Deus ? Antes m'a roubaras quando tamanhinha! Eram agonias que me poupavas! Mas agora, agora(,) na verdura dos annos... tão grande(,) tão linda... que era o meu encanto! Eu não posso com tantas dôres...! Arrastou-se de joelhos para uma imagem da Virgem da Agonia. Estendia os braços hirtos(,) os dedos crispados n'uma supplica immensa.

— Intercedei por mim, mãe de Deus! Mandai um raio da vossa Graça Divina e sarai-m'a(,) consoladôra dos afflictos! Vós que sois a Saude dos enfermos não despreseis a minha filha, Senhora! Se vós a esqueceis quem se ha de lembrar d'ella. Ella é innocente...

Não pôde continuar. Convulsa baquejou no taboado do sôlho atafegada de soluços.

— Mãe, minha mãe, não chore! Eu estou boa! Ora bah! Ora repare pr'a mim! Venha aqui à janella ver!

De pulo ergueu-se a mãe. Fitou-a contra a luz. Maria sorriu! Mas que sorriso! um sorrir que era um verdadeiro sol de Janeiro...

— Minha querida! Meu thesouro!

O rosto illuminava-se-lhe.

— Já passou! já passou! — iterava ebria de contentamento.

Maria tossiu — uma tosse secca. Levou o lenço á bocca. Vinha estriado de vermelho rutilante.

— Mãe! — E muito fatigada enlaçava-a como a confugir ao seio maternal.

A voz era um gemido surdo.

— Então! que é minha rosa!

— Rosa...? — Disse Maria com um sorriso amargo. — Rosa dos caminhos... Peguinhada por quem passa... Mãe, mãe! Quem é pobre... Ah! Levou as mãos ao peito dorido. Foi aqui... — e apontava o coração: — foi aqui que elles me alleijaram... Fizeram-me tão mal! Mataram-me! E mais eu nunca fui ruim! Poi não, mãe?

— Tu má? Quem o diz? Minha pomba sem fel...

— Eu soffro tanto! Ninguem imagina!

— Que te doe? Bah! Diz! — Pedia, beijando-a muito carinhosa.

— O que me doe? Oh! É um doer cá de dentro... Mas isto ha de passar! Ao princípio custa... custa, que nem sei dizer quanto... Mas hei de me affazer...

— Mas porque foi? Bah! Não mintas. A uma mãe tão amiga não se oculta nada!

— Não, não... Imaginaçoens, mãe! Eu não sei mais nada... Vê?

— Tu illudes-me, Maria! — exclamou desconfiada.

— Não, não... Ninguém é culposo! Isto veio-me assim d'um momento p'ra o outro ...Sem eu querer, nem esperar...

— Maria, minha filhinha! Diz a verdade toda! Diz-m'e que eu juro que te hei de arranjar a cura... Nem que ella custe quanto temos... Até a minha vida...

Maria abanou a cabeça negativamente com resignação de santa:

— Não... não... Nem que assim fosse eu não a queria... Não... Não pode ser...

— Ah(,) se a mãe soubesse... Jesus! Morro, mas não digo...

— Filha! Tu queres-me arrazar os dias da velhice!

— Ah! Veja! Abril findar antes de dezembro...

Os dias agora corriam monotonos.

Maria já não supportava a costura com o afinco dos dias anteriores. Insensivelmente parava e ficava a olhar vagamente os massiços glaucos dos arvoredos. Os olhos nadavam em lagrimas que gottejavam no avental. A sua alma como um perfume levado por um ventejar brando, exhalava-se n'um scismar amargo, e ella ficava a estatua plasmada em toda a sua opulencia de expressão.

Ás vezes uma dor mais minaz terebrava-a de subito até ao sabugo dos ossos. Ella contraia-se num escabujo de frio.

O despertar do sonho era peor...

— A saudade é como o lume das fornalhas: queima, queima devagar até consumir tudo...

O velho medico passava por alli a meudo. Apeava, amarrava o cavallo a um cedro de copa larga, verde, de ramos entrelaçados e fechada como um alpendre.

Maria levantava-se cheia de respeito. Elle(,) porem(,) muito bondoso:

— Senta-te, pequena! senta-te! — Ora vamos lá a ver esse rosto... — Ah! Estás medrada! Bah! Um luar de alegria... Eu logo vi.

Maria tinha um sorriso baço como um luar nublado. O medico mesmo sentia que a vida se exhauria á rapariga, como o reverbero d'um gaz atravez d'um muro poroso. Alentava-a porem.

Maria é que já não se illudia. Sentia que morreria breve, porque almejava morrer... Ella bem sabia que a amargura havia de matal-a.

— Ora... Nem sei p'ra que o snr. doutor está com isso... De ethica não morro... Eu não tenho dores no peito... Soffro(,) soffro mas é cá de outra banda... Bem sei que morro... Mas não tenho pena senão da tristeza da minha mãe. Tambem não sei p'ra que serve viver?

Quando a vida é feita de luto e crepes... — E ficava-se, muito envergonhada.

— Vamos indo! Isso não passa d'uma scisma de rapariga moça... E ainda bem... — Maria muito assustada, volvia-lhe um olhar de injuriada.

E elle continuava:

— É assim! Morrer... quem? Tu? Tu que tens as faces como petalas de rosas...

— ...de rosas murchas... — acrescentava ella. E tinha uma côr de camelia branca fanada.

O medico sentia a enfermidade afear-se(,) amadurecer. Promethia á mãe da moça uma convalescença morosa mas segura. Enganava-a.

— Ha-de seguir o seu curso... Vai devagar!

Enca(va)lgava o garrano e abalava.

Á hora de merendar, as pequenitas que costuravam com ella, mordendo cerejas bicaes iam ás flores e sugavam-lhe os nectarios como abelhas.

— Oh meninas! — Censurava quando ellas lhe traziam manadas de rosas brancas na arregaçada do avental. — E ellas mastigavam as petalas carnudas. O sumo escorria-lhes dos beiços vermelhos como um gottejar de sangue.

Maria quedava-se absorta a olhar para as flôres. É que ella sentia que n'ellas uma vida se esgotava. Via a sua vida ali. Como as rosas também ella florira. Uma primavera de seiva e de amor aleitava-as a ambas. Ambas foram perfumadas. Os aromas da rosa como as esperanças e illusoens de Maria exhalavam-se n'um desfazer de sonho. A aspiração fôra a mesma.

A rosa agora separada das veias da planta-mãe não podia beber o leite da vida. Ia murchar(,) perder o perfume..., morrer enfim. Assim Maria. Segada do tronco que a nutria, definhava e as suas illusoens como o olor da rosa iam-se esvahindo.

A ambas minava e esfumava o mesmo soffrer, — se e que a rosa tambem soffre. As creancitas chupavam sempre, muito satisfeitas: um rosto onde faiscava uma

luz de sol de maio. E Maria via n'ellas a imagem da sua infancia quando ella tambem vivia do perfume das rosas e de esperanças.

— Sempre o mesmo afinal — a vida: crescer(,) viver entre incensos ou espinhos e murchar... amada ou calquinhada. Sim. Era natural. Depois da primavera o inverno...

A vida se era boa é porque se morria... Senão... A ventura não podia durar sempre... A alegria de viver estava em desejar-se. Refinava-se-lhe o espírito, subtilisava-se. Eram pedaços da alma esfrangalhada os pensamentos da moça. De onde a onde o nariz borrifava-lhe salpicos de sangue, depois adelgaçava-se este n'um fio e ia-a enfraquecendo. Só o olhar não amortecia. Muito claro, pupillas como amoras nadando n'um mar de porcelana. E não era vitrescido. Profundo e meigo na sua fluidez. Ás vezes cahia arquejante no escano, estenuada, o peito a arfar offegas de respiração compressa.

E respondia á mãe aflicta:

— O lume(,) mãe, o lume cá de dentro há-de apagar-se! É sina!

Em junho á hora da sesta, acabrunhada debaixo do cedro(,) os pulmoens gastos(,) esgotado o coração numa atmosphera ardida como um tição em volta(,) fraquejava-lhe a vida, parecia que ia extinguir-se. Um bruxeleio estrebuchava, mas uma lufada fresca vinha refrigeral-a. Ella então a haustos sofregos sorvia oxigenio(,) dessedentava-se. Uma instinctiva avidez de vida.

Quero viver e gosar
que estou nos meus verdes annos.
E que importa que eu me illuda?
— se esta vida é de enganos...

Cantarejou uma voz bem timbrada. A cantiga esfusiou nos ouvidos de Maria como um histilhaçar de crystal. Sentiu um arripio.

Aquillo parecia uma profanação a sua dor. Imergiu no fundo do seu ser. E aos labios aflorou-lhe um sorriso amargo, soffredor.

— Era lei, afinal. Uns folgam, emquanto outros agonisam, uns riem(,) outros solução... E a todos topava o seu quinhão de dores(,) lagrimas e alegrias. Estava Maria empoçada nestas congeminaçoens quando o patear de cavallos na estrada a despertou do lethargo. Uma parelha galopava a toda a brida tirando uma carruagem descoberta rente com a sanja da estrada. Entre umas caras sombrejadas por guarda-soes Maria extremou o rosto do Carlos, muito gordo e risonho. Como tocada pelos reophoros d'uma pilha electrica ergueu-se e ficou a olhar para o carro suporisada. O coração sacolejava indomito no peito como a querer arrombal-o. Mas a carruagem ia desenfrestada e desapareceu, ennovelada num torvelinho de poeira, n'um cotovelo da estrada. Maria sentia-se colhida d'uma vertigem douda. As pernas vergavam-lhe relaxadas(,) sem firmeza. Agarrou-se ao tronco do cedro e foi resvalando(,) escorregando(,) até ficar de recovo como uma ave ferida, empossada d'um pavor prodigioso:

— Se fôra agora... — balbuciou cançada com um grande desejo de repousar. Mas a morte não vinha. Havia de matal-a(,) roubando-lhe o sangue gotta a gotta.

— Não, não... Acha cedo... O outomno ainda não chegou... Isto vai aos poucos. A fonte não pode secar por uma vez. Nem as folhas cahem todas á uma.

E com a resignação de quem nada espera sorria triste como a noite.

ALI por setembro Carlos adergou de passar-lhe á porta e parou. Saudou-a com um anceio em que a intimidade d'outrora esfriara.

— Porque não tem vindo por aqui? Nós offenderíamos o snr. Carlos? — interrogou ella com voz sumida.

— Ai, menina! Nem tu imaginas como tenho

andado atrapalhado de quefazeres! — Sentou-se perto d'ella.

— É verdade! O seu casamento...

Era verdade. O Carlos ia casar.

Fôra combinado n'aquelle anno, pouco antes de Maria adoecer.

Esposava uma rica herdeira d'um machucho politico. O Carlos pouco tinha. Filho de lavradores remediados sentia um vacuo no futuro. O desejo de enchel-o preocupava-o ás vezes. De mais passava a vida a rir como quem não se importa com o pão de cada dia. Reconhecendo a sua inferioridade pecunniaria não se afreimava em desfazel-a. Rapaz elegante(,) envernizado d'um lustre de educação requintada, manirroto em galanteios, egoista, sacrificando tudo ao bem-estar, capaz de todas as folias e sarrafacices para viver bem e ledo. Jactancioso ás vezes, ás vezes bajulante, consoante as necessidades, dardejando venavulos malevolos a quem o estimava com a mesma sencerimonia com que mannejava a vaidade de quem lhe jogava ponta-pés de despreso.

Vil, com um amículo de dignidade. Intriguista(,) mentiroso(,) com um certo ar de insinuação a destillar-se d'um sorriso que tanto pertence ao lorpa como ao sagaz, que tanto é d'um patife como d'um honesto — um sorriso onde cada um podia ver desdem e adulação ao mesmo tempo. Afora isto uma esteriorisação correcta de morgado de todos os quês de graça e gentileza duma raça onde o preconceito se patenteia, desde o cabello perfumado e lubrificado até á bota de irreprehensivel apuro. Um iman que tanto podia atrahir como repelir. Elle era consciente da sua força e aproveitava-a em proveito proprio. A escadaria dos sentimentos elle palmilhava-a com maestria. Quem o visse todo engulho a porejar n'um riso em que mostrava um colmilho acavalado como um zarguncho(,) pensaria—é um independente. Quem o vira indignado a resfolgar altivez(,) diria – é um homem superior. Em aparte: elle só acenhudava o rosto para o que lhe fosse inutil.

Se era preciso apoiar uma pulhice onde o dinheiro entrasse elle calava-se e assentia mudamente para não se comprometter, se fosse onde estivesse alguem suspeito. A sós com trampolins elle desenfreava a lingua(,) esporeava a calumnia e deixava-a choutar com um sorriso falso.

Com o bacamarte da mentira sempre aperrado, a aspide do orgulho sempre aguçada, muita superfluidade de indignação sempre oculta, o ambiguo engatilhado, punhados de incenso sempre a geito, esbanjava uns e outros conforme as situaçoens.

— Viver, mas viver bem; e seja como fôr: — eis a sua via de conducta. Vim ao mundo para gozar a vida e não para soffrel-a.

Elle sabia o que era a luta pela existencia. Era uma lei fatal, biologica. Preiado a ella tinha de seguil-a. Mas lutar pela vida honestamente era arduo. Elle sabia-o. E queria poupar-se. Plasmando-se ao gosto de todos, vivendo como os parazitas: — nada mais.

O suffragio eleitoral d'aquele anno propiciava-lhe ensejo para brilhar. Com a audacia dos grandes intrujoens(,) a Fortuna a protege-lo(,) conseguiu abeirar-se da filha do trunfo politico. Contando anedoctas(,) perdulariando amabilidade, conseguiu ser o idolo d'ella. O pai esse via nelle uma força immensa. Com respeito dizia:

— Ha-de vir a dar muito n'aquelle andar!

O ousio do rapaz esponenciou-se. Como a arvore ressequida que crava as raizes sedentas na terra(,) a beber-lhe o sangue(,) elle mergulhou os seus desejos sofregos d'ouro — vinho da vida — no dote da rapariga. Era prodigioso agora. N'uma ladravagem bem feita á bocca da mina venceu, monarchiou. O caminho estava agora desempedido de toda a lama que podesse emboldrial-o e fazel-o escorregar. Encarregou o deputado — os pais eram labregos e podiam transtornar a coisa — de pedir para elle a filha do camarista. Este accedeu gostoso. E a menina esbategou-se em jubilos.

A attitude de cão que morde e lambe — a attitude

de rafeiros que morsegam pela surrata — esfumigava-se. Todo elle agora aparecia inchado de inxundias burguezas barrufando empafia dinheirosa.

O noitejar em casa de Maria esse já lhe não lembrava. Com a levian(da)de de egoista esquecia-se d'ellas, com facilidade.

Maria reparou:

— O Carlos agora não vem por aqui!

— É rapaz: ha-de andar por ahi a verdejar!

N'aquele dia, porem, trasbordando de felicidade, fallava com verbosidade extranha. Maria olhava-o a sorrir(,) magoada. O passado aparecia-lhe como uma sombra enganadora que se adensava e tornava negrume.

Fallou do casamento. De supito:

— E a menina quando casa?

Já a não tuteava. Maria então mediu o immenso espaço que os separava.

— Breve.

— E com quem? — fez elle.

— Com uma velha... muito velha! Tão velha como a terra!

— Oh! — galhofou.

— Com a Morte...

Ah! A Morte! A bruxa d'olhos frios como o aço! A velha feiticeira d'olhar sombrio e profundo! — Mas quem pensa n'ella? Ninguém a chama cá(,) não é verdade?

— Mas ella vem. Não tarda.

Carlos olhou-a. Viu-lhe a tez coada de sangue. Os olhos debruados de violeta. As palpebras intumescidas. Maria não pestenejou ao olhar fixo d'elle.

— Delira. Não admira. As mulheres tem disso lá de mez a mez... É natural.

Era brutal a phrase. Maria extranhou-o. Sentia a sua simplicidade nervosa maltratada, a sua sensibilidade de rapariga com alma vibratil espancada rudemente. Intanguiu-se de recato; o assumpto era infesto.

O Carlos adentrado da sua superioridade susceptibilisou-se com o silencio.

— É o que lhe digo! A mulher é um ser doente!

— Mas não tem gafaria...

— Não. — disse seccamente.

Era ao entardecer. O Sol apináva por detraz d'umas cristas de nuvens tintas de vermelhão com os beirais esgarçados n'uma nevoa transparente e fúlva. A sua grande mó de fogo semelhava uma posta de sangue coalhado, e ensanguentava as nuvens.

Maria tinha arripios intermittentes. A testa empolava-se ás vezes de folipos de suor.

— Estou engrunhida! — E encafuava-se n'um chaile de lan(,) embiocava-o na cabeça. Umas resteas palidas de luz douravam as comas ouriçadas dos pinheiros. A espaços ella tinha uns tremores convulsos e parecia ficar inteiriçada, rigida. Os dentes crepitavam. Depois os suores frios como gottas de gello. A respiração custosa com sarridos.

O Carlos comprehendeu. Com um crispamento de terror affastou-se de ao pé d'ella.

Oh! A lepra! a lepra que se propagava! O Passado afluiu-lhe a memoria vertiginosamente! An? Que perigo! Abraçar uma tuberculosa! Podia estar contagiado! Cara brincadeira, na verdade, se tal tivera acontecido! E com a repulsão de tudo o que é são por tudo o que é podre infitava-a cheio d'asco. Oh! O mal! que tentamens para alastrar as suas chagas! An? A luta do que está condennado a desaparecer e a depurar-se na grande retorta da terra, com tudo o que está destinado a perpetuar-se! Maria avultava-lhe agora uma fonte de peste! Um pavor instinctivo a precavel-o.

— Você tosse muito? Escarra?

— Mas, por Deus! É a mesma teima da minha mãe! Eu não morro da mesma molestia que matou meu pae! Morro... mas é por outra cousa... Que peita!

Quem sabe melhor do que eu o que me atafega? Que scisma! Se toda a gente que tosse e escarra estivesse tysica, mais de meio mundo estava na sepultura!

— Quem diz menos disso?

Maria teve um calafrio.

— Oh! Tem frio?

Ella murmurou surdamente:

— Não admira! O sol escoou-se! Fugiu! Levou consigo todo o calor... Se elle não me aquece quem o ha-de fazer? A minha mãe? Coitada! Bem lhe bonda o medo que a arrefece!

— Embrulhe-se e recolha-se...

— Não; isto não esfrienta assim depressa.

Devagar... mais devagar do que as horas de enfaramento. Às vezes uma faúla aviva o brazido... Quando a lenha estiver consumida... então sim...

— Vá deitar-se que lhe faz bem! É muito bom o dormir...

— Dormir! dormir! — arquejou: — bom seria isso se adormecera de vez! Dormir quente em cama fria! oh! se assim fôra! — E muito agitada enfiou para a cosinha. O Carlos endireitou para casa. Lançou olhares rancorosos á casa que fumegava.

— Fumo envenenado! A casa assuntulhava-se ao fusquejar da noute como uma enorme pilheira de infecção! Acudiu-lhe uma idea onde o odio lampejava: queimal-a, incineral-a! — Não ficassem vestigios d'ella! Como que uma graveolencia se exhalava de lá; e atomos de peçonha vinham cercal-o(,) infiltrar-se-lhe no sangue(,) abraçal-o subtilmente e abafar-lhe a vida!

E a sombra da noute como uma nodoa escura d'azeite brulhoso(,) immundo(,) espraiava-se(,) alagava tudo, inhalava-se nas cousas.

Maria em casa dizia(,) pasmada ainda(,) á mãe:

— O Carlos mudou tanto de genio! Será por ser rico, mãe?

— Será. O dinheiro é como a lesma: por onde passa deixa rasto!

Em casa de Maria seroava-se. Uma espiava uma rocada de tomentos, outra remendava; outra escarduçava guedelhas hidrosas de lan; outra dobava meadas n'um sarilho; uma fazia meia: boquejavam-se ali os acontecimentos d'aldeia, assoalhava-se um tudo nada a vida alheia, esgaravatava-se o passado, joeirava-se; resava-se o terço: contavam-se historias de almas penadas, — um sopro de nortada algida a arripiar de medo os espinhaços das serandeiras.

Na aldeia ha tres especimens de jornais: a taberna, copia de immundicies a rebalsar, com relampagos sinistros de sangueira. O barbeiro, jornal mordente escanhoando o proximo com menos piedade que o gume da navalha serrabulhenta os queixos do freguez: a insulsez farcista dos jornalecos ladrinchadores, cainhando, arregaçando um riso belfo onde os laniares espelham como agulhas. Producto hybrido do pasquim e da sensaboria. O serão, jornal critico-litterario com uma secção recreativa de adivinhas, religioso, com padrenossos a fio e ladainhas por alma de quem lá está: promiscuidade de resas mesmadas, defumadouros, persignadelas, má lingua, e contos que a tradição grava e lega de pais a filhos, lendas pavorosas onde entram bruxas, lobishomens, avantesmas, thaumaturgos, demonios incubos e socubos, com o nome de porco sujo, tolhiços, possessas, uma fieira de coisas phantasticas(,) amedrontadoras.

A mãe de Maria andava aterrada.

Intrugira-se d'um medo grandalhão. As horas de serandar eram uma nesga de socego à alma agoniada, no espinhar continuo dos sobresaltos ruins.

De noute despertava estrouvinhada aos ladridos e uivos dos cães. Custodiava a filha como se no ceu de tempestade se sacoteassem trasgos a espreitarem lapso idoneo para lh'a furtarem.

Maria é que não perdia a serenidade. Com a abnegação suprema e gostosa de quem renuncia aos males e bens terrenos, ás tristezas e ledices que apoquentam

e urtigam a humanidade, sentia uma paz imensa ungir--lhe a alma d'um perfume adormentador.

O prazer da santidade. O tumulo alvorejava-lhe como uma restea amadruguecedora. Espera morrer com a mesma indifferença com que qualquer mortal espera viver.

UMA noute Maria foi deitar-se mais cedo. Um grande somno pesava-lhe na cabeça(,) fazia-a escadelecer ao começo, depois mergulhava-a n'um stupor immenso. O serão d'aquella noute foi lugubre. Demais, fóra, o vento assobiava um silvo prolongado, lobrego, como o estertejar d'um queixume.

Um gallo cucuritou na capoeira, Jesus! Longe vá o agouro! Ide ver que horas são...

Estavam para bater as dez... — Santissimo nome de Maria! Coisa ruim estava para acontecer!

Levantaram-se as seroeiras muito afflictas a procurar as soccas.

— Dá-nos uma garfada de agulhas pra um fachoqueiro... — E persignavam-se. O gallo cacarejou de novo. A mãe de Maria estava convulsa, muito descorada. Nem pinta de sangue. Ella sabia: se um gallo cantasse antes das onze horas da noute, era mau signal.

Era um aviso: cada mocho devia ir para seu souto. Senão... — Deus sabe o que podia suceder...

E do rosto não se lhes despintava o medo surdo.

— Mata-o! Não deixes mais aquelle maldito no poleiro! — dizia uma á suspersticiosa mulher, muda d'assombro. — Conheces algum santo advogado dos medos? Apega-te com elle... Adeus... adeus... Não podemos estar com delongas... — E agitando o fogareo que esfagulhava abalou com as outras.

A mãe de Maria circumvagou os olhos esbogalhados de pavor. Tremia como um vime fustigado pelo suão.

Foi para o quarto a gaguejar sons incoherentes.

— Pai do Ceu! A mãe que tem! Está a tremer como varas verdes!

A mãe sacudida por tremores de febre convulsivos(,) inconscientes, rouquejava:

— O gallo... O gallo...! — e accendia uma lamparina á Virgem do santuário.

— Mãe! eu tambem ouvi! Mas eu não tenho medo de agouros!

A pobre mulher numa voz a corujar-lhe n'alma, pregava na filha os olhos dilatados(,) cheios de terror.

— O gallo... Sim! Eu bem o futurava... O coração dizia-m'o... O gallo... Sim! Sim! Sim!

No dia seguinte logo ao enluscar da madrugada Maria quiz levantar-se. A mãe a pingar de somno disse:

— Dorme, filha! Faz-te mal madrugar! — E lançava-lhe um braço de musculatura frouxa pelo calor do leito. Maria obviou:

— Tenho a barriga deslaçada, mãe! Durma... Eu volto de caminho...

Accendeu a candeia de azeite.

E saltou para o solho do sobrado.

Aprumou-se nas pernas que se axillavam. A cabeça ourava-lhe. Na cerviz um intorpecimento, emmorbidecia-a. Tenteou quiz estugar o passo, a vista corropiou-lhe, uma vertigem ellectrisou-a e malhou no taboado semiânime.

A mãe estremunhou, sentou-se na cama, dilatou os olhos pavidos e cravou-os na filha que forcejava por soerguer-se.

De salto tomou-a pelos sovacos(,) traçou-a nos braços, arcando com ella pelos rins e foi poisal-a na cama. Com a cabeça de Maria nos pulsos, fitando-a cheia de hallucinação:

— Filha! Que foi? Que te deu?

— É a morte que já me não deixa caminhar, mãe! Não chore, bah! — E abafava-lhe de beijos, a respira-

ção anciada. — É lei! Mais vale assim do que andar a fadejar melancholias! Não chore, minha mãe! Tinha de ser um dia... A vida é um risco na areia, que um aguaceiro apaga sem se esperar... O souto também morre... Cahe uma folha, depois outra e outra e todas... Assim é comnosco. Amarella uma ilusão(,) despega-se depois outra e outra... e morremos. Vai tanta distancia de morte á vida como da vida á morte. Tudo o que nasce está sentenciado a morrer. Até o Sol ha de apagar-se um dia. Uns vão novos(,) outros velhos. O cedro... Oh mas nem todos podemos ser cedros...

Ha flores que nasceram só para ser calcadas... As rosas bravas! As rosas bravas... — quem gosta do perfume d'elas, quem? E eu sou como uma rosa brava que qualquer vento desfolha.

A bolha que boia ao laço d'agua na ribeira quem sabe onde ella vai engasgalhar-se e desfazer-se, quem? E se alguem... esse alguem não somos nós... não. — A mãe sabe? As flores da japoneira são amadas por toda a gente e mais não têm perfume. As florinhas da paschoa(,) azues como o ceu de Abril(,) essas vivem nos brejos entre junças e sargassos ou nos mattagais da charneca e ninguem faz casos d'ellas... A madre-silva essa até morre peguinhada nos quinchosos. E as camelias não valem mais — pois não, mãe? Mas toda a gente gosta mais das cousas pelo que ellas mostram do que pelo que ellas são(,) na verdade.

Todos amam o que é postiço e falso. E ninguem se importa com o que é bom. Fascinam-se com a luz e despresam o Sol que a tem. O mundo é mau! muito mau! é um mundo de ruindade! É por isso que eu não tenho pena de morrer. A vida para uns é pão alvo, para outros pão com saibro: para muitos pedras em vez de pão.

— Mãe! — suplicava a pobre mulher suffocada de soluços e tolhida de medo: — Mãe, eu não a posso ver chorar!

Pelo postigo alvorejava a manhan.

O abbade ficára só com Maria. A saude peorara. Encamara duma feita.

A mãe fôra levada d'ali amparada por umas visinhas. Entalada de dor, os olhos esgazeados, o rosto d'uma rigidez spasmodica, os dentes apertados n'um estarrecimento idiota.

O abbade começou por consolar a rapariga. Exhortava-a.

— Não tenhas pena de deixar o mundo, Maria!

— Não tenho.

— Vamos: se tens algum pecado...

— Nenhum. Deus que é meu pae e que vê tudo o sabe...

— Mas, creança! — se alguma vez, pecaste e não te lembras disso deves arrepender-te...

— Se alguma vez o pecado passou por mim foi como a sombra pela agua: sem me sujar...

— Ainda assim deves pedir perdão a todo o mundo d'alguma falta...

— Nada tenho com o mundo. Ha muito que não lhe pertenço nem elle me pertence...

— Deves orar... A oração é o balsamo dos justos...

— A minha mãe! vá chamar a minha mãe! Não a quero ver afflicta!

— Mas a confissão, pequena?

— Não faz mingua! Eu estou pura da alma! Deus pode ver atravez d'ella como atravez d'um chrystal. A minha mãe! Só quero a minha mãe! Coitada! Quem ha-de consolal-a como eu?

Com um pequeno esforço chamou:

— Mãe!

O abbade desorientado retirou-se dizendo às mulheres muito encoguinhadas na lareira que não podia ministrar o sacramento. Maria está desvairada. Só a Extrema--Uncção.

E abalou. As mulheres enclavinhavam as mãos sobre o ventre n'um grande desalento e piedade.

CASO extranho! Surgira na aldeia a velha feiticeira que predissera a Maria mil venturas. Quizeram apedredejal-a. A embusteira! Vinha mesmo á hora! E o nome de Maria esfuziava de bocca em bocca.

O Carlos achegou-se d'ella. Deu-lhe uma rosa de todo o anno:

— Toma. Vai levar-lhe esta ultima mentira, tu que a enganaste sempre. Entrega-lhe esta ultima illusão; e ella morrerá, aspirando-a.

— Vai tu.

— Eu? Só se fôra para roubar-lhe esperanças. E nem assim. Receio entinhar-me. Primeiro eu, depois eu e sempre eu.

— Egoista!

— Teu filho!

A velha tomou a flor e farejou-a de narinas dilatadas.

— Ah! disse elle: — cautella com a casa! Aquillo é uma fonte de peste! Pode matar-te! Cuidado! Lá ha peçonha a trasbordar!

— Eu sou eterna. — disse ella. E enfiou para casa de Maria. Ás vezes bafejava a flor como a aquecel-a.

MARIA indignou-se:

— Ella! Não; não a quero ver.

— Traz uma rosa p'ra ti.

— Ella? Ao ver-me ao pé da tumba! A mentirosa! Quer enganar-me até á morte! Promessas... fumo. — já não vivo disso. Diga-lhe que morri...

— Ella não a quer. — veio a recadeira dizer ao quinteiro.

— Será p'ra outrem...

E foi-se embora.

A luz da vida ia minguando a Maria.

Abriu a bocca com sede d'ar, rouquejou uns monosilabos incoherentes(,) estremeceu, amarfanhou a roupa,

engadanhou com os dedos entrezilhados as dobras dos lapejos, escabujou, um suor de agonia borbulhou-lhe na fronte de marfim, espernegou um bocado, debateu-se um instante, a vida escapou-lhe n'um folego fraco, sumido, ficou hirta e morreu.

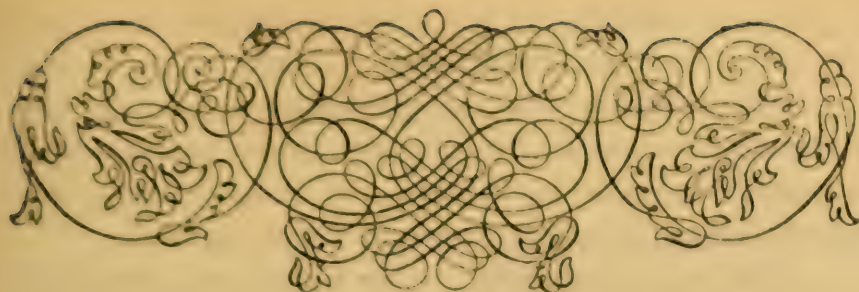
A mãe despediu um grito estridulo, arremeçou-se ao cadaver n'uma insania de desespero. Os dentes estallejando de febre. De supito calou-se afogada, a dôr não pôde esbarrondar e ella arrepelou-se toda em histerismos, gaguejando incongruencias.

Um ebrio, os olhos vidraçados de lagrimas, dizia ao vel-a estendida no caixão:

— **Ou eu estou bebado ou ella está a dormir!**

LEONARDO COIMBRA

Histórias de Amor

1912-1923

O Duello do Louco

O António Joaquim entrára de scismar na morte do pequeno.

Aquilo tinha de sêr; não nascera ele senão para desgraças.

Alma de desmedidos sonhos, crescera para dentro e, por isso, bem parcas eram as suas ambições terrenas. Uma casa pequena; toda branca de luz, ao de fóra, e de amôr, ao de dentro.

Encerrar a vida no circulo alargado dos seus beijos domesticos, prolongando a harmonia do seu lar em toda a visinhança, dando aos outros o seu comovido amôr e recebendo-o devolvido em pão para a boca da familia.

Fundir o real e o ideal, jorrar, em quotidiano trabalho de espirito, aquele manancial de sonho, que espontaneamente dentro de si corria.

Como conseguir tão intima e directa vida de virtude?

Como não ter de distinguir entre o util, o necessario e a verdade do fundo d'alma, o sonho, aquele superfluo do corpo, que é afinal o seu motivo e valôr?

Ensinando o pensamento, o amôr e o trabalho.

Enviando a cada lar, pelas almas brancas das creanças, a alegria, a confiança e a virtude. Fazendo comungar, a todas as almas, a verdade e o amôr, pelas mãos angelicas dos inocentes.

Havia, demais, na sua alma de simples, uma timidez que o incompatibilisava com a cidade.

Fizera aquela casa tam pequenina e candida, toda envolvida e quente. Ao pé, uma fonte em monotono murmurio contava-lhe os elos, que, dia a dia, iam formando aquele largo abraço, que era a sua vida.

Para aí transplantára a sua esposa, que, vinda dos braços maternos, lá se viera admirar de haver no mundo carinhos sempre novos, castas alegrias sem fim.

A fonte corria sem tibiesas, torrentosa e espadanante. Na encosta seixosa, os pinheiraes evocavam recordações marinhas. Em baixo, ao longo do vale negro-verde, a agua corria subterraneamente, dando á terra uma fisionomia maternal, a sorrir na alacre policromia das folhas e das flôres.

E nas suas almas corria o enternecimento, floria a esperança...

Mais um fructo, de espiritualisada carne, nascera no populoso vale, de aguas e arvores.

Antonio Joaquim, no seu vago panteismo, adorava Deus no templo do seu lar, e, d'aì, espalhava a alma incensada, pelos seus alunos, pela natureza e pelo silencioso misterio da noite.

Nas suas meditações, sentia António Joaquim bater o seu coração em acordo com um imenso coração oculto.

Se ele ia na directriz do divino amôr!

Mas um dia aquele imenso coração oculto apartou-se em misteriosa indiferença e o humilde António Joaquim ficou a palpitar em frio silencio e gelada solidão. A mulher morrera-lhe, dobrando-se-lhe sobre o peito num beijo fremente e *bem estranho*. A pouco andar do tempo viu morrer o filho...

...E António Joaquim anoiteceu.

O mundo que até aí lhe tentara os olhos e lhe parecera vivo, era-lhe agora insuportável.

A naturesa era-lhe dantes familiar e grata! Olhava o mundo, e em tudo conhecia uma intimidade viva, um profundo coração oculto; os olhos mergulhavam nas

cousas e nos seres e anunciavam à alma, abismos inexgotáveis, onde o invisivel mora.

Agora o olhar atravessava tudo, rectilineamente; o mundo era sem entranhas, nú e visivel, trespassavel e transparente.

Tudo era sêco e morto, e o evoluir da vida — o circulo vicioso das aspirações humanas, a inutilidade de vibrações sem laço.

Onde e como viveriam aqueles corações desaparecidos?

E no amplo, raso espaço — nem uma concavidade de abrigo, nada que o olhar não atravessasse em continua inutilidade! Vazio, abandono, desespero...

Era uma visão de uniforme transparencia.

Subia ao alto do monte donde tantas vezes sentira crescer o pensamento em meditações consoladôras e o olhar, recusando-se a parar nos contornos da paisagem, nas paredes das habitações, seguia atravez os contornos, e as moradias, e as arvores, e os homens, a mesma trajectoria de visão nula e desvariante.

O Universo transparente à sua visão indagadora resolvera-lhe o Todo no Nada.

Em toda a parte se sentia despido; e, quando procurava a sombra e a vida, encontrava uma insuportavel côr livida, tudo envolvendo.

Tinha por vezes a bisarra impressão de que fôra voltado como o dedo de uma luva, e que o interior e o exterior se fundiam na lividez daquela alucinante coloração.

Assim decorreram dias lividos e eguaes em que Antonio Joaquim se arrastava, de monte em monte, sem alimento e sem palavras.

Procurado por visinhos piedosos, foi obrigado a alimentar-se e rodeado de carinhoso conforto.

Então, entrou de sentir uma vaga opressão visceral a que se habituou, e as suas lividas alucinações foram-se espessando. Eram agora fantasmas de treva que surgiam no campo da imaginação entanguida.

Passava os dias esmagado sob uma força, que, partindo do interior das visceras, e sobretudo do coração, como que as queria esmagar contra as paredes do organismo. Dobrava o corpo como a querer reagir e aí ficava enovelado numa scisma inconsciente.

Outras vezes erguia-se e ia percorrer os logares conhecidos. Aqui falava a uma arvore, onde subira em pequeno para cortar uma vara; além, de bruços sobre a agua, procurava a recordação da sua imagem ali tantas vezes reflectida; mais além, ia beijar os vestígios dos seus mimosos passos, na relva obediente...

Então pensava e unia os fantasmas scismaticos á injustiça e brutalidade do golpe.

Fôra de repente, como um instantaneo trovão em ceu sem nuvens...

Uma doença epidemica e isolada, sem precedentes nem conseqùentes!

Nestes momentos a consciencia absorvia-se na injustiça e o fantasma da scisma vagueava insistentemente ao lado do seu pensar.

Discutia, por vezes, consigo mesmo, e voltava irritado ao pensamento obsediante da injustiça, que o ferira.

Fechou-se um ciclo de consciencia que, começando pela opressão visceral, acabava pela revolta contra a injustiça, fantasmada com as alucinações da scisma.

Pouco a pouco odiou esse fantasma negro, sombra daquela injustiça obsediante. Esse odio gesticulava, e talhava, assim, as feições do abominável fantasma.

Entrou em delirante cogitar, a consciencia limitou-se alucinatoriamente e o pobre Antonio Joaquim, odiando e temendo o seu fantasma já bem real e permanente, endoidou.

O pobre dizia agora que o seu filho fôra roubado por uma velha. Corria em vertigens de odio sobre essa velha que, em convulsões, dizia ter agarrado e, passada a crise, soluçava porque a velha lhe escorregara por entre as enclavinhadas mãos.

Uma noite desceu do monte em vertiginosa corrida.

Lá em cima ouvira a velha a correr numa lufada de vento. Ela casquinara uma gargalhada de gula e dos seus dentes amarelos, esquirolados, recurvos, pendiam farrapos de carne gotejante. E corria veloz, ululante, deixando uma treva humida e fetida...

O pobre louco ouve a voz do filho chama-lo e corre na direcção da aldeia. Encontra uma creança do tamanho do seu pequeno e agarrando-o de encontro ao peito, foge, foge sempre.

A creança olha-o aterrada e chora. Antonio Joaquim vê-lhe os olhos de terrôr voltados para traz.

Então aperta-a mais ao peito, e corre murmurando:

«Meu querido menino. É ela, a maldita velha, que tu vês. Não chores, meu menino, encosta-te a mim, dorme nos meus braços, que ela não nos agarra. Eu vou esconder-te numa linda caminha, que te arranjei.

Virei buscar-te de comer, e depois eu hei-de embalar-te, aquecer-te no meu seio e dormirás tão quentinho que ha-de ser um regalo. Dorme meu filhinho...».

O louco beijava sofregamente a creança, e fugia numa correria sem cansaço.

Ela gelada de terror acabava por adormecer naquele peito de ternura, naquele berço que os braços do louco faziam tam bom.

Este, correndo sempre, passara já a crista do monte e galgava já o declive. Dobrou ondulações sucessivas, e, lá ao longe, na maternal concavidade que separava os dous montes, o louco encontrou uma mina tapada de verdura e flores.

Despiu-se de quasi toda a roupa, aconchegou o pequeno, e, sob uma restea de luar, ficou-o olhando...

«É ele, o meu filhinho. A velha não nos pode encontrar.

Pouco barulho, não me acordem o menino.

Está tam lindo, meu Deus!

Olhem estes olhos, assim fechados, como são meigos! Como ele sorri! É de alegria, não admira, se ele tinha muitas saudades minhas!

Tem os pesinhos quentes, que eu aqueci-lhos com beijos...

E as mãozinhas? Ah! Estão muito bem embrulhadas, assim, na minha camisola.

Dorme, dorme...».

E o pobre louco chorava e limpava febrilmente as lagrimas para poder beijar a creança sem a molhar.

Assim esteve até manhã. Então, foi num salto à povoação proxima a pedir pão, e voltou a correr em rubra alegria.

Perto da mina, estendia-se a sombra dum pinheiro.

De longe, o louco sentiu a velha, e ofegante, a tombar, atira-se para a frente.

Chega; e o delírio lança-o, num ataque enraivado, contra o fantasma da velha.

Começa um tragico duelo, e o desgraçado, ao cair contra um penedo, murmura: «Não tenhas medo filhinho...».

. . . .

Na aldeia, a família do pequeno levado pelo louco procurava-o, aflitivamente.

Na povoação onde o misero louco fôra pedir alimento para o seu filhinho, informam do caminho seguido.

São batidos todos os logares, e vão encontrar o cadaver do pobre Antonio Joaquim á porta da mina.

Em torno é um poceirão de sangue, os miolos empastam as pedras, farrapos de carne tapetam o chão.

Um grito de horror se ergue dentre os que buscam a creança a que responde uma voz, entre chorosa e meiga, que chama «Mãesinha, mãesinha!». E de entre a verdura sai a cabeça angelica da creança.

Estes veridicos acontecimentos fazem comparar este louco, que morre de amôr paternal, com certos homens de juizo, que engeitam os filhos e sabem que a certeza da morte deve servir apenas para viver mais regaladamente a parca vida, que lhes é dada.

Vilarinho de Tanha.

(1913)

A Desolação

Aproxima-se o Outôno.

Nú e arrepiado passa ao longo dos caminhos. Cemiterios de folhas palidas são os vestigios dos seus passos. À beira das estradas, ele passa, e as folhas tombam incessantemente, fatais e indiferentes, como suplicantes lagrimas de mendigos. Sob os seus pés erguem-se, rodopiam e bailam aquelas folhas, que prococemente morreram, talvez da visão do seu irreparavel destino.

Porque sentimos nós que as estações emigram? Porque não as sentimos nascer e morrer no sítio e no momento? É que elas são o sôpro longinquo, o abraço heliopatico, a vagabunda palavra astral. E, por isso, são deusas.

Já na velha Babilonia, Tammouz, que é o helenico Adonis, renasce com a vegetação.

Sim. A Primavera é um deus; ao avizinhar-se, envia celestes mensageiros.

As noites enternecidas são duma brandura maternal. Noites concavas trazendo, ao colo, ninhos de andorinhas!... E o Outono vem do Polo. Oftalmico e deslumbrado, odeia a côr. Traz aguas para lavar a terra policromica e lucila, açoites de ar para vergastar a Luz, plumbeas nuvens que, pondo, sobre os montes, um capacete baço, dissolvem todas as linhas e todas as formas.

Do Norte vem pisando a carne do planeta, crestando os seus alacres sorrisos, estrangulando a sua verde respiração, rasgando sulcos, que os golpes de ventania acendem em maldições.

Passou sobre as humildes choupanas e vai atingir a casa da fidalga, que o povo chama a Casa Muda.

A casa da fidalga é uma velha casa acastelada, onde moram Maria e sua Mãe, ratos, gatos bravos e recordações, que, adormecidas todo o dia, toda a noite rondam o castelo, a sala dos ecos e a capela.

A sala dos ecos é um aposento, onde morreu a

Menina que murchou. Fôra uma afastada tia da actual proprietaria. Diz o povo que era alta, transparente como uma folha tenra, e que dormia de olhos abertos, caminhando, à beira rio, por entre os juncos e os amieiros, ás horas mais tristes do dia. Morrera muito nova, duma misteriosa doença. Começou a mirrar-se, a ficar com a pele cortada da secura, a ficar torcida em atitudes subitas, ao mesmo tempo que os olhos se afundavam e de muito longe, fitos e anonimos, paralisavam o mundo.

E o povo entendia que ela, como uma planta á mingua dágua, se fanava e murchava do pó muito velho e muito sêco da *Casa Muda*.

Ai, Maria esperava o Outôno.

Tinha trinta e cinco anos e a doença da virgindade. Ha vinte anos que era promessa e desejo! Como queimára a anciedade de tantas e tam longas horas?

Ao correr do Rio, abandonadas as mãos á sêde da corrente (que a água sofre duma infinita sêde de solidez e forma), Maria sente os primeiros fremitos do Outôno, que avança.

Olha nas aguas movediças, a sua Imagem, tornada multipla e instavel pela ondulação, que atravessa a espinha da corrente. E ela pensa que não é inteiramente, que um oculto estorvo se opõe á realisação da sua essencia, que as aguas passadas levaram o melhor do que podéra realisar, que as aguas futuras lhe vão desfazer a Imagem, fugindo sempre para o imenso Oceano com um sorriso colhido á flôr dos seus labios alteados.

Depois pensa nas tantas vezes que no rio passeára a Imagem e lembra-se que dantes as aguas eram serenas e a recebiam como se ela habitasse na margem sombreada, e daí saisse a espelhar o Sol, em sorrisos e flôres.

E então confrange-se sentindo que tambem essas imagens foram levadas ao aniquilamento oceanico, que, de tudo o que ela foi, nada existe já. Como é que nunca reflectira nesta evidente verdade, como é que até hoje, quando corria pelo campo, lhe saia de cada furna, de entre os fetos emaranhados, uma criatura cantante e

aquatica, que lá ficára a habitar desde o dia longinquo em que cheia de curioso susto aí penetrára?

Quando pelas manhãs eucaristicas de Junho acordava as aguas dormentes com o afago dos seus pequeninos pés, o Rio mandava a recebê-la um cortejo de ninfas, que eram as antigas formas do seu corpo, conservadas no silêncio dos misteriosos palacios maritimos. Como só hoje sentia que não podia andar de companhia com os sêres que tinha sido, como só agora, aos trinta e cinco anos, descobrira a sua solidão, desfizera a vida mitológica em que sempre andára?

Os episodios da sua vida erguiam-se agora da bruma das cogitações. Até hoje não saberia um unico incidente do seu drama quotidiano, agora contava-os todos, e á sua roda eles eram como estranhos personagens dum drama representado. Parecia-lhe que tinha sido uma sociedade de irmãos gemeos inteiramente confundidos numa só vida, e que era agora o pombal animado e criadôr, que, atravez das orbitas esvasiadas, visse partir o bando alado de todas as suas criações.

Em torno de Maria tombavam vagarosamente as folhas dos choupos e, como os seus pensamentos, fluiam dispersas e mutiladas. Abandonada e nula, via em torno de si o trabalho da Morte. A angustia, o medo o pavôr desvairante começaram a pintar-se-lhe no rosto, quando olhou o lago, que a ultima cheia produzira e que lentamente ia abandonando as aguas á avida corrente. É assim que passa o tempo. A beleza, a harmonia, a graça de que era dôna, tambem assim corriam para a velhice ressequida e estagnada...

Sentiu-se ela propria (teimosia dum invencivel desejo de beleza) uma friavel e delicada clepsidra, que contasse o ritmo do tempo. Ela era já, não a victima a fatalidade das cousas, mas o proprio Irreparavel proteisado de feminina gracilidade outoniça.

Invadia-a então o desvairamento do relampago que corta o espaço, a vertigem do ceifeiro, que, já exausto, encontra o desafio da tarefa imensa e mal começada.

Uma furia de destruição assassina acelerava-lhe a respiração, como se milhares de vidas se fossem apagando ao ritmo do seu alento.

Quereria apagar as estrelas do azul, o sol sanguineo, a lua anemisada. Para que servia tudo isso?

Seriam as estrelas eternas? O proprio Sol não seria levado aos bocados, num grande rio de luz, que lhe arrastasse, para longes inacessiveis e nulos, a juventude luminosa e apolinia?

Se o Universo era uma serie de mortes e ressurreições, para que repetir a fantasmagoria? Não bastava uma só Morte? Para que juntar indefinidamente zerós sobre zeros? ...

O barco tinha chegado ao Moinho, e Maria, erguendo a fronte, viu o filho do moleiro, uma criança de sete anos, com o cabelo todo branco, pulverisado de farinha, a olhá-la, absorto e ausente.

Uma infinita compaixão por essa criança de cabelos brancos entornou-se como um oleo aromatico no coração de Maria. Mas, retomada a fatalidade dos seus pensamentos, sentia agora o terror de respirar.

A sua respiração era a Morte a caminhar para aquela criança; quem sabe se já fôra ela que lhe branquiára os cabelos! Quis gritar-lhe que fugisse, que ela era a Morte, que o levaria ao sorvedouro, que, pela fatalidade da sua presença, ele iria sêr precipitado no turbilhão da *nevoa negra*...

A criança aproximara-se, e, metendo-se á agua, fizera atracar o barco ao caminho das rosas.

Maria saltou do barco, beijou sofregamente a criança e teve então a nitida consciencia da sua situação.

Ela fugira de casa para demorar o encontro que hoje aprazára com a Fatalidade. Ela amava um rapaz, que lhe dera provas inequivocas de a amar tambem.

Amar doloroso, cheio de misterio e sombra, quando as palavras mais afirmativas acudiam aos labios, as almas fugiam espavoridas como na adivinhação de uma impossibilidade transcendente.

Ele era cortez, mediocre, banal e dotado do sentido das utilidades sociais.

Ela inteligente, leal, sonhadôra, vibrante de um inconsciente mas rectilineo desejo de beleza; queria dar filhos como as arvores dão flores e o Ceu dá estrelas. Não eram bem um para o outro, ao que parece. Mas porque é que sempre ou quasi sempre assim acontece?

Porque são tam differentes as almas que se procuram?

Ha aqui um profundo pensamento, que nos excede, ou um erro de visão permanente e necessario?

O homem e a mulher, como a lua, e quem sabe se tambem por uma curiosa coincidencia de movimentos, voltam-se reciprocamente uma só face da alma. Amavam-se eles realmente?

Para além das palavras e dos sentidos, não seriam as almas bem inimigas? Quem sabe lá os subterranios, originarios segredos das almas!

Firme e leal em palavras, esse amôr (ou odio?) ia vivendo obscuro e incomprensivel em graça e unidade.

Anos sobre anos se passavam nesta agonia da atracção e da repulsa, do desejo e do mêdo.

Até que um dia, separados os namorados por algum tempo, Maria ouviu dizer que ele ia casar com uma burgueza rica.

Quiz sabê-lo. Esperava nesse dia a resposta do seu Destino. Convocara a Fatalidade a uma entrevista...

Maria, seguindo o caminho das rosas, entrou em casa pelo jardim que encostava á capella.

Queria estar já em casa para saber tudo, mas queria também demorar o momento decisivo. Assim é a alma humana, diante de tudo o que lhe é querido; é, porventura, este o motivo que levanta e derruba os deuses. É que entre a luz e a treva é a morada da esperança, é que entre os deuses e a matéria está o valôr do nosso sonho.

Ao pé do lago soube Maria a verdade do casamento.

A dôr não foi amarga, nem ciclónica. Ela já sabia, com a sciencia oculta e infalivel da adivinhação, que aquele amôr era impossivel.

Sentou-se junto do lago, sentindo-se pouco a pouco tomada duma tristeza informe e quasi material.

Sobre o lago choviam continuamente cadaveres vegetais, do crepusculo vinham, na aragem, os desfalecimentos dum sol exangue e martirisado.

Maria olhava as suas arvores e via-se, jubilosa e agil, colhendo-lhe os frutos, mordendo sensualmente a polpa carnuda dos pecegos, a refrescante e aromatica carne das laranjas; via-se toucada de flôres, a rir e a saltar, corais de saude, a pespontar-lhe as faces. Tudo isto se afastava, em conjunto, como numa visão cinematografica, e, correndo, correndo, em parte alguma podia residir nesta hostil e impiedosa noite de Outôno.

Era ela, então, que amarelecia juntamente com as arvores e tombava indefinidamente com um vago horror do frio pegajoso de uma agua parada e fétida.

Foi para casa e duma janela olhava ainda em frente o lago adormecido. O Vento crescera um pouco e ia sacudindo os velhos cedros, de ferruginosa estirpe.

Os vidros das janelas começaram a tamborilar insistentemente, numa teimosia intencional e assustadora, emquanto, em baixo, redemoinhavam loucas, esfarrapadas, em turbilhões ritmicos, em atitudes dum proposito tragico, as folhas caídas, os ramos esgarçados, as raizes desnudadas.

Erguia-se da terra um côro lamentoso e ironico, e vinha até á Casa Muda, como uma onda de maré avassaladora.

Maria distinguia as lagrimas de todos os sêres que amara, as anemonas e os goivos, os lirios, os geranios, glicinias, laranjeiras. Tudo isto, morto e insepulto, lançado á cara de Maria, num insistente e propositado tamborilar, parecia dizer «sômos as almas das flores, dos pobres e dos ladrões, dos transidos de frio e mêdo, queremos o calôr do teu lar».

Dentro, a sala dos ecos enchera-se de vozes, chorando as *flores que murcham*, as sêdes insatisfeitas, que queimam o interior das plantas e das pessoas...

Um raio de luar filtrou ao longo do lago e Maria julgou vêr os nelumbos e os golfões. Mas não, eram mortos tambem. Um pensamento atravessou-lhe a alma. Sim, eram mortos; mas ela via a planta adormecida no berço amoroso das aguas. Eles morreram, os golfões, mas para que aquela vida ficasse a dar novas vidas. E ela? Esteril e morta, ali ficaria para goso do tempo, que acabaria de lhe roubar e poluir as formas e os encantos.

Maria chorou então longa e vagarosamente, cheia duma infinita piedade para a sua desolação, um choro muito e muito suave, tanto é certo que sômos multiplos e as lágrimas da nossa dôr nos consolam e alegram, porque resgatam e alegram alguem.

Quem sabe?

Talvez aquelas lagrimas fossem a propria essencia dos beijos que o seu namorado, iria, em breve, semear nos labios da outra!

(1915)

Virgem Outonal

ELA era para mim um estranho motivo de belesa. Fôramos ao monte dos rosmaninhos onde zumbem e moram as abelhas, a alargar o horizonte, a aumentar o terror secreto das almas, lá onde elas oscilam de incertesa, nesta incerta hora do crepusculo.

Cinturados de montanhas, pousados à beira do rio-fantasma, do rio-nevoa, do rio-jardim. Não conheço outro onde o casamento da terra e da agua seja mais teimosamente suave.

Ilhas e enormes calhaus graniticos, esqueleto que uma pequena epiderme de terra cobre, dão-se á gula

verde e contente de freixos, salgueiros, amieiros, carvalhos e mil campânulas irisadas.

Vasos de terra surgem do meio do seu afluente corpo com um unico salgueiro, aos abraços com a trepadeira franzina que o cinge e perde e reencontra em volutuosos aneis de verdura.

Lá do cimo quasi da cabeça da serra, para além dos seus seios ubérrimos, a alma repete a linha sinuosa dos montes fronteiriços até chegar ao dorso recurvo, ondulado como a espinha voluptuosa dum gato. Aí, são os pinheiros extaticos, como em prece, que os aligeira e diviniza, tal é a sua transparencia para o ceu encinzeirado, poalhado do ultimo osculo solar.

A primeira nevoa da tardinha, lençol cobrindo a naturesa, começara a subir com uma lentidão reflectida.

A terra cobre-se de nevoa, como o homem de sonho.

Mas o sonho liberta o homem e a nevoa das cousas mais parece um lençol com que elas se cobrem deante dos fantasmas do seu medo.

É que a Noite é a relação do homem com o Infinito e as cousas talvez ignorem o ceu, vivendo castamente a simples vida do planeta.

Assim eu meditava, deitado no seu regaço amigo.

Ela era a paisagem; sempre para nós a paisagem é alguem, até para os engenheiros que a esventram e dilaceram.

Não é a dôr fisica imposta a unica relação que o policia e o scelerado tomam com a vida humana?

Em baixo o rio discorria morosamente, quasi parado, até ao açude que lhe subia as aguas ás sêdes das margens. No seu corpo outonal, de quarenta anos, passavam mansamente os desejos pacificados, subindo agora até ás galerias pubescentes da companhia. Muito ouro e fogo nas tranças desatadas duma sobrinha, passara todo o dia deante de seus olhos maculados, onde as desilusões deixaram rasto.

E no altear do seu peito eu sentia a subida do rio ás sêdes das margens, um pouco repousado como num

olhar retrospectivo deixando o adeus ao passado, fluindo timidamente entre os pedregulhos do dique para as novas sêdes futuras. Um fio de desejo cantava ainda no seu belo busto amadurecido, equilibrado e sereno.

E eu interroguei esse fio de agua onde a imagem do ceu fluia.

Todo o seu corpo tombou na lassidão duma longa viagem atormentada e os seus labios requeimados disseram que só esperava a morte em companhia dos mortos bem amados.

Ela fôra sensivel e nervosa, uma flôr a tentar o céu e nas suas asas de perfume levava inundações balsâmicas.

Como a nuvem dourada, pequena e leve, levava no seu seio um infinito desejo de abraçar a imensidade com o beijo incandescente do relampago.

Brilhou, fulgurou e na passagem do seu maternal amplexo só metaes vís encontrara o seu electrico desejo — a fulguração interior foi o aquecimento transitorio dos corpos que enleara.

Emprestara beleza, pintara da sua luz opacidades inamoviveis.

E essa alma digna dum deus só encontrou a fealdade, a bruteza inanimada.

Veio o momento de recolher a luz emprestada, de verificar que pintara os homens com a tinta do seu sonho e essa alma abrasada de dadiva e ansiedade teve de recolher-se.

Nos seus olhos ha concentrações dramaticas de sombras, como na boca dos pègos.

Esse desejo infinito de se dar, de conviver, sêr espelho, agua limpida onde outra alma em imagem melhor e mais verdadeiramente se visse, recolheu sangrento e doloroso como o sonho que volta com um punhal cravado no coração.

Eu sei, conheço a sua vida.

A sua carne dolorosa, a sua lassidão, o abandono

da sua pobre alma solitaria encheram-me duma enternecida piedade.

Quiz beijar suas mãos, pousar em seu corpo de sofrimento os meus labios amorosos, como em fio de agua a correr, muito rasteiro e humilde, esmolando beijos de sêde e carinho.

Um grande movimento amoroso me invadiu, dum amôr como este que tantas vezes me tortura deante da natureza muda, pedindo companhia, dando o meu coração e o meu verbo á misera bruteza das cousas.

Não o fiz; por ela e por mim.

Eu sou leal com os outros e comigo.

¿Não iria eu inquietar aquela carne repousada e dolorosa, não poderia a pobre amiga ser mal ferida pelas minhas ternuras, não acordariam os desejos domesticados naquele corpo virginal e faminto?

¿E, em mim não seria a piedade poetica, a cósmica fraternidade da tardinha um disfarce do meu desejo sexual, a gula inconfessada de querer comer naquele poente a magnifica flôr outonal do seu abandono?

E o rio fluindo com os nossos pensamentos a rasgar o leito, como em nossos corpos o tempo morde os sulcos da edade...

Então uma melhor e mais nobre piedade me possuiu, e amei, sem palavras nem gestos, essa virgem dolorosa, essa magnifica flôr outonal, naquele poente melancólico, doce e vagaroso como as lagrimas que lhe comiam as faces.

Esse momento aumentou a minha comprensão das almas e da vida, e, como a valisneria saindo da profundidade das aguas ao osculo primaveril, a sua alma agradecida e pacificada subiu ao meu amor piedoso nas ultimas lagrimas suavissimas de seus olhos dolorosos...

Amarante — Agosto de 1918.

O Reencontro...

Aparecera ali na aldeia a pequenita, loira como um querubim, esbelta, franzina e viva como um choupo esguio tremendo sob os beijos da aragem.

E porque assim apareceu misteriosamente ela fôra adoptada pelo pequeno povo, como filha de todos os lares, irmã de todas as crianças.

Era a Alegria do logar, um como presente do Céu, aquele Anjo que o bom Deus decerto ali deixára numa tempestuosa noite de Natal.

A noite uivava alto e o côro das romarias fustigava nas trevas as legiões de pragas, blasfemias e maldades, que dos corações dos homens tinham saído nêsse ano de guerras e maldições.

Em todos os lares se assentava invisivel o pavor, e ao fogo iam os avós desfiando o seu longo rosario de memórias, remexendo as petalas já murchas de velhas ilusões.

Na manhã seguinte tudo aquietava sob o osculo puro do Sol, quando apareceu a pequenita como um raio doirado de graça, como se o respirar da Alegria tivesse aberto em madresilvas nos caminhos branqueados de neve.

Ali vivia ha dois anos, aquela flor de espuma, aquela concha de nacar que um mar desconhecido trouxe em suas ondas áquele povo da Serra, feito assim ignorada praia de invisivel e misterioso Mar.

Durante esse dois anos ela foi a mais bela violeta dos caminhos, o mais alto lirio das margens, a pastorinha de todos os rebanhos, a aureola das estradas, um pedaço de Céu caído naquele recanto da montanha e os caminhos beijavam-lhe os pés nús e as almas sentiam em sua presença o misterio de um Amor que os irmanava.

Lá na Serra quando a tempestade fala é a voz de Deus que se ouve e quando os homens se zangam são

as forças demoniacas que se soltam e rara é a contenda que não ponha a mascara da tragédia.

¿ O trovão acordava os écos e corria de serro em serro, os homens acendiam nos seus olhos relampagos de odio, brizas do remoto incendio de Caim?

Aparecia a pequenita e o Sol interpondo-se pintava no Céu o arco da aliança e o incendio das ruinas humanas apagava-se sob a maré de amor que boiava em seus olhos extáticos.

Uma noite irrompe num dos poucos casebres do pequeno povoado um incendio voraz. O fogo sobe a prumo até ao coberto de colmo e aí uma lingua gulosa lambe num instante todo o casebre espirrando sobre a casaria.

Os gados quebram as prisões e aos gritos humanos, á voz aflitiva do sino chamando para além da terra, vem juntar-se o lamentoso e inutil côro dos animais transidos.

O fogo acabava a sua tarefa, e sob o alpendre da pequena egreja, os habitantes contam-se como restos dum exercito sobre o qual tivesse passado a raiva do inimigo.

E a pequenina, aquela que parecia a propria espuma das suas almas rudes quando feitas ondas para Deus, o lírio cuja terra era o proprio coração de todos eles, a sua alegria, o seu orgulho, o seu dom, a violeta de todos os caminhos, a zagalita de todos os rebanhos, faltava.

Sem uma ordem todos os homens se descobrem, as mulheres ajoelham, tranças soltas e mãos erguidas, fazem de seus corações berços piedosos, onde o bom Deus deposite a graça que lhes fugia, a alegria que um vento de morte brutalmente tomara em suas mãos de exterminio.

Depois... a dolorosa pesquiza no rescaldo e nos escombros do incendio por alguns homens, enquanto crianças e mulheres continuam de joelhos conversando em silencio com o invisivel.

...E nada, nem vestigio da sua amada presença.

Então começa todo o povo a bater os matos da serra, a subir a encosta, enquanto um alvor vai começando a beijar docemente as cabeças.

Pouco a pouco o povo vence o pincaro, pouco a pouco o Sol se vem aproximando...

É um cortejo humano de desgraça, em que cada mãe parece buscar os seus proprios filhos, cada homem o sonho inteiro da sua vida e cada criança o seu proprio futuro de alegria e vida...

Sobe para o Sol um calvario de dôr, como que em busca dos proprios corações que lhes fugiram, da luz que de seus olhos se ausentou, da alegria e do amor, do arôma de bondade e violeta que dava ás suas vidas o enternecimento duma esperança misteriosa...

E ao primeiro beijo de oiro que o Sol poisa na crista macerada da montanha, como fios soltos do proprio Sol eis que voam para eles os cabelos da pequenita, correndo de braços abertos para o reencontro daqueles que do fundo da sua indigencia de amor para Deus vinham clamando...

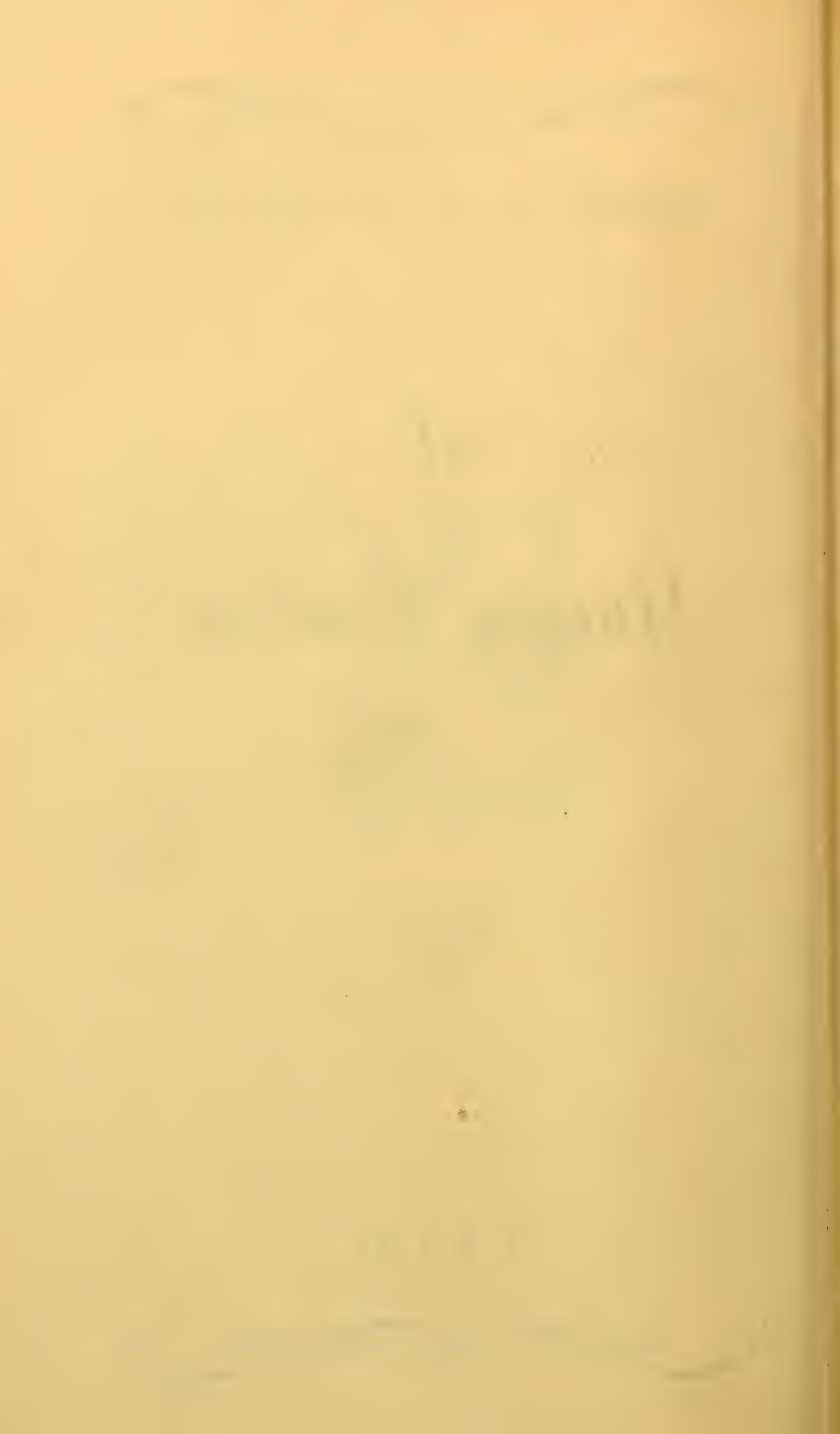
E o calvario fez-se aleluia, pairando sobre todos de imensas azas abertas sobre a neve da montanha a imaculada juventude dum Arcanjo, cantando o cantico da eterna aurora...

Tambem a morte é um imenso e misterioso oceano. ¿Quem nos esperará nas praias de além do Mar?

(1923)

MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

A
Grande Sombra

1914

A Grande Sombra

a Fernando Pessoa

Le Prince d'Aquitaine à la tour abolie.

GÉRARD DE NERVAL...

I

Dezembro de 1905.

— O Mistério...

Oh! desde a infancia esta obsessão me perturba — o seu encanto me esvai...

No grande quarto onde eu dormia receava longas horas antes de adormecer, no ondular da luz indecisa da lamparina de azeite que deixavam sobre o toucador. Temia que as sombras de subito transviassem, animando-se — e monstros, monstros de bruma, corressem sobre mim aos esgares, arrepanhando-me...

Horas longes, porém, de medo infantil — só vos posso recordar em saudade. É que então, se sofria, a minha febre era já a côres — voluptuosidade arraiada tambem. E assim, quantas horas até, durante o dia, lasso dos brinquedos sempre iguais, eu ansiava a noite, sinuosamente, para latejar a ela os meus receios prateados...

As grandes casas às escuras onde nunca entrara e que, no emtanto, bem conhecia de as percorrer iluminadas — eu, do meu leito, imaginava-as, criava-as agora no silêncio e na treva, fantasticas, terrificantes e maravilhosas. Pensava: «Oh! a gloria de passear nelas por esta solidão, de tactear o que haverá dentro delas!...». E vinham-me ideias de, sorrateiramente, descalço, para as criadas não sentirem, erguer-me da minha pequena cama branca de taipais e partir a visita-las...

Mas era mais forte do que a ansia o meu pavor...

Escondia a cabeça debaixo dos lençois, mesmo de verão, até que adormecia esquecido, fundamente...

— As grandes casas às escuras...

Ainda hoje não sei entrar nelas tranquilo... E evito sempre percorre-las...

De mais a minha inteligencia sabe coisa alguma de espectral existir aí — mágicas vibrações, indícios nenhuns de sortilegio ondular ao redór...

Mas receio sempre... E lembram-me fantasmas... triangulos frios... espadas nuas... listas de fôgo doutras côres...

Tremo e vacilo. Retrocedo...

....

....

A sumptuosidade inegualável do misterio!...

Sim! Desde criança adivinhei que a unica forma de volver rutilante uma vida, e bela, verdadeiramente bela em ameias a marfim e ouro — seria lograr referi-la ao mistério, inclui-la nêle...

Mas como, meu Deus, como? ...

Procurando, descendo bem as trevas, acumulando imperialmente enigma sobre enigma. Oh... debalde, debalde, até hoje, tenho buscado segredos para ungir com êles a minha existencia — imortalisa-la de Sombra... À minha volta é tudo bem certo, mais do que certo, real sem remedio... Só a minha imaginação vence ainda tremular misterios — misterios porêm de fumo; quebrantos a vago, lendarios... E a luz sempre sobre mim, a luz — certeza tosca, material...

Também já na infancia, de resto, era assim em verdade. Só em fantasia me amedrontava, só com ela ia achar um enlevo delicioso e inquieto nos alçapões, nos subterraneos (se me falavam dalgum palacio antigo) e nas pontes, nos zimborios, nos grandes arcos — bem como já me passavam às vezes, em calafrios, vagas reminiscencias de aquedutos negros, que eu nunca vira, decerto.

Mas havia sobretudo no predio da nossa quinta um sótão inexplicavel que durante os anos da minha infancia foi para mim o centro de todo um mundo misterioso.

Esse sótão — ao que uma só vez vagamente entrevira — não tinha sobrado. Era, concluo hoje, apenas um desvão entre o telhado e o forro da casa — sendo um corpo do edifício mais alto do que o outro. De longe a longe os criados vinham limpá-lo, creio. Deixar-me-hiam entrar, talvez — mas não o tentei nunca, com medo; e percebo agora que o meu receio era apenas de o ficar conhecendo realmente, e, assim perder aos meus olhos todo o seu encanto.

Ah! mas as vezes que eu subia até à sua porta, a escutar... Pelas frestas o vento entrava redemoinhando; de espaço a espaço o vigamento rangia — e tudo isso se transtornava na minha imaginação em bater de asas negras, arrastar de correntes crepitar de ossos, quem sabe... Certo dia a minha coragem foi até entreabrir a porta... Lá dentro, penumbra densa — emtanto um raio de sol da tarde, coando-se por uma fresta, iluminava em magicas palpitações um halo de poeira multicolor... Assombrado, cego da maravilha, fechei a porta no mesmo instante — fugi...

Comecei então pensando, ás noites, antes de adormecer, largas horas nesse sótão que, mais do que nunca, se volvera um mundo bizarro, desconhecido, alucinante. E criava nêle, em verdade criava, toda uma vida... Fantasiava-lhe — sim — os seus bosques, os seus rios e pontes, as suas montanhas, os seus oceanos, as suas povoações, os seus habitantes... As florestas, via-as de

algodão em rama, policromas, com lantejoulas, como os brinquedos de Arvore do Natal; seriam de agua as montanhas; os rios de pedras preciosas e, sobre êles, em arcos de luar, grandes pontes de estrelas. A humanidade que habitaria o meu país, suscitava-a de anões disformes, anafados, picarescos, mas de olhos côr de violeta — e sugeria lá tambem toda uma fauna de animais estramboticos, inexprimiveis; passaros sem cabeça, coelhos com asas, peixes de juba, borboletas que fossem flôres, nascessem da terra... O rei desta nação, não sei porquê, parecia-me, acreditava seguramente, que era uma grande formiga multicolor — e ratos dourados com asas de prata os fidalgos da sua côrte. Só o povo homunculos ridiculos... De resto, todo este mundo da minha imaginação infantil me pululava dentro do sótão num conjunto misterioso — indistinto, *difuso,* entrecruzado, impossivel de destrinçar: era mar onde era tambem cidade; havia palacios riais ao mesmo tempo florestas. Coisa mais caprichosa: nesse mundo tudo existia variegado mas, simultaneamente, tudo era cinzento! Sim, eu via as arvores de algodão em rama, umas brancas, outras rôxas ou azuis, escarlates ou côr de laranja — e os olhos violeta dos anões, os vassalos ratos dourados. el-rei a grande formiga multicolor — e rios arco-iris de joias; montanhas cristalinas, aniladas. Entretanto, surgindo-me tudo assim, numa infinidade de tons, eu não podia deixar de o ver tambem uniformemente a gris!... Ah! a imaginação das crianças... onde achar outra mais bela, mais inquietadora, que melhor saiba frisar o impossivel? Ela é sem duvida, pelo menos, a mais apta a converter pavor, a refugiar vislumbres. Porque nessa epoca ondulante da vida é-se apenas fantasia, crédula fantasia. Vem depois o raciocinio, a lucidez, a *desconfiança* — e tudo se esvai... Só nos resta a certeza — a desilusão sem remedio...

Eis pelo que a hora mais Alêm, a hora mais perturbadora da minha vida, a vivi nos oito anos.

Estavamos na nossa quinta.

Eu não me atrevera nunca a passear de noite, sòzinho, pelas ruas areadas, orladas de buxo, tão aprazíveis e campestres, em que de dia, bem afoito, brincava correndo afogueado. Mas do grande pateo junto da cozinha, eu olhava-as em frente de mim, sonhando descobri-las, noturnamente, numa viagem maravilhosa. Porque, em verdade, de noite, a minha quinta devia ser mágica... Gnómos a percorreriam ás cabriolas, e elfos; nos grandes tanques, ao luar, se banhariam fadas, e pelos assentos de azulejo — oh, sem dúvida! — toda uma figuração de principes e rainhas encantadas se assentaria devaneando... Depois, que medo não havia de fazer, lá em baixo, sob a nogueira secular, junto do pôço — á borda do qual, talvez, mouras de sortilegio, todas nuas, assomassem... esquivas...

De olhos fascinados, sim, eu sonhava tudo isto, de olhos perdidos — mas trémulo, não ousando nunca afastar-me alguns passos de ao pé da cozinha, onde havia luz e a criadagem falaceava... Sonhava ainda investigando sempre a noite, sonolento, com um livro de estampas esquecido sobre os joelhos... e o meu olhar perdia-se mais uma vez no laranjal que se adivinhava perto, numa penumbra esbatida, e em que eu, á força de ilusão, distinguia, conseguia realmente distinguir, os frutos rutilantes — volvidos agora, de milagre, aureos pomos de encantamento...

Algumas vezes, com o caseiro, percorrera já, era certo, as ruas da quinta, á noite. Mas isso, claramente, nada significava: acompanhar-me alguem fazia esvair todo o quebranto. Só aos meus olhos de criança solitária — de mais sabia eu — esse mundo mágico se revelaria...

Em balde continuava pois sonhando, numa sofreguidão de me evadir nas trevas — sempre acorrentado pelo pavor...

Até que uma noite — não sei como foi — de subito, decidi-me: fechei os olhos, e numa carreira louca, afastei-me...

Abri-os só depois de assim haver corrido alguns

minutos, para ter a certeza de já não recuar... E largo tempo, numa febre de medo, a ranger de mistério, voguei pela sombra...

Meu Deus, é-me impossivel dizer toda a beleza, toda a maravilha que vivi então!... Dava-me asas o proprio terror — matava-me e deliciava-me... Que scenario de quimeras!...

Na noite, entre a escuridão, ao longe, os lugares bem conhecidos — os pomares, os vinhedos, os eirados, os jardins — surgiam apavorantes, noutros contornos... As ruas, ladeavam-nas os monstros de bruma verde em que o buxo se convertera — monstros aliás jocosos, bonacheirões, em esgares torcidos de polichinelo... e eram soldados hirtos, alvejando, os pilares das parreiras: soldados de barretina, alguns, fumando cachimbos onde fingiam brasas os pirilampos que esvoavam próximo...

Tudo sombra, sombra vacilante, emfim, ao meu redór, a modificar subtilmente, constantemente, a paisagem noturna...

Rumorejavam segredo as arvores — sabbats talvez de feiticeiras as suas sombras, tão arrepanhado e sêco o crepitar agora dos ramos entre o vento...

(Ah! mas aquêle vento, na noite, através dos canaviais, não o sentia eu como o vento do dia... Era por força qualquer outro fluido. Parecia-me, no seu estranho sibilar velado, como que um *espectro do vento* — um espectro temivel, *grasnado*, de écos mortos...).

Os tanques reflectiam negrume apenas, porque a noite era escura, sem luar nem estrelas: tanques de alcatrão, dir-se-ia, hediondos — mas a frescura que ressumavam dissipava este mêdo: e sobre a agua, em verdade, olhando bem, mil formas de fantasia, indefenidas, talhadas numa névoa translucida, anilada, quasi invisivel, esvoaçavam capricho e misterio...

E eu corria sempre...

No jardim, as rosas eram encantamentos mais suaves. Emtanto, ao meio, o alecrim do Norte, copado, circular, volvera-se num bonzo chinês, espapaçado, cru-

zando os membros, venerandamente... Os lirios, campainhas de tôrre de marfim...

....

...Debruçava-me agora sobre um pôço... Em ruidos húmidos, longas asas negras, desconhecidas, roçaram-me o rosto... Então o meu pavor foi uma agonia...

Ainda vi ao longe uma grande forma secreta, fulva talvez, crescer sobre mim...

Depois não sei o que se passou... Encontrei-me de novo, boquiaberto, sentado no banco da casa do arco, junto da cozinha com o mesmo livro de estampas sobre os joelhos... Lambia-me as mãos, docemente, o meu companheiro preferido — o canzarrão amarelo do caseiro que eu atrelava aos meus carros...

....

....

Sim! sim! Até hoje foram estes os maiores instantes que vivi. Nunca logrei, a mais densa ilusão, embrenhar-me de Sombra, incluir-me em Segredo... Ah! mas, ás noites seguintes, como se encapelaram os meus pavores!... Ruivamente, acordava muita vez chorando, a debater-me em crises de acelerados histerismos...

E foi então que sonhei pela primeira vez — outra das minhas reminiscencias scintilantes.

Com efeito, uma manhã, ao despertar, bem seguro me lembrei que — não sabia aonde, mas nessa noite — certa rainha de brocado me tivera ao colo, me abrira os seus cofres de pedrarias, me desennastrara as suas tranças, longas d'ouro, para eu coar entre elas os meus dedos febris, a refresca-los...

A Princesa não pudera existir no meu quarto, mesmo de noite — e eu não saira do meu quarto... Emtanto falara-lhe, vira-a bem... Aonde? Aonde?... Lembravam-me quasi as suas feições... a sua bôca de pérolas... seus gestos-flôres... Havia paredes de névoa em tôrno aos meus olhos...

Por fim, cheio de vergonha, contei tudo ás criadas. Mas distraidamente, as criadas só me responderam:

— Ora... Isso foi um sonho...

Um sonho...

Todo esse dia — nunca mais me esqueci — passei-o a reviver o lindo misterio... a rainha de mágica: e os seus aneis, os seus colares, o brilho roçagante do seu traje, as suas madeixas desprendidas... amoroso dela, quem sabe — mas, acima de tudo, orgulhoso de ter sonhado pela primeira vez: *de saber sonhar,* pois não podia crer que a todos acontecesse o mesmo, tamanha glória...

....

Depois, nunca me tornei a *enganar*... Por isso recordo a minha infancia em admiradas saudades...

Embora toda a minha Arte se fixe em Misterio, cingidamente — jamais me nimbo de Alêm. Terei deixado sombra — pode ser — sombra diademada nos meus livros: sombra de artificio, porêm; sombra imovel, sombra morta, que me não vibra: que eu crio, mas que não me envolve; que só projecto de requinte.

E cada noite, mais saudoso, mais humilde, volvo ás recordações infantis — silenciosas: ao meu passeio noturno, de milagre; ao meu sótão de fantasia... e ás largas horas tambem que, do meu leito, olhos cerrados, ás manhãs de sol, contemplava na transparencia das palpebras — caleidoscópio de ilusão — os discos, as flexas, as garras, os laços, as estrelas, os crescentes multicolores que se engastavam numa penumbra vermelha, scintilando a mosquea-la em rodopio...

Como toda essa riqueza vai longe! Como fui grande!...

Então receava os campanarios das igrejas, sombriamente... se havia torreões num palácio, só acreditava nêles com princesas nuas, lá dentro, ceando frutas acres... e tremia sobre as tapeçarias espessas... vinham-me calafrios defronte dos reposteiros pesados, de veludos quentes...

De resto, ainda hoje não perdi o medo *do que pode haver para lá dum reposteiro* — bem como ainda, de

longe, me perturbam os tapetes da Pérsia, os pânos de Arrás, os grandes lustres apagados, os espelhos mortos, nos paços antigos...

Mas tudo em balde, e tão incerto...

....

Oh! que ansia leonina de me abismar na Sombra — e vivê-la! vivê-la!...

II

Janeiro 1906.

Grifado quebranto... Na minha atracção de Mistério fréme densamente qualquer coisa de sexual... Se tanto o sonho e o visiono, o ergo em anseio perdido — é numa sensualidade esguia, dimanante e delgada: em crispado.

Sim; como as lembranças aquaticas, o fôgo e os corpos nus — as sensações de Segrêdo, ou reais ou evocadas, arrepiam-me extases fluidos, perversos de oiro...

Bem sei... É que, para mim, tudo quanto me impressiona se volveu sexualisado — e em sexo apenas o osculo, o desejo e o sofro... Eis pelo que sempre cataloguei, excitantemente e a par, os corpos nus, esplendidos; as cidades tumultuosas de Europa — os perfumes e os teatros rutilantes, atapetados a rôxo — as paisagens de agua, ao luar — os cafés de ruído, os restaurantes de noite, as longas viagens — o murmurio contemporaneo das fábricas, das grandes oficinas — a loucura e as bebidas geladas — certas flores, como as violetas e as camelias — certos frutos, como o ananás... e os morangos, na sua acidez toda nua, de caprichos afilados.

....

....

Olho para trás de mim ás horas silenciosas e evoco todos os personagens da minha vida... os raros corpos de acaso que possuí, *por os desconhecer...* e mesmo aquelas pessoas, ignoradas, que só um instante cruzaram a minha existencia...

— Mas não será a mais bela a recordação destas ultimas — e a mais secreta?...

Uma noite, em Paris, no restaurante, sentou-se, por exemplo, em minha face qualquer rapariga que, á sobremesa, me perguntou o nome francês do dôce que eu comia... Falámos alguns minutos, depois. Era russa, de Moscou... E eu dum pais distante, ao ocidente, perdido em aventura... Despedimo-nos sem sabermos os nossos nomes... Não nos tornámos a ver.

Fôsse como fôsse, porem, as nossas vidas, tão longinquas, tão diversas — tinham-se tocado um segundo, vivido juntas um instante... quem sabe se no cumprimento dum destino insofismavel...

Ah! como ao lembrar-me destas pequeninas coisas, me sinto orgulhoso — porque lhes sei encontrar a sua significação íntima, perturbadora, velada de sombrio...

E assim vou suscitando todos os meus abraços, todos os meus encontros fortuitos: todos aqueles, em suma, com quem um dia, em qualquer scenario, troquei uma palavra — os proprios transeuntes, é verdade, que apenas me perguntaram por uma rua... Evoco-os, e sinto beleza — beleza enclavinhada numa ideia subtil de mêdo a sacudir-me... Pois quem eram, ah!, quem seriam todos esses estranhos que, emfim, têem desempenhado, têem dialogado a minha vida?...

Meu Deus, meu Deus, quanta sombra!...

Á beira de que catastrofes terei fugazmente seguido... se eu terei falado minutos a grandes criminosos indo para o seu crime essa noite?... a grandes desgraçados, nas horas culminantes talvez duma existencia perdida...

E ocorrem-me até rostos de criaturas que apenas fitei de longe, vagamente — mas que, por alguma coisa de subtil, nunca mais olvidei. Assim a mulher fulva da Ponte do Rialto... e o homem pálido, solitario, uma noite, no Monaco, com o laço vermelho...

— Crescei, crescei sobre mim, de miragens... resvalai em teorias fantasticas, todos os comparsas da minha

vida!... Fazei-me tremer, ranger de pavor e sortilégio, até que num esforço me erga — esbraceje a dissipar--vos!...

Podiam ser estas, ainda, horas bordadas que eu fremisse...

Mas em vão... em vão... Não se animam as imagens...

....

....

Entretanto não soube nunca guardar um segrêdo...

Com efeito se algum amigo me conta, lialmente, segredos da sua vida — o meu orgulho sobe tão alto *por conhecer o que os outros ignoram* que logo os divulgo a qualquer: ponho termo ao misterio que me foi confiado, a demonstrar-me assim, em gloria inutil, que sou maior do que êle visto que o posso desmoronar...

De resto, emquanto assim procedo, se me sobem ternuras por alguma criaturinha gentil, franzina e aguda — todo o meu desejo é de emprestar um pouco de enigma a essa vida banal, pequenina... Eis como, debalde, a quanta pobre rapariga que eu nunca tive, enviei cartas de fantasia, e flores, telegramas — livros meus, se era no estrangeiro...

III

Março 1906.

VIBRANTEMENTE o futuro me agita tambem, pois é dos segredos totais.

Noites sem fim — inquietantes, zebradas, multiformes — me perco, esvaecido, entressonhando amanhã episodios da minha vida: as futuras personagens da minha existencia... os herois futuros das minhas novelas ainda não projectadas...

E lembro-me que tudo isso existe já — *porque ha de existir forçosamente*. Por isso me enredo a supô-lo...

Impossivel! Impossivel!
Só me resta espera-lo...

....

Oh! como eu quisera possuir, *de hoje*, as minhas amantes futuras — não suscitadas por fantasia, com fórmas e rostos imaginarios — apenas a sua ideia: translucidamente, imponderavelmente... talhadas em desconhecido, por insinuações nebulosas, latejantes de Auréola...

....

....

— Poder, poder sugar um dia — emfim! — o gôsto rôxo e macerado do Misterio!...

IV

Maio 1906.

O movimento... as viagens...

Outra voluptuosidade de capitoso enigma... Pois sempre me assombrou estar hoje aqui, na minha terra mediocre, nesta cidade ocidental, ao sul da Europa — e em cinco dias (poucas horas) poder chegar, no norte, á capital do Imperio sombrio e denso da minha nostalgia roçagante...

Depois de vagabundear incerto algum tempo por outros países, esqueço-me de quem sou, quasi — não me relembrando nem a atmosfera, nem o scenario... tão pouco as personagens que me cercam...

Duvido se serei eu proprio — convenço-me de que o não sou... Nunca pude crer que fossemos totais: o meio que nos envolve, é tambem um pouco de nós — seguramente. Logo devemos variar em alma (e em corpo até, quem sabe) segundo os paises que habitamos.

Por isso receio muito quando alguem que estimo se afasta de mim, com o pavor do seu regresso — e ao esperar na estação um amigo após uma ausencia de alguns meses, um grande enleio me assalta diante dele,

titubiando, sem já o poder tratar por *tu* como fazia dantes...

....

Viajo, viajo, erradamente... Assim me modifico, em fantasia pelo menos — me subtiliso em laivos de Misterio...

E nos grandes cafés d'Europa, mais frisantemente, os meus olhos detêem-se naquela linda mulher de luxo que, aborrecida em face do seu cálice, espera — á tarde — por um amante, sem dúvida... Olho-a... Insensivelmente vou compondo a sua vida... Engalano-a, poetiso-a; dramatiso-a conforme o seu rosto — e o brilho dos seus olhos, a curva da sua bôca maquilada, o tom dos seus cabelos... Uma vida, para mim, foi sempre função de todo um perfil... encontro desfechos apropriados a cada beleza — detalhes que só podem ser vividos por certos olhos, certas mãos, certos sorrisos...

Segue todo o enrêdo ...A matiz, todo o seu passado é sugerido... até que o amante chega, por ultimo... ou não chega, pois nem seria esperado, talvez...

Mas a estrangeira levanta-se, sai... Sigo-a ainda com a vista até desaparecer... e fico tão feliz... tão feliz... tão lisongeiramente feliz... Mais feliz do que se fôsse o seu amante — o *amante mesmo que não chegou* — porque então conhece-la-hia toda: não poderia criar uma vida á sombra daqueles olhos, uma vida de acordo com esses gestos...

Glória marchetada! Sem ela duvidar, sem mo permitir, eu entrei, em verdade, na sua existencia — porque no meu mundo interior A inclui, imaginando-a suavemente...

São estas frivolidades os mais intimos prazeres da minha alma. Por isso viajo alheamento, me perco á busca... E acima de tudo quero á noite dourada em que descobri num bairro aristocrático de não sei que capital, alta noite, um automovel de milionarios, scintilante esperando em frente dum palácio. Detive-me... Após momentos abriu-se o portão brazonado... Subi-

ram para a carruagem um homem alto, elegantissimo... uma mulher sumptuosa de zibelinas e rendas...

...E como eu fui mais vitorioso então, sózinho — ao vento — do que êles dois na carruagem, agora talvez misturando as bôcas... Porque eu, podia-os imaginar... *e êles, ai, sabiam fatalmente quem eram*...

....

As grandes cidades... o triunfo de ascender nas Praças monumentais a colunas simbólicas — e, da sua altura - estátua, deixar perder os olhos por toda a casaria... Possessa, a vista zig-zaguea-nos por ruas, por avenidas, entre parques... espraia-se-nos infinitamente pelo mar dos telhados... E é um formigueiro de edifícios que, do alto, surgidos em panorama, se entrecruzam, se interseccionam, se engolfam uns pelos outros — indestrinçaveis, alucinantes...

Momento a momento o turbilhão nos volve mais confusos... Breve perdemos a noção da distancia... uma vertigem nos rodopia... até que, em nossa face, todo o horizonte se desloca — e se véla, ocupado em miragem por outra cidade de mistura...

Ondulamos de erro... arripiam-se-nos os olhos, sagrados... febricitamos de pairar...

...E a vida corre aos nossos pés, a *vida* — emtanto!...

V

Janeiro 1907.

NAS minhas ansias de segrêdo tenho-me esforçado ao menos, para que os meus sentidos vibrem *diversamente*: desengonçadamente, noutras direcções de crispado — dando-me assim, em vislumbres, uma ilusão intranqùila a desconhecido.

Eis como algumas tardes, de súbito, a certas côres, realiso sentir — por artificio embora, mas automatica-

mente — a saudade maguada de certa companheira morta, gentil e pálida, que nunca tive... E é uma sombra propicia a afagar-me então de dúvida... a irisar-me...

Outras vezes chegam-me sensações de «fim» — de termo duma época de vida... de começos de outra, com novas personagens, novos hábitos... E, ao meu redór, é tudo igual — nos meus planos!...

Ha factos tambem que me impressionam esquivas contradições: Certa noite, por exemplo, num teatro ordinario de Lisboa, desceu-me uma grande tristeza, *uma tristeza dilacerada*, em face dum casal de velhos bebados — dueto hilariante da revista celebre. Sim, foi uma derradeira amargura — pungente, arrependida — *uma tristeza de passado*... e uma piedade... ah! uma piedade aflitiva e inutil, em mágoa enternecedora, quando os personagens grotescos surgiram a cantar versos torpes, bamboleando-se ao compasso duma musica raspada, de saltos bruscos... Lembraram-me irreparavelmente um fim de vida, um tragico levantar de feira... E emquanto todo o público pedia «bis» às gargalhadas, eu tinha vontade de chorar — misteriosamente, *por mim*...

Tenho ocasiões repentinas, outros dias, em que me chegam grandes júbilos entusiasmados. À minha volta tudo ecôa gloria... E se encontro um amigo, tomo-lhe o braço — a rir, a rir, infantilmente... Em balde procuro as razões dessa alegria — coisa alguma me sucedeu... Mistério: *no emtanto ela é uma alegria motivada*. É verdade; é deste modo que eu a sinto — pelo menos numa ideia difusa, cariciosa e ondulante...

De resto, de forma identica me sobem a cada passo ternuras imotivadas, e — bizarria maior — imotivados pudores enternecidos.

Ainda ha pouco se me despertou a sensação esguia de ser insidiosamente uma rapariguinha suave e loira que viesse de se entregar ao seu amante, em caprichos ténues — apenas por um meu amigo me mostrar uns postais que comprara, e eu já vira pelas montras, com

uma rapariga linda, de seios nus, adoraveis: a rapariga talvez que nesse instante, duvidei ser — corando...

Pequenas dôres fisicas sofro-as, por vezes, apenas em paladar, como desgostos desagradaveis.

Frequentemente, ao virar-me numa rua, num salão, *encontro-me* de subito no scenario distante de qualquer cidade estrangeira — bem nítido: vendo na realidade toda uma praça... todo um cais... *sentindo* latejar a penumbra violeta entre as colunas magestosas de certa catedral... (Aqui — bem sei — ainda existe uma explicação admissivel: qualquer deslocamento que se dê na atmosfera e que, justamente, intersectione planos paralelos, quebre vértices de luz e sombra iguais àqueles em que por ventura eu presenciei o scenario evocado).

Descem-me tambem em pleno inverno sensações de outono e primavera — e ha periodos em que, sem ter adoecido, me sinto convalescente duma longa enfermidade — salvo talvez da morte por milagre...

Divagando a minh'alma — a sintetisar todo o seu descalabro — ocorrem-me ideias estramboticas, picarescas e complexas: as unicas emtanto capazes de exprimir, por sugestão, as mais íntimas particularidades do meu mundo psiquico.

Assim quando me péso, irremediavel, em tristeza e tédio desolador — lembro-me que virá só disto a minha tortura: um revestimento ôco de lata me contornou interiormente toda a carne — e outra coisa qualquer: a minha alma, presumo... (E receio então que a minha alma seja apenas um liquido verde, oleoso e turvo, enjoativo, fechado nesse depósito).

A devastação completa da minha vida, encaro-a como uma série de losangos de zinco, salpicados de diversas côres — particularmente dum vermelho sujo — amolgados e torcidos.

E muita noite, no meu leito, revendo a nausea estagnada desta minha existencia — uma ansia irrisória se me suscita de volver o meu corpo triangular, e manda-lo afiar, nos seus vértices, em gumes cortantes

de aço. Ah! se fosse possivel fazer um fio ao meu corpo — adivinho bem seguro em tais tormentos — breve cessaria a minha desolação...

....

Que, de resto, não nos criemos ilusões, eu sinto tudo isto sincera e naturalmente. Não eduquei os meus sentidos a fremir em destrambelho... Eles é que, por si se desarticularam — de tanto oscilar em ôco, de tanto girar em falso...

Depois, se nas minhas obras de Arte, vagabundas de miragem, sumptuosas de requinte, ponho um pouco de mim nos protagonistas — gritam logo os castrados á blague ou à incompreensão. Incompreensão... Há tão pouco que compreender no que escrevo — nisto tudo... Digo: «A imagem da minha vida estampa-se-me como uma série de losangos de Zinco». É só isto. Não procurem nada aqui — não ha nada a perceber. Meu Deus, é só isto! Nem o posso exprimir doutra maneira, com maior clareza, porque é assim — *assim mesmo*.

Mas, por o saber sentir, um pouco de ignorado me penetra. E eis pelo que as minhas extravagancias só me ensoberbecem, e lhes quero a fulvo - leoninamente...

....

(— Porque haveria na encosta do olival da nossa quinta, quando eu era pequeno, uma santa de papel, sob um vidro incrustado na terra? ...).

....

Entretanto, apesar de tudo, olhando bem — como é só luz, luz insipida, á minha volta... Em vão procuro descer o mistério, minar galerias de sombra...

Impossivel! Impossivel!...

Ah! como invejo os grandes criminosos que souberam escapar á justiça... e passam... desaparecem sangrentos em assassínios e estupros...

Deixaram ao menos um pouco de névoa — esses.

Encerrados no seu segrêdo, como hão de viver gloriosos — sem remorsos, tamanhos, de Maravilha...

Eu, de evidente, tenho asco de mim!...

VI

Agosto 1907.

Se eu fôsse milionário e Principe, como ergueria o meu dominio do Mistério...

Ah! para regiões do Norte, entre jardins pomposos, o meu castelo altissimo, em sombras abafadas, ascenderia as suas tôrres taciturnas, alastraria o seu arcaboiço pesado e longo — absortamente.

Dentro, largas salas de baile sem janelas, que eu teria feito executar por grandes arquitectos — e ornadas de frescos de pintores admiraveis; enriquecidas a prata e oiro nas cúpulas maravilhosas, nos lambrizes de incrustações exóticas, a madrepérolas e jades...

Reposteiros de veludo, arrastados, roçagantes a brilhos espessos. Tapeçarias magestosas, profundas, que abafassem os passos — candelabros, serpentinas e lustres brazonados que nunca se acendessem...

Oh! mesmo eu não teria nunca visto á luz esses salões teatrais... Percorre-los-hia sempre em penumbra, tacteando a sua riqueza; adivinha-los-hia apenas, em espelhos duvidosos, pelas sombras da sua sumptuosidade — guiado por uma luz distante, de fracos bruxuleios, que ainda chegasse, talvez, pelas fimbrias das portas...

Meu Deus, como seria grande!... Que sortilegios marchetados, que vértices difusos, latentes, me aturdiriam ao transpôr as minhas salas de honra: *onde nunca ninguem dançara,* que eu proprio mal conheceria, embora em noites de gala ouvisse dos seus divans — sempre em penumbra — solenes concertos pelas minhas orquestras asiáticas, ocultas noutras galerias...

E perco-me a sonhar todo o meu dominio de Erro se me deixo esvair em tais pensamentos...

...Jardins emmaranhados em volta do Palacio — e parques... Mais longe, bosques tumultuantes, densissimos, impenetraveis ao sol — com subitas clareiras

aonde, por minha ordem, se elevassem monumentos a herois, navegadores e guerreiros que nunca tivessem existido...

Ao fundo de roseirais inesperados, perdidos na floresta, templos a divindades de nenhuns ritos — divindades falsas que só eu criara, erguendo-as ali em altares de fantasia... Inscrições tumulares, góticas, antiquissimas, sob as cúpulas dos templos, em lages que não cobrissem nenhumas sepulturas — e mausoléus, de mentira também, vasios de ossadas, mais longe, junto dos pantanos, aofim do bosque, entre ciprestes...

Completaria depois o ambiente irrisório, edificando ruinas perto duma grande lagôa sêca — ruinas ogivais de arcos partidos, colunas e abóbadas... Esconderia tesouros, á tôa, profundamente, como outróra, nas ruas da minha quinta, enterrava brinquedos...

Faria ainda vedar por altos muros eriçados e largos portões de ferro, recintos circulares desertos, onde não se guardasse coisa alguma — mandando por ultimo abrir cavernas e subterraneos inuteis pelos meus territorios: assim como no meu palácio haveria alçapões de despropósito, repentinas portas falsas, escadarias que nunca se descessem, estranhos maquinismos de segrêdo...

Mas tudo isto, tudo isto, *aprendido* incertamente — passeando só de noite pelos meus dominios, nunca cruzando mesmo certas alamedas, jámais me abeirando de certos lagos que apenas suporia pelo murmurio cendrado dos seus jórros de água ligeiros... Sim, tudo entrevisto em distracção e em dúvida, vacilantemente, para o bordar a magia...

E das janelas monumentais do meu quarto dourado, então, eu olharia ao crepusculo o meu Imperio de esbatido alastrando-se ao longe — imaginando-o, *prevendo*-o em sombras ondulantes, no rumorejar da folhagem, em ruidos aquaticos — sob scintilações de estrelas...

Ah! mas não passa dum sonho todo o meu Principado...

....

— Se eu fôsse um sonho, também? ...

VII

Abril 1908.

Os dias vão passando, e a minha curva obsessão mais e mais se me inflecte...

Abriram-se-me no cerebro compassos de pontas de ágata...

Oh! a luta impossivel contra a realidade!...

Se ao menos, por fim, a loucura me envolvesse...

Ainda seria abismar-me numa grande sombra...

Mas não... mas não... Tudo é real na vida — *a propria morte é real...*

Há quem tenha sabido desaparecer, entretanto! E evoco dois companheiros perdidos doutras épocas: Um, palido e loiro, sardento, que me falava dos seus avós de França. Vivo ou morto, esse passou sem deixar rastro... E só mais tarde soube, por seus pais, que não tivera nunca parentes estrangeiros — nem tão pouco existiam as grandes propriedades do Norte, para aonde me convidara esse verão...

Pasmo hoje, recordando-o. Abominava a sua companhia. Era um espirito tão pouco interessante... Mas acompanhava-o muitas vezes, não o sabendo evitar. Por gratidão. Era êle que me procurava com insistencia, numa ociosa simpatia... Por fim, os seus modos bruscos e os seus hábitos grosseiros, de mesquinhices reles ou prodigalidades tôlas de «parvenue» tinham-mo feito quasi odiar...

Só hoje descubro o meu completo engano! Que espirito heraldico o seu!... Nele houve tambem, sem dúvida, a ansia flava do Mistério — tôsca embora, mas profunda. Eis pelo que só me falaria de irrealidades — das suas quintas, dos seus automoveis, das suas espingardas — e procederia em destrambelhos premeditados: ora sumitico, ora perdulario; injusto sempre...

Até que uma noite, num impeto mais nobre, resol-

veria desaparecer, projectando assim uma mentira maior... E logrou-o em Vitória. Ninguem usou nunca o seu luto. Se morreu, não se encontrou nunca o seu cadaver. Se vive ainda — é hoje outro, por certo...

Nem um vestigio atrás de si...

Maravilhoso Artista!...

....

Mais belo, talvez, o destino do meu segundo companheiro — que uma tarde me entrou pela casa dentro a anunciar-me o seu próximo suicidio... Eu encolhi os ombros arrumando os livros da minha estante. Conhecia de mais o seu amor pelo drama, o seu ingénuo capricho de se romantisar... Démos um lindo passeio essa noite, despreocupadamente...

Algumas semanas mais tarde repetiu-me o seu propósito... Exigi-lhe explicações, por gentileza... Negou-mas — aludindo emtanto, por rodeios, a vagas impossibilidades...

Insisti mais convictamente no dia seguinte. Então houve uma grande scena... Arremessou-se sobre um divan — passou as mãos esguias, maquiladas, pela longa cabeleira... Tinha uma flôr ao peito. Arrancou-a, deixando-a cair no tapete... De costas para êle, diante duma janela, eu abafava a custo o meu riso...

Amarfanhou ainda as almofadas de sêda, limpou lágrimas que não chorára — e, em gestos femininos de artificio, contou-me o que levava á sua resolução...

Meu Deus, que motivo inesperado... tão pequenino, semi-louco em dispauterio — e ridiculo, ridiculo... o ultimo, de resto, que se poderia imaginar...

Fiz-lhe ver, tomando-o nos meus braços — encarando o meu papel agora já inteiramente a sério — como eram insignificantes as suas razões, e inadmissiveis. Concordou comigo. Jurou-me o seu arrependimento. Fomos á livraria comprar os ultimos romances...

Encontrei-o á noite no teatro — impecavel e risonho, de smoking, e nova flôr na lapela: uma grande rosa vermelha...

Tornei-o a encontrar no outro dia. Leu-me o scenario de mais uma peça que ia escrever, e desenvolvera essa manhã. Falou-me dos seus projectos para o verão próximo — entrou no caminho a fazer uma encomenda muito complicada. Pediu-me o endereço dum editor francês, para mandar vir um volume que já lera emprestado por mim — só para tambem o ter na sua biblioteca...

Dois dias mais tarde, suicidava-se com uma bala no coração...

...Foi depois que eu soube que a outros amigos êle anunciara tambem o seu suicidio — sob o maior segrêdo — juntando, em confidencia, as razões que o forçavam a um tal desespero: *mas a cada um de nós contava uma historia diversa...*

....

Seja como fôr, criaturas assim aureolisam efectuar-se um pouco em misterio — esbatem-se em Asas, ungem-se de Errado...

São, pelo menos, maiores do que eu, a esbracejar — é certo — a minha Ansia, e a permanecer embora, eternamente, na claridade quotidiana, bem limpo de segredos.

Ah! por uma incoerencia, por um mêdo de sacrilegio, talvez, em face da obra que deveria executar — sou todo scepticismo abandonado, desilusão de esforço, marasmo de renúncia...

E desta maneira, se alguem estranha a minha vida desigual, vazia mas tão *diferente* — não me contenho que não grite logo a verdade: se naquela noite parti de súbito, foi porque me quís deitar mais cedo — não encerram cartas de amor os meus sobrescritos prateados — se desapareço durante longos periodos, é só por minha casa, ou, quando muito, a ler e a escrever por cafés doutro bairro...

Num misticismo vão, numa agonia despeitada de me dar — sou eu proprio que logo arremesso para longe o misterio falso que em mim, sem segrêdo, poderia

entretanto existir aos olhos dos outros... como se os misterios não fôssem sempre falsidades...

....

....

— Sim, sim, ó meus amigos esquecidos doutróra: tu, pálido e longo, dos avós de França — e tu, de cabeleira revolta e das unhas pintadas — como sou mais vil, mais sem alma, mais sem nervos... nausea de mim-proprio, irrisão de mim-proprio, esfinge de papelão...

E como sinto a vossa nostalgia emtanto, e o vosso orgulho — ó reis loucos que morrestes ao luar, para lagôas azuis, talvez... entre enredos incertos...

VIII

16 novembro 1908.

MEU Deus... meu Deus... Como hei de suportar esta luz sem fim — inevitável e obcecante...

Ultrapassei-me em tédio. Tudo se esvasiou á minha volta...

Penduraram-me os nervos numa escápula de ferro; ataram-nos numa réstia sêca...

Tenho medo de mim, de triste que estou...

Passeio nas ruas, solitario — e o meu olhar, o meu próprio olhar, me fustiga...

Em vão busco ainda acompanhar-me de fantasmas...

Tudo vive *esta vida* ao meu redór...

Se ao menos existissem outras... Sei lá, vidas instáveis, vidas-arômas — organismos fluidos que se podessem condensar, solidificar, e de novo evaporar...

....

22 novembro.

Não me engano. Deu-se ultimamente uma modificação na minha Alma. Já não a sinto da mesma forma. Divergiu em hélice... E os meus sentidos giram como rodas de côr — tombolas de feira na minha febre...

....

Devaneios... devaneios...

Sempre em face de mim a realidade cruel: a folha branca onde escrevo — a vontade consciente que me faz escrever...

....

....

IX

Fevereiro 1909.

Emfim! Emfim! O triunfo — a Ouro o triunfo!

Como fazia mal em desesperar!

Vibro hoje apoteoses, e tudo se abateu perante o Milagre!

Cerraram-se aos meus olhos redemoinhos de Asa, em pedrarias e estrelas!

Houve fogos de artificio de arômas.

— Que vale o resto se o quebranto me estilisou, insondável em neblina?

Não sei o que se vai seguir — o que vai ser de mim. Mas seja o meu destino qual fôr, terei vivido beleza — beleza enclavinhadamente a sombrio... Projectei Misterio. Insinuei-me em Iris. Venci!

— Acaso posso ver o sangue?

....

Foi este o meu triumfo. Quero fixa-lo poucas horas volvidas, para mais tarde o percorrer melhor.

Na minha vagabundagem espectante, sempre entre

fanadas amarguras, ôcos esforços — bocejando luz e absorção — vim dar naturalmente á Costa Azul por este inverno rigoroso.

E numa noite do Carnaval de Nice, não sei porquê nem como, achei-me no baile do Casino.

Foi-me propicio o ambiente. Em ruidos dissonantes, zebravam-se mil côres á minha volta — scintilações de festa que me parecia estranho o meu espirito, aqui, sentir de lisonja.

E no meio da multidão bizarrada lembrou-me a frase volátil que, a um meu companheiro querido, ouvira certa noite num café de Paris:

— Ah! os bailes de máscaras maravilhosos... Um baile de máscaras do Imperio, na grande Opera... Mas se eu estivesse lá — meu amigo, se eu estivesse lá — seriam minhas amantes todas as mulheres que me rodeassem: *porque todas viriam de máscara*!

Os meus olhos então resvalaram mais sensiveis ao Segrêdo que me envolvia — segrêdo banalisado, sem dúvida, mas ainda assim fugitivo.

Era perturbador e belo, com efeito...

Tanta sêda!

E abandonei-me ao tumulto — ao confetti e ás serpentinas...

«Exquisita coisa... — breve comecei notando. «Não bebera de certo nenhum alcool, nenhum narcótico. Os meus sentidos emtanto vibravam em confusa dispersão: um esvaecimento acre, mas subtil, muito suave, delicioso — em transparencia *abatida*».

Caminhei embaralhado até que, de subito, numa sensação oscilatória, as luzes divergiram em tôrno dos meus olhos latejantes.

Ao mesmo tempo alguem me tomou o braço, murmurando a despertar-me do meu torpôr:

— Eu sou talvez a Princesa velada...

Não sei bem o que se seguiu. Só após alguns momentos pude *ver* a mulher esplendida que me tomara o braço. Alta, escultural, inegualavel — vestindo um estra-

nho disfarce: o costume, por certo, dos pagens dalgum país distante e azul de conto de fadas.

Encerrava-lhe o tronco um corpête de brocado de ouro, por onde assomava em perniciosa audacia o bico petulante dum seio moreno.

Cingia-lhe as pernas, quasi nuas, um «maillot» violeta, imponderavel.

Um gorro de setim escarlate sobre os cabelos torrenciais, com uma pluma desconhecida, de ave mágica — ofuscante e multicolor.

Á cintura, um cinto negro de coiro lavrado, misterioso, donde, na sua bainha, pendia um estreito punhal. Um «loup» de sêda verde a ocultar-lhe o rôsto...

....

Não sei bem o que se passou nos primeiros minutos — repito. O meu torpôr ia pouco a pouco evaporando-se—mas a escoar-se arrepiadamente, toldando-me mais do que nunca os sentidos.

A minha lucidez só regressou — e uma lucidez muito relativa ainda — quando os dois, no bufete, bebiamos champanhe...

Numa inquietação arraiada, os meus olhos tinham-se fixado agora no punhal. Mas a desconhecida, seguindo o meu olhar, logo o tirou da sua bainha de prata e mo estendeu para que eu perdesse o mêdo.

Tomei-o nas minhas mãos vacilantes, num sentimento heraldico.

Era uma arma terrivel e uma joia solene.

Pedrarias secretas se incrustavam nos copos, deslumbrantemente, em scintilações desvairadas — brilhos remotos de densas pompas; côres infinitas... A lamina cruel de aço, estreita e curta, muito acerada — e, sobre ela, estranhamente gravados, os caracteres surpreendentes dum alfabeto perdido...

Examinei a joia, emmudecido. Sombreou-se-me o rosto.

Esfriaram-me os dedos... Mas, a sorrir, a estrangeira contava:

— É uma joia de familia... preciosa, emblematica. antiquissima... com uma lenda medonha, espessa... de maldição eterna... Talvez um dia lha conte...

Foi como se me partissem os dedos com um martelo de gêlo. Deixei cair o punhal... Ela apanhou-o no mesmo instante, sem mêdo, a rir muito... Depois, mandou-me encher mais uma vez a sua taça — emquanto, bem tranquila, sempre a rir, embainhava de novo a arma estrídula...

Saimos do bufete. Amorosamente, encostava-se a mim — em verdade o seu corpo enroscava-se no meu. Tinham-se enlaçado as nossas mãos — e um momento houve em que ao ageitar o corpete aureo, fizera surgir mais livremente a ponta maquilada do outro seio.

Como nunca, se me acentuava agora um estranho calafrio — um calafrio de sombra, em singularidade me parecia.

A delirios, revendo a minha glória daquela mulher de olvido, admiravel, a pendurar-se-me dos braços — todo o meu receio era do fim seguramente banal da aventura. No entretanto nunca foram banais os beijos sumptuosos. E eu caminhava bêbado de alegria, automáticamente, fóra do espaço, sem proferir uma palavra...

Ah, mas decerto a minha companheira tomara já uma resolução.

Sempre pelo meu braço, dirigiu-se ao vestiário a pedir os seus abafos — um manto de peles riquissimas.

Eu tremia agora de pavor, sem coragem para lhe dizer a frase inevitavel sobre a nossa noite...

Ela não se admirou nunca, emtanto, do meu silencio — e pergunto a mim proprio, ainda, como é que de subito me achei subindo para a «limousine» que, sem dúvida, a esperava...

O veiculo arrancou, marchou muito rápido. Apenas então se me volveu um pouco de sangue-frio.

Fortalecera-se o meu triunfo: o enigma continuava. E o meu pavor divergiu: «Seria com efeito tudo aquilo um enigma — ou nada mais do que uma aventura

interessante, rara, inesperada; contudo bem natural?... Ah! se emfim eu estivesse na posse dum Segrêdo...

Até que, de brusco, decidindo-me, embora fôsse desmoronar-me numa desilusão, provoquei eu mesmo, indirectamente, uma resposta explicativa.

A minha companheira esquecida — a rir muito, a entrelaçar-me os dedos, jurou-me que não tivesse receio, que não havia perigo nem ladrões mascarados... que me levava apenas para sua casa, o seu hotel — acrescentando:

— Lá ninguém sabe que eu sou talvez a Princesa velada... Não lhes dei o meu nome... Dei um nome falso... A bem dizer não dei nome algum... Nem me viram nunca, quasi...

Senti na verdade deslocarem-se planos multicolores á minha volta: O Mistério prosseguia, portanto, e não era eu que o criava. Ao contrario: eu buscava até aclara-lo. O triunfo era certo e Oiro.

Assim abstraí da hora, decidido a entregar-me sem consciência ao quebranto, entrecerrando os olhos para menos ver ainda.

Simultaneamente, sem me esforçar, sem me lembrar sequer de a sugerir — regressou-me anestesiadora e ténue, deliciosa como nunca, a dispersão que referi ha pouco e me dimanara antes de A ter achado — em arrepios violetas, agora.

(Particularidade curiosa que só depois observei: dessa difusão entorpecedora, muito do fundo, ressumava um pavor oculto em insinuações magentas).

Pude ainda ver que, vertiginoso, desde o Casino, o automóvel se dirigiu pelo Boulevard Mac-Mahon, — seguindo depois pelo Boulevard du Pont-Vieux até á Praça Garibaldi. Mas, após chegarmos a esta Praça — onde nos detivemos um instante para o chauffeur acender uma lanterna que se apagara — não me é possivel dizer se tomámos pelas ruas Cassini, da Republica, ou por outras quaisquer.

A partir daí, com efeito, transmigrei-me a um

mundo de sonhos. Volveu-se-me relativa a realidade — todos os meus pensamentos e os meus gestos foram meras projecções de movimentos subtis executados noutros planos. Adormeci em jade. Eclipsou-se qualquer cousa de mim: o luar, talvez, sobre o meu mundo interior. Fui apenas sensivel ao Misterio que me acompanhava...

Ao fim de não sei quanto tempo, o automóvel estacou em face dum portão de ferro. Descemos. A desconhecida abriu-o com uma pequena chave que brilhou na noite...

Entrámos num jardim rumorejante. Ela dera qualquer ordem ao chauffeur que, tomando o guiador, desaparecera... A noite estava muito escura. Ao fundo do jardim, no emtanto, eu pressenti a sombra dum grande edificio...

Tomou-me pelo braço, mais uma vez, a encantadora — e seguimos por uma rua lateral até chegarmos defronte dum pavilhão isolado, á esquerda do jardim...

De novo puxou por uma chave brilhante. Abriu uma porta. Subimos alguns degraus...

Era um interior delicioso — espécie de ateliér adornado em requinte.

Uma atmosfera azul se cendrava aí iluminada em estranhas divergencias por lampadas electricas fôscas — macia de perfumes, toda de sêda.

Cortinados roçagantes — tapetes profundos, de luas rôxas.

Móveis orientais, indecisos — e, ao meio, um leito baixo de pelúcias, insondável, secreto.

Mas, em todo aquele ambiente de morfina, foi isto que mais me impressionou: a luz não era imovel — ondulava no ar, bem distinta, em listas semi-ovais, desabrochando contínuas, a um ritmo iriado, de escoamentos ténues.

Mal chegámos, logo a minha ignorada arremessou o seu manto sobre uma poltrona espessa. E em face dum grande espelho, logo também se despojou do seu cos-

tume. Ficou toda nua. No rosto sempre a máscara verde...

Quando o seu corpo surgiu liberto e esplendido, imovel como uma estátua, a meio do aposento — foi muito frisante — a luz modificou-se. Desabrocharam mais arqueadas as listas, em impulsos mais rápidos e esguios — influencia por certo da auréola de platina que, baçamente, o seu corpo macerado nimbava em redór...

Como se arroxeou então o meu Orgulho, mosqueando-se a esmeraldas! Toda essa carne de Segrêdo ia ser minha! E um espasmo de alívio se me evolou por vê-la conservar a máscara — integro assim, em ruivo, o Enigma!...

Rolámos doidamente pelo grande leito. Sob o meu corpo rangeu delirios a sua carne de Apoteose e Alma...

Ah! mas de subito os meus olhos fixaram-se em qualquer coisa mais resplandecente que brilhava perto, sobre o marmore rosa do fogão: o punhal que, ao desnudar-se, ela deixara ali, em descuido.

Continuei a morde-la...

Possessos, os meus olhos não se despregavam da outra maravilha!

Nessa atmosfera de sêda, penumbrosamente movediça, as scintilações da arma lendaria eram dum sortilegio infernal, mágico de rutilante e terrível.

Não devia ser com efeito luz sómente, luz multicolor, o que as gemas esquecidas deslumbravam — e eu só posso exprimir, assim, por fantasia: das pedras de artificio, emanava primeiro, em verdade, uma scintilação luminosa relampejante. Mas, bruscamente, a meio da sua trajectoria, essa scintilação condensava-se, na penumbra azul em um nucleo hialino, donde, por sua vez, saía então um halo de reverberações coloridas, arco-iriadas a divergir em estranhos rastros de *relêvo*. Era certo — eis o mais bizarro, e inexplicável: essa luz, ainda que fluida, tinha relevo: em relevos capricho-

sos e bem nitidos, *palpaveis*, nos surgiam o seu brilho e as suas côres.

Toda a minha vida, em suma, se focava agora no punhal. Estridentemente, não sei porquê, chegara-me a certeza granate de que era êle emfim, mais do qualquer outra coisa, o Misterio em que ha tanto me sonhava envolver.

Deste modo, uma impressão de feitiços minuto a minuto se me vincava, alucinadora e coleante...

Zurziram-me planos engolfados a meus ouvidos, arômas silvaram a transtornar-se em musicas de dissonancia, até que a uma scintilação mais fantastica, me pareceu secretamente que todo o meu mundo interior se paisagenava. As crepitações dos brilhos ofuscantes invadiam, sim, a minha Alma: esbraseando sol sobre as minhas ansias — toldando chuva no meu tédio, alastrado em planicie, inutilmente — aluarando os cemiterios das minhas nostalgias — e, maior singularidade, alargando uma Praça enorme, de arquitecturas colossais (mas com um grande poço ao centro, em vez duma estátua de heroi) em volta de todo o meu entusiasmo.

E previ no mesmo instante, seguramente previ, que a minha vida de alma, futura, ia existir nessa Praça — fechada, mergulhada talvez para sempre no grande poço central.

Depois, a todas essas ideias mágicas — nessa hora, pelo menos, tão reais — haviam-se misturado sempre os meus beijos nos seios esmaltados da doida, por toda a sua carne perdida, convulsa de miragens em ondas de neblina e jaspe!...

Seguiu-se um momento em que os meus olhos lograram divergir do punhal na ideia perfurante de que tudo caía em meu redór, no espaço, insondavelmente — que só eu não caía. Pareceu-me mesmo que o próprio corpo encantado que vibrava sob o meu se ia abismando em vertigens. Melhor: prolongando-se em espessura, pois, embora fôsse caindo, eu, imovel, sentia-o sempre debaixo de mim.

Mas, breve, os meus olhos pararam de novo sobre a arma... Como nunca o mundo inteiro se me centralisou no punhal... Pairava todo um sonho de Ópio...

...Até que, por ultimo, um espasmo recamado em insinuações astrais me sossobrou... Mas, ao esvair-me, ah! não foi a carne sumptuosa que eu possui opulento — *foram os reflexos impessoais da joia maldita!...*

....

....

....

De subito, desenvencilhei-me... Precipitei-me sôbre o punhal... Era tempo! O Misterio ia desmoronar-se... Ela erguia-se já... Tiraria a máscara, por certo... eu proprio lha arrancaria... E vê-la... saber *quem* ela era... ver os seus olhos... deixa-la... Não! Não!... Impossivel.

De resto, o ambiente, após os extases, por força me havia de surgir em toda a sua realidade... Apenas durante os espasmos lograra imaginá-lo talvez — purpureamente.

Eu ia acordar... Despertava do Ouro... Ia perder todo o Milagre... Tive mêdo. Reciei pelo meu orgulho... Que seria de mim se não tivesse o genio de fixar — leonino! — aquele Segrêdo escultural, de me enroscar nêle para sempre, de o estilisar em mim-próprio para sempre o viver?...

Foi uma ancia de estertores! Mas venci!... Empunhei a arma rudemente... e cambaleando, num redemoinho, numa vertigem, enterrei-lha toda no coração...

Não houve um gemido. Apenas os seios oscilaram...

Que hora grandiosa!

Pareceu-me que chocara em verdade contra o destino, e o meu braço—só o meu braço—o fizera deter!...

....

....

Sim! Sim! triunfara! Até que realizara a minha obra — projectara bruma, envolvera névoa, abobadara Sombra... E, a meu redór, a realidade desmoronava-se em gômos negros, cascalhantes...

Uparam-se trônos de marfim a cercar-me... desfilaram cavalgadas de estrelas... diademas rolaram em catadupas...

Ah! o momento infinito!...

Não era tudo, emtanto. Faltava ainda alguma coisa para a obra ser completa... E, num impeto, de olhos cerrados, por baixo do «loup» de sêda verde, lacerei furiosamente o rosto dessa mulher que nunca vira: para ninguem mais a poder ver *nem eu mesmo!*

Olhei a joia. Milagre. A ponta limpa de sangue. Só as letras da inscrição enigmatica se tinham colorido de vermelho, perpetuamente. E as pedras do cabo do punhal haviam cessado o seu desvairo — emfim tranquilas de luz.

Arremessei a arma longe. Fugi...

Guiei-me, sonambulo, entre as ruas do parque. Saí o denso portão de ferro, cuja chave ficara, decerto, na fechadura... Vagueei não sei quantas horas por ruas desconhecidas...

Quando a lucidez me voltou — e me regressaram as noções do espaço e do tempo — *achava-me de novo, não sei como, na Praça Garibaldi...*

....

Nessa mesma manhã tomei um expresso na estação de Ville-Franche. Ninguem me impediu o passo...

Ignoro o que deixo atrás de mim... um cadáver, pelo menos... Ignoro o que vai suceder... se já correrão a perseguir-me...

Mas que vale tudo mais em frente da obra a Diamantes-marmore que ascendi?...

Subtilisei-me em Astro... vibro de Sortilegios... Finquei-me em Saudade e Beleza...

Eu proprio sou Misterio. Tremo de pavor, esvaecidamente. Translucidez afilada!

É tudo sombra — Sombra, emfim, á minha volta!

O triunfo maior: o Triunfo!...

....

....

X

3 fevereiro 1911.

Tanto tempo volvido... E retomo as minhas notas para frisar a minha glória.

Sim, foi completo o Triunfo!

Como hoje vivo Outro — indeciso, longinquo; insensivel a tudo quanto me contempla. (Não sou eu que olho as coisas, já — antes elas me olharão, quem sabe, agora...)

Talhei-me em Exilio. Deixei de ser Eu-mesmo em relação ao que me envolve. O Mistério ogivou-me longos aquedutos — e os ecos, entre as arcarias, não me deixam, por afago, ouvir a vida. *Á minha cêrca existo hoje só Eu* — vitória sem resgate!

Para mim não ha senão «antes» e «depois» da Maravilha. De «antes» não me recordo. Ninguem se lembra do que viveu primeiro que nascesse. Ora, por essa noite tigrada, no minuto a safiras em que lhe cravei o punhal — acordei (foi certo) em outro mundo, nasci outra vida: uma vida delgada onde é perpetuamente a mesma estação do âno, onde os instantes existem parados pelo mesmo tempo fóra) — um tempo diverso, inexprimivel, sem direcção: que não é espaço ou movimento, mas qualquer coisa como um ritmo fluido, constante por transparencia vibrátil.

Tudo se esbateu aos meus sentidos, se nimbou de Subtil. Tudo hoje apenas adivinho. Eis como venço seguir olvidado — preso por fios de sombra ao meu quebranto.

Não oiço os meus passos; mal vejo os meus gestos.

Irrealisei-me a crepusculo — emmudeci a toda a luz.

Vou sempre como através de ruinas.

Durmo tôrres e fanatismos em Levantes intermitentes. Saibo-me a um descobridor de mundos que não existiram nunca.

Se falo alto, sózinho, a minha voz ressoa coada por damascos e pelúcias — outras vezes, mais longinqua, através de mármores arraiados, côr de rosa...

Dissolveram-se-me no sangue a Beleza e o Misterio.

Ah! Tenho bem nitida a impressão de que, no momento do crime, despojei qualquer coisa de mim que teria ruido aos pés do cadaver — e assim me libertei, me individuei a Esfinges...

....

10 fevereiro.

QUE pompa ao meu redór!

Sou hierarquias em Byzancio...

Todo eu pairo Segrêdo.

Quem era ela — *quem era o seu rosto?...*

Fôsse como fôsse, essa mulher tinha uma vida, portanto — uma existência bem sua. Muitos a viram, ao menos...

E desapareceu — sumiu-se por alçapões teatrais.

Choraram-na os seus amantes, sem dúvida — e os seus parentes lembraram-se talvez da sua morte.

A sua morte existe — mas só eu posso jura-lo!...

....

....

Procuraram-me bem após o crime, decerto. Embalde... Atraz de mim não houve vestigios. Passara como uma lenda. Estranha segurança: nunca receei que me descobrissem. Nem pude nunca recear que o meu crime fôsse algum dia punido. Foi como se nunca o tivesse praticado.

Apenas não tornei a ler jornais.

Emtanto uma vez — não sei por que cidade — os meus olhos fixaram-se de súbito num diario estrangeiro, desdobrado, que um transeunte lia. Em grandes letras, vi ainda sem querer:

No mesmo instante o desconhecido voltou a página...

— Seria aquele o meu Segrêdo? ...

De resto as letras não me zig-zaguearam a fôgo...

20 fevereiro.

NIMBA-ME tambem, certas manhãs astrais, uma ternura de camelias: a saudade emersa da carne, uma só noite beijada — e as macerações freneticas daqueles seios agressivos...

....

Minha louca, como devias ser bela — duma formosura nova, doutras delicadezas...

Matei-te. Abjurei de ti sem te conhecer... Vês tu: foi esta a maior prova de amor.

28 fevereiro.

CAMINHO...

Oscilações difusas, de côres brandas, aquosas, ascendem em movimentos de hélice, a refrescar o ar á minha volta — indicios multicolores sossobram — enroscam-se listas de arômas — vertices hialinos, ao longe, divergem prismáticamente — esgotam-se sons perdidos de azul, num retinir cendrado — volteiam sensações de filigranas — alastram-se écos de marfim...

Tal é a paisagem de subtileza, nostalgica doutros mundos, que me encerra hoje!

Tudo se me toldou a bruxulear. Tudo se me substituiu em Imponderavel.

Eu sei, eu sei. É que, verdadeiramente, a partir da Hora-imperial, a minha existênca tornou-se sensivel a outras dimensões. E é nelas que prossegue hoje a minha vida estática...

Luar de embandeiramentos!

XI

Dezembro 1912.

PELA primeira vez, depois do Milagre, eu vejo um pouco o scenario real á minha volta. Decerto. É que me encontro em Veneza — sensibilidade isócrona á minha Alma actual.

Não me paralisou o Triunfo. Desde que me desdobrei em Sombra, ao contrario, mais do que nunca vagueio — para mais esquiva ser a minha incerteza; mais flexivel e ondulante.

Descubro hoje, porém, que melhor valerá fixar-me aqui, para sempre, nesta paisagem-iluminura, transtornada de Misterio.

Por incerta que me fôr a agitação, nada de mais duvidoso me enganará do que existir nesta cidade azul, projectada em marmore no Tempo — constante, parando clepsidras...

....

Veneza!

Ó cidade sagrada da fantasia, capital brocado de inter-sonho, em mágicas penumbras-iris de crepusculo, anémona de ante-manhã...

Luz de retrocesso a Ouro morto e bronze, ao entardecer sobre as Praças-salões de Paços riais, mosaicados, dir-se-hiam, onde os edificios, á roda, fossem paredes de esculturas — e as sombras, ondulando, reposteiros suspensos...

Veneza surgiu-me sempre, toda ela, através dum

grande vidro polido, em perspectiva, como um panorama de artifício — a iluminações teatrais.

Sou bem outro ao agitar-me na sua atmosfera de Passado amarfanhando rendas — capitosa e esquecida, lendária, arquitectónica...

E nos cais dos palacios, nos cais da cidade — filho louco de Doge, talvez — comando préstitos de emigrantes mortos, em disfarces de pompa...

Tudo ecôa... tudo ecôa em redor... Permaneceram nos espelhos, ali, sorrisos doutróra... o ar cascalha ainda, nesta sala, murmurios das festas volúveis doutras épocas...

Estilisaram-se danças em côres, pelos lambrizes...

Ofuscaram-se máscaras em cinza...

Nos canais, negras, as gôndolas singram de esbelta tradição. E eu não posso acreditar que as movam remos — mas sim as marchas funebres dos orgãos da Catedral.

Campanarios e cúpulas irrealisam-se ao longe...

Tudo influe encantamento. Até o horizonte é um filtro...

— Veneza! Ó cidade-Princesa adormecida de conto de fadas — incerta de liz, saudosa de miragens, fugidia de interlúnio...

....

A ti me devo misturar para sempre.

Como te sinto hoje mais ténue e latejante...

Adelgaçou-te o meu segrêdo — aumentou-te em Oculto...

Rodeio as tuas praças, entro nos teus palacios, ajoelho ás tuas Basilicas — e compreendo que sou alguma coisa da tua arquitectura.

Desço escadas de honra — perco-me em galerias...

Confundo-me com os teus monumentos, os teus marmores, as tuas douraduras — tuas salas secretas, tuas pontes sinistras.

Ocultamos as mesmas insinuações.

— *Quem sabe se eu já fui a tua alma?...*

XII

23 janeiro 1913.

ONTEM, no Florian, não pude evitar um encontro. De longe a longe, a realidade — é certo — ainda ressuma, inofensiva mas enervante, á minha volta.

Foi um dos meus raros conhecidos — um amigo indiferente de Paris.

De resto, nem procurei velar o meu despeito, emquanto êle me apresentava o seu companheiro — um inglês: Lord Ronald Nevile...

(— Ah... porque me lembrarei deste nome? ...)

28 janeiro.

É estranho. Começo, receosamente, a observar uma modificação no meu espirito. Ha mais claridade sobre mim. Oiço talvez, de novo, os meus passos. Ter-me-hei ainda iludido?...

2 fevereiro.

SEGUEM-SE agora, inevitavelmente, todos os dias, encontros com o meu amigo Lord Ronald.

Devo tranquilisar-me. São decerto, apenas, estas horas oleosas de verdade que me alteram o espirito.

Procuro fugir. Mas em vão. A cidade é pequena.

E, a qualquer parte onde vá, encontro-os sempre. *Pelo menos encontro sempre o Lord...*

3 fevereiro.

É muito interessante e bizarra a figura do inglês. O seu perfil esfuma-se hirto — duma distinção aristocrática e concisa.

É alto e esguio. A péle muito clara, aloirada nas mãos longas — volve-se-lhe no rosto, maceradamente, duma palidez sonambula. Os olhos intensos dum azul cruel, fulguram-lhe em brilhos tão profundos que parecem não existir nêles proprios — mas atrás dêles, coando-se como por lentes através das pupilas.

Rasga-se-lhe delgada a bôca equívoca, em crispações femininas — divergindo em triangulo as commissuras dos labios, por sombras agrestes. Os cabelos louros-indecisos em tons de cobre.

Usa inteiramente barbeado o rosto de aridez, e — detalhe sinistro — nas suas faces *extensas* ravinam-se misteriosos sulcos verdes.

O mais singular, emtanto, são os seus gestos, todos a linhas quebradas; duros e frios. Mas realmente frios — fisicamente frios. Sempre que perto de mim, o Lord esboçou um gesto, mudou uma atitude, eu senti com efeito uma sensação de frio — um frio ácido, crispante, *silencioso...*

Não é menos extraordinaria a sua voz. Uma voz cristalina e moça — mas que se diria vibrar abafadamente, entre crépes negros, de sêda.

Os seus passos são de madreperola.

....

5 fevereiro.

A claridade aumentou em minha volta.

Dia a dia sinto o Milagre mais longe.

Vai-se pouco a pouco dissipando o scenario de artificio que me toldava de Imperios e Vago.

Já se não zurzem ao meu redór outros planos resvalados, transpondo a Certeza.

A minha vida parece regressar ás antigas dimensões.

Oh! mas é necessario ter força, não deixar diluir o quebranto!

Tudo isto é mera influencia de contacto com os estrangeiros evidentes. *Não pode deixar de ser assim!*

Urge pôr termo aos nossos encontros.

8 fevereiro.

BALDADOS esforços!

Fecho-me em casa, decidido. Juro não sair...

E, de subito, não sei para quê, caminho nas ruas, — á tôa, bocejando...

Sei bem o fim que me espera. Não deixo nunca de o encontrar...

9 fevereiro.

MAS será propriamente luz, luz real o que hoje me cerca? Não será antes, meu Deus, qualquer coisa mais perigosa que não saberei ainda exprimir — qualquer coisa ofuscante, em densidades remotas? ...

12 fevereiro.

SEJA como fôr, não me esqueço do Lord.

Inquieta-me sobretudo este facto irrisório: ao lembrar-me do seu rosto, ele surge-me sempre de uma palidez adormecida — e ravinado por estranhos sulcos verdes, inexplicáveis. Pois bem: *esses sulcos não existem!* Isto é: embalde, defronte dêle, procuro descobri-los nas suas faces. Nunca os vi realmente. *Mas não me é possível recordar o seu rosto, sem esses sulcos verdes-fantásticos...*

....

....

16 fevereiro.

EMFIM!

Posso de novo encerrar-me no meu Misterio — volver á Maravilha.

O meu amigo e o Lord partiram hoje.

Acompanhei-os á estação.

XIII

22 fevereiro.

UM sortilegio rôxo, em verdade, me entrelaçou. Esquivas macerações a tons de Oiro vacilante me dimanam e enfeitiçam em Alma e corpo. Vivo só em metade de mim — a mão brônzea, incrivel, dum gigante, se abateu, cerrada, sobre a minha nuca. E, atordoado, prossigo em direcções assustadoras, complexas, pastosas.

Uma força estranha, dobrada, se enclavinhou no meu espírito, e, sub-conscientemente, ela me dirige. Desenrola-se um fio negro, perto de mim, que me guia — imponderavel mas fatal.

Pois como doutro modo explicar o desconcertante erro?...

Eu decidira, bem convicto decidira, permanecer largo tempo em Veneza a penetrar-me de indeciso e marchetado — e, desta forma, regressar, íntimo, ao meu cioso alheamento — Estátua.

Um grito de expansão soltara, por sinal, como doido, ao ver desaparecer o comboio que levava para longe esse desconhecido, banal porventura, mas que a minha vibratilidade, ainda assim, pressentira em secreto.

Livre, sózinho, de novo ia permanecer, sem dúvida, inteiro em mim — absoluto em Ténue, glorioso, a oscilar a minha soberba.

Não obstante, poucos dias depois, certa manhã. — sem pensar, sem me ver (foi exacto: *sem me ver*) fiz,

creio, as minhas malas, corri á estação, saltei sobre um expresso... ignorando para onde me dirigia, embora eu proprio tivesse comprado o bilhete...

No emtanto o mais estrambótico, o mais pavoroso, era que apesar de tudo isto ser assim, assim mesmo, eu sabia — ah! no fundo demasiadamente sabia! — para aonde viajava, porque viajava, e o que me fizera partir de subito...

Na estação de Nice, com efeito, desci. No «trottoir» alguem me esperava... O Lord, realmente, correu para mim — tomou-me o braço, sem surpresa, como se já soubesse que eu devia chegar naquele comboio. Levou-me para o seu hotel...

Eu não escrevera a ninguem a minha partida de Italia.

XIV

27 fevereiro.

Mais do que nunca me sinto resvalar entre véus cinzentos. O quebranto persiste, afinal — mas é outro, rebelde. Mais de esfinge, talvez — agressivo porêm; nunca afagador.

Os dias seguem, e vivo na impressão bizarra de que eles é que são eu — e eu o tempo por onde êles decorrem.

Acendem-se luzes amarelas, triangulares, picarescas, em face dos meus olhos que, ao longe, projectam, implacavelmente, dois pontos dum vermelho sujo, enfadonho...

Visões de molduras — molduras só; ovais sem retratos — bailam outras vezes defronte de mim: sobretudo nas horas trémulas de antes de adormecer.

Volveu-se-me, de resto, uma doença fisica dormir. Nunca me ciliciaram pesadelos de remorso. Durmo, ao contrario, densamente — e é esse mesmo peso do meu sôno que me aflige e amarfanha. Só ao fim da tarde me sinto curado do meu despertar.

1 março.

VEJO-ME já, nestes poucos dias, num grande circulo de relações, graças ao meu extraordinário companheiro.

O Lord é recebido em toda a parte — com a maior consideração. No entretanto afigura-se-me, não sei porquê — *com uma consideração despeitada.*

Gasta dinheiro a rôdos. Todos o adulam; todos o conhecem. Pelo menos, á sua passagem, todos o olham — apontam-no, falam baixo...

Só êle parece não conhecer ninguem — *mesmo as pessoas que me apresenta.*

Acompanho-o muito. Fiquei no seu hotel. Logo de manhã me vem buscar ao meu quarto... Comemos á mesma mesa. Passamos os dias juntos. A ponto que não tenho um instante livre. Chega-me a enfastiar, por vezes, a sua presença contínua.

Aliás, não se pode ser mais amavel. Parece considerar-me muito. Interroga-me sobre as minhas obras. Conversa sempre. Mas ha subitas lacunas nas suas frases.

Não me deixa pagar nenhuma despesa. Chegam-me a vexar as suas atenções.

....

O centro da nossa vida mundana é a casa da Marquesa de Santo-Stefano que habita uma luxuosa «vila» de Cimiez. Todas as noites recebe, em sumptuosidade. É aí que tenho feito muitos conhecimentos. Facto estranho: quem sempre me apresenta é o Lord.

A Marquesa de Santo-Stefano é uma mulher formosíssima. Ouvi dizer que o seu marido está paralitico e nunca sai do seu castelo dos Abruzzos. Não sei bem ao certo. Mas seja como fôr ainda não vi o seu marido.

A melhor sociedade frequenta os seus salões.

2 março.

NOS jardins da «vila» da Marquesa não ha nenhum pavilhão.

4 *março.*

Sigo nas salas douradas. Os pares volteiam em mil côres. Lembram rosas as valsas. E, no emtanto, mais do que nunca se me acentua um calafrio de receio. Tremo todo... Rangem-me os dentes... Faço os ultimos esforços para que se não veja a minha inquietação.

Atravesso outros salões... Tenho a ideia de que pontes de ouro se abrem á minha passagem... Listas de cristal fustigam-me vertiginosas... E eu sinto-me esse cristal prestes a estalar...

Zig-zaguea-me o cerebro. Vou-me encostando ás paredes para não cair...

O Lord não chegou ainda. Combinara encontrar-se comigo, á noite, em casa da Marquesa...

Receio o quê? A sua chegada? É possivel. Parece-me contudo que, se tremo, é mais pela sua ausencia.

— Onde estará êle agora? Que estará a fazer agora?...

E este pensamento tortura-me como se, longe de mim, me podesse fazer mal — *me podesse fazer pior...*

...Chega finalmente. Sosségo um pouco. Vem mais pálido. É nova a côr dos seus cabelos. Os seus passos divergem noutros brilhos...

6 *março.*

Como posso sofrer tanto...

E porquê, meu Deus, porquê?...

Que terá a minha vida com a desse estranho?

Nada me prende a êle. *Ninguem me prende.*

Sou livre, perfeitamente livre. Se quiser partir amanhã, hoje mesmo — *posso partir.* Ninguem mo impede. E é por isso talvez que permaneço...

Mas não sei em verdade o que me atrai a esse homem. É terrivel: não o esqueço um minuto. Quando estou diante dêle, mesmo assim, não me logro esquecer

de que estou diante dêle. Junto de qualquer pessoa, nós olvidamos a sua presença — *a sua presença é natural.* Pois o mesmo me não sucede em face do Lord — como se só por um prodígio fosse possivel estarmos os dois frente a frente...

Cada vez duvido mais para onde caminho.

Chega-me uma sensação de fim, a prata velha e rôxo.

....

8 março.

QUEM é aquele homem? ah! quem é aquele homem?...

Positivamente, nada sei.

Desejo investiga-lo a todo o custo.

Mas não ouso, como seria já natural, na nossa intimidade, fazer-lhe uma pergunta directa.

Até aqui a minha unica tentativa foi junto do amigo de Paris que nos apresentou. Fiquei petrificado. Respondeu-me só, ligeiramente, que o conhecera por acaso — durante a viagem, de Roma a Veneza, que tinham feito na mesma cabine...

9 março.

AINDA procuro ás vezes persuadir-me de que tudo isto é bem simples, bem real — que não existirá misterio algum nesse personagem — entretanto sinistro.

Ai, dura pouco a ilusão...

E começo a observar que, nas suas frases de quando em quando interrompidas, aparecem agora tambem, a intervala-las, palavras incoerentes, avulsas — palavras hirtas, mortas — que saltam, como escórias, na frase que vai pronunciando: raspadas, caindo secamente...

Depois, para aumentar o meu pasmo e o meu mêdo, as minhas dúvidas arripiantes, eis ao que esta noite assisti:

Jantámos em casa da Marquesa de Santo-Stefano.

Esta apresentou-nos alguns convidados que desconheciamos.

E eu ouvi, distintamente ouvi, a Marquesa, fazendo as apresentações, dizer:

— Lord *Roland* Nevile.

O meu amigo nunca protestou.

Roland e *Ronald* confundem-se, em verdade, na pronúncia inglesa. Emtanto, mesmo assim, não se me afigura natural o erro da estrangeira.

Pareceria bem facil dirigir-me ao meu amigo, a esclarecer o caso. Tentei-o ainda. Em vão... Ao preparar-me para lhe falar do *engano*, sentia-me tremer todo... e um sêlo de fogo me cerrava os labios...

De forma que, hoje, nem estou certo do seu nome.

— Para onde vou, meu Deus, para onde vou?...

11 março.

ONTEM, depois do almôço, estávamos ambos sózinhos no terraço do Hotel.

Bruscamente o Lord pôs-se-me a falar de sensações de mistério e de mêdo... a preguntar-me as que eu já fremira...

A conversa deslisou bem plausivel, neste campo — até que, de subito, destrambelhadamente, ás gargalhadas, concluiu assim:

— Eh! meu amigo... eh! eh!... por ventura... meu amigo... já experimentou tamanha gloria?... Dormir num grande palácio deserto... ás escuras... e, antes de adormecer, á força de concentração... só com a sua vontade... ah! ah!... povoar de figuras as casas vasias... na treva... figuras de mêdo... Kesskrrssssss... mutiladas... guturais... farfalhantes... É belo! É belo!... Mas não o queira nunca... Tem um perigo... Que, reais em demasia, as crisálidas se precipitem a cercá-lo... e o

esmaguem... esverdinhadas... contorcidas... contorcidas... rrrrrrr...

Olhei-o atónito. Havia uma auréola peganhenta em seu redór...

Depois, não sei quantas horas ficámos os dois ali, silenciosos — face a face...

....

XV

14 março.

CADA noite se me frisa melhor a sensação de «fim» — por inflexões arruivadas, agora. E creio mesmo, em bizarria, que não sou, já, sequer, eu proprio, mas apenas o embalsamamento de mim proprio.

Giro entre fluidos policromos.

Todo eu sou naufrágios embandeirados a negro.

Comtudo a meio destes feitiços e do meu pavor dia a dia mais electrico, esvai-se um iriado capricho a esbater-me, dolorosa — porêm transparentemente, aciduladamente, frescamente...

Ah! mas ouvi-*lo* hoje, não me perturba só — martirisa-me tambem: porque a sua voz começa a ter sobre os meus nervos a mesma influencia que o raspar da lixa em ferro — um calafrio osseo semelhante aos que nos produzem os ácidos fortes e os líquidos gelados passando-nos pelos dentes...

Outra singularidade:

As nossas conversas são todas em francês. De resto, eu mal conheço a sua lingua. Vê-se bem — é claro — que o Lord não é francês. Mas não tem o acento inglês. De forma nenhuma. Nem outro acento estrangeiro que eu conheça: espanhol, italiano, russo, alemão, oriental... A verdade é esta: não fala, a bem dizer, com acento algum. Conhece-se que é estrangeiro mas não pela pro-

núncia... por outra coisa qualquer: mais velada, perdida...

E nunca o ouvi falar senão francês — *mesmo com os seus compatriotas.*

A sua voz lembra-me uma sombra.

Com efeito, todo aquele homem me lembra uma sombra...

....

XVI

20 março.

Oh! o mêdo sepulcral!...

Estou perdido! Agora, sim, não me resta ilusão alguma — estou irremediavelmente perdido.

Foi ontem á noite quando, de subito, um jacto electrico lhe iluminou o rosto que, pela primeira vez, doido de pavor, não sabendo evitar um grito — observei que o seu queixo se parece frisantemente, numa curva subtil, mansa, inconfundivel, com o queixo da morta... *a unica parte que eu vi do rosto da rapariga mascarada...*

Que me vai acontecer, meu Deus, sempre ao lado deste homem — em estilhaços todas as esperanças, hoje, de lhe fugir um dia?...

22 março.

Lembrou-me esta manhã, em confusão, se o meu crime não o teria praticado antes *êle*...

23 março.

É certo — mais que certo: qualquer coisa de horrivel, de alucinante, me encadeia a esse homem. Não sei bem o quê, ainda...

Vivo numa tortura incessante. Eu-proprio sou a minha angustia. E o meu terror, vou encontra-lo mesmo

nos gestos das pessoas que me falam, nos olhos dos transeuntes.

Mas que vitória tambem! A minha dôr enclavinhou-se em Misterio — esculpe-me em desconhecido, alastra-me em destrambelho...

Assim, agora, defronte dos meus olhos, torcem-se picarescamente grandes cabos viscosos, duma materia arroxeada, em filamentos capilares. E nas minhas horas de maior pavor sinto, com efeito sinto, que vão comboios pequeninos na minha alma, puxados a cordel — e que as minhas entranhas se reduziram a um complexo sistema de rodas de vidro e marfim, pequenos discos multicolores, ponteiros oxidados — tudo a girar, vertiginoso, por um inutil movimento de relojoaria...

De quando em quando, por entre as rodas dentadas, ressoam timbres agudos de campainhas electricas... acendem-se lampadas minusculas... fecham-se e abrem-se circuitos... e, mais irrisoriamente, ascendem — inesperados, não sei donde—finos repuxos de alcool colorido...

Vou nas ruas, disperso, atónito, conduzindo dentro de mim, em laboração, o ridiculo maquinismo — quinquilharia afinal, brinquedo de criança: mas de que eu tenho receio... um receio laivado de riso, sarcasticamente...

E os nervos rangem-me todos, como ossos...

....

....

Que hei de lastimar, portanto? O meu Triunfo, seja o que fôr — embora maldito — é uma certeza. Tenho o que queria: a Sombra.

27 março.

CADA dia vivo mais em face do Lord. Pois é diante dêle que o meu tormento, em todo o caso, deminue — preso dos seus olhos.

Ontem falou-me dos seus dominios da Escóssia... um castelo imenso, entre bosques...

E era tão sombrio o tom da sua voz, referindo-se aos seus territorios... Parecia velar-lhe a garganta a sombra — talvez — das arvores seculares das suas florestas...

Encarando-o, lembrou-me, numa recordação visual, o meu Principado sugerido outróra.

29 março.

MAIS e mais a bruma me ondula — bruma de tempestade, receando trovões.

Adivinho, inexprimivelmente, ao longe, avançar sobre mim uma sombra — uma grande sombra, aguda, triangular, em vertices repentinos...

30 março.

VOLTAM as obsessões de molduras — molduras douradas a ouro fôsco, onde agora porêm se enquadram telas... telas só... *telas ainda sem retratos...*

1 abril.

PROCURO desenvencilhar-me numa última veleidade.

Não tanto para fugir da loucura — quem sabe — como para medir melhor a força do meu Misterio.

Mas embalde tento lançar luz. Em tudo isto ha pequeninas certezas, reais, insofismaveis — que me confirmam o duvidoso, em maior significação.

Não me engano! não me engano! O Erro e a Sombra existem-Me.

Ao mesmo tempo prevejo que o mais fantastico, o maior, o mais sombrio, ainda me não foi descoberto.

Esperaremos...

Por mim; terminei. Vivo o meu fim. Sómente, quanto durará o meu fim?...

2 abril.

HA pestigios verdes nas telas vazias das molduras douradas.

4 abril.

SÓBEM-ME, em ternura, recordações de infância — um pouco a rosear o meu mundo interior. Durmo menos agitadamente — como as crianças, com a cabeça debaixo dos lençois.

Mas chegou-me um novo receio: o medo do luar. Amaldiçôo-o sem saber porquê...

6 abril.

OS arrepios que me sossobram juntaram-se todos numa agulha.

8 abril.

HA duas noites que sonho grandes incendios em ruinas.

9 abril.

APARECERAM retratos desconhecidos nas molduras douradas.

....

....

....

....

16 abril.

EMFIM — sei tudo!

Ah! por isso eu amaldiçoava o luar...

A verdade foi-me revelada quando os dois conversando, ontem, parámos sob um raio de lua.

Ignoro como é que o adivinhei. Mas, de subito, o misterio desvendou-se-me numa certeza escarlate, iluminada a jorros — fatal, irredutivel...

Tambem, não podia deixar de ser assim. Aquele homem havia de ter, por força, qualquer relação com o meu segrêdo!

— *O LORD É A MORTE DA RAPARIGA MASCARADA.*

XVII

17 abril.

O «fim», a veludo negro e crépes — consumou-se portanto.

Já não tremo.

Resvalei do meu mundo-interior.

Pararam as rodas e os ponteiros dentro de mim — emmudeceram os timbres, apagaram-se as lampadas.

Sei o meu caminho irremediavel...

Para que lhe tentar fugir?

Os meus passos, de hoje àvante, só podem ser os *seus* passos...

Embrenhei-me definitivamente.

Chego á grande Sombra.

— Mas aonde iremos... aonde?...

Será o ultimo Enigma.

Porque havemos de partir, por força...

....

....

Nas molduras secretas emfim tranquilas (elas outrora oscilavam sempre) os retratos desconhecidos volveram-se o *seu* retrato — uniformes, a verde. Era tambem fatal.

18 abril.

Em todo o caso, que pavor sem nome!...

19 abril.

DEVIAMOS ontem jantar em casa da Marquesa de Santo-Stefano.

Porêm, á ultima hora, *resolveu* que ficassemos no Hotel — e hoje no Passeio dos Ingleses, todos os nossos conhecidos nos voltaram as costas! Entre êles, o amigo de Paris que nos apresentara.

Mas parece nem o ter notado...

Sigo de abismo em abismo.

20 abril.

SAIU de madrugada.

Estava só no meu quarto, quando um maitre d'hotel me veio chamar.

Contou-me que uma senhora estrangeira, numa grande agitação, procurava o *PRINCIPE* — que tinha a maior urgencia em lhe falar... Era um caso de vida ou de morte. Se êle não estivesse, ao menos suplicava que a ouvisse o seu amigo.

Corremos ao salão.

A desconhecida desaparecera...

....

— O Principe!...

21 abril.

SUICIDOU-SE ontem a Marquesa de Santo-Stefano.

Preveniu-me ao almoço que partimos hoje. Tomaremos o comboio nas estação de Villefranche.

É outra a força que me arrasta.

....

....

— A *sua* morte! A *sua* morte! A *sua* morte!...

XVIII

NÃO atravessámos nenhum mar. A viagem foi toda de caminho de ferro. E não posso dizer quantos dias durou.

O expresso caminhava vertiginosamente, parando em raras estações — estações porêm que eu nunca descobri, olhando pelas vidraças.

Febril de quebrantos, disperso de agoiros, aturdia-me a impressão de que o comboio não marchava horizontalmente, mas verticalmente, desmoronando-se em nuvens que o peneiravam através de estreitos póros — — bem como ao meu corpo.

De resto, já sem mundo-interior, deportado dêle para sempre, só de muito longe (e a muito vago) sentia — e de mais longe posso aqui referir o que sentia. Apenas os *seus* olhos atuavam ainda a minha vida — os meus sentidos, as minhas recordações.

Fomos sempre face a face.

Chegámos, noite cerrada, a uma gare imensa — desta vez real, bem visível. Mas uma gare inexplicavel: deserta, sem chefe. Pelo menos eu não vi nem chefe, nem soldados, nem carregadores...

Esperava-nos um grande automóvel cinzento, muito agudo. Subimos. Mais vertiginoso do que o expresso, o veiculo marchou algumas horas. Durante o trajecto não trocámos uma palavra. Creio até que nunca mais trocámos uma palavra.

A noite, densissima — tão escura que oferecia resistencia ao proprio automovel...

Por fim, a carruagem estacou. De volta, as trevas ainda. Emtanto, próximo, sentia-se — não se via, pressentia-se numa emanação de altura — a sombra dum grande edificio torreado.

Descemos. Atravessámos as ruas dum jardim — suponho.

Sôbre uma escadaria, muito larga, de marmore

negro — um lacaio, de libré toda branca, empunhava, mal aceso, um candelabro antigo.

Entrámos.

Numa sala de tecto elevadissimo, havia uma longa mesa posta para muitos convivas. Luzes baças, sempre.

Sentámo-nos. Mas não apareceu ninguem.

Bebemos Xerez. Trinquei um fruto.

Tinha desaparecido.

O mesmo lacaio hirto, silencioso, me guiou por escadas intermináveis e fundos corredores ao grande aposento de abóbadas onde escrevo estas páginas — á luz ondulante duma grossa vela de cêra...

....

....

— Onde estou, meu Deus, onde estou?... Para aonde me trouxeram... que vão fazer de mim... que pretendem de mim... a que me irão obrigar?...

Ha lembranças de pavor, ainda, na minha alma — tão funesta é a noite, tão cerrado o Enigma...

Arrepanham-me os cabelos de feitiço.

Volvem-se estátuas de ferro os momentos.

....

....

Ólho em volta. Prescruto a penumbra.

Bailam sombras em todo o aposento: sombras rasteiras, pesadas, sólidas, que esvoaçam sem asas — e que a chama triste do cirio, não logra afugentar.

O leito espera-me ao fundo — abafado, insondável — sob cortinas de damasco púrpura. Lençois de bretanha; colchas da India.

Á direita, um grande armario de espelho. Mas estremeço... ranjo de presságios... O espelho está partido... estalado de alto a baixo...

Ha portas, seguramente de desvãos, que não ouso abrir, em arrepios — bem como a grande janela do fundo que uma tranca exagerada cerra...

Lá fora, nas galerias, em todo o palacio — um silencio de catedral.

No quarto, uma atmosfera húmida — turvada em olores de insidia, contundentes.

....

....

Resolvo-me num impeto...

Destranco a janela... abro as vidraças...

Uma lufada de vento — de vento, e de qualquer coisa menos fluida — vergasta-me o rosto... vai apagar o castiçal...

Debruço-me. Apenas a escuridão... Adivinho, emtanto, que uma grande altura se escôa abaixo de mim...

Devo estar numa tôrre...

Longe, o mar ruge... talvez... o mar, ou florestas que rumorejam... É um clangor soturno, opaco — que, á distancia, tanto pode ser do oceano como das bétulas.

— Que haverá defronte dos meus olhos? Que haverá a meus pés?...

Nem uma estrela que brilhe... uma luz esquecida...

Mas é bem certo que um grande espaço se abisma e se alastra em torno de mim.

Dir-se-hia que estou em pleno azul, suspenso — como na barquinha dum balão...

Longos minutos passo á janela.

Sempre a mesma treva, o mesmo rumorejar...

....

....

Reuno-me num esforço derradeiro de lucidez.

Com efeito, ninguem jamais viveu horas Maiores.

Soléne segrêdo!

— Onde estou? Que existe em cêrca de mim? *O que é que não existe?...* que foi ontem? que será amanhã?...

Cingi a minha obra de Astro. Que mais posso esperar?

Deixo-me cair sobre o leito.

E só agora, nas trevas, sei que ha frescos — grandes frescos sombrios, obras-primas de claro-escuro — nas paredes que me envolvem. Sinto as suas figuras a

projectarem-se no meu corpo — em relevo, por humidade...

....

....

—*Dormirá tambem?* ...

....

....

Para escrever, acendo de novo a vela.

Inferno! Não sonhemos mais!

Urge acordar e salvarmo-nos.

Seja como fôr, seja o que fôr, seja *quem* fôr — o resto dissipar-se-ha, e eu serei obrigado a reconhecer-me: pois vivo, vivo, emtanto...

Palpo o meu corpo... acho-o todo... E o meu coração lateja.

É tempo de salvar-me. Ilusão! Ilusão!

Não sonhemos, embora — asseguremo-nos do Triunfo.

Infame aquele que, por um enleio, deixasse perder tamanha vitória.

Breve, a manhã ha-de raiar. E eu saberei! saberei! saberei!...

Tudo menos isso!

Ainda que esteja certo do que é o Principe.

Deixar perder tanto Ouro morto... deixar ruir tanta Sombra... Não! Não!... Ao contrario... Mergulhar nela indefinidamente... misturar-me a ela... sê-la... sê-la a mais Resgate!...

— Ó extases de Arminho! Luar crucificado... Esfinges de Profundura...

....

....

Depois, tudo se esvai em frente desta Maravilha.

Logo, é esta que eu devo fixar a sedições de Prata.

Fixá-la, sim, encerrá-la em jade — ópio coleante... profética volúpia...

....

....

Comigo — estas páginas do meu caderno vermelho, secretas tambem, confiadas á Altura...

....

....

O proprio vento, ogivalmente, abriu a janela de par em par.

As sombras cresceram — e agora o seu cortejo, roçagando doceis, desfila em triunfo...

Nas galerias solitarias a esta apoteose — ah! por fôrça! — progridem imagens de neblina violeta... assim como ondeiam brocados nas salas próximas, douraduras telintando o ar... e se abatem tapeçarias... se desvendam reposteiros...

....

....

Passam cultos mortuarios...

Sou funerais em Memphis...

....

....

...E a janela aberta, ampla, insondável, sobre a noite — lagôa-pelúcia, orquidea velada do meu Capricho...

....

....

....

Vá! Leoninamente — dum jacto!...

O grande salto!... ao Segrêdo... na Sombra... para sempre... e a Ouro!... a Ouro!... a Ouro!...

Lisboa e Paris
Abril — Setembro 1914

FERNANDO PESSOA

A
Rosa de Seda

1 9 1 5

A Rosa de Seda

(FÁBULA)

NUM fabulário ainda por encontrar será um dia lida esta fábula:

A uma bordadora d'um paiz longinquo foi encomendado pela sua rainha que bordasse, sobre seda ou setim, entre folhas uma rosa branca. A bordadora, como era muito jovem, foi procurar por toda a parte aquela rosa branca perfeitíssima, em cuja semelhança bordasse a sua. Mas sucedia que umas rosas eram menos belas do que lhe convinha, e que outras não eram brancas como deviam ser. Gastou dias sobre dias, chorosas horas, buscando a rosa que imitasse com seda, e, como nos países longínquos nunca deixa de haver pena de morte, ela sabia bem que, pelas leis dos contos como este, não podiam deixar de a matar se ela não bordasse a rosa branca.

Por fim, não tendo melhor remedio, bordou da memoria a rosa que lhe haviam exigido. Depois de a bordar foi compara-la com as rosas brancas que existem realmente nas roseiras. Sucedeu que todas as ro-

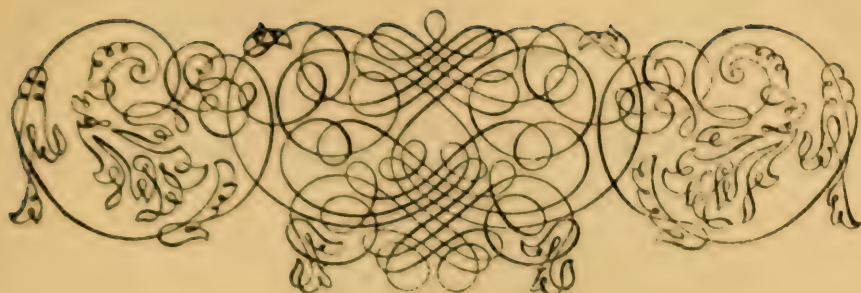
sas brancas se pareciam exatamente com a rosa que ela bordara, que cada uma delas era exatamente aquela.

Ela levou o trabalho ao palacio e é de supor que casasse com o principe.

No fabulário, onde vem, esta fábula não traz moralidade. Mesmo porque, na edade de ouro, as fabulas não tinham moralidade nenhuma.

ÁLVARO DE CAMPOS
Engenheiro Naval e Poeta do "Orpheu"

Uma Aventura Amorosa

1926

Uma Aventura Amorosa

Não costumo pôr à arte a canga da sensualidade. Confesso, contudo, que devo a uma obra minha, mas de maneira indirecta, uma aventura amorosa. Foi em Barrow-in-Furness que é um porto na costa occidental da Inglaterra. Ali, certo dia, depois de um trabalho de arqueação, estava eu sentado sobre uma barrica, num cais abandonado. Acabava de escrever um soneto — elo de uma cadeia de varios — em que o facto de estar sentado nessa barrica era um elemento de construcção. Aproximou-se de mim uma rapariga, por assim dizer, — alumno, segundo depois soube do liceu (*High School*) local — , e entrou em conversa comigo. Viu que estava a escrever versos e perguntou-me, como nestas ocasiões se costuma perguntar, se eu escrevia versos. Respondi, como nestes casos se responde, que não. A tarde, segundo a sua obrigação tradicional, caia lenta e suave. Deixei-a cair. É conhecida a indole portuguesa e o caracter propicio das horas, independentemente das indoles e dos portugueses. Foi isto uma aventura amorosa? Não chegarei a dize-lo. Foi uma tarde, num cais longe da Patria; e hoje é, decerto, uma recordação a ouro fôsco. Assim diriamos no «Orfeu»; assim não deixarei de o dizer agora.

A vida é extremamente complexa, e os acasos, são, por vezes, necessários. O conto não tem nome, desde o principio. O ouro fosco ficou humido e a tarde caiu definitivamente.

JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

Cinzas de Incêndio

1933-1938

Cinzas de Incêndio

I

No rápido que os levava de Paris, e apesar do seu vivo desejo de meter conversa, não tinha conseguido trocar uma palavra com aquêle sujeito idoso e respeitável, nem com as três raparigas, tôdas loiras e bonitas, que o acompanhavam. Seriam filhas dêle? Todo o caminho tinham conversado e rido, comendo sanduíches e bombons, sem prestar atenção ao pintor, encolhido e vexado no seu canto. Não entendera uma palavra só da animada conversa, numa língua estranha, flamengo, talvez dinamarquês. Só ao chegar às portas de Bruxelas se arriscou a pedir ao cavalheiro que lhe indicasse um hotel. Polido e num francês impecável, ele indicou-lhe o *Grand Hôtel de la Bourse*: «Não é caro (disse) mas é decente». Foi então, só então, que as raparigas poisaram no artista um olhar colectivo de interêsse e simpatia. Sorriu, elas sorriram tôdas. Sentiu-se feliz de quebrar a sua solidão. Mas não desciam em Bruxelas, seguiam para a Holanda, e êle, suspirando, não teve mais remédio senão atirar-se com pastas, maletas

e caixas de tintas, para dentro dum táxi que o levou da estação do Midi ao *Grand Bourse*, no centro da cidade.

Era caro, afinal, trinta francos ao dia, e, visto de dentro da sua trincheira de algodão do *Bon Marché*, pareceu-lhe dum luxo exorbitante. Içaram-no caridosamente ao sexto e último andar, e dispensaram-lhe um quartinho exíguo, mas ameno e confortável, com uma alcatifa vermelha, água corrente e uma cama alta e profunda, de lençóis deslumbrantes. Era na realidade uma água-furtada. Consolou-se pensando que em Paris, por aquêle preço, lhe teriam dado um quarto miserável. Chegando-se à única janela, viu lá em baixo a Bôlsa e o formigueiro inquieto e negro dos especuladores na escadaria. Fêz logo esta amarga reflexão:

— Eis onde palpita o coração da pátria!

Com a sua boina basca, de trincheira e galochas, cheio de ardor, pôs-se logo a correr a cidade, em busca de tipos, de ângulos, motivos. À noite, deitando tabaco e pitoresco por todos os poros, fatigado e aborrecido (cem vezes se perdera no labirinto confuso de Bruxelas), comeu no quarto uma ceia solitária de pãesinhos com carnes frias, que comprara numa loja qualquer à *Gare du Nord*.

Ao segundo ou terceiro dia tinha encontrado uns compatriotas, começava a digerir mal e a estar desiludido. Depois entrou em cena a chuva, e uma tarde, como subia no ascensor, o empregado olhou-o familiarmente na trincheira de algodão, e disse com um sorriso entendido:

— Isso agora vai começar a encolher, a encolher...

Meteu-se no quarto, sem dar resposta. Sentia-se humilhado e doente. Detestava a vida nos hotéis, não era a primeira vez. Para que viera meter-se ali. Da janela, contemplando os fundos nevoentos e melancólicos da cidade, e a cúpula imperial do Palácio da Justiça, onde o sol, todo o dia ausente, suspendia a flor rubra

dum adeus, começou a fazer um esquisso e a balbuciar maus versos em péssimo francês:

Sur la ville morne et grise
la nuit tombe indécise,
et ma pensée, toute lasse,
ne sait sortir de l'impasse...

Rasgou tudo, e então começou o *cafard*!

Tôdas as noites, depois das suas primeiras tentativas e deambulações, e duma ceia melancólica (geralmente na fritura *Chez Antoine*), corria ao Café Acropole enorme e deslavado como a sala de espera duma estação de estrada-de-ferro. Ali os encontrava e, em frente duma *foncée* pesada e espumosa, ou dum café-chicória que arrancava gritos de indignação a um dos compatriotas, colonial versado em *Coffea robusta,* desabafavam nostalgias, protestos, azedumes de transplantados. Como era inútil falar-lhes de arte, de livros, de idéias, não tinha remédio senão misturar-se nas discussões em que os outros entretinham os serões celibatários. A orquestra era péssima, e, estando então na moda os emigrados catalães, que nunca ali faltavam, tôdas as noites Granados, Albeniz e Falla eram lentamente torturados entre fartos aplausos da assistência, que às vezes pedia bis.

Aquêles primeiros dias foram duros. Não tinha iniciativa para deixar o hotel, onde tudo eram *extras,* e procurar um quartinho modesto, um estúdio. Estava ali como um náufrago num rochedo perdido no oceano. A vida do hotel atraía-o e intimidava-o ao mesmo tempo. Nem sequer tinha lugar para sentar-se a desenhar E que tivesse: chegou a julgar que nunca pegara num lápis, num pincel. Tinha a cabeça cheia de idéias, de imagens, de côr, as mãos como dois cepos, inábeis! Uma tarde, *chez Antoine,* farto de abstinência, pediu um copo de vinho com o jantar: trouxeram-lhe uma bôrra escura num dedal de vidro — um *bordeaux,* diziam êles —qua-

tro francos! Julgou que perdia os sentidos. Por êsse preço, em Paris, teria bebido um litro! Deu-lhe uma náusea de tudo, julgou-se perseguido e sentiu com vergonha a primeira lágrima de arrependimento. Teria podido beber nesse instante uma pipa de carrascão, para afogar aquêle sentimento obscuro e inquietante.

Sêco, estúpido, intratável, não sabia que fazer de si, nem que era feito dos seus projectos, volatizados. Uma inibição de seiscentos diabos. Os museus e exposições já o traziam indigesto de imagens. Começava a duvidar de si mesmo, da convicção de que dentro dêle «alguma coisa» esperava aquêle instante para revelar-se. Era isto, Bruxelas, para onde todos o tinham empurrado de Paris! Lembrou-se dos dois anos que ali levara, dando à língua nos cafés, vadiando, gastando o magro património. Sentiu a angústia duma advertência. Era preciso começar, fazer qualquer coisa! Uma noite, num cinema, diante duma cena de cabaré com *girls*, surpreendeu-se outra vez a sonhar com o «estrangeiro»: exactamente como na pasmaceira de Lisboa! Saíu exasperado, com a amarga impressão de que o estrangeiro é sempre onde não estamos. Já os companheiros mazombas do café começavam a estranhá-lo, e um chegou mesmo a dizer: «Só há dois dias que por cá anda, e já está pior que nós!»

A ociosidade pesava-lhe. Vinha a fugir dela. E tinha pressa. Mas a pressa estrangulava-o, não o deixava fazer nada. Queria o impossível: ver, compreender e realizar tudo num abrir e fechar de olhos. Ainda não aprendera que a sua curiosidade insaciável pelas coisas e a gente o impedia de as desfrutar aos poucos, com calma; a resistência natural que os seres, os usos, os objectos opõem à compreensão de estranhos, enchia-o de ódios absurdos, de injustiças, de revoltas, de desejos de se ir embora para Paris, ou até para a Parvónia, só Deus sabe! Tudo lhe era indigesto, como um grande jantar depois duma fome de três dias. Detestou os barbeiros, a comida, as bebidas, a chuva, os eléctricos, a

cama! Faltavam-lhe as anedotas, a má-língua, as sardinhas e o bacalhou, o amparo e os elogios dos amigos (que no fundo sempre acusara de o esterilizarem). A sua escravidão abjecta àquêles dois compatriotas que nunca dantes vira, e a que se prendia irresistìvelmente como a duas bóias, ainda o punha mais sombrio. Não podia abrir um livro, escrever uma carta, traçar um esquisso. Não podia tentar nada sem desejar logo outra coisa. Debatia-se entre a impaciência e a impotência, sem saber que fazer nem por onde começar. Nem já os cinemas freqüentava: todo concentrado no desejo de exprimir, não podia aturar mais a passividade do espectador.

Como sempre em tais casos, foi no amor, na mulher, que os seus problemas e energias se polarizaram. Gemia e suspirava por uma amiguinha, começava a recear-se incapaz para todo o serviço. Um dos compatriotas observou-lhe, com inesperada inteligência: «Todos nós, habituados desde pequenos ao amor da mãe, levamos a vida *languissant après la femme*! É por isso que entre nós, latinos, a mulher desempenha um papel tão decisivo...».

II

CERTO dia, logo depois do almoço, um deles levou-o aos Armazens Holbach a fazer umas compras para o inverno, que já apertava. O pintor comprou tudo quanto lhe faltava, e muito mais: a graça das *vendeuses*, tôdas sorrisos profissionais a cem francos por mês, punha-lhe a cabeça a andar à roda. Disse gracejos a tôdas elas, e tôdas lhe pareceram fáceis e alegres. Sentiu que lhe caía enfim a máscara contorcida e amarga que afivelara.

Coube-lhe em sorte (assim pensava) a caixa número seis. De começo tudo correu bem. A pequena, Vénus clara e radiosa, com um cabelo em ondas cheias de reflexos vermelhos, vendo-o parvoejar em volta dela, deu-lhe logo a entender que gostava de bombons, e indi-

cou-lhe sem cerimónia o respectivo departamento: «Se é bombons que quer comprar, é daquele lado...» Correu para lá, mas como não lhes achou boa cara para os seus altos propósitos, voltou à caixa e disse-lhe:

— Estes bombons não prestam. Eu volto por cá mais logo!

Nessa mesma tarde lhos foi levar, com grande espanto dela e das colegas, que riam e cochichavam em volta, acompanhados dum bilhetinho em que tinha suado laboriosamente, durante duas horas, o melhor do seu francês. Bela e sorrindo como uma deusa no seu trono da caixa, ela segredou-lhe que se fôsse embora porque o inspector andava ali perto; e que saía às seis, pela porta do pessoal, do lado do Correio, e que se a visse sòzinha se dirigisse a ela; mas se fôsse acompanhada, não lhe podia falar; que em todo caso, no dia seguinte, como era sábado, se veriam à noite no *dancing Sacré-Coeur*, onde lhe dava *rendez-vous* às oito e meia, e *au revoir* (com um sorriso de ultra sétimo céu), «Meu Deus, que lá vem o inspector!»

Faltavam dez minutos para as seis quando chegou à porta do pessoal. Havia um magote de homens e rapazes esperando, e todos êles mais tarde ou mais cedo engatavam numa das empregadas, que iam saíndo em bicha pela porta de serviço, como avezinhas em liberdade. Trocavam beijos, havia risos, e seguiam de braço dado. Parecia uma cena de opereta, mas era tocante, e o pintor gozou aquilo com interêsse. Algumas (também as havia feias) não tinham ninguém à espera, coisa revoltante, e seguiam em grupos, vagarosas, provàvelmente tristes, e com razão, pensava o artista. O grupo masculino foi assim decrescendo, e êle começou a estar impaciente. Que tempo levava aquilo. Por que diabo não vinha ela? Era noite fechada havia muito. Por fim, já tinha os pés frios nas lages do passeio, reconheceu-a num grupo. Vinha acompanhada duma colega! Um rapaz aproximou-se, cumprimentou, pôs-se ao lado delas, e a caixa número seis lá foi, sem olhar para lado nenhum.

Roeu-o logo o despeito, o ciúme, o receio de se ver comido no valor duma caixa de bonbons finos. Fumando cigarros e nervos, seguiu no encalço do grupo. Aquilo foi demorado. Desceram ruas, pararam em frente dos cafés, de *brasseries*, de restaurantes, discutindo, indecisos. Ela não olhava. E êle atrás, danado, espiando. Por fim o trio decidiu-se por uma espécie de casa de chá. O anjo número seis ficou um pouco para trás, e foi então, com sobressalto, que lhe pareceu vê-la olhar em volta. Mas tê-lo-ia avistado na noite de mata-borrão ensopado? Sem mesmo reflectir, entrou quási em seguida ao grupo. A *caixa* viu-o e ficou pechada, impassível. Que diabo de indiferença aquela, pensava o enamorado, depois dos tagatés do armazem... Quási o intimidava o porte, o desdém aristocrático da moça. Teimoso, decidiu ficar, levar a coisa por diante.

Mandou vir um pôrto, numa grande agitação. Daí a pouco percebia para seu alívio que o rapaz que a acompanhava era o noivo da outra, ou coisa assim. Contemplou então à vontade o seu anjo, que nem sequer a graça dum olhar lhe concedia, e figurou-se com ardor, sirotando o vinho, o que a plástica admirável dela prometia.

Foi só à saída que ela se voltou discretamente um pouco e lhe sorriu do canto da bôca, mandando-o embora com um gesto. Passou interiormente ao estado de fusão e, extasiado, leve como uma pluma, cheio de apetite, foi jantar ao *Acropole*, onde esperou os compatriotas. Assim que êles chegaram, com a discreção habitual da raça, contou-lhes a aventura, cuja raridade êles celebraram, não sem uma pontinha de legítima inveja: «êste gajo àqui há meia dúzia de dias, e vejam lá vocês já está amanhado!» Sabiam ao menos que não era invenção. Deram-lhe muitos conselhos, claro está, todos ditados pela inexperiência.

No dia seguinte, conforme o combinado, estava no *Sacré-Coeur* às oito e meia. Reservou uma mesa. Com a bôca sêca dos cigarros e da ansiedade, deu uma volta

pela sala enorme, cheia de graças e de risos de mocidade, como um céu aberto. Foi encontrá-la, com grande surprêsa, já instalada a uma mesa na companhia da «mamã» e duma amiga. Não querendo sentar-se na presença de testemunhas, convidou-a a dançar e segredou-lhe que tinha uma mesa reservada só para os dois... Mas aí, na sua seda fôsca, verde, enviesada, Jeannine mostrou-se reservada e fria como Diana! Tão inquieto como convulsionado, com aquêle pedaço da Grécia viva e desdenhosa nos braços, sentindo-se tratado como um estranho, um indesejável, insistiu pela explicação da «incompreensível reserva». Tinha-se mostrado na véspera tão acolhedora! De onde vinha aquela súbita frieza? ... Jeannine, muito instada, acabou por lhe dizer que êle fôra *vraiment* longe de mais, ao dizer-lhe no bilhetinho (que lhe custara duas horas de suores literários) que perdoasse a qualidade dos bombons, pois, não sabendo quais ela preferia, esperava a ocasião de conhecê-la melhor para então (palavras textuais) «trincarmos juntos» — *crôquer ensemble* — os de que ela mais gostasse...

Naquele «trincarmos juntos» estava, segundo a deusa em seda fôsca dos Armazens Holbach, todo o crime do pobre. Não, *vraiment*! Aquilo deixara-lhe os bombons atravessados! Que audácia! Tão cedo, semelhante familiaridade! Se êle logo de comêço era assim, onde iria aquilo ter, aquela amizade? E assim por diante.

Eram decerto bem pouco generosos os pensamentos daquela clássica cabeça, para assim mal-interpretar as honestas e puras intenções que êle trabalhosamente pusera nos seus bombons — que diabo — de quarenta francos. Não podia entender onde estivesse a ofensa. «Trincarmos juntos», que mal havia nisso? que audácia havia? Ela recusava explicar: «O senhor bem sabe». E olhava-o com frieza, tão linda! Suplicou-lhe que fizesse um esfôrço, só um bocadinho de boa-vontade, para o entender. Que tomasse em consideração o seu péssimo francês. Que o julgasse antes pelos actos do que por palavras, cujo duplo sentido, se o tinham, êle não sou-

bera precaver! E enfim, que se o não compreendia... perdoasse! «Car (suplicou) *aimer, c'est tout comprendre et tout pardonner*!»

Mas ela resistia: não, aquelas palavras tinham uma significação oculta, pouco delicada, ousada, — onde queria êle chegar com aquilo? Não, não perdoava. Estava pronta a ser uma «boa amiga», a fazer tudo por estimá-lo; mas perdoar, isso não. Nem mesmo por muito que o quisesse poderia talvez esquecer. Audácia assim! E olhava em roda, alta e fria.

O pintor não podia entender. Queria ela que êle explicasse, em palavras menos veladas ou mais quentes, algum sentido misterioso daquele «trincarmos juntos» e, êle tão obtuso, na sua pressa e inquietação, que a não soube entender? Estaria ela na verdade ofendida? Seria um caso inesperado de pudor ferido? Nada o assustava tanto como a honestidade maguada duma mulher. Por nada no mundo ousaria estender a mão para uma flor que se esquivasse. E então pisá-la! Demasiado orgulhoso, e empedernido pela falta de ginástica e convívio, não se julgou obrigado a insistir, nem a aceitar nas reduzidas proporções duma «boa amizade» aquilo a que desde logo se julgara com plenissimo direito de conquista. Questão de amor-próprio, não podia sentir-se na posição de suplicante. Desinteressava-se em geral de tudo quanto não viesse a êle espontaneamente, ou que exigisse um esfôrço pertinaz de conquista. Isso, reconhecia-o, podia ser terrível tratando-se de mulheres, mas êle tinha as suas teorias (há sempre uma teoria para disfarçar os sentimentos), e no fim de contas não estava pelo beiço. Lá desfrutarem-no, isso não. Que se tramasse a deusa. Tornou-se outra vez duro, sarcástico, inflexível. Reconduziu-a ao seu lugar e à sua mamã, quando a orquestra se calou, fatigada de moer três vezes a pedido o mesmo *fox*; a mamã, tôda sorrisos e esperanças, convidava-o a ficar, mas êle engrolou qualquer pretexto para não se sentar à mesa delas, e foi espairecer para outra freguesia. Dançou todo o resto da noite

com uma garota de tranças pendentes e narizito arrebitado, que se agarrava a êle com fôrça, sem dizer palavra, cerrando os olhos castanhos.

Apesar disso, saíu dali véxado, com o gôsto insofismável da *tampa*. «Bem feito — dizia consigo, flagelando-se. — Ninguém te mandou meter em cavalarias». Tudo junto, feitas as contas, era uma caixa de bonbons finos e uma noite no *dancing*. Há casos piores! Mas o insucesso pô-lo negro e amargo. Mal comsigo mesmo. Duvidou de si, dos costumes estrangeiros, de tudo. Sentiu-se trombudo, mazomba, azêdo, impróprio para o consumo. Afinal, Bruxelas não era nada do que lhe tinham dito. Léria, tal qual como o Pôrto! E assim. Durante dias roeu aquêle ôsso, como os marujos da nau Catrineta roeram sola: sem a poderem tragar.

III

NESSA noite, no Acropole, a conversa dos compatritas arrastou-se uma vez mais sôbre os consabidos temas. Êle suspirava, menos resignado que impaciente, ruminando um salto no desconhecido. Tinha saudades de si mesmo, da sua nostalgia do ignoto, do «estrangeiro que-nós-sonhámos» e que não era aquilo. E ainda não havia duas semanas que chegara, ansioso de vida nova, cheio de ardor para o trabalho!

A conversa correu, magra e melancòlicamente. Quando saíram, esticando as pernas entorpecidas, passava bem das onze; devagar, desceu com êles o boulevard que leva à Bôlsa, moendo inúteis frases ou pretextos de frases, morrendo de inquietação por alguma coisa de diferente, — não fôra até ali, com certeza, para continuar os passeios amargos da avenida dos Aliados, ou do Atêrro, à noite — até que deram consigo na praça da Bôlsa, e pararam repisando o vasio. Nisto, da sua pachorrenta esquina repararam num ajuntamento do outro

lado da praça: poviléu. polícia, bombas... Bombas? Algum incêndio! Efectivamente, concordaram calmos os três amigos, era um incêndio.

— Estão arranjados, — disse o colonial. — Nestes oito dias já arderam de alto a baixo dois prédios, dois! Êste também não escapa. É um serviço de incêndios desgraçado!

O pintor já tinha reparado que as bombas pareciam arqueológicas. Os bombeiros tinham um ar pasmado e pareciam datar, talvez devido à forma dos capacetes ou à sua ineficiência, do tempo de Nero, dos incêndios de Roma. As suas mangueiras eram impotentes diante dos fogos. Fazia lá ideia, confirmou o segundo compatriota: não se podia comparar com o Pôrto, isso sim! Pior que Lisboa!

— Imagine você que outro dia, lá no meu bairro, era uma da noite, um homem veio para a rua a gritar que havia fogo numa fábrica. A polícia prendeu-o por estar a perturbar a tranquilidade pública! Foi para a esquadra, levantaram-lhe um auto. Entretanto, quando as bombas chegaram, a fábrica estava toda em cinzas. E se calhar o desgraçado ainda pagou uma multa!

— Ora imagine o senhor! Se isto era possìvel em Portugal!

Era pois um incêndio, hã? Mais um! Ergueram os olhos:

— E é no hotel.

— Vai arder todo, vocês vão ver.

Já se preparavam para gozar do esplêndido espectáculo, confortavelmente instalados àquela esquina, ao fresco.

— É verdade, é no *Grand Bourse*.

Era no *Grand Bourse*, e era no sexto andar... Durante momentos, interessados no majestoso espectáculo, trocando comentários, os três compatriotas olharam o jacto de chamas e o ramalhete de faúlhas que irrompiam das águas-furtadas do hotel, de mistura com a fumarada.

As janelas em volta estavam cheias de gente. Pairavam murmúrios no ar. De súbito o pintor sentiu uma martelada na cabeça e gritou:

— É no meu hotel! No meu andar! Na *minha* água-furtada!

Sem esperar ajuda nem consôlo dos atónitos amigos, deitou a correr através da praça, enfiou entre os basbaques e a polícia, passou sob a cascata que escorria de cima, e encontrou-se esbaforido no átrio do *Grand Bourse*.

A confusão era medonha. O hotel estava cheio, e o incêndio surpreendera a maioria dos hóspedes já na cama. Fôra um pânico. Os ascensores só dois ou três, eram assaltados, tomados à fôrça pelos hóspedes aflitos e uma hoste de salvadores desconhecidos. Na agitação, descia quem queria subir, e subia quem queria descer. Daí, gritos, empurrões, apelos, conflitos, correrias, desmaios. Empregados e polícias esforçavam-se por acalmar os aflitos, por manter a ordem no *hall*, no café, no restaurante, onde alguns curiosos e muitos hóspedes, em trajes interiores, cheios de excitação, procuravam provisório abrigo.

Duas ou três vezes o pintor, levado no ressaca da gente, esteve a pronto de conseguir meter-se num ascensor, — outras tantas em risco de se despenhar na caixa negra, lá em baixo. Conseguiu por fim, a muito custo, desembaraçar-se do gentio, e resolveu trepar a pulso, por assim dizer, os seis andares do hotel. Pelas escadas, atropelando-se, embaraçando-se nas mangueiras, nos pés da gente aflita que subia e descia, ou nem subia nem descia, numa agitação sem destino, de naufrágio ou incêndio a bordo, — rolavam tapetes, embrulhos, móveis e *valises*, candieiros e estatuetas. A água escorria, esguichava por todos os lados. Recebeu na cara o duche frio dum furo de mangueira espesinhada. Ouviam-se ordens e protestos em meia-dúzia de idiomas.

Deixara lá em cima todo o seu pecúlio: documentos e roupas, papéis, dinheiro, apontamentos, material. Fu-

rioso, como se da própria vida se tratasse, atropelando a gente e as coisas, escorregando, tropeçando e praguejando, galgou tão depressa como poude os doze lanços de escada. No quarto andar rareava a gente; no quinto já não viu ninguém, mas ainda havia luz. No sexto... Ah, no sexto, reinava uma penumbra sinistra, fumarenta, vagamente iluminada pelas chamas, cujo incerto clarão vinha pelos corredores, felizmente do lado opôsto ao do seu quarto. Parou um momento a escutar o latido sinistro das labaredas, que vibravam, soprando em turbilhão através das janelas da mansarda. Era na lavanderia. Ouvia-se estalar a madeira, mordida pelos caninos ferozes do incêndio. Dados os precedentes, o pintor concluiu que o fogo não tardaria a abrazar o andar inteiro, a galgar para baixo. Então, atravessou dum salto o corredor principal: viu de relance os vultos dos bombeiros recortados na torrente das chamas, inclinados, como diante dum forno, despejando água naquele sorvedouro que chiava e detonava... Estavam longe, ocupados, ninguém o viu. Sentiu-se como um rato de hotel. Teve a volúpia do crime, do acto clandestino. Mas foi um instante!

O fumo irritou-lhe os olhos e a garganta. Porém era indispensável avançar. De cabeça baixa, tapando a bôca com o lenço, meteu pelo estreito corredor lateral, ao fim do qual ficava a porta do seu quartinho, à esquerda. Só o fumo ali chegava. O incêndio, a agitação do hotel pareciam ficar longe. A escuridão era completa, como numa mina. Tateando, depois de alguma hesitação achou a porta. Sacudiu-lhe o fecho, deu-lhe voltas... Deixara-a fechada à chave! Mas onde tinha ele agora a chave? Visitou tôdas as algibeiras, duas, três vezes, excitado, furioso, com pressa: tinha-a esquecido! Na sua precipitação não lhe ocorrera pedi-la ao porteiro! Seis andares lá em baixo naquela babel de terror! E agora? Teria tempo de ali voltar? Todos os seus haveres! O fumo arranhou-lhe mais a garganta. Não havia um instante a perder! Dentro de dez, cinco minutos, seria

talvez tarde demais... «Vamos a isto!» pensou em voz alta.

Então, no corredor negro e estreito, onde o espaço era pouco para tomar balanço, atirou-se de quatro patas, com todo o seu fraco pêso contra a porta, vai uma, vai duas, vai três, — num furor destrutivo de que nunca se julgara capaz. Gemendo, mais de três vezes malhou de esguelha com os ossos contra a porta, que estalava e rangia; até que a almofada inferior rachou, fendeu de alto a baixo, arrancando a suar, a rir e a gemer, um pedaço triangular, êle poude ver a luz da rua nas cortinas da janela. Estava salvo! Mas a fresta assim aberta mal lhe deixava passar a mão. Agachado na passadeira, num frenesim, começou a arrancar pedaços de madeira, às lascas duras, grossas, que lhe feriam os dedos; a demolir a parte inferior da porta, para poder entrar e arrebatar ao fogo os seus únicos bens, as maletas e caixas, que via perfeitamente na penumbra interior.

Entretanto a agitação crescera naquele andar. Ouvia correrias, gritos, e estas palavras, que lhe arrefeceram a espinha:

— *Tout le mond en bas! Tout le mond en bas!*

Todos para baixo! Era o fim! Os bombeiros batiam em retirada, abandonando o sexto andar ao apetite das chamas. Tornou a ouvir passos, e entreviu silhuetas avermelhadas que atravessavam ao fundo do estreito corredor. A fumarada aumentava. Gemendo, estendeu o braço pela brecha para alcançar as maletas: em vão! Ficou um instante paralisado, com uma vontade impossível de chorar. O mêdo e a angústia entraram com êle. E se ficasse ali esquecido, bloqueado, abandonado no estreito corredor? ... Acudiu-lhe à memória tudo que fôra o seu terror na infância. a escuridão, a falta de ar, o fogo, o fim-do-mundo! Agachado na passadeira, suando frio, a gemer, imaginou-se inanimado asfixiado, já feito em torresmos, estalando gorduras fritas... E com um grito, abalou a fugir.

Ouviu roncar mais perto o incêndio. Viu crescer as

labaredas, mais próximas. E tornou a ver o jôrro impotente da água evaporando-se no braseiro. Esquecera a volúpia da clandestinidade: ao contrário, receou ser tomado por um gatuno que, ao abrigo da treva e confusão, andasse limpando os quartos... Desceu num desespêro. E a descida foi longa, escorregando nos degraus de mármore inundados, tropeçando em mangueiras, esbarrando em desconhecidos.

Num andar qualquer, uma sólida matrona veio direita a êle, tôda escancarada num roupão, com rendas à mostra, expressamente para lhe desmaiar nos braços: deixou-a escorregar piedosamente no chão molhado. Ela acordou num grito. Um senhor de sobretudo e pijama, em chinelos, dois chapéus sobrepostos na cabeça, tremendo e gaguejando num inglês incompreensível, depôs nas suas mãos desatentas uma *valise* que se estatelou no patamar, derramando uma incrível quantidade de papéis... Fugiu. O sujeito urrou-lhe de dôr nos calcanhares. Na escada, suando, ajudou os criados a enrolar e a descer *carpetes* e passadeiras, que a água, o mêdo e a pressa tornavam cem vezes mais pesadas; carregou malas, meteu meninos em ascensores, desenrolou mangueiras que mexiam como cobras, cheias de água, esguichando. Sentiu-se uma vocação inesperada para bombeiro voluntário! Ao fim de algum tempo, com uma estatueta que lhe tinham enfiado debaixo dum braço, cansado, molhado, e pensando amargamente em tudo que perdera, encontrou-se no rez-do-chão. Havia menos confusão em baixo. Pousou a estatueta no balcão do porteiro, um esplêndido velho, sereno como um piloto e delicado como um archeiro da casa-real, que lhe sorriu agradecendo o salvado. O pintor viu por trás do velho o cacifo das cartas e chaveiro: assaltou-o uma excitação, o desejo irresistível de salvar o que era seu: voltar lá cima com as chaves, desta vez! Agora que a escada ia ficando mais desembaraçada!

— A minha chave, *s'il vous plaît*! 6-42!

O porteiro, de luvas brancas impecáveis, como nos

seus melhores dias, entregou-lhe a chave e preveniu-o erguendo as férteis sobrancelhas e um dedo no ar:

— *Vous n'allez pas pouvoir y aller...*

Qual não podia! Sem lhe dar resposta voou escada acima. Passou do quarto andar. Passou do quinto... Chegou ao sexto. Havia menos fumo. E os bombeiros lá estavam no seu pôsto! Fôra um falso alarme. Cheio de alegria, inebriado de aventura, já estava à porta do quarto. Mas no instante mesmo em que, nervosamente, procurava enfiar a chave na fechadura, brilhou ao fundo do corredor o clarão duma lâmpada de bôlso: era um bombeiro! Ficou imóvel de surprêsa. O homem viu-o, correu para êle e, sem lhe dar tempo a explicar-se, sem ouvir os seus berros, os seus protestos, ergueu-o no ar esperneando, levou-o ao patamar e empurrou-o pela escada abaixo, urrando:

— Todos para baixo! O senhor não ouviu?

O artista quis abrir a bôca para lhe explicar. Mas o bombeiro metia respeito. Podia prendê-lo, quem sabe as complicações que isso traria. Além disso a sua mão enérgica chamara-o à realidade: o perigo era grande. Veio-lhe um mêdo lúcido, frio. Desceu devagar. Desde êsse instante considerou tudo perdido sem remédio, e desejou que o hotel ardesse até aos alicerces. No quinto andar, um bombeiro de guarda, assombrado, olhou para êle como se o visse cair do céu; sorriu-lhe angèlicamente para o confirmar na hipótese, e murmurou:

— Com êste fumo lá em cima é impossível dormir...

Apanhou-se no quarto andar. Aí havia alguns hóspedes. Eram os felizes que tinham podido salvar tudo — jóias, dinheiro, bugigangas, roupas. Ele estava de mãos nas algibeiras, ocioso, e sentiu-se nu. Se o consulado faria alguma coisa por êle? Teria de ser repatriado. A atmosfera de naufrágio continuava: mas havia mais calma, e certa disciplina. Encostou-se a uma parede, no lugar onde meia-hora antes se erguera uma palmeira artificial, e decidiu levar aquilo filosoficamente, tirar partido da situação, ver tudo em *sketches*, estudar

os tipos, a psicologia dos acidentes... Que seria feito dos seus compatriotas? Capazes de ainda estar na esquina à espera dêle... Pôs-se a rir consigo.

Olhou um por um os hóspedes, que acabavam de carregar os seus bens. Nenhum prestava para a psicologia. Reparou então que em frente do ascensor, ao longo da parede, havia um banco comprido, de espaldar muito alto, espécie de cadeirão de sacristia. Sentada no banco, estava uma mulher muito nova, calma, de perna cruzada, indiferente. Esperando. Como êle. Olharam-se e sorriram. Percebeu logo nela uma solidariedade. Aproximou-se, cumprimentou-a, sentou-se e ofereceu-lhe cigarros. Acendeu outro e fumaram.

— Na minha pressa, — disse ela — esqueci a cigarreira no sexto andar. Deixei lá tudo, vim assim.

Envergava um abrigo de pelica, azul de anil, apertado à cintura, e uma gôrra de pescador, do mesmo material, de onde lhe escapavam os caracóis negros e finos. Pálida, tinha as feições delicadas. A malinha de mão poisada no colo.

Do sexto andar? É curioso, também de lá venho, agora mesmo...

Contou-lhe o que perdera, os seus esforços. E ela confessou-lhe com um beicinho de mágua risonha, que entre outras coisas deixara ficar lá em cima a sua *chemisette de nuit.*

IV

ALGUMA coisa, que não poude logo definir, o interessou nela: a delicada palidez, a finura incoercível dos traços, a energia da expressão, os olhos estreitos e longos que pareciam cortados a buril, e a ironia inteligente que neles brilhava. Sentados lado a lado, riram contando as suas desventuras. Não fizeram da sua desgraça um poema, mas o que era muito mais saudável: um pedaço de humor. Ali, dois andares a-cima, onde um bombeiro

obstinado e façanhudo lhes proibia subir, êle estava perdendo quanto possuía, sobretudo os seus esquissos e todo o seu dinheiro, que por preguiça ainda não depositara num banco. Só lhe restava a trincheira reles do *Bon Marché* (que efectivamente encolhera, como profetizara o camarada do ascensor), e a roupa usada, que vestira para sair à noite. Ela suspirava còmicamente pela sua camisinha de dormir, que nem tempo tivera de enfiar no saco; pelas suas pantufas bordadas, o seu estojo de *toilette*, que lá tinham ficado naquele sexto andar onde, que pena, tinham sido vizinhos sem o saber.

— Mas eu já o tinha visto: ontem, no *hall* do hotel, — disse ela olhando-o fixamente. Depois as suas narinas, que pareciam de marfim, bateram, e o coração do artista respondeu às upas. As pupilas dela, negras, impenetráveis, flutuavam num branco levemente azulado. As pestanas, compridas e luzentes, não pareciam sair-lhe do rebôrdo das pálpebras, mas duma prègazinha de setim de pele. Nunca vira olhos parecidos. Estar ali sentado ao pé dela, còrado e de bom-humor, disposto a perder tudo que tinha e recomeçar portanto a vida em condições imprevistas — era um sentimento complexo, delicioso e repousante, que a confusão em volta aguçava ainda mais, como uma embriaguez feliz.

A água caía pelas escadas, pela caixa dos ascensores, que tinham deixado de funcionar. O artista sentia o coração bater-lhe corajosamente no peito, e um desejo de rir, eufórico, quási absurdo. Se havia sensação que o satisfizesse, que o empurasse aos mais ousados sacrifícios, até ao abismo, era essa de sentir-se vivo, de sentir pulsar em cada fibra do corpo a alegria de viver, de enfrentar o risco e o desconhecido. E depois (não era aquela a primeira vez) gostara sempre dêstes cataclismos, destas mutações bruscas que inesperadamente alteram as perspectivas do homem, fulminam a sua atonia, e o forçam a tomar um rumo novo. Não havia para êle sentimento mais feliz que o de agir sob o império duma fôrça-maior, do inevitável, do catastrófico, como se isso

o libertasse da responsabilidade, e o purificasse de todo o musgo de hipocrisia acumulada sôbre a árvore magra do livre-arbítrio.

Os cigarros tinham-se acabado, e ela ergueu-se, propôs que descessem. Em baixo, no *hall*, os hóspedes e os curiosos, mais raros, formavam magotes. Tudo aquilo durara vinte minutos. Foram refugiar-se num canto do imenso restaurante, deserto e pouco iluminado. Ninguém ali daria por êles, nem viria perturbar-lhes a conversa. Perto das janelas, através das imensas cortinas magnìficamente arrendadas, viam cair de cima uma cascata de águas perdidas, e entreviam as bombas à beira do passeio, resfolegando penosamente. O criado, nervoso, veio dizer-lhes que não havia serviço. Ficaram sós.

— Quando começar aqui a cheirar a queimado, — disse o artista — vamo-nos embora.

Em breve tinham esquecido o mundo que os rodeava. Falaram de Paris, de pintores, de concertos, de teatro, de muita coisa que lhes era querida e familiar. Os cabelos dela, pretos, caíam em magníficos anéis até aos ombros, sob a gorra azul. O seu francês era puro e macio, sem qualquer acento. Vendo-a de mais perto, inclinada para êle, notou-lhe nos olhos uma expressão exótica:

— Os seus olhos — disse ele — não falam francês...

Ela riu-se e, simplesmente, revelou-lhe quem era e o que fazia. Puxaram ambos dos seus documentos, num impulso de identificação, e êle ficou sabendo que a sua amiga era francesa, mas de origem anamita: «Anamita!» bradou erguendo os braços com júbilo. O que essa palavra acordou nêle de aventuroso e distante! Por êsse tempo seguia com ardor, na leitura dos jornais, a luta heróica dos patriotas anamitas. Amando a França como amava, em cada fibra da sua carne e anseio do seu espírito, nunca pudera perdoar-lhe essa atrós desnaturação: a supressão das aspirações nacionais dos anamitas.

Estava além disso sob a influência dum grande escritor, que corajosamente expusera havia pouco as misérias da França colonial... Não escondeu o seu entusiasmo. E viu, com fervor e alegria, que uma ligeira côr subia às faces brancas e finas da amiga; as narinas dela palpitavam de emoção e os seus olhos talhados a buril (só agora o via bem: imperceptìvelmente oblíquos) se cerravam um instante para esconder um brilho de ódio.

Aquêle nome fizera-o pensar no Loti dos seus dezasseis anos: chamava-se ela Claire Angelus Marie Le-Phom-Phan... A gorda geografia do Camboja desdobrou-se aos olhos dêle. Claire era filha natural dum oficial da marinha de guerra francesa e duma anamita abandonada, quem sabe se morta já, numa aldeia perdida na floresta indochinesa. Falou-lhe com furor concentrado e ódio, flexível e vibrante como o aço dum espadim, da «França opressora», do pai severo e autoritário que a arrastara para a Europa, e a fizera educar como francesa num convento de Châlons, longe da sua gente e contra ela.

As suas mãos, pequenas e delicadas, crispavam-se como garras sôbre a toalha. O pintor tomou-lhas e acariciou-as com ternura e solidariedade, ao mesmo tempo que com os olhos a percorria, devorando-lhe a face pálida, fina e misteriosa, e o comêço do seio na blusa branca, entreaberta sob o abrigo azul. Sentiu que as suas convicções e, através delas, as suas almas se entrelaçavam. E êsse contacto íntimo, que as mãos entrecruzadas tornavam violento, quási doloroso, embriagava-o. Como iam falando, as unhas da anamita, envernizadas de azul, cravavam-se nas mãos dele, riscavam-lhe a pele, imprimindo-lhe os sinais cabalísticos do ódio que a possuía e já começava a induzi-lo. Disse-lhe ela que tinha devotado a existência à guerra contra o opressor. Contou-lhe episódios trágicos e heróicos da luta do seu povo pela liberdade; e os estudantes anamitas presos em França, deportados para as colónias africanas, os cortejos dissolvidos pela fôrça, os exílios, a morte... A juven-

tude da sua terra vinha à Europa, à França, familiarizar-se com a cultura e a técnica dos ocidentais, para ir depois mais bem apetrechada, voltá-las contra os opressores... Ela própria fôra um dia prêsa em Paris, numa parada de protesto, e só a influência do pai, um Laséillère de Bouillançon, a livrara da sorte dos seus camaradas.

Nesse instante o pintor amou em Claire a raça escravizada dos anamitas, todos os povos oprimidos do mundo. Ela disse-lhe as suas rebeldias: como lutara, no pai severo, contra a França madrasta. Fugindo do internato religioso; tomando a chefia de tôdas as rebeliões do colégio; rasgando a sagrada bandeira tricolor durante uma cerimónia escolar, na presença dum bispo, conegos, deputados, *maires*, inspectores... Fôra então expulsa. Pregara abertamente a insurreição dos povos coloniais, em plena festa aristocrática e mundana, *chez papa*, onde estavam vários pais-da-pátria e um ministro. Não havia severidades nem carinhos que a detivessem. À severidade opunha a manha, ao carinho a rebeldia.

Adivinhando talvez nêle um parentesco de opressões, em todo o caso cedendo ao ardor da sua simpatia, ela confiou-lhe então o grande segrêdo da sua vida: Tinha nesse outro tempo dezanove anos apenas. Revoltada contra as mentiras, as convenções da existência, a vida social que a posição do pai lhe assegurava, ela, que podia ter feito um «bom casamento», bem francês, com dote, e arcaria de espadas desembainhadas à porta duma capela gótica, — entregara-se a um rapaz do povo, um jovem operário de quem, mais que o amor, a aproximara a simpatia pelos que sofrem e lutam. Compreendia-o hoje melhor. Tinham-se encontrado num *meeting* de argelinos, num *faubourg* de Paris, onde ela tinha ido prègar, sob um nome suposto, a revolta dos coloniais. Não, verdadeiramente, ela não o amava: unira-os a solidariedade, o fervor do combate, o fogo das teorias que os ardia, tão distantes de outro modo. Da sua ligação ela fizera, apenas, mais um instrumento de

luta contra o pai, contra a casta odiada e os preconceitos que êle representava. Não eram decerto os irmãos daquele rapaz que ela odiava em França, oh não!

Tão depressa informado da «escandalosa ligação», o comandante de Bouillançon tinha tomado as medidas mais severas; proibira-a de ver o amigo, de sair sem companhia, como um bicho prisioneiro que se leva a passear ao *Bois* pela mão dum lacaio. Ela resistira à insuportável tirania. Acabaram por levá-la de Paris, para Nice, longe, onde nem os lábios nem as convicções do militante pudessem macular a fracção dos Laséillère de Bouillançon que havia nela... Ah, mas fôra tudo em vão. Em Nice dera escândalo: dançara no Passeio dos Ingleses em trajos anamitas, fazendo peditórios para os oprimidos coloniais do seu progenitor... Acabaram por aprisioná-la na *villa* do senhor seu pai, que ia às vezes visitá-la, severo e no fim de contas compungido, pois parecia querer-lhe tanto a ela como ao próprio império colonial da França...

Uma noite, escapando à vigilância da matrona que a guardava, esgueirara-se duma janela do primeiro andar para o jardim, trepara à grade, arranhando-se tôda, fizera uma luxação do pé direito, e fugira, coxeando e chorando de dor. No dia seguinte estava em Paris, em Levallois-Perret, na mansarda de Augustin! Ficara com êle. Amara-o frenèticamente durante dois dias (apesar daquele pé inchado), ao fim dos quais a *Sûreté* mandava lá dois agentes discretos, de jaquetão e charuto da *régie*, que prenderam o rapaz (acharam-lhe uns folhetos numa mala, o que êle negou) e a restituíram, chorando de raiva e com o pé ligado, à autoridade dos Laséillère de Bouillançon — e da França. Era tarde! Semanas depois, em gritos, ela anunciava ao comandante que ia ser mãe.

Caso grave: porque nem o Laséillère queria um filho espúrio, nem as crenças religiosas lhe permitiam usar de meios adequados para evitar o odioso advento. Quando se tornou clìnicamente evidente e palpável que

um novo Laséillère estava em prespectiva, remeteram a rebelde para um lugarejo isolado na campina flamenga, perto da Holanda, onde não chegavam ecos da Indochina, nem de Paris.

Ali tinha ficado, e ali lhe tinha nascido o filho, um robusto garoto de feições bem asiáticas. Desde então o pai recusou tornar a vê-la, e obteve-lhe um passaporte de anamita: o que Claire festejou como vitória, desde que, policialmente, deixava assim de ser uma Laséillère *de l'etccetera*! Segundo as ordens do velho, a criança fôra logo expedida para uma instituição piedosa de Bruxelas, e Claire tinha ficado prisioneira da aldeia, longe do mundo, privada de correspondência, talvez vigiada, e apenas lhe era permitido ir uma vez por outra à capital ver o pequeno, que tinha agora pouco mais de um ano. Essa era a razão por que se tinham encontrado. Estava ali de passagem. Tinha chegado na véspera, de manhã, vira o filho, estivera à tarde num cinema, e no dia seguinte tinha de voltar para o seu *hameau*, para a prisão...

O pintor escutara-a empolgado e ansioso: mas quanto tempo ia aquilo durar? perguntava desolado. Como era aquilo possível, santo Deus, «em plena sociedade civilizada», — um autêntico sequestro? ... Oh, a situação não duraria eternamente! A criança prendia-a, o bastante para a não deixar tomar desde logo uma resolução. Mas assim que tivesse oportunidade, e os recursos necessários, a Holanda estava perto e... Não era difícil tomar ali um paquete para o Extremo-Oriente, clandestinamente claro está, para ir juntar-se aos seus irmãos de raça e luta...

— Pensa qua anda vigiada? — disse êle com ansiedade.

— Neste momento não sei... Talvez. Tenho feito quanto é possível para mostrar-me resignada e submissa. Mudei de táctica, tem de ser.

Os seus olhos tinham clarões frios, penetrantes de paixão, como talvez só seja possível entrever nuns olhos

mongólicos. O pintor, cheio de entusiasmo, poderia nesse instante tê-la seguido ao fim do mundo. Já a sua exaltação, que ela despertara, assumia a forma aguda do desejo: as suas mãos, onde as veias tinham entumecido, subiam tateando pelos braços de Claire; as suas bôcas, úmidas de fervor e entusiasmo, aproximavam-se, o seio dela arfava docemente...

— Vamo-nos daqui, — disse êle com a voz entrecortada. — Este incêndio nunca mais se acaba. Já não há nada a fazer.

Ergueram-se para sair. Claire, com um suspiro fundo, compôs os anéis do cabelo. As bombas, fora, continuavam a arquejar penosamente, a água caía sempre em catadupas. Haveria alguma esperança de voltarem lá cima? Que pena (pensava o artista) não se terem encontrado mais cedo! Através dos cortinados, alguém espreitou da rua. O pintor aproximou-se da vidraça, o vulto desapareceu. No *hall*, o empregado que tomara o lugar do porteiro disse-lhes que o hotel estava inhábitável do terceiro andar para cima, com todos os seus *regrets*; no dia seguinte os hóspedes seriam indemnizados dos seus prejuizos ou despesas. O pintor restituíu a chave do quarto, dòravante inútil. Já não pensava no que perdera: só a questão do dinheiro o preocupava, e apalpou a carteira, discretamente, incerto de quanto lhe restava para «recomeçar a existência». Quem sabe o que ia suceder. Preparava-se para chamar um táxi, e Claire preveniu-o de que seria melhor esperá-la no carro, escondido a uma esquina do *boulevard*, distante dali. Não queria que a vissem sair acompanhada.

Daí a instantes (êle dissera ao chauffeur: «Um hotel, mas que não seja caro...») abraçava-a no escuro do automóvel. No seu entusiasmo, nem tinha olhado para cima, para o seu sexto-andar. Para quê!, se uma vida nova começava talvez a partir daquele incêndio. Não tinha o hábito de olhar para trás, para o que ficava...

Deram voltas confusas na cidade baixa, a pedido de Claire para despistar a possível vigilância, e daí a dez minutos paravam à porta dum hotelzinho ao pé das *Halles*, sossegado e discreto, o *Hôtel des Petits Marchands*. Foi preciso tocar a campaínha. Veio o patrão, cheio de sono àquela hora, em pantufas, e ela insistiu que tomassem dois quartos, longe um do outro, em andares diferentes. O patrão esfregou os olhos, intrigado, e o pintor julgou que o seu sonho anamita ia ficar todo em literatura. Viu que a amiga estava realmente pálida, inquieta, quási ansiosa; mas atribuíu isso ao receio da vigilância.

Claire tomou um quarto no segundo andar; êle foi para o terceiro. Deu-lhe as boas noite. Mas enchendo-se de resolução, não tardou em descer, sem sapatos, a pretexto de nada, talvez para lhe perguntar se estava bem instalada. Ao chegar ao patamar de baixo, entreviu ao fundo dum obscuro corredor a cara pálida do hoteleiro, que espreitava...

Tudo foi simples e sem palavras. Pura e livremente, ela apertou-o nos braços e foi depois abandonando aos seus olhos comovidos, às suas mãos convulsionadas, a graça nova do seu corpo, pálido e luminescente, quási infantil mas com todas as graças da mulher perfeita. Delicada e flexível, profundamente séria, flutuou um instante diante dêle como num mistério religioso. Sacudira a cabeça e os cabelos negros desenrolaram-se completamente, acariciando-lhe os ombros de marfim. Mas eram os seus seios, pequeninos, firmes, ogivais, que punham no corpo dela a expressão exótica, oriental. Foi com um frémito, quási um soluço de gôzo espiritualizado, que em silêncio os beijou, pensando nos veneráveis arquitectos que de outras formas assim decerto se tinham inspirado, para erguer os seus templos prodigiosos... E foi ainda no entusiasmo das suas convicções, acrescido agora duma nova emoção estética, que se entrelaçaram para a insónia.

V

Às oito da manhã num larguinho friorento e quieto, esperavam o bonde que devia reconduzi-los à Bôlsa. A insónia parecia ter deixado Claire inalterável. Sòmente os seus traços pareciam mais acentuados, e mais agudo o seu olhar. Preocupado e enlevado, envolvendo-a de carinhos e admiração, o pintor nem sequer pensou em olhar para a fachada do hotel quando desceram do carro. Nada, na rua, lembrava o acidente da véspera. Voltava ali para receber o preço da noite que dormira fora, já paga de avanço, no *Grand Bourse*. Sorridente e fresco no seu posto, o porteiro disse, entregando-lhe as chaves...

— Já podem subir. Os quartos ficaram intactos...

Parecia-lhes um sonho! Subiram, levados mais pelo assombro do que pelo ascensor. O *boy* sorria-lhes, indulgente. Um lindo sol banhava o sexto andar, de que ardera apenas a metade oposta àquela. Pela brecha que tinha aberto na metade inferior da porta, e que deixava entrar até ao corredor a luz enternecida e calma da manhã, o pintor pôde ver as suas malas, a cama intacta, tudo nos seus lugares...

— Olhe o que eu fiz, — disse êle rindo — para tentar salvar as minhas coisas!

Apetecia-lhe agora ficar ali. Nunca o *Grand Bourse* lhe parecera tão hospitaleiro, tão alegre o quartinho. Mas era impossível, assim lhes disse o empregado que os acompanhava. Refrescaram-se um pouco, e em seguida desceram ao café para refazer as fôrças, que tanta agitação e felicidade tinham gasto um pouco.

Excitado e cheio duma ternura que o sufocava, o pintor declarou que queria fazer o retrato de Claire, o seu primeiro. Sentia-o nos dedos: os traços, as tintas, a fluidez das formas, a sedução misteriosa do olhar... Todo êle vibrava de seiva, de anseio, como nunca. Mas não ousava ainda propôr-lhe o nu — contentava-se em

dizer-lhe que a via em trajos anamitas, numa atitude hierática, o busto direito, as mãos cruzadas (só as pontas dos dedos) sôbre o seio, e o olhar..., o olhar teria a expressão intransigente de ódio e volúpia mística que ela tivera no momento em que... Interrompeu-se e, erguendo os olhos para a amiga, surpreendeu-a a fitá-lo por entre as pálpebras meio cerradas, com um ligeiro palpitar das narinas.

— Que tens? — disse êle. — Em que estás a pensar?

Inquieto, receando tê-la ofendido, inclinou-se para a frente, estendeu-lhe a mão por cima da mesa. No seu espírito misturavam-se confusos sentimentos, receio e esperança, remorso e fervor... Ela disse devagar, sem o desfitar:

— Acho inútil fazer projectos. Pode ser esta a última vez que nos encontramos. Mas não queria dizer-te adeus sem te prometer que não esquecerei...

Ele protestou, desolado e aflito, segurando-lhe as mãos. Por que havia de partir já? Em que século viviam, que ela não era senhora dos seus atos? Ou tinha esperança de fugir tão breve, que...

— Schut!... — fêz ela. — É melhor não falar nisso. Saio de Bruxelas daqui a meia hora. Não sei se voltarei. Daqui a um mês... Quem sabe? Tudo pode mudar dum instante para o outro!

Tinha planos, deveres. E embora os seus olhos parecessem lânguidos, em cada fino traço do seu rosto havia uma dura resolução. Pediu-lhe que a não seguisse, que prometesse não a procurar, não intervir na sua existência: qualquer acto impensado podia ser-lhe fatal a ela... Seria ingrato, se à confiança que nêle depositara respondesse com a indiscreção. Sentimental, o artista sentiu que o coração lhe golfava uma onda de melancolia, de solidão, de irremediável, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Através delas reviu confusamente, já com saudade antecipada, a expressão de ódio, aquêles seios agudos, o corpo delgado, quási in-

fantil, mas resistente como aço, o cabelo sôlto, o silêncio do seu abandono... Claire ergueu-se:

— Mas eu vou escrever-te em todo o caso. Vou tentar... Passa duas vezes por semana na posta restante.

— Claire! — disse o pintor, e sentiu que titubeava, — Não podemos separar-nos assim. Mal tivemos tempo de nos conhecer, e já... Por que não ficas comigo? Por que não foges? Por que voltas para a tua prisão? Eu tenho algum dinheiro, tudo se pode arranjar. Vamos para onde tu quiseres. Quem podia encontrar-te?

A mão delgada da anamita apertou-lhe com violência o pulso. Os olhos dela, dilatados, tinham um brilho ardente e duro:

— Não, não... Não me enfraqueças, não me tires a coragem! Tu não compreendes, tenho o meu filho... É um anamita, um verdadeiro! É preciso esperar. Quero levá-lo comigo, para o meu país. É demasiado cêdo. E estou vigiada, entendes tu? Tenho de inspirar-lhes confiança, guardar certas aparências... É lá em baixo que a vida me espera, — a vida e a luta!

— Claire, — disse êle vencido, engolindo resolutamente a mágoa. — Seja como fôr, hã, não sáias dêste país sem mo dizer. Com tempo. Quem sabe lá... O oriente!

— Não, — disse ela com doçura e um sorriso de piedade, que o confrangeram. — Tu não irias. A ti nada te espera lá em baixo... Demasiado dura, a luta! E depois, tu és um artista, e amas demasiado a vida, as mulheres, para seres um verdadeiro lutador!

— Claire! — gritou êle, ferido em pleno peito, apanhado a descoberto!

— Perdão! Não falemos mais nisso... Adeus!

Viu-a partir sem olhar para trás, caminhando com firmeza e graça ao longo do passeio. A solidão pesou-lhe logo de insuportável sôbre o peito. O seu primeiro impulso foi fazer as malas e abalar dali para Paris, vadiar sem destino, ver amigos, recalcar a dor, sublimá-la em confidências, literatura, Dubonnets e *whiskey*... Re-

teve-o atrás a esperança das notícias dela. Mas nessa mesma tarde fugiu ao centro da cidade, que lhe parecia negro e deserto, e foi viver para os altos de Forest, num estúdio de aluguer. Pelo menos (dizia consigo) conseguira libertar-se da tirania do hotel, ver-se de novo numa atmosfera propícia ao trabalho.

O estúdio constava duma sala bastante vasta, amansardada, aquecida por uma grande *poêle* de aço negro, com um divã, alguns móveis muito modestos, e um tapete no fio. A luz, uniforme e calma, vinha directamente do céu sempre cinzento, através dum grande vitral inclinado. Havia, ao lado dêste, uma pequena janela de sacada. Sentiu-se ali numa solidão mais confortável, mais pessoal.

Três dias depois, no guiché da Posta Restante Central deram-lhe, com outra correspondência, a primeira carta dela. O papel era azul, e a tinta verde. Talvez demasiado vistoso, mas ela tinha uma decidida preferência pelo azul. Abriu-a com pressa. A letra de Claire, como as suas mãos e os seus olhos, tinha uma finura penetrante. Às palavras animadoras e às expressões de bom-humor, misturava queixumes de exilada, invectivas contra a pátria madrasta. Continuava a esperar a hora da desforra. «Não me escrevas (dizia). Nenhuma carta tua chegaria às minhas mãos. A estação mais próxima do correio fica a três ou quatro quilómetros. Há um pôsto neste logarejo, mas não me sirvo dêle para não dar nas vistas. Assim, ficas sabendo que cada carta que te escrevo, são seis ou sete quilómetros de passeio, com bom ou mau tempo!...».

Com que ardor êle teria logo respondido àquele sacrifício, que lhe engrossava o coração no peito. Mas nem uma palavra de amor, como se entre êles nada tivesse havido. Era a carta duma amiga, íntima, confiada e ardente, e nada mais. Não falava do filho. Não indicava o nome do lugarejo, o carimbo do correio era absolutamente ilegível, algum nome flamengo que êle em vão tentou soletrar.

As semanas correram, naquela ociosidade cheia da imagem dela, e as cartas caídas com matemática regularidade, sempre ardentes e apaixonadas, cheias do mesmo ódio sagrado, no papel azul, na tinta verde, na letra tão uniforme e regular, que comparando os envelopes êle poderia dizer que eram litografados. Nunca indicava o enderêço, nem o pintor fêz nunca um esfôrço para o descobrir. Nem mesmo, sabendo que qualquer funcionário lhe podia ter decifrado os borrões do carimbo, procurou indagar no correio. Não sabia por que o não fazia. Talvez por fleumatismo. Ou por lealdade. Aceitava naturalmente a reserva da amiga; quebrá-la, teria sido transgredir a sua própria regra. Por outro lado pensava, quem sabe que desagradáveis surpresas reservaria o «mistério» daquele isolamento? Tentando desvendá-lo, não descobriria qualquer coisa mais, que ela não quisera revelar-lhe, talvez para o não desiludir? Quem sabe se tudo aquilo não passava de fantasia? Receava mesmo uma decepção, alguma surprêsa que o fizesse recuar. Seria melhor não procurar saber, contentar-se com a ilusão. Tudo isso poderia precipitar a quebra prematura, a separação definitiva. Habituado, por último, a receber os benefícios da sorte como excepção, nunca perguntava de onde lhe vinham. Com tudo isso, talvez, a sua cobardia ou pusilanimidade, mascarada de discreção, de lealdade...

Limitava-se pois a olhar o carimbo ilegível, e a inquirir de si mesmo como era possível viver privada de correspondência e de convívio humano. Ele mesmo deixara de aparecer aos compatriotas, fugindo a confidências degradantes e a remoques indiscretos. Pouco fazia, percorria as exposições, pensava e lia nos cafés, e esboçava retratos dela, de memória, em papéis de acaso, que rasgava logo, desiludido.

Iam decorridos quási dois meses quando, um dia, ela lhe anunciou que voltava à capital, e passariam algumas horas juntos.

Aquêle encontro foi uma embriaguez, a que não

faltou sequer o *bitter* das lágrimas. Claire estava mais pálida, mais aguda, e, para além da sua placidez, adivinhava-se um crescente nervosismo.

— Não me é fácil continuar a escrever-te, — disse ela, passadas as efusões, e chegado o momento inquieto das palavras. — Os meus frequentes passeios estão despertando as atenções e temo que as cartas nos sejam interceptadas. Recebeste algumas em branco?

— Recebi-as tôdas, numeradas. Não em branco; em *azul*...

— A pobre mulher em casa de quem vivo não me pode ajudar. Pediu-me que a não desgraçasse. É obrigada a fazer relatórios às autoridades. Eu sou um elemento suspeito, vês tu. Coisas do senhor meu pai!

— Não poderia eu ir ver-te? Não digo visitar-te, mas encontrarmo-nos em qualquer parte, de noite, numa floresta, seja onde for...

— Impossível! Esqueces que estamos no inverno. E o lugar é isolado. A tua presença seria logo notada. Se te interessas a valer por mim, deves lembrar-te que é por favor que não estou numa prisão...

Este argumento deixava-o sem ânimo para insistir. Ela percebeu e tentou consolá-lo:

— Talvez mais tarde. Tudo é possível... Dá-me tempo para resolver.

Consentiria ela em associá-lo às suas aventuras? Estava pronto a largar tudo, a enrolar a tenda e partir... Julgando surpreendê-la num momento de fraqueza, de transigência, menos inflexível, apertou-lhe as mãos com entusiasmo, cobrindo-lhas de beijos:

— Claire, de qualquer maneira, eu quero estar contigo, ao teu lado. Irei contigo! Lutarei contigo! A tua falta de confiança ofende-me. Posso arranjar algum dinheiro, sabes tu? Vendo umas coisas que tenho lá para as serras. E estou pensando em trabalhos, numa exposição... Sinto que começo a estar em condições... Iremos juntos para a tua terra. Hã? Apesar de tudo, até hoje nunca falámos de amor: posso dizer-te que te amo?

Era sincero. Mas seria forte o bastante? Claire poisou-lhe os dedos nos lábios. Houve um instante de silêncio, e no langor dos olhos dela, no palpitar ansioso das suas narinas, o artista julgou entrever um comêço de confiança. Beijou-lhe os dedos que lhe fechavam a bôca e murmurou:

— Oh, Claire! Até ao fim do mundo...

— Impossível! É melhor não falarmos de amor. E depois ...tu não irias. É demasiado para ti. Eu sei! Não insistas. É preciso pensar com sinceridade...

Apertou-a nos braços, talvez para se proteger da sua própria fraqueza. Ficaram assim algum tempo.

— É talvez esta a última vez que estamos juntos. — disse ela, quebrando o silêncio. — Se suspeitam de mim, são capazes de me levar o filho para França. Preciso tanto dêle!

Repousando nas do pintor, as suas mãos tinham às vezes pequenas crispações, estremecimentos que o confrangiam. Dentro dela, era evidente, travava-se uma luta. Mas ao mesmo tempo que desejava libertá-la do conflito, ganhando-a pelo amor, êle receava tornar apenas mais violento, mais doloroso, o seu debate de consciência. Ficou pois calado. No fim, Claire voltou para êle os olhos banhados de tristeza e murmurou:

— Homem branco...

Agarrou-o pela cabeça e beijou-o demoradamente na cara tôda, nos olhos, na bôca. Pela primeira vez, ele sentiu que ela tinha o rosto molhado de lágrimas.

VI

As cartas rareavam, extinguiram-se pouco a pouco. Finalmente, o pintor continuou a visitar o guichet da posta restante, por onde lhe chegavam jornais, revistas, cartas.

— E nada mais? Um envelope azul?

— Nada mais.

Durante as primeiras semanas julgou que não podia resistir àquilo, que ia ficar sem coragem para nada, estéril, insatisfeito, sucumbido. Ou que ia fazer fôsse o que fôsse, uma loucura, para tornar a vê-la. Mas as suas fôrças de adaptação ao sofrimento eram maiores do que êle supunha; por outro lado, o seu amor à vida e à arte era demasiado grande para lhe permitir abandonar-se ao desespêro; maior talvez do que a coragem de afrontar perigos ignorados... Também lhe foi de muita ajuda certa reserva de cepticismo, ou de cinismo, que existe no coração de cada homem: perguntava-se às vezes com sarcasmo se não teria sido burlado, iludido no seu entusiasmo de neófito. Não seria tudo aquilo uma invenção de aventureira? E apesar de tudo, ela nunca lhe tinha dito, nem escrito, uma palavra de amor. Essa dúvida foi a defesa inconsciente dêle, salvando-o de cair na amargura, ou de tentar romper o mistério de que a amiga se rodeava.

Produziu-se nêle uma reacção saudável. Perto de sossobrar numa aventura romanesca, que lhe impregnara a existência até ao âmago, e embebera de afecto cada lugar e cada coisa a que estava associada, o pintor encontrou enfim no trabalho, na acção, o escape para a sua tremenda carga afectiva. O sofrimento, em vez de o paralisar, estimulava-o. Respondeu com esfôrço e galhardia ao golpe da sorte, extravertendo assim os afectos, com a alegria de algum modo sarcástica de quem se flagela. Pôs-se a pintar heròicamente as figuras do povo, a gente das *Halles*, que ia observar de madrugada, às horas da grande lida; os operários da Rue Haute e da Rue Blaes, os *marchands* da praça de la Chapelle, os estivadores dos cais. Frequentava as *brasseries* populares, os lugares de reunião, os cafés dos exilados, St. Josse, Schaerbeck, o *Cabaré* dos Artistas. Ouvia os poetas, cheios de audácia, e bonomia. Lia revistas e jornais, e visitava exposições. Uma existência solitária, fecunda de emoções e de trabalho. A vida dos homens e a na-

tureza enchiam-no de entusiasmo. Caminhava longas horas sòzinho, em cabelo e à chuva, a Tervueren e Waterloo, respirando o aroma e a humidade magnífica dos campos, dos bosques e das águas, e pintava com um sentimento novo e surpreendente da gente e das coisas (que pareciam enfim tornar-se-lhe íntimas), uma espécie de paixão contida e de transporte, que eram, sem o êle saber, a torrente de libertação dos seus afectos, do seu remorso de a não ter seguido no sacrifício, das dúvidas que o torturavam.

Com efeito, sem ser fácil, sem cair no virtuosismo, a sua pintura ganhava de dia para dia em consistência, interioridade e significação. Sentia que vencera inesperadamente uma etapa. Isso, que nunca experimentara dantes, inebriava-o, dava-lhe o sentimento de que era enfim pintor, maduro. Vivia pintura. Côres e formas, nas suas telas, já não eram puro jôgo de cores e formas: constituíam um mundo novo, sugestivo e caloroso, onde lhe apetecia entranhar-se e viver. Era êsse poder de sugestão da pintura, essa segunda realidade, o «mais-além» que só as grandes telas revelam, o que desde criança o seduzira e fizera dêle um pintor. Tôda a sua experiência daqueles dois anos, como a do passado, revivia nas telas, impregnava-as de invisível existência, punha-lhes sangue, história, dinamismo. Projectava nelas uma espécie de quarta dimensão — a do seu próprio movimento. Os seus quadros tornavam-se, sentia-o bem, a fusão progressivamente mais íntima do *eu* e do *não-eu*. Dessa maneira, a sua arte oferecia um realismo profundo, que nada tinha em comum com o «realismo» dos visuais, dos imitadores da natureza, pintores da aparência, cujo têrmo de evolução é a fotografia a côres, — mas era antes o realismo dinâmico e profundo, que transfigura o mais simples objecto no seu devir; que pinta, com êle, a sua história e o seu futuro. Cada coisa que pintava concentrava e reflectia, como uma luz misteriosa, a vida que a rodeava, que a precedera; era um momento de ansiosa quietação, entre o passado e o futuro.

A natureza morta e os interiores (coisas que tinha odiado) alcançaram sob os seus dedos o poder de intimidade, a quietude, a expectativa, o silêncio dos interiores flamengos, o carácter dos velhos retratos de família. Um recanto de antiga rua deserta, um cais abandonado, uma vidraça que de repente se ilumina de dentro ao anoitecer, um silêncio de águas num bosque — tudo nas suas telas adquiria a vida, a independência dum mundo em si. Para além da moldura, sentia-se que a pintura continuava... E em tudo havia, mesmo nas cenas desertas, uma indizível presença de vidas, de humanidade, de tensão interior.

Os seus quadros (dizia-lhe um jóvem poeta, que êle convidara a visitar o estúdio) *aconteciam*: nêles, a noite anoitecia; a manhã amanhecia. «Veja êste velho *percheron* atrelado à carroça: envelhece, vê-se morrer, a cabeça pendente. Dir-se-ia que vamos aqui ficar à espera que êle se acabe... Esta feira à luz da madrugada (é Merxplaas, não é assim?), dorme exausta, prostrada de miséria e amargura na praça pardacenta... Esperamos que os acrobatas despertem? que o *carrousel* se ponha a girar com o seu brilho de espelhos embaciados, o seu silvo de acetilene, a sua música anelante, a galope, aos olhos espantados dos garotos? Apetece ficar diante dos quadros, à espera que êles aconteçam...»

A vida dos seus *forains*, dos seus barqueiros errantes, tinha a humidade das noites nos arrabaldes, ou ao longo dos canais quietos. Uma criança que espreitava à janela da câmara duma barcaça amarrada a uma comporta, erguendo a cortininha arrendada, tinha nos olhos a tristeza e o sonho das infâncias errantes, a melancolia das águas espelhantes, do anoitecer solitário e prematuro da campina flamenga. A sua Bruges, por exemplo, olhá-la dava frio, abandono e antiguidade; as tôrres das suas catedrais, dos seus *beffrois*, soavam horas lentas nas tardes forradas de recolhimento. Pintava muitas vezes de memória, auxiliando-se de esquissos leves, de frases

rápidas que registava à margem dos apontamentos, com um penetrante sentimento retrospectivo das coisas.

Viajava, visitou museus e galerias da Bélgica, da Holanda e da Alemanha; vivia sòbriamente, calado, com paixão, e deixara de ver os compatriotas, que imaginava sempre agarrados como carrapatos às suas preocupações culinárias e comerciais, à sua conversa fragmentária, anedótica, incoerente, que o irritava e fatigava, na tensão unânime de sentimentos e acções em que vivia agora. Para melhor conviver nas pessoas e nas coisas — para revivê-las, como dizia — era-lhe indispensável um relativo isolamento. A demasiada intimidade, a excessiva aproximação destruíam-lhe as perspectivas: nisso, como no mais, a árvore escondia-lhe a floresta... Na sua preferência por quanto traduzisse um sentimento de refúgio ou solidão, receava por vezes descobrir alguma coisa de amargo e doentio; mas isso era talvez um passageiro estado de alma. Encontrava um saboroso isolamento nas suas divagações, apenas cortadas por conversas de acaso com desconhecidos, gente de trabalho, hospitaleira, ou nos encontros sóbrios com dois ou três artistas e poetas, amigos do cachimbo, da natureza e da reflexão. Na sua repetida vagabundagem pela campina flamenga, e ao longo da costa baixa e triste, surpreendera, guiado talvez pela leitura dos poetas, um sentimento novo, que não se fatigava de pintar: cabanas isoladas nas dunas estáticas, sob céus enormes ou entre pinhais rasteiros; águas mortas, mares insuportàvelmente ásperos e cinzentos (apenas uma vela ansiosa rastejando ao longe), ou um vôo migratório de pássaros num céu verde de agonia... E figuras solitárias, gente do mar, colhendo destroços ou moluscos na praia cinzenta, olhando em silêncio o horizonte, ou parecendo escutar vozes secretas na areia surda. Seres humanos, em suma, no convívio da natureza.

Tinha acumulado pouco a pouco um grande número de telas, todo o material para uma exposição. Gostava francamente do que fazia. Alguns artistas e

poetas seus amigos animavam-no a expor. Mas o óleo acabara por se tornar incompatível com o seu estado de espírito: parecia-lhe demasiado macio e flácido; faltavam-lhe a secura, a brevidade, os contrastes das águas-fortes, das «maneiras», para as quais se sentia apto e maduro, atraído fìsicamente como o oleiro para o barro. Era talvez a escultura que no fundo o seduzia: o esfôrço de erguer pelas suas mãos a forma, de sugerir a côr sem côr, e a vida sem vida, Para isso, precisava porém de libertar-se das telas, dos pincéis, de tanta obra que lhe atravancava o caminho, amontoando-se no estúdio que já lhe parecia acanhado.

Uma coisa, porém, o impedia de abandonar os pincéis, e obstava a que êle organizasse a exposição: não queria pôr de parte a paleta, ainda que provisòriamente, sem ter o retrato de Claire. Prometera-o a si mesmo, e por absurdo que isso parecesse (tanto mais que nunca ensaiara o retrato), vivia à espera do dia em que, entre duas naturezas-mortas, entre dois ângulos de ruela medieval ou as névoas dum cais, a imagem da amiga lhe saltasse dos dedos. Ria-se às vezes da sua obsessão, pensando na *Madona* do Fialho, cujo pieguismo decadente e boémio o tinha sempre revoltado, com a sua tonalidade de impotência provinciana e de nevrose postiça. Mas todo o trabalho lhe parecia inútil sem êsse remate, que fôra o seu comêço.

Através de tudo, cem vezes tentara em vão realizar o retrato de Claire. Tinha-a viva no espírito, nos nervos e no sangue, mas as suas mãos recusavam incompreensìvelmente obedecer às imagens que acarinhava. Rasgava e destruía as tentativas, umas atrás das outras. Dias seguidos, semanas e meses, obstinado, de dentes cerrados, trabalhava por «achá-la». Poderia arrancá-la dos sentidos, transportá-la enfim na tela? ...

Perto de ano e meio tinha corrido desde a última carta, quando os jornais um dia começaram a falar da agitação que, de novo, reinava na Indochina francesa:

os camponeses anamitas recusavam pagar os impostos; os agentes do govêrno eram assaltados e roubados; depois, um residente era atacado e morto, em casa, no escuro da noite tropical; uma aldeia erguia-se em armas, os camponeses abandonavam as culturas e as povoações, refugiando-se na floresta impenetrável, para melhor esquivar os ataques e apanhar de surprêsa as tropas desprevenidas. Uma expedição punitiva fôra assim, inglòriamente, aniquilada numa armadilha dos revoltosos.

O incêndio alastrava pouco a pouco, e a insurreição geral estalou por fim pondo o Anam a ferro-e-fogo. O govêrno francês, alarmado, tomava severas medidas repressivas. As aldeias, onde só restavam mulheres, velhos e crianças, gente indefesa ou inútil para a guerra, eram bombardeadas, metralhadas do ar, destruídas, arrasadas, e as clareiras das florestas cobriam-se de destroços fumegantes, de ruínas, por entre as quais vagueavam feras.

O pintor lia os jornais ansiosamente, procurando um rasto dela. Metido no estúdio, percorria-os horas seguidas, da primeira à última linha. Mas em vão. A escassez e laconismo das notícias enchiam-no de desânimo, e abandonava-os, cansado. A inquietação roubou-lhe a energia para o trabalho, e sentiu que recaía na antiga irresolução, vasio e saturado de tudo, ao mesmo tempo. A impotência mental ameaçava-o de novo: sentia-se incapaz de tomar a decisão mais insignificante, como engraxar os sapatos ou cortar as unhas, — sabendo embora que, num momento impossível de prever, uma resolução irracional, invencível, o atiraria para qualquer coisa ou para qualquer parte. Tinha mêdo dos seus impulsos.

A pureza dos sentimentos, a abstinência amorosa em que vivera todo aquêle tempo, entregue ao seu trabalho, começou a pesar-lhe como um crime, uma vergonha. Tinha um desesperador sentimento de inutilidade, uma ausência total de apetites, de desejos, de gôsto de viver.

Receava o contacto das mulheres, còrava, titubeava, fugia-lhes, quando alguma lhe dirigia a palavra no *boulevard*, um simples olhar de convite. Dormia mal, sonhava confusamente, acordando fatigado e desgostado da vida; sofria de hesitações, de ligeiras fobias, esquecia-se das chaves, do dinheiro, de nomes, de endereços. Tinha dores vagabundas pelo corpo, respirava por vezes com dificuldade, e com isso vieram-lhe idéias de doença, de perigo.

Entre os muitos sonhos inquietantes que lhe perturbavam o repouso, e lhe tornavam já odiosa a cama, perguntava a si mesmo por que razão nunca «via» Claire, se ela era a preocupação dominante da sua vida consciente. Mas parecia que a imagem dela se esquivava teimosamente, se ocultava nos recessos mais obscuros do inconsciente... Seria um esfôrço para se desembaraçar dela? Ou procurava evitar assim o choque emocional de *vê-la*, a responsabilidade de assumir em sonhos uma atitude, de lhe atribuir a ela uma atitude qualquer?

Uma noite, porém, conseguiu fazer um sonho de estranha clareza e realidade: Claire estava de regresso a Bruxelas, como se nada tivesse acontecido; encontravam-se no estúdio de Forest, amavam-se com delírio, e, a certa altura, cheio de verve e de paixão, êle gritava-lha que ia enfim fazer-lhe o retrato, e atacava-o com fogosidade. Tinha-a diante de si, no silêncio e intimidade do estúdio, como sempre a imaginara — nua, viva e palpitante, o busto erecto e os seios agudos, sentada como um ídolo sobre os calcanhares, as mãos pùdicamente cruzadas sôbre o peito... A emoção que o tomou foi tão violenta, que o despertou: convulsionado e exasperado, arrebatado de sofrimento e gôzo, possuído da sugestão do sonho e da dor de o perder, atirou-se do divã abaixo, chorando violentamente. Ainda estava escuro. Acendeu as luzes e, sob o impulso veemente e orgânico do sonho, ainda trémulo e ardente de desejo, sentindo-se debater-se sob o seu abraço, pôs-se a pintar cheio de febre e sofrimento. Misteriosamente, as suas

mãos tinham readquirido a memória dela: dos nervos, da carne, do corpo inteiro; como uma secreta energia desencadeada, a memória dela escoava-se-lhe finalmente pelos dedos, num fluxo torrencial e criador. Um amargo desespêro arrancava-lhe às vezes um soluço: sentimento de a ter perdido, desejo de atraí-la, de conservá-la ao menos como imagem. Claire foi saindo da tela, como do véu de chumbo dum pesadêlo...

Durante alguns dias não saíu de casa, não quis ver ninguém, comendo apenas o que a patroa, tìmidamente, lhe depunha à porta do quarto numa bandeja. Viveu êsses dias todo entregue à violência do seu sonho materializado. Não ousou, porém, pintá-la como a tinha sonhado, nua, talvez por pudor dela.

Acabado, o retrato tinha um extraordinário poder de sedução, evocador. A face pálida de Claire brilhava estranhamente no azul metálico do abrigo. As suas mãos tinham a crispação ansiosa que ele sonhara, — só as pontas dos dedos cruzadas sôbre o seio — e os olhos eram bem os dela, agudos, penetrantes, implacáveis... As suas narinas palpitavam, e tinha os lábios cerrados numa expressão de sofrimento e de invencível energia. Mas no conjunto, desprendia-se do retrato uma angústia, uma inquietação, um mudo apêlo, que subjugavam e confrangiam. Não era a anamita, era o sonho dela, a sua alma, a sua íntima realidade.

Daí a duas semanas inaugurava a exposição na galeria do Centauro, à *Porte Louise*. Um dos poetas seus amigos escrevera palavras cheias de fervor para o catálogo. O retrato presidia à exposição com esta simples legenda: «L'Annamite». O êxito ultrapassou quanto êle esperava. O retrato, que contrastava tão estranhamente com tudo o mais, causou enorme sensação. Atraíu gente, foi fotografado, reproduzido em revistas, celebrado. A anamita exercia através dêle a sua fascinação sôbre o público. Os acontecimentos recentes da Indochina davam-lhe o relêvo, a actualidade que distingue e consagra as obras duradouras.

O pintor estava quási arrependido, escandalizado com aquêle êxito: Não era aquilo especular com os seus próprios sentimentos? abusar do sigilo que ela pusera nas suas relações efémeras? Mas que havia nisso de censurável? Claire tinha desaparecido do seu horizonte. Era talvez uma cabotina, uma aventureira vulgar, espectaculosa, que o exaltara com os seus mitos, desde o passaporte à história das revoltas e do filho. E de resto, era o seu próprio sonho que ali estava na tela, chamando as atenções, atraíndo elogios e admiradores. Ela não tinha nada com isso. Um artista, pode fazer o que quiser com o seu sonho, pois não é assim? Como retrato, aliás, (pensava êle fumando cigarros consecutivos) aquilo deixava muito a desejar; quási o surpreendia o fervor das admirações...

Todos êsses pensamentos não bastavam para o consolar de alguma coisa que sentia ter perdido. Materializado, o sonho abandonava-o, fugia-lhe, tornava-se-lhe estranho. Parecia-lhe que Claire lhe saíra do sangue, para não voltar mais. Alienara-a, tornando-a um simples objecto de admiração. Aquêle retrato era o desfecho duma fase da sua vida, a mais impetuosa, criadora e rica da sua mocidade, o seu comêço. Um tempo decisivo. Que viria depois? Sentado num canto da sala, ouvindo o murmúrio dos comentários e o ranger do *parquet* sob os passos cautelosos dos visitantes, abandonava-se a longas reflexões, e sentia-se como alguém que velasse o seu próprio cadáver. Abafava como numa cripta. Punha o chapéu, e ia espairecer para longe dali.

A exposição durou dez dias, e êle vendeu um número considerável de telas. Um *marchand* perseguiu-o durante uma semana para lhe arrancar a Anamita, pela qual um cliente estrangeiro oferecia uma soma de respeito. Mas recusou ceder o quadro, mesmo ao Museu de Arte Moderna, que lhe propunha a consagração dos catálogos oficiais. A consagração e o dinheiro interessavam-lhe menos do que a reflexão. Levou-o para o estúdio, e pendurou-o por cima da chaminé, dominando o interior.

VII

Esquecido o triunfo efémero da exposição, o pintor sentiu-se paralizado, átono, vasio. O material para a gravura esperava-o; tinha encomendas, propostas, tempo e dinheiro, mas sentia-se sem fôrças para meter mãos à obra. O rumor da insurreição na Indochina tinha-se extinguido. A crise voltava, depois do intenso esfôrço daqueles meses, com o desgôsto de si e de tudo; um incoercível sentimento de desvalorização da vida. Não sabia que surpresas lhe reservava essa atonia. Voltou pelos cafés, tornou a ver os compatriotas, que o tomavam muito mais a sério desde que o nome dêle viera nos jornais (era uma «glória nacional»), e chegou mesmo a contar-lhes a dolorosa aventura do *Grand Bourse,* tal era a necessidade que tinha de esperança, de convívio, de eco. Êles riram muito, e como se isso fôsse extraordinário, caíram-lhe em cima às palmadas e aos brados:

— Êle gostava dela! Gostava dela!

Mas tudo aquilo começava realmente a parecer-lhe extinto ou imaginário. Recaíra por completo numa existência vegetativa, os mesmos anseios sem febre, os mesmos marasmos, uma ponta de cinismo, amores de *boulevard,* e no fundo de tudo o desejo de partir, de regressar às calçadinhas soalhentas e hospitaleiras de Lisboa, à morrinha da Foz, ou então de empreender uma viagem sem destino, com escala por todo o mundo. Na posta-restante nunca mais houvera nada. Ela não tinha tornado a escrever. Teria realmente partido? Às vezes rebelava-se contra a sua obstinação: parecia-lhe mania literária. Tudo teria sido um *bluff* que êle tomara a sério para poder crer nalguma coisa, pela necessidade de se excitar para uma obra... Ou, se realmente partira, — na solidão, na luta, na sua pátria oprimida, talvez na prisão, — teria ela pensado alguma vez na sua oferta impulsiva — «Por tôda a parte, seja como for...» — ? Tudo vogava numa atmosfera de dúvida. Quando re-

gressava a casa, depois das noites mercenárias, o próprio retrato lhe parecia distante, vasio de significação. Ficava muito tempo a olhá-lo, interrogando-se e interrogando-o. E parecia-lhe obra de outro pintor!

Só não se apagara a memória daquela chama vibrante e clara, o corpo quási infantil, os seis agudos, o ódio penetrante e firme, que o contagiara e lhe deixara o fogo latente de outras revoltas e anseios...

Ora uma tarde, voltando ao estúdio, disse-lhe a patroa:

— Está lá em cima um cavalheiro à sua espera. Há mais de uma hora.

O pintor galgou de corrida os dois andares, ansiando por qualquer coisa de novo. Quando abriu a porta do estúdio, viu um homem alto, de escuro, com as mãos cruzadas atrás, imóvel em frente da chaminé, olhando o retrato de Claire. O homem voltou-se ao ruído da porta e durante instantes os dois fitaram-se em silêncio. O sujeito não lhe era desconhecido: talvez da exposição, devia ser isso. Seria aquêle cliente que... Era um velho magro e robusto, de aspecto severo, com um pequeno bigode em escôva, e punhos engomados, em cilindro, — um autêntico francês. O coração do pintor pôs-se a bater.

— *Monsieur,* — disse o velho inclinando um pouco a cabeça — tomo a liberdade de me apresentar: Joseph-Marie-François de Laséillère de Bouillançon...

As pernas do pintor tremeram. Convidou o outro a sentar-se, com um gesto, e sentou-se êle mesmo num pequeno tamborete. O comandante apontou o retrato e com um sorriso quási imperceptível murmurou:

— Suponho que, nem mesmo agora, quereria vender-me o retrato da minha filha... Encarreguei um *marchand* de lhe oferecer o que pedisse por êle, e recusou sempre... Compreendo que tenha interêsse em conservá-lo! Mas descanse, não vim aqui para regatear!

O pintor tentou sorrir, e murmurou qualquer coisa que êle mesmo não entendeu.

— *Monsieur*, — tornou o velho com severidade. — Durante muito tempo as circunstâncias forçaram-me (assim julgava eu) a pôr os meus deveres de soldado e cidadão acima dos meus sentimentos de pai. Hoje, demasiado tarde, *hélas*, tenho a fraqueza de colocar o pai acima do soldado... Um velho pai solitário, acabrunhado de desgôsto.

O pintor acendera um cigarro para disfarçar o nervosismo. Com os olhos semi-cerrados, espiava o velho por entre o fumo. Que queria êle? Que vinha ali fazer? Saber de Claire? Dar-lhe notícias? Aquêle preâmbulo pareceu-lhe dum rídiculo suficiente. Mas a dor do velho era evidente na voz quebrada, na fisionomia subitamente amarfanhada.

— Sabe decerto que Claire-Angelus fugiu à nossa vigilância, e embarcou para o Extrêmo-Oriente, para juntar-se aos rebeldes?... Não lhe roubo tempo com êsses detalhes.

— Não, não sei nada a tal respeito, — atalhou vivamente o pintor, atirando o cigarro fora.

O comandante olhou-o durante instantes, como se quisesse compreender, e continuou:

— Claire tomou o comando dum grupo de rebeldes, sob um nome de homem, anamita. Feita prisioneira já no fim da campanha, foi julgada e...

Houve uma curta pausa, durante a qual o pintor fitou desesperadamente o tapete gasto, apertando os dentes para não gritar, suplicando *outra* verdade...

— ...foi-lhe feita justiça. Morreu corajosamente. Como outrora os de Laséillère costumavam morrer... mas ao serviço da França, não contra ela.

O artista sentiu que o estúdio se punha a girar vagarosamente em volta dêle. Não via o velho, duvidou por instantes da realidade. Sentia-se estúpido, fraco, sem uma reacção profunda... Ergueu os olhos para o retrato, implorando-o Na tela, o olhar de Claire pare-

ceu-lhe mais ansioso, dir-se-ia que ia falar, interpelá-los, negar a morte... A voz do velho chamou-o a si:

— No dia em que recebi a notícia, pedi a minha demissão. O pai dum traidor não tem direito à honra de servir a França... O nome dos Laséillère de Bouillançon acabará comigo, e a França nada perde com isso. Compreende-me bem? Mas gostava de saber do meu neto, que ela levou...

Em seguida o comandante tirou dum bôlso um envelope e acrescentou:

— Minha filha escreveu-me do presídio militar, pouco antes de ser fusilada. Duas palavras apenas, dizendo-me o que se passava, e pedindo-me que o procurasse e lhe fizesse a entrega desta carta. Procurei-o perto de dois meses. Foi a exposição que me guiou até aqui. Já desesperava de o encontrar...

O pintor rasgou o envelope, que vinha lacrado. A mesma letra aguda e firme: só o papel, ainda azul, parecia amarrotado, manchado de suor ou de lágrimas. É a tinta não era verde, mas parda ou descòrada, tinta de presídio... Dizia assim:

«Querido:

«Foi talvez um mal ter vindo. Foi-o com certeza não ter esperado que viesses, não ter aceitado a tua oferta. Não te julguei bastante forte. Agora é tarde. Obrigada, por teres respeitado o meu segrêdo! Mas neste instante sinto a tua falta, aqui, ao meu lado. Não quero porém que sofras, se me lembras, nem que tenhas piedade, se me esqueceste. Aqui ninguém sabe quem sou. Espero no presídio militar a decisão do Tribunal Marcial, que vai ser inexorável, e ainda bem, porque eu não teria talvez mais coragem para lutar pelo meu país, nem fôrças para o ver reduzido a uma escravidão pior ainda. Quanto será preciso lutar agora! Fiz o meu dever e de nada me arrependo, embora hesite neste instante em me julgar. Desejaria que os meus últimos pensamentos fôssem de ódio e maldição para a França opressora. Mas

por baixo desta farda de homem, a mulher que sou revolta-se, e já que êsses pensamentos não podem ser para meu filho (que adoeceu na viagem e morreu de febres em Bornéu!), serão para ti, meu bom amigo, e para o que me resta da «doce França», que amo através do meu ódio. O pobre velho que me fêz mestiça, e cujo êrro paguei tão caro, te fará entrega desta carta, se algum dia te encontrar.

«Sê feliz e tem coragem, meu pintor... Que pena... tanto querias fazer o meu retrato! Nem essa recordação te resta da anamita!

«Beijo-te.

«Adeus.

CLAIRE».

«P. S. — Será tarde também, para te dizer que sempre te amei? Na minha obsessão nunca cheguei a confessar-to. Perdoa-me a fraqueza! — C.»

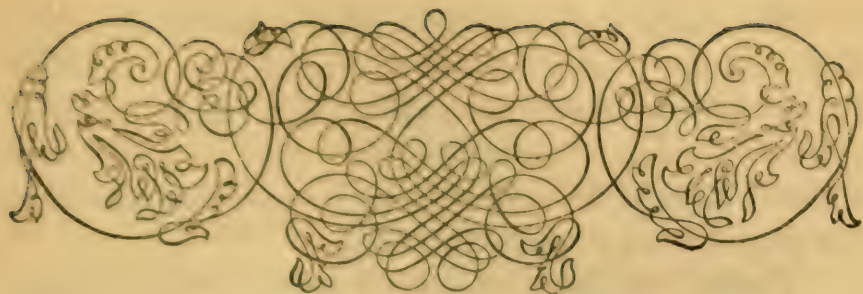
Ela fala do filho? — disse o velho com a voz alterada, erguendo-se e estendendo a mão, que tremia, para o pintor. — Ela diz onde está o meu neto? ...

O pintor tinha-se levantado, com a carta amarrotada, trémulo, ansioso por fugir, evadir-se para o bulício alegre da rua, respirar o ar fresco da tarde, viver, regressar à vida, fugir ao pesadelo... Mas não pôde responder, nem via nada, porque tinha os olhos cheios de lágrimas e a morte na alma.

(1933 e 1938).

MARIA ARCHER

Eros e Psiché

1949

Eros e Psiché

A praia é um palmo de areia encastoada entre muralhas de rocha. Rocha vermelha de sangue, rocha azul, rocha doirada. O mar é de um verde glauco e translúcido que transfigura os fundos de rochas e areia em visões de palácios submersos. O céu é um velário ensopado no oiro do sol.

Repouso na areia, ao sol, a sentir a braza que me queima a pele. No refúgio da fortaleza de rochas, face a face do mar, isolo-me do mundo das gentes. Vivo em intensidade um instante raro, idílico e primevo, em que não perco a consciência da História mas recuo, eufòricamente, talvez literàriamente, para as eras maravilhosas da Helade.

Agora, a canção do mar já não chega aos meus ouvidos num ritmo cadenciado. Já não sou o único e milagroso habitante do Universo. Quatro braços batem a água glauca, remos de marfim tostado que violam a cosmogonia oceânica. Maravilhosos braços de deuses. Eros põe-se de pé entre o rendado branco da onda. Loiro, atlético, soberbo, luzidio como o mármore polido. Trás ao ombro o corpo de Psiché. Um trofeu de guerra. Um trofeu de amor.

A chanfradura da costa atira a rocha, em dois prumos, sobre o mar. Em relação a mim, espectador, as rochas recortam um espaço, de mar e de céu limitado como um cenário.

Na crosta dura da areia úmida, resvés da onda, Eros empolga o corpo airoso de Psiché para a violência de um bailado acrobático. Força viril, deslumbradora, estatuária móbil e constante. Nas suas mãos potentes o corpo flexível da mulher é uma coisa, um objecto, é sua dependência e sua propriedade.

Psiché vem agora alongar-se ao meu lado, na areia, ao sol. Eros, atlético e soberbo, continua a exibir-se na estatuária móbil e constante. Três tábuas armadas em cavalete e salta em altura, uma vara longa nas mãos e forma saltos à vara, erguendo o corpo ao alto sobre uma linha imaginária. O dorso das ondas mais encrespadas tenta-o, repentinamente, e atira de golpe o mergulho violento que as trespassa. Volta ao areal, dobra-se, arqueia-se, estira-se, multiplica as flexões e os movimentos harmoniosos e fortes da gimnástica. Loiro, atlético, soberbo, mármore tostado e luzidio.

Psiché murmura: — Fatiguei-me...

Tem os olhos presos no deus loiro e juvenil que goza a sua própria beleza e a sua própria força. Gotas de suor marejam-lhe a pele. Respondo apenas:

— Não admira...

— Ele gosta...

— Não queiras...

— Mas quero... É a única ocasião em que lhe sinto as mãos no meu corpo...

Viro-me sobre o leito da praia, apoiando a cara no braço. Psiché, com os dedos em concha, cheios de areia, deixa-a cair, como de uma ampulheta, no ventre mal coberto pelo maillot. Uma réstea de sombra recorta a alta fímbria da rocha na orla do nosso poiso.

— Disseste?

Dentes cerrados, voz coada pela garganta contraída:

— Gosto dele... É dele que gosto, só dele, e de mais ninguém...

A sua voz apaixonada ressoa em unísono com o canto do mar. Uma voz em que se ouve, para lá das palavras, a palpitação do amor que é desejo, do amor

que comunga com a obra da criação. Reparo melhor no seu corpo moreno, delgado, obra prima de côr e de forma, na boca viva e vermelha, nos olhos enormes que a iluminam como uma chama negra. É linda. Tem a graça misteriosa da flor em botão, tem o perfume intenso da flor desfolhada.

Psiché cala-se. Mas a praia, agora, é um cofre e transborda do segredo humano e doloroso que a sua boca traíu. Um segredo em que quero mergulhar até ao fundo, seja ele abissal como o oceano. Psiché cala-se e eu compreendo que todas as palavras, nesse momento de angústia e de suspensão, são durezas de lança e asperezas de espinhos.

Brandamente, duas sílabas:

— Gelo?

— Gelo... Não há outra mulher na sua vida... Certeza absoluta... Só eu... Saimos juntos, passamos dias e dias juntos... Assim, como hoje, no campo, na praia, ao sol... Ele fatiga-se em exercícios atléticos, depois dorme...

Eu sinto-a em carne viva, dolorosa e patética, a paixão a estuar na voz profunda, na boca fremente, nos olhos fulgurantes. Falo a medo, como quem pensa uma ferida:

— Nem um beijo?

— Nem um beijo... — confessa ela, humilhadamente — Às vezes, num longo passeio, passa-me o braço pelo cintura... E é tudo... Só tenho as mãos dele no meu corpo quando me agarra no bailado acrobático...

Psiché cala-se de novo. A sombra desceu da crista da muralha e desenha, sobre o seu vulto, um recorte negro. O oiro do sol cintila, no céu azul, em tremulina faiscante. Eros, atlético e soberbo, corre a praia em vôos sobre a haste da vara, pisando a orla da espuma. É belo, é jovem, é maravilhoso como um deus.

Psiché murmura, indistintamente, mal a percebo:

— Já tem adormecido, na duna, com a cabeça em cima das minhas ancas...

Uma longa pausa. Depois:

— Mais nada... É o máximo que ele deseja de uma mulher...

Nem nos fitamos. Sinto-a mais dorida e humilhada. A aragem chega da terra, com a tarde, e cobre-nos de salpicos de areia. As gaivotas vêm em bando e riscam o céu de arabescos sem cor. Uma vela branca, ao longe, corta, como uma asa, o aro glauco do horizonte. Eros sai da espuma da onda, gotejante, luzidio e mármoreo.

Que posso dizer? Mesquinharias, vilezas do bom--senso, outros ultrages ao esplendor e à virtuosidade da dádiva amorosa? O silêncio eterniza-se entre nós, um silêncio rico de emoção, de pensamento, de intensidade dramática e vivida. Um silêncio em que os gritos das gaivotas e a canção do mar ressoam estranhamente, supliciantemente, na alma que eu abri para escutar. Mas Psiché entra num discurso sem começo que é a sequência dialogal do seu solilóquio:

— Revolto-me... Às vezes revolto-me... Se pudesse prender-me a um outro, libertar-me *dele!* Lembras-te do Bob?

Respondo vagamente:

— Tenho uma ideia... Um monumento...

Ela concorda:

— Monumental... Encontrei-o há dias, em casa da Magda... Noite de jogo, muita gente... O Bob como sempre, fantasista, vivo, brilhante... Conversamos muito tempo... Eu, sentada num maple baixo... Ele, em frente, num sofá alto... Foi-me difícil levantar-me, o maple era muito baixo... O Bob riu-se, ergueu-se lépido, pegou-me nas mãos, puxou-me num balanço leve, e eu fiquei de pé, caía-lhe na cara... Beijou-me na boca... O peito de Psiché sobe e desce no ritmo arfante da onda.

— Foi um instante... Um beijo na boca... Um instante infinito... E eu desejei, desejei desesperadamente, que esse beijo me fizesse sentir, me fizesse vibrar, me fizesse trair... Parecia-me que o Bob crescia e me envolvia toda, que cantava e me entontecia, e ele irradiava, e era um homem, um homem!... e eu sou uma mulher...

Mas o instante passou e eu fiquei fria... Gelada... Porque o beijo que espero, o único que a minha boca reclama, é o dele... Gosto dele...

Ele, é Eros. Eros que corre na praia, atlético e soberbo, gozando a sua própria força e a sua própria beleza.

Continuo calada. Tudo o que me acode à lembrança, tudo o que posso dizer, é ínfimo, é vulgar, é degradante. Psiché está humilhada e confusa — ela, que resplandece, perante mim, como uma divindade.

— Não sei quando foi... Um dia destes... O Filipe tirou o cigarro dos lábios e passou-mo à boca... Bebeu do meu copo... Desabotoou-me o vestido... Apertou-me nos braços... E eu consentia... Eu desejava, eu dizia a mim mesma: Esmaga-me, força-me, violenta-me... Se me tivesse violentado, eu consentia!... Consentia, consinto, consinto! É que se um outro me prender, liberto-me! Liberto-me *dele*... Mas já sei que é inútil revoltar-me, é *dele* que gosto... É *dele* que gosto...

Um vôo sobre a vara e Eros cai junto de nós, tomba do ar, deslumbra-nos. Loiro, risonho, magnífico. Alonga-se na areia, ao sol, é uma estátua jacente. Os seus olhos azuis, orlados de cílios loiros, abrem-se num êxtase beatífico, verdadeira euforia de viver. Momento breve. Bate as pálpebras numa palpitação de estrela. Um sorriso perene. Adormece. Sobre o sono do deus pairam os olhos apaixonados de Psiché.

Mais humilhada:

— Quando ele dorme profundamente, chego a beijá-lo... Mas sente-me, volta-se, sacode-me... Como uma mosca, como a bicho importuno...

Respira fundo. A sombra desceu da rocha e já rodeia a sua cabeça. Na sombra os seus olhos negros brilham como carbúnculos.

Psiché diz então, sombriamente, lentamente:

— Um dia mato-o...

Estremeço. Psiché cerra os dentes e conclue, num rouquejo ardente, de narinas arfantes:

— ...porque o quero ter... porque o hei-de ter...

Índice